This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

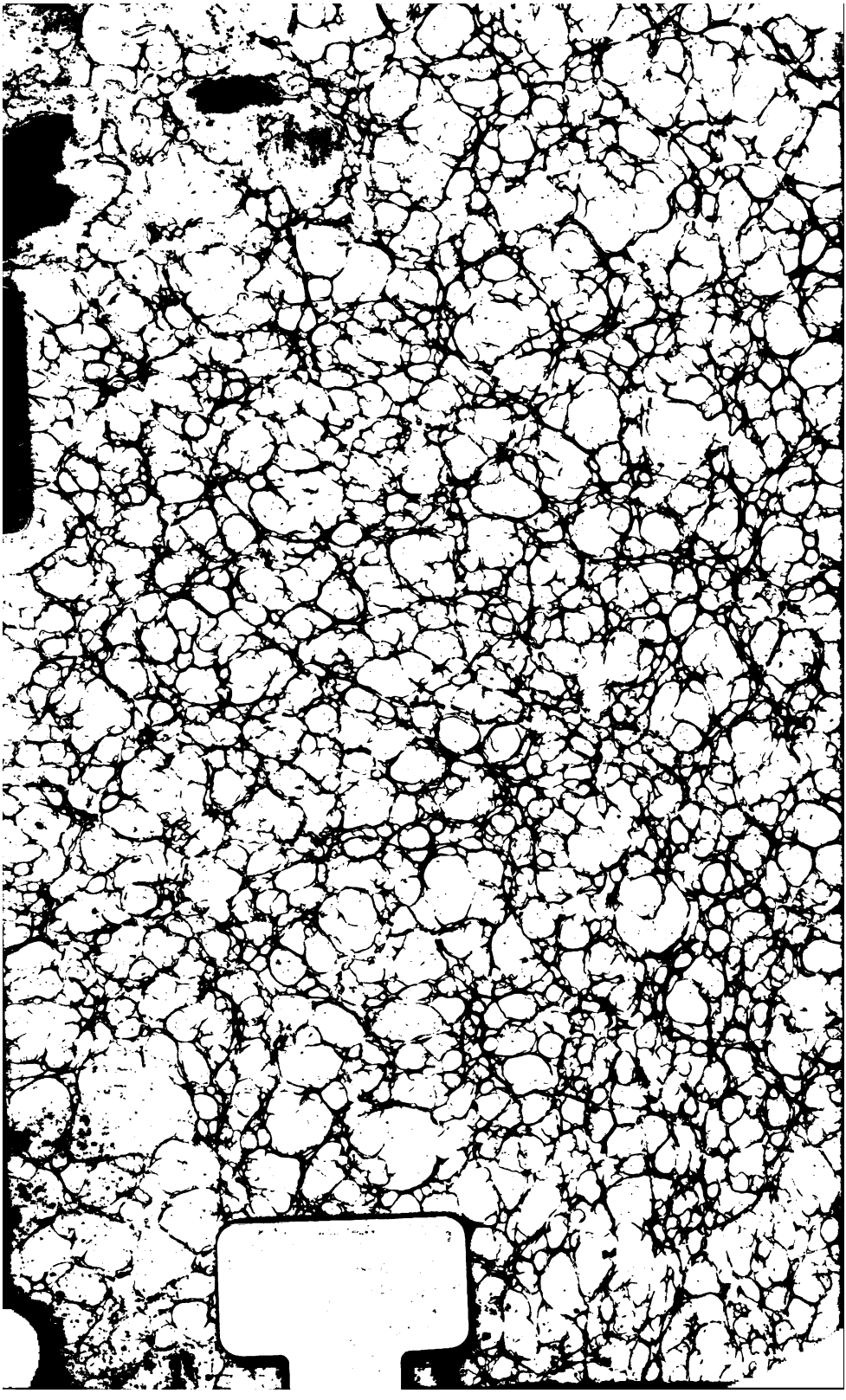
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

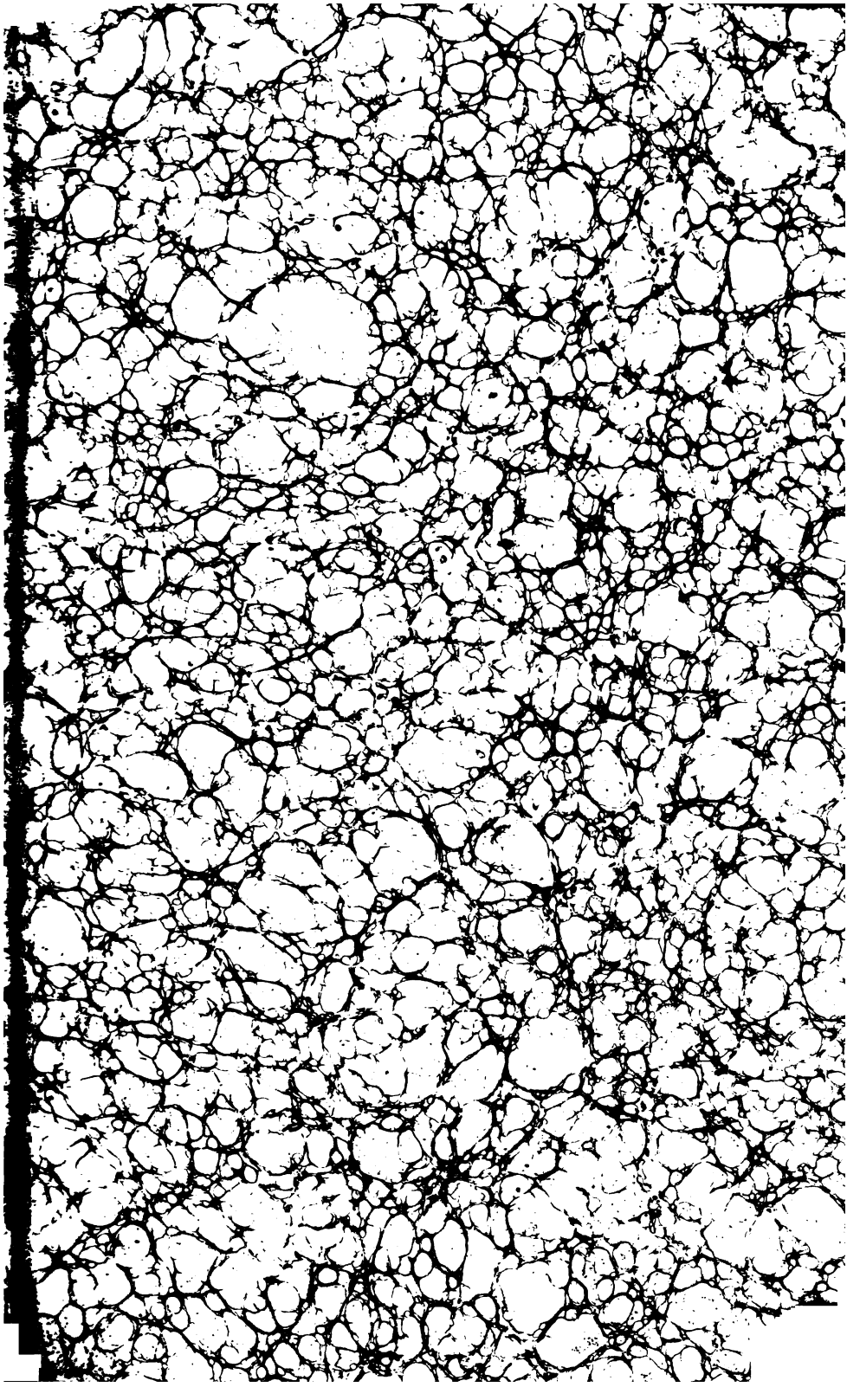
We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`





Quaritch
1882

RESENHA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA.

PRIMEIROS TRAÇOS

D'UMA

RESENHA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Nil forsan novum, sed neglecta reducit,
sparsa colligit, utilia seligit, necessaria
ostendit, sic utile.

BACL.

TOMO I.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL

1853.

258624. e. 1.

Nous voulons.... dresser l'inventaire de nos plus belles conceptions, nous rédigeons le catalogue de nos richesses intellectuelles et morales.

(Plan d'une Bibl.)

Ao Illmo e Exmo Sr.

ANTONIO JOSÉ D'AVILA

CONSELHEIRO D'ESTADO, MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO HONORARIO, GRÃ-CRUZ, COMMENDADOR, E CAVALLEIRO DE DIFFERENTES ORDENS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, DEPUTADO DA NAÇÃO PORTUGUEZA, ETC. ETC ETC.

O. D. C.

Em testemunho de consideração e estima

O author.

A QUEM LÊR:

No anno de 1849 comecei a publicar na «Revista Universal Lisbonense» alguns artigos, com o titulo de «Litteratura», como ensaio para a realisação de um projecto que formára de inventariar, se assim o posso dizer, os nossos cabedaes litterarios, e de indagar o que nos falta ainda nesse ramo dos conhecimentos humanos.

Com quanto se tratasse unicamente de uma simples tentativa, nem por isso deixei de apaixonar-me pela minha tarefa; mas, quando me sentia com maior ardor na carreira que encetára, eis que os deveres da vida publica me forçárão a largar a penna, e a dar de mão ás lucubrações estudiosas, que tanto me aprasião e captivavão.

Revendo mais tarde o que escrevêra, e passando pelos olhos os apontamentos que havia colligido, reconheci que muito e muito me faltava ainda—para satisfactoriamente me desempenhar do gostôso, quanto difficil empenho, que tomára sobre meus debeis hombros.

Puz de novo mãos á obra, e animado do ardente desejo de ser prestavel, por todos os modos, a esta boa terra de Portugal, dei-me a aturado estudo, conseguindo delinear completamente o plano do meu trabalho, preencher a primeira parte delle, e reunir alguns elementos para as seguintes.

He pois a primeira parte do meu trabalho aquella que dou hoje ao Publico.

Nesta humilde Obra tenho por fim lançar os primeiros traços da resenha da Litteratura Portugueza, indicando os subsidios que possuimos para o estudo da mesma, e diligenciando indagar o que nos resta adquirir, para chegarmos á perfeição neste particular.

Um vasto campo se abrio diante de mim, no momento em que me abalancei a uma empreza tão ardua. Entendi desde logo que me era indispensavel fazer sentir a natureza, importancia e alcance da Litteratura, indicar os ramos de conhecimentos que a constituem, e passar depois a fazer a resenha dos subsidios que possuimos em cada um daquelles. Ora, por quanto são partes integrantes da Litteratura—a Historia Litteraria, propriamente dita,—a Critica,—a Grammatica,—a Linguistica,—a Poesia,—a Oratoria,—a Historia, com os seus indispensaveis auxiliares,—e a Moral;—he evidente que me cumpria percorrer todos os escriptos que possuimos nesses diversos generos, formar um tal ou qual juizo sobre elles, e coordenar a exposição das noticias convenientes.

Bastará que os Leitores vejão o Indice deste primeiro tomo, para conhecerem a extensão e variedade de assumptos, sobre os quaes me foi indispensavel apresentar noticias e esclarecimentos, e ajuizarem desde logo do immenso espaço, que ainda tenho que atravessar.—Neste primeiro tomo, depois de estabelecer os principios geraes sobre a Litteratura, occupar-me-hei da nossa Historia Litteraria, e da Lingua Portugueza; e nem ainda assim fica este ultimo assumpto de todo esgotado, pois que he força

reservar para o segundo algumas cousas, cuja exposição, convenientemente desenvolvida, tornaria muito volumoso o primeiro. No segundo tomo concluirei a restante parte do que respeita á nossa Lingua, e largamente me occuparei da Critica Litteraria; passando depois a percorrer as outras provincias da nossa Litteratura.

He mais do que ousada a minha deliberação, passa a ser temeraria, e desassisada, se a méço pela minha insufficiencia; mas concebo a esperança de que me será levada em conta a boa vontade, com que me prestei a ser util ás nossas Lettras, abrindo uma estreita veréda, atravez de campos que não forão ainda devassados,—veréda estreita, que outros operarios, infinitamente mais habeis do que eu, hãode converter em larga estrada. *Mi sat erit specimen clari monstrasse laboris.*

Mas ainda assim, não se pense que eu me arrojasse a escrever para os já sabedores:—*Porque nam se leva agoa ao mar, nẽ flores ao prado, nem costumamos dar a outrem o que em casa lhe sobeja*, como dizia o nosso Gaspar Estaço. Não; o meu proposito foi indicar á Mocidade estudiosa as fontes dos conhecimentos verdadeiros, nos differentes ramos da nossa Litteratura; apresentar-lhe o quadro dos variados elementos que constitúem e formão as Bellas-Lettras; dar-lhe noticia da nossa riqueza em alguns ramos, e da nossa penúria em outros; e finalmente, encaminhar essa esperançosa porção da Sociedade para o mais facil conseguimento de solida instrucção.—E se acaso aos doutos e aos sabedores ousasse dirigir-me, seria unicamente, ou para lhes pedir, respeitoso, que supprissem a minha defficiencia, nas muitas occasiões em que a hãode notar,—ou que houvessem de encher as lacunas que existem ainda na Litteratura Portugueza.

Procurei ser claro na exposição, methodico em a coordenação das materias, parco em reflexões, moderado nos juizos criticos, exacto nas citações, e escrupulosamente veridico em tudo

quanto digo e allego. Não obstante, porém, todo o meu cuidado, não me custa a crêr que muitas vezes me escapará—ou falta—ou demasia; mas desde já declaro que de bom grado acceitarei qualquer aviso, ou conselho, protestando a devida correcção nas outras partes da Obra.

Por querer authorisar o meu trabalho, recorro quasi sempre a citações dos escriptos que menciono, receiando que as minhas proprias palavras não tenhão a mesma força que as originaes dos authores.

Nas citações conservo a orthographia propria dos diversos escriptos, segundo me pareceu conforme á fidelidade, que neste ponto deve guardar-se.

Tenho por muito provavel que nas diversas materias me succeda omittir a menção de algum author, ou de alguma obra, que conviesse indicar; mas advirto que heide emendar posteriormente esse descuido, quer eu proprio o venha a descobrir, quer me seja benevolamente advertido.

Supplico a indulgencia do Publico; e se tão generosa graça me fôr liberalisada, progredirei mais animado na continuação do meu trabalho. Em todo o caso, direi com um author portuguez:.... *Deste escripto, que ponho publico a todos os que delle se quizerem aproveitar, tirarey a satisfação do meu trabalho na utilidade alheia, e quando lhe não supponhão nenhuma, e me falte a gratidão, que merece a minha boa vontade, tambem me não escandalisará esse desconhecimento.*

Lisboa Outubro de 1853.

INDICE.

Pag.

TITULO I.—Principios geraes sobre a Litteratura 1

Capitulo 1.º—O que he a Litteratura, sua importancia, e alcance 1
Cap. 2.º—Ramos dos conhecimentos humanos, que constitúem a Litteratura; missão desta, e indicação geral do seu estado em Portugal 5

TITULO II.—Historia Litteraria 13

Cap. 1.º—O que se entende por Historia Litteraria. Principia a resenha dos subsidios que possuimos para a Historia da Litteratura Portugueza 13
Cap. 2.º—Continuação dos subsidios que possuimos para a Historia da Litteratura Portugueza 51
Cap. 3.º—Continuação da resenha dos subsidios para a Historia da Litteratura Portugueza 72
Cap. 4.º—De uma especialidade importante da Historia Litteraria: Estabelecimentos Scientificos e Litterarios de Portugal. 128

TITULO III.—Linguistica 178

Cap. 1.º—Excellencias da Lingua Portugueza 178
Cap. 2.º—Louvores que a Lingua Portugueza tem merecido .. 182
Cap. 3.º—Independencia da Lingua Portugueza 194
Cap. 4.º—Filiação da Lingua Portugueza 199
§ 1.º—Authores que pugnão pela filiação latina 199
§ 2.º—Authores que impugnão a filiação latina 206
§ 3.º—Argumentos de cada uma das opiniões 207
§ 4.º—Considerações ethnographicas, com referencia á filiação da Lingua Portugueza 222
§ 5.º—Theoria geral da filiação das Linguas, e sua applicação á Lingua Portugueza 237
§ 6.º—Factos, principios e esclarecimentos, que não podérão ter cabimento nos §§ antecedentes. . 252
Cap. 5.º—Da herança de vocabulos e phrases que a Lingua Portugueza recebeu das Linguas Arabica, Orientaes e Africanas. 266
Cap. 6.º—Gallicismos 277
Cap. 7.º—Synonimos 288
Cap. 8.º—Diversos trabalhos philologicos sobre a Lingua Portugueza 299

N. B. Desejando procurar aos leitores a maior commodidade, tenho por conveniente fazer aqui as seguintes declarações:

1.ª—Todas as *Memorias* que menciono no corpo desta obra, sem particularisar o Livro ou documento em que se encontrão, estão insertas—ou na Collecção das *Memorias de Litteratura, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa;*—ou na Collecção da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

2.ª—Por quanto o *Capitulo* 3.º *do Titulo* 2.º desta Obra envolve uma grande variedade de assumptos da Historia Litteraria, darei aqui um Indice especial desse Capitulo:

	Pag.
Memorias e Livros avulsos	72
Subsidios que podem fornecer para a Hist. Litt. as *Vidas, Elogios* e *Biographias* de Authores, e Jornaes Litterarios	90
Authores Portuguezes, em cujas Obras se encontrão accidentalmente noticias para a Hist. Litt. de Portugal	93
Escriptos Bibliographicos	102
Trabalhos de Diplomatica	117
Chronistas das Ordens Religiosas de Portu al, que fornecem alguns subsidios para a Hist. Litt.	120
De alguns Escriptos Ineditos sobre a Hist. Litt. de Portugal	123
Dos Portuguezes benemeritos, que nas Universidades estrangeiras regêrão Cadeiras de ensino publico	126
Hist. Litt. de Portugal, anterior ao estabelecimento da Monarchia	126

3.ª—O *Capitulo* 4.º do mesmo *Titulo* 2.º comprehende diversos estabelecimentos Scientificos e litterarios, e por isso darei aqui um Indice especial desse Capitulo:

	Pag.
Universidade de Coimbra	128
Universidade de Evora	131
Academia Real da Historia Portugueza	132
Academia Real das Sciencias de Lisboa	138
Arcadia de Lisboa	141
Academia dos Generosos	144
Academia dos Singulares	145
Academia dos Anonymos	148
Academia Instantanea	149
Bibliothecas	151
Torre do Tombo	157
Imprensa Nacional	159
Organisação actual dos Estudos em Portugal	163

Os outros Capitulos, e §§ não carecem de Indice especial.

TITULO I.

PRINCIPIOS GERAES SOBRE A LITTERATURA.

CAPITULO I.

O QUE HE A LITTERATURA, SUA IMPORTANCIA, E ALCANCE.

> ... La science, c'est l'expression de l'intelligence divine. L'œuvre littéraire, c'est l'expression de l'intelligence humaine. Du premier ordre nous voyons sortir ces âmes privilégiées qui sur la terre portent le nom de Platon, Fénélon, Descartes, Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre, lorsqu'ils expriment les lois morales de l'humanité, et le nom de Copernic, Képler, Galilée, Newton, Herschel, lorsqu'ils découvrent les lois physiques de la nature.—Au second ordre appartiennent les fortes intelligences, les âmes poétiques qui comme Homère, Sophocle, Euripide, le Dante, le Tasse, Corneille, Shakspeare, impriment à la société les formes de leur génie, et reçoivent de la nature la beauté de leurs conceptions.
>
> A. M. — *Plan d'une Bibl.*

¿A LITTERATURA he acaso professada entre nós, como uma Faculdade, isto he, como um corpo de Sciencia, que tem differentes ramos, differentes disciplinas, á similhança da Jurisprudencia, da Mathematica, da Medicina?

¿Exigem a natureza das cousas, e a conveniencia geral, que n'este sentido seja ella professada?

Eis as questões que pretendo submetter ao exame das pessoas competentes.

Em um paiz, e n'uma epocha em que apparecem Francisco Dias Gomes, Antonio das Neves Pereira, Fr. Francisco de S. Luiz, Trigoso, os Garretts, os Herculanos, os Castilhos, e toda essa brilhante phalange de mancebos esperançosos, cujos nomes he desnecessario mencionar, porque assaz conhecidos e admirados são elles, pelas notaveis producções com que vão enriquecendo as lettras, e grangeando renome á nossa terra; em um paiz, digo, n'uma epocha, em que tão illustres Litteratos se apresentão, parece um paradoxo o julgar necessario tratar taes questões.

Mas esses grandes luminares são uma excepção feliz,—são astros que girão solitarios na immensidade do espaço,—são uma demonstração viva do talento com que a natureza fadou os nossos conterraneos;—mas nem o seu elevado engenho, nem os seus magnificos escriptos podem, em boa logica, fornecer argumento para asseverar que em Portugal se dá á Litteratura a importancia que ella tem essencialmente, e muito menos que ella seja professada com a extensão, amplitude, e desenvolvimento que lhe cabem.

E não se pense tão pouco que eu desconheço a excellencia de um certo numero de Memorias de Litteratura, que, por boa fortuna, tantos sabios Portuguezes teem escripto. Serão sempre apreciadas e lidas com grande proveito essas Memorias, que dão testemunho do mais apurado gosto, de judiciosa critica, de uma vasta erudição. Assim, por exemplo, se quizermos saber com todo o fundamento, e com solido conhecimento, assente em seguras bases, o que de mais averiguado póde admittir-se, e asseverar-se ácerca do nosso immortal Camões, será indispensavel lêr com séria attenção o que a respeito da vida e obras do grande author dos *Lusiadas* escrevêrão o douto Bispo de Viseu, e outros Litteratos dos nossos tempos. E ainda mais do que fonte de bons conhecimentos devemos encarar essas preciosas Memorias que possuimos; entendo até que as podemos considerar como excellentes modelos no vasto campo da Litteratura, não só em quanto á critica, mas tambem no que toca á linguistica, á philologia, á oratoria etc.

Mas de tudo isto a um corpo systematico de doutrina, a um professorato cabal de Litteratura entre nós, vae uma distancia incommensuravel. Entre o que possuimos, e o de que precisâmos indispensavelmente, ha um vacuo immenso que convém encher, ainda á custa dos maiores sacrificios. Entre as exigencias da natureza das cousas e o estado dos estudos, do ensino, dos elementos, que entre nós existem, medeia um vasto deserto, que a todo o custo devemos reduzir a cultura e tornar habitavel.

A Litteratura propõe-se essencialmente a apresentar-nos um quadro vivo do homem, tal qual elle he em *geral*, e em *particular*, isto he, antes e depois de receber as impressões profundas do clima, das leis, dos diversos estados da civilisação, e de circumstancias mil que o modificão.

Este simples enunciado basta para nos habilitar a fazer uma resenha dos elementos que constituem a Litteratura. E com effeito,

o Litterato deve possuir o conhecimento da linguagem com todo o cortejo immenso das questões ethnographicas; da *Epopéa* heroica, e comica; da *Tragedia*, e da *Comedia;* das differentes especies de *satyras*, *contos*, *fabulas*, *romances;* dos *Tratados dos Moralistas;* da *historia* antiga e moderna; da *eloquencia*, applicada ás differentes especies de composição, e a cada scena particular do drama da vida humana; da *arte de pensar*, que chama a razão em soccorro da faculdade inventiva, e gera a *hermeneutica* e a *critica* para entender e julgar as obras dos outros.

E se este enunciado *a priori*, inteiramente deduzido da theoria, não satisfaz de todo ponto o nosso espirito, recorrâmos á parte prática da sciencia, e por certo que a nossa convicção ficará assente em solidas bases. Lancemos um rapido olhar sobre os escriptores mais notaveis da Litteratura antiga e moderna—e desde logo conheceremos que todos esses elementos, que acabo de mencionar, entrão essencialmente na constituição organica, se assim posso dizer, da Litteratura. Entre os Gregos, encontrâmos Pithagoras, Eschylo, Sophocles, Euripides, Aristophanes, Platão, Socrates, Xenophonte, Epitecto, Epicuro, Theophrasto, o Portico, a Academia, Plutarcho, Luciano;—entre os Romanos: Lucrecio, Cicero, Tito Livio, Virgilio, Ovidio, Phedro, Seneca, Tacito;—entre os modernos: Shakspeare, Milton, Pope,—Dante, Ariosto, Machiavello,—Montaigne, Labruyère, La Rochefoucault, Pascal, Bossuet, Fénélon, Massillon, La Fontaine, Molière,—Fielding, Richardson, Le Sage, Jean Jacques Rousseau,—Barros, Sá de Miranda, Camões, Vieira, etc. etc. etc.

Lendo os immortaes escriptos, as admiraveis producções de todos esses sublimes genios, e de outros, que fôra longo enumerar, acaso não vemos que elles estudárão e explicárão o homem, tanto na sua essencia e generalidade, como na especialidade dos diversos gráos da civilisação? Não vemos que elles explorárão as minas riquissimas da Litteratura nas diversas regiões da Poesia, da Eloquencia, da Moral, da Historia, da Philosophia e da Critica? E será possivel seguir aquellas aguias em seus vôos altivos, sem adquirir primeiramente a força e destreza, que se tornão indispensaveis para nos arremessarmos ao espaço? Será possivel fazer progressos em uma sciencia que se apresenta com todos os caracteres e titulos de verdadeiramente tal, sem que um systema largo de ensino habilite previamente os que pretendem entrar no sanctuario?

Na serie d'esses escriptos, aliàs tão variados, tão diversos nas fórmas, nos objectos, e no fim, como separados no tempo, existe

um corpo de sciencia, com todo o cortejo de verdades encadeadas e methodicamente deduzidas, tendentes a desenhar o quadro vivo do homem, a offerecer as manifestações mais interessantes do desenvolvimento do espirito, rasgos de imaginação, traços do bello moral, descripção das bellezas do universo, revelação dos segredos do coração humano, phases da civilisação dos povos:—e tudo isto encaminhado a tornar melhor o homem, a amenisar-lhe a existencia, a enriquece-lo de bellissimas e importantes recordações, deliciosas imagens, que o distrahem nos dias amargos da doença, na decrepitude da velhice, no affan e penosos trances da peregrinação da vida.

Póde, porém, recear-se, como tão elegantemente disse o douto Bispo de Viseu no elogio de Simão de Cordes, que o estudo das *Humanidades*, acostumando os Litteratos á suave brandura das *Boas Artes*, lhes torne temeroso o aspecto severo da doutrina. Além, pizárão um chão macio e semeado de rosas—aqui, encontrão alguns espinhos de difficuldade e trabalho, que offerece o caminho um pouco mais aspero, pelo campo das sciencias. O mesmo douto Prelado se incumbiu de responder a este reparo, dizendo: «... se o sanctuario he menos ornado que o vestibulo, «tambem he mais augusto e venerando; e talvez o principal uso dos «ornamentos do vestibulo he convidar á entrada no sanctuario.»

E com effeito, quem impediu o eloquente Buffon de ser ao mesmo tempo notavel Litterato e grande Naturalista? As obras d'este immortal escriptor são um documento vivo da feliz alliança que póde dar-se entre as Sciencias e a Litteratura, apresentando-nos as severas revelações da Natureza na mais formosa linguagem, e n'um estylo cheio de graça e encantos.

Vêde o Representante de um povo nas Assembléas Politicas, vêde o Advogado, o Artista,—vêde o partido que todos elles tirão da Litteratura! Parece qué as suas diversas producções passão atravéz de hum prisma, que magicamente as reveste de bellissimas côres,—e lhes communica esse fulgor, esse enthusiasmo, essa graça, que encantão, enlevão, arrebatão.

Demais d'isso, as sciencias são hoje mais amenas e muito menos aridas do que o forão n'outras epochas, não só porque a influencia da Litteratura chegou já a bafejá-las, senão tambem porque os progressos das differentes edades, favorecidos mais e mais pela benefica animação da Liberdade, teem desembaraçado a estrada, removido estorvos, e tornado mais accessivel o seu sanctuario.

Posto isto, perguntarei: Como se professa, como se estuda entre nós a Litteratura?—Aprendemos imperfeitamente, e muito á pressa, os rudimentos da grammatica portugueza, estudâmos um pouco de latim, de logica e de rhetorica, adquirimos superficiaes noções de historia e de geographia, e em seguimento vamos cursar algumas Faculdades da Universidade.

Mais tarde, se um ou outro d'entre nós começa a reconhecer a importancia, e a apreciar a amenidade, bellezas, e vantagens da Litteratura, então descobre com magoa a insufficiencia das noções que alcançára, e só á força de uma inclinação irresistivel, de um trabalho improbo, e de aturadas fadigas, chega a adquirir alguns conhecimentos, que em todo o caso se resentirão sempre da falta de alicerce e base, que fôra mister haver dado áquelle edificio.

Parece, portanto, a despeito da indisputavel idoneidade da maior parte dos Professores d'estes nossos tempos, que he deficientissimo entre nós o ensino da Litteratura, e que conviria talvez elevar esta á cathegoria de Faculdade, comprehendendo um corpo scientifico de disciplinas, no sentido da resenha que acima deixo exposta.

CAPITULO II.

RAMOS DOS CONHECIMENTOS HUMANOS QUE CONSTITUEM A LITTERATURA; MISSÃO D'ESTA, E INDICAÇÃO GERAL DO SEU ESTADO EM PORTUGAL.

> Les lettres sont comme toutes les choses grandes et pures, comme la justice, comme la vertu; elles ont le privilège d'élever l'âme tout ensemble, et de la calmer. Elles inspirent à la fois l'enthousiasme et la paix.
>
> VILLEMAIN.

> Lés lettres sont aussi la voix du peuple.
>
> DE BARANTE.

A LITTERATURA, tal como a encarei no capitulo antecedente, póde até certo ponto confundir-se com a Erudição. Mas eu considero esta ultima como um arsenal, onde o litterato vae buscar os meios de interpretar as authores antigos, de descobrir a significação dos monumentos, de fixar as epochas, de caracterisar os usos e costumes dos povos que já desapparecêrão, de deslindar finalmente os acontecimentos, que remotas eras nos legárão confusos.

D'est'arte a Erudição conserva uma estreita alliança com a

Litteratura; he sua companheira, he sua auxiliar, embora tenha cada uma distinctos sacerdotes, diversos templos. Póde, todavia, conjecturar-se que, a não haver uma interrupção fatal nos progressos do espirito humano, realisar-se-ha a esperança de um escriptor estimavel, de que *todos os litteratos venhão a ser eruditos, e todos os eruditos sejão litteratos.*

A *Critica*, porém, he uma parte integrante da Litteratura. ¿De que serviria tomar de memoria as producções litterarias dos differentes tempos, se não nos fosse dado estremar as grandes bellezas—dos grandes defeitos? O mesmo author, e por vezes a mesma pagina nos apresentão o sublime ao lado do trivial, o verdadeiro ao lado do falso, o natural ao lado da affectação; e deveria, acaso, confundir-se a regra com a aberração? deveria, porventura, medir-se pela mesma bitola a razão, o bello moral, o gosto, e os seus contrarios? «*Voici merveille*, dizia Montaigne, *nous avons plus de poëtes que de juges et interprètes de poésie; il est plus aisé de la faire que de la cognoistre.*» Exagerado foi um tanto o amigo de La Boétie, mas ficará sempre em pé o alto apreço em que tinha a Critica, essa filha da Razão, que em sendo guiada pelo facho de sua mãe, e desassombrada de mesquinhas ou odiosas influencias, presta relevantes serviços ao aperfeiçoamento do espirito humano. «*Je ne sais en effet si dans les lettres*, diz M. Villemain, *après l'honneur de produire des beautés originales, il est un titre plus noble que de les admirer avec éloquence, d'en expliquer les merveilles, d'en augmenter le sentiment, d'en perpétuer l'imitation.*»

Se pois he incontestavel o que fica dito a respeito da Critica, não menos devem considerar-se como partes integrantes da Litteratura—a *Grammatica Philosophica*, que presuppõe o conhecimento da ideologia—a *Linguistica*—a *Poesia*, na maior latitude dos seus accessorios e diversidade de fórmas—a *Oratoria*, com todos os generos da eloquencia religiosa, politica, e civil—a *Historia*, com os seus indispensaveis auxiliares, a geographia e a chronologia—a *Moral* religiosa e philosophica.

Antes de todos estes elementos figura a *Historia Litteraria* propriamente dita.

¿Mas como são professados entre nós estes importantissimos ramos da Litteratura? Ensina-se, acaso, estuda-se, aprende-se elementarmente, quanto baste para satisfazer as exigencias naturaes da sciencia, quanto pede e necessita a cultura do espirito e do coração? Não, por certo.

E não se diga que fôra longo, difficil, e talvez improprio ensinar tão vastas disciplinas, e, sobre tudo, eleva-las no seu complexo á cathegoria de Faculdade... O argumento provaria de mais, por isso que o mesmo poderia dizer-se da sciencia do Direito, das Mathematicas, da Medicina, etc, etc... e, comtudo, os multiplices ramos d'essas vastas sciencias são extensa e fundamentalmente professados, como partes constituitivas de Faculdades, tão distinctas entre si, quanto recommendaveis todas.

—«Mas a Faculdade de Direito encerra a sciencia que resolve as transcendentes questões da organisação social, e protege a propriedade, a segurança e a riqueza dos povos.»

—«A Medicina encaminha-se a debellar as doenças, a defender a vida, a restabelecer a saude do homem.»

—«As Mathematicas habilitão com sublimes calculos a medir os espaços, a arrebatar á natureza mysteriosos segredos, a atravessar a immensidade do oceano...»

—«E quem não vê que todas essas Faculdades estão, com justificado titulo, n'uma cathegoria elevada, e devem, no interesse da humanidade, ser professadas na mais larga esphera, e amplissimo desenvolvimento?»—

Convenho... Mas quem poderá dizer que a Litteratura he menos vasta, menos philosophica, menos util á humanidade, do que essas Faculdades?

As expressões de *Boas Lettras, Bellas Lettras, Humanidades,* que o bom senso geral tem consagrado para designar a Litteratura, como que revelão a summa importancia d'este ramo dos conhecimentos humanos.

Já demonstrei no primeiro artigo a excellencia e utilidade da Litteratura; reforçarei, porém, agora o que alli disse, apresentando ponderações de outro genero.

Um homem que a morte roubou, ha pouco, ao amor e ao respeito do mundo, o immortal Chateaubriand, disse algures: «*Les lettres sont l'éspérance pour entrer dans la vie, le repos pour en sortir.*»

La Littérature est l'expression de la Société: assim exprimiu M. de Bonald um pensamento, que tem merecido a approvação geral, a ponto de que um dos melhores escriptores d'este seculo, Charles Nodier, não hesitou em escrever que esta sentença será sempre repetida em quanto houver uma sociedade e uma Litteratura, porque já mais uma verdade essencial foi revestida de uma formula tão diáfana.

Um Litterato Francez de grande nome, M. Nisard, depois de fazer sentir que o estudo da Litteratura he essencialmente o estudo do espirito, da alma da nação, acrescenta estas significativas expressões:

=«Est-il besoin de parler de l'utilité d'une telle étude? «Qui ne sent à la première vue combien l'espèce de relâchement «dans le quel nous vivons, par des causes qui ne sont pas toutes «mauvaises, rend nécessaire une ferme croyance sur ce point? «Parmi tant de doutes qui nous travaillent, soit au sujet de cer-«taines influences longtemps souveraines, soit sur la forme même «de l'ordre social et politique sous le quel nous vivons, de quel «prix ne serait-il pas de ne point douter du moins de la chose «d'où dépend tout le reste, je veux dire la nature même de l'es-«prit de notre pays? Outre que par les caractères des écrits qu'il «a toujours aimés, comme s'y étant toujours reconnu, nous pour-«rons apprécier à toutes les époques ses véritables besoins, les «distinguer de ses caprices, et travailler avec connaissance à ré-«gler son avenir d'après son passé.» *(Hist. de la Littérature Française).*

¿Não anda na boca de todos o aphorismo de Pope: «*The proper study of mankind, is man?*»

Eu abro um livro estimavel=*De la Littérature au midi de l'Europe*=e logo na primeira pagina, em que Sismondi explica o intento a que se propozera na sua obra, leio estas palavras: «..... quiz, sobre tudo, mostrar a influencia reciproca que «tem a historia politica e religiosa dos povos sobre a sua *litte-«ratura*, e a d'esta sobre o seu *caracter;* fazer sentir a ligação «que teem as leis do *justo* e do *honesto* com as do *bello;* a al-«liança, finalmente, que a *virtude* e a *moral* formão com a *sen-«sibilidade* e a *imaginação:* como se pertendesse, d'alguma sorte, «escrever a historia do espirito humano em todos os povos in-«dependentes, e mostrá-lo sujeito em toda a parte a phases «regulares e correspondentes.»

E com effeito, quem não vê que as bellas lettras, do mesmo modo que as outras sciencias, em sendo estudadas e comprehendidas devidamente, se tornão, para me servir de uma expressão já consagrada, os instrumentos universaes da razão, da virtude e da felicidade?

Litteris ad excolendam virtutem adjuvamur, disse Cicero; e do mesmo sabio philosopho he o famoso elogio das Lettras, que está gravado na memoria de todos: *Studia adolescentiam*

aluni, senectutem ablectant, secundas res ornant, adversis perfugium ac solatium præbent.

¿ Quem não vê que os acontecimentos, a gloria, as illusões, as crenças dos seculos, são o commentario vivo das obras primas litterarias, do mesmo modo que estas os explicão, os illustrão e os perpetúão?—Na edade media apparece na Italia uma lucta encarniçada entre os *Guelphos* e os *Gibelinos*, e lá surge um poeta immortal, o *Dante*, offerecendo á posteridade hum *commentario vivo* d'este acontecimento ponderoso, a *Divina Comedia*.—Depois d'elle, n'essa mesma Italia, ergue-se o *Tasso*, e, com a sua lyra encantada, resuscita a gloria dos *Cruzados*, que tinhão ído libertar o sepulchro de Christo.—Entre esses dois genios fulgurou outro, n'esta nossa terra de Portugal... O que elle cantou todos nós o sabemos... mas deixêmos alegrar por um pouco o nosso patriotismo, escutando as eloquentes vozes do immortal Chateaubriand: «*Vasco da Gama*, achevant une «navigation d'éternelle mémoire, aborda en 1498 à Calecut, «sur la côte de Malabar.—Tout change alors sur le globe; le «monde des anciens est détruit. La mer des Indes n'est plus «une mer intérieure, un bassin entouré par les côtes de l'Asie «et de l'Afrique; c'est un océan qui d'un côté se joint à l'Atlan«tique, de l'autre aux mers de la Chine et à une mer de l'Est, «plus vaste encore. Cent royaumes civilisés, arabes, ou indiens, «mahométans ou idolâtres, des îles embaumées d'aromates pré«cieux, sont révélées aux peuples de l'Occident. Une nature «toute nouvelle apparait; le rideau qui depuis des milliers de «siécles cachait une partie du monde, se lève: on découvre «la patrie du soleil, le lieu d'où il sort chaque matin pour dis«penser la lumière; on voit à nu ce sage et brillant Orient dont «l'histoire se mêlait, pour nous, aux voyages de Pythagore, aux «conquêtes d'Alexandre, au souvenir des Croisades, et dont les «parfums nous arrivaient à travers les champs de l'Arabie et les «mers de la Grèce.—*L'Europe lui envoya un poète* (Camoens) «*pour le saluer, le chanter et le peindre; noble ambassadeur de «qui le génie et la fortune semblaient avoir une sympathie secrète «avec les régions et les destinées des peuples de l'Inde! Le poète «du Tage fit entendre sa triste et belle voix sur les rivages du «Gange; il leur emprunta leur renommée et leurs malheurs: il ne «leur laissa que leurs richesses.*—Et c'est un petit peuple, en«fermé dans un cercle de montagnes à l'extrémité occidentale «de l'Europe, qui se fraya le chemin à la partie la plus pom-

«peuse de la demeure de l'homme.» *(Préface du Voyage en Amérique).*

Passo agora a encarar debaixo de outro ponto de vista o meu assumpto, e tratarei de ser breve.

Entre os bons livros francezes dos tempos modernos, tenho eu na conta de excellente o que ha por titulo=*Une lecture par jour, nouvelles leçons de Littérature historiques, morales et religieuses.*=Folheando esse bello livro, encontro n'elle uma demonstração prática da vasta extensão da Litteratura, não menos que da sua importancia e intrinseco merecimento. N'essa galeria magnifica de formosos trechos litterarios, vejo como a Litteratura se espráia pelos dilatados campos da allegoria—dos caracteres litterarios, historicos, moraes—da critica—das descripções e quadros da natureza e dos povos—dos dialogos—do genero oratorio—do genero epistolar—da moral religiosa e philosophica—da historia—do drama—do panegyrico, dos elogios, dos parallelos, dos retratos—etc., etc.—Aqui, verto lagrimas sobre os pezares de um desterrado; além, extasio-me ao vêr encarecido o transcendente genio de Montesquieu; admiro depois a audacia e mascula eloquencia de Mirabeau, a ambição fogosa e insaciavel de Cesar e de Napoleão, ao lado da bonhomia de Lafayette; passo dos individuos aos caracteres, e apraz-me vêr desenhado, por mão habil, o retrato do usurario, do marinheiro, do viajante; subo á região das neves eternas, visito de passagem a morada dos Religiosos de S. Bernardo, e corro pressuroso a enlevar-me na contemplação da cúpola de S. Pedro de Roma; presenceio uma lucta á borda de um precipicio, e voltando algumas paginas, estou no meio das magnificencias de Versalhes... Mas para que he continuar! Não foi para fazer notar a variada instrucção que este livro procura, que eu o citei. O que elle me ajuda a provar já eu o disse, mas não he só isso. Depois de transcripto um trecho notavel de qualquer genero, segue-se-lhe o exame critico, o mais completo e instructivo que ser póde. M. A. Boniface, seguindo os mais seguros preceitos, começa por assignalar o genero de estylo, se sublime, nobre, poetico,—se biblico, pittoresco, romantico,—se simples, temperado, familiar; encontra na erudição os meios de definir o que no texto carece de explicação; e a final passão as expressões e as idéas pela fieira da mais severa critica, sendo tudo afferido pelo padrão da grammatica philosophica, e da esthetica.

¿E teremos nós, porventura, um livro como este, e como tantos

outros, verdadeiros cursos de Litteratura, em que abundão os francezes? Não; e atrevêra-me a dizer que encontrará grandissimas difficuldades quem quizer de prompto apresentar um trabalho perfeito, e de todo ponto satisfatorio. ¿E como não será assim, se a Litteratura não tem merecido até agora entre nós a consideração que lhe he devida, e nunca foi tratada, e muito menos professada, na extensão e desenvolvimento que lhe cabem?

Desejo ardentemente que ninguem pense que eu pretendo desabonar tantos e tão distinctos litteratos e Professores habilissimos que existem em Portugal. Aprecio devidamente o seu talento e escriptos, e folgára de lançar aqui a brilhante lista de seus illustres nomes, acompanhada dos louvores que merecem... Mas a falta procede de causas, que não he possivel vencer immediatamente, e que só com um novo systema de ensino, esforço e perseverança dos corpos scientificos, e dos homens instruidos, poderão remover-se.

¿Temos, acaso, um Diccionario da Lingua Portugueza, que, por sua authenticidade, dissipe todas as duvidas, esclareça todas as questões, fixe e determine o que n'este particular deve ser fixo e determinado?

¿Está, porventura, determinada incontestavelmente, e como doutrina corrente, a origem da nossa lingua?

¿A nossa orthographia está acaso assente em preceitos regulares e uniformes?

¿Os nossos escriptores das differentes epochas estão, acaso, vulgarisados entre os portuguezes, ou aguardâmos ainda uma associação de homens poderosos, e ao mesmo tempo presadores das nossas cousas, que promova a impressão economica dos livros e manuscriptos, que só nas grandes bibliothecas se encontrão, ou em poder de algum feliz bibliophilo?

¿Tem, porventura, a nossa Litteratura sido examinada profunda e extensamente, com referencia aos differentes periodos da nossa historia, e ás vicissitudes da nossa existencia politica?

¿Tem a nossa Litteratura sido confrontada, systematica e philosophicamente, com a Litteratura classica da Grecia e Roma antigas, e com a dos povos modernos do meio dia e do norte da Europa?

¿Possuimos, acaso, uma historia litteraria do nosso Paiz, que satisfaça a todas as exigencias da erudição, da philosophia, e da critica?

¿Temos algum trabalho perfeito sobre a Litteratura que propriamente póde denominar-se «Biblica»?

¿A eloquencia do pulpito, a do foro, a da tribuna, nas quaes temos, graças a Deus, excellentes modelos, e podemos citar com ufania bastantes nomes illustres, tem, acaso, sido sujeita ao exame de uma critica apurada?

Era facil dar uma resposta cathegorica a estas e outras perguntas, que ainda podéra acrescentar; basta, porém, dizer por agora—que alguns subsidios que n'este genero possuimos, sobre serem deficientes, andão de tal modo derramados, que não podem formar um corpo de doutrina tal qual nos he preciso.

. . . . . .

N'este e no primeiro capitulo disse quanto se me affigurou necessario para despertar a attenção dos sabedores sobre as questões que ousei sujeitar á sua consideração. Resta agora fazer o inventario dos subsidios litterarios que possuimos, com referencia aos quesitos que deixo exarados; e d'isso começarei a occupar-me no capitulo seguinte, tratando em primeiro logar da *Historia Litteraria* e successivamente da *Lingua*, da *Critica Litteraria*, etc. etc.

Não será por certo perdido o tempo que houvermos de consagrar ás investigações sobre a nossa Litteratura, á qual já os estrangeiros começárão a dar a importancia, que por tanto tempo lhe recusárão. «Quand on lit, diz M. Ferdinand Denis, les chef-d'œuvre de la littérature portugaise, et que l'on admire dans une langue noble et harmonieuse des poëtes, des historiens, des romanciers, qui existaient bien avant que nos auteurs donnassent l'essort à leur génie; quand on se rappelle chez combien de peuples les Portugais avaient porté leurs coutumes et leur langage, l'on se demande comment il se fait que la littérature dont nous allons nous occuper soit si peu connue, et l'on cherche par quelle raison elle cessa d'être momentanément cultivée même dans le beau pays dont elle est encore la gloire.»

TITULO II.

HISTORIA LITTERARIA.

CAPITULO I.

O QUE SE ENTENDE POR HISTORIA LITTERARIA.

PRINCIPIA A RESENHA DOS SUBSIDIOS QUE POSSUIMOS PARA A HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

> Ad Historiam Litterariam non nihil dilucidandam, illustrandamque progredimur, quæ singulis ad eruditionem aspirantibus tanto magis est necessaria, quanto est turpius, si quis ortum, progressum, incrementa, fata, conditores, et Auctores suæ Artis, ac Scientiæ ignoret.
> ZALLWEIN — *In Princ. Juris.*

Dou principio ao inventario da nossa riqueza litteraria, pelos subsidios que possuimos para a Historia da Litteratura Portugueza.

Vejamos, antes de tudo, o que se entende por Historia Litteraria, a fim de conhecermos perfeitamente os elementos que entrão na formação da Historia da Litteratura Portugueza.

A Historia Litteraria, segundo os authores que da mesma hão tratado, deve ser chronologica, geographica, technologica, biographica, philosophica e critica. Satisfazendo a estas exigencias, he ella um thesouro inapreciavel, por isso que encerra, entre outros, os seguintes elementos:

1.° Noticia da origem, progressos, augmento ou decadencia, e estado actual da Sciencia.

2.° Exposição biographica dos authores, na ordem chronologica e successiva em que apparecêrão, como meio de conhecer o fim para que escrevêrão, a intenção que os animou, as circumstancias diversas e multimodas de familia, educação, patria, periodo historico, eschola, seita, religião, parcialidade politica, as quaes, por haverem influido no seu espirito e coração, ten-

dem a explicá-los, e habilitão para bem avaliar o seu merecimento.

3.° Analyse dos diversos methodos por que a Sciencia tem sido ensinada e tratada; bem como a resenha critica e philosophica dos verdadeiros e mais seguros subsidios para o estudo, que possão servir de guia para indagações e descobrimentos futuros, e preservem os estudiosos de gastar inutilmente o tempo na leitura de producções sem merecimento, ou prejudiciaes.

4.° Noticias das differentes edições dos livros, exame comparativo das mesmas, e juizo critico sobre quaes sejão as melhores.

5.° Historia das Universidades, Academias, Associações e Estabelecimentos Litterarios.

A Historia Litteraria póde abranger a noticia do estado litterario do mundo, ou a de uma nação em particular; bem como póde estender-se á generalidade das Sciencias, ou limitar-se a cada uma de per si. N'este sentido, podemos e devemos ter uma Historia geral Litteraria do nosso paiz; bem como podemos e devemos ter uma Historia especial de Litteratura Portugueza: e he d'esta ultima que nos occupâmos n'esta parte do nosso livro.

Em hum livro francez muito estimavel, que tem por titulo =*Histoire de la Littérature Française*=estabelece M. Nisard uma theoria muito engenhosa, para marcar a differença entre a Historia Litteraria, e a Historia da Litteratura.

A Historia Litteraria, começa, por assim dizer, com a nação, com a lingua, e só termina no dia em que a nação desappareceu, e a lingua passou a ser lingua morta.

Por isso mesmo que não tem principio, e que só termina quando a nação e a lingua acabárão,—deve abranger tudo o que se escreveu; vindo a ser uma especie de inventario minucioso e fiel de tudo o que viu a luz, de tudo o que foi lido, hum catalogo critico de todos quantos manejárão a penna, sem que esqueça uma só.

A Historia da Litteratura he muito differente d'aquella; começa no dia em que existe a *arte*, e cessa no mesmo momento em que esta desappareceu.

¿O que he a *arte*, em tal assumpto? He a expressão das verdades geraes em uma linguagem definida e determinada. Logo, a Historia da Litteratura he a historia de tudo quanto, no mundo litterario, permanece sempre verdadeiro, sempre vivo, sempre actuando sobre as almas, e fazendo sempre parte do ensino público.

Eis, muito em resumo, a doutrina de M. Nisard; eu, porém,

dando aliàs a maior importancia ás idéas do illustre Litterato, limitar-me-hei a fixar bem determinadamente o sentido em que tomei acima as duas entidades—Historia Litteraria—e Historia da Litteratura.

Pela primeira entendo a exposição historica de todo o movimento intellectual de uma nação; e pela segunda entendo a historia especial das *Humanidades*, das *Boas Lettras*, das *Bellas Lettras* de um dado paiz. Na primeira entra a historia de *todas as Sciencias;* na segunda sómente a parte litteraria da vida intellectual. ¿E a Historia da Litteratura deverá, acaso, começar no periodo em que a linguagem adquiriu um certo gráo de perfeição?—He certamente necessario que a lingua se tenha tornado clara, intelligivel, e um tanto definida; mas não creio que seja indispensavel prescrever como ponto de partida um periodo determinado. O historiador deve ter, n'este caso, a mais ampla liberdade de começar desde o instante, em que descobrir luz na intellectualidade de um povo, manifestada pelas producções do espirito, mais ou menos informes.

Entendidas assim as cousas, he obvio ser o meu intento fazer a resenha de todos os subsidios que possuimos, para formar a historia especial da nossa Litteratura, sem me fazer cargo da historia geral litteraria do paiz, á excepção dos casos em que esta tiver uma intima e inseparavel connexão com aquella. Nem tão pouco me demorarei em distinguir periodos; pois que só me propuz a colligir os elementos que existirem, seja qual fôr a epocha do desenvolvimento intellectual a que se refirão.

Devo agora fazer uma advertencia, e vem a ser:

Entre os subsidios que vou colligir para a historia especial da nossa Litteratura, só mencionarei os escriptos meramente biographicos, e noticiosos de factos litterarios; reservando para os capitulos em que tratar da *Critica Litteraria*, propriamente dita, todos os subsidios, ainda mesmo biographicos, que apresentarem juizos criticos, ou seja sobre a biographia, ou sobre o merecimento dos authores, ou finalmente sobre questões litterarias.

Faço esta advertencia, para acautelar a censura que poderião fazer-me, por não mencionar n'esta parte do meu trabalho alguns escriptos, que essencialmente pertencem á Historia Litteraria.

Posto isto, vou entrar na resenha indicada na inscripção d'este capitulo.

Eis os elementos que possuimos para a formação da Historia da Litteratura Portugueza:

——Epitome de las Historias Portuguezas—por *Manoel de Faria e Sousa*. Lisboa. Differentes edições. 1628. 1663. 1674.

No Tomo 2.°, 4.ª Parte, Capitulo 18.°, que se intitula=*De los Escritores Portuguezes*=vem um Catalogo de 206 escriptores portuguezes, feito por ordem alphabetica. Como preambulo d'esse trabalho litterario, diz o Author:—«Quisiera escusar-me d'este capitulo, porque sin estudio particular nolo huvieramos de escrivir; son infinitos los Escritores Lusitanos, i con una ponderacion de que hasta veinte años atras no huvo ninguno que publicasse escrito menos que digno de estimacion perpetua en todas facultades. La Poesia tan general, que conocemos, e se han conocido muchas personas que naturalmente hablaron en verso: cada fuente de Portugal, i cada Monte son Hipocrenes i Parnasos: assi en los hombres. I por que las mugeres con igual ingenio i estudio se affamaron siempre entre nosotros, illustrarán esta memoria muchas que illustraron otras. Nombraré los que se me ofrecieren por la precedencia de las letras, la facultad en que escrevieron, i el tiempo, no de todos; sea principio este para los que con mayor memoria se acordaren mejor. Callaré los que viven, porque si bien son muchos, merecen pocos alabança, i la merecida es suspechosa en quanto se vive: tiempos vendran en que se acuerden dellos más bien cortadas plumas sin rezelo de que el que escrivió ignorante pida lugar entre los cuerdos.»

Exemplo do modo por que se houve Faria e Sousa na sua commemoração dos Escriptores Portuguezes:

—Achiles Stacio, Poesia Latina, en tiẽpo del Rey D. Manuel.

—Aires Barbosa, Poesia Latina, Don Juan Tercero.

—Alonso Giraldez, un Poema en Redondillas de la batalla del Salado en que se halló, permanece.

—Alonso de Albuquerque, commentarios de los hechos en la Asia.

Termina com:

—Vasco de Lobeira, el que primero escrivió libros de Cavallerias, Don Fernando.

N. B. Veja-se adiante o Capitulo 3.°, no fim do qual se trata dos Ineditos, e entre esses será mencionado um Catalogo de 823 escriptores portuguezes, que Faria e Sousa compôz.

——Noticias de Portugal. Varios Discursos Politicos— por *Manoel Severim de Faria*. Differentes edições. 1624. 1655. 1740. 1791.

Mais de uma vez mencionarei estes escriptos, em quanto á historia da Litteratura, Lingua, e Critica Litteraria.

N'este logar indico as *noticias sobre as Universidades de Hespanha*, que se encontrão no Discurso 5.°, §§ 1.° a 4.°; o *Elogio de Fr. Bernardo de Brito;* as *vidas de João de Barros, de Diogo do Couto, e de Luiz de Camões*. Mas havemos de occupar-nos mais detidamente d'esses Escriptos, que além da exposição biographica contêem observações criticas, quando tratarmos da *Critica Litteraria*.

Quando fallarmos da Lingua Portugueza, teremos occasião de nos referirmos ao Discurso 2.°, o qual tem por titulo:=Das partes que ha de haver na linguagem para ser perfeita, como a Portugueza as tem todas, e algumas com eminencia d'outras linguas.=

Manoel Severim de Faria he um escriptor grave, muito erudito, e tem conceito e authoridade.

——Cartas Familiares—*de D. Francisco Manoel de Mello*. Centuria 4.ª Carta 1.ª ao Doutor Manoel Themudo da Fonseca, escripta em 24 de Agosto de 1650.

Esta preciosa Carta teve por occasião o louvor que D. Francisco Manoel quiz liberalisar a Themudo, pelas suas=Decisões Ecclesiasticas=estampadas em Lisboa no anno de 1650. O author, depois de tecer elogios á obra de Themudo, e de encarecer o beneficio, já provado, de sua doutrina, censura os que só estimão os authores antigos e estrangeiros, e dá-se ao trabalho de demonstrar que *não tanto n'este Reino, como nos estranhos, por onde estão repartidos nossos naturaes, vemos que deu, e está dando Portugal abalisados authores, que nas Sciencias Divinas e Humanas, em umas e outras faculdades resplandecem*.

Permitta-se-nos transcrever aqui um paragrapho d'esta Carta, que ao mesmo tempo revéla no author um nobre enthusiasmo pelas cousas portuguezas, e uma philosophia discreta, que a todos deve ser presente:

=«Esta he a razão, porque erradamente os homens, pelo menos desordenadamente, se empregão todos na estimação dos authores antigos, e estrangeiros, desamparando d'ella aos modernos, ou naturaes (queixa que já por nós fizérão outros). Eu

sigo differente opinião, achando tambem da minha parte a Seneca, que chama: Ladrão da virtude da natureza, áquelle, que cuida não póde ella formar hoje os homens, como antigamente. Tenho por sem duvida, que agora fazem mais os sabios em ser sabios; e tanto mais, quanto he menos o premio da sabedoria. Ser virtuoso quando a virtude se corôa, tambem podia ser ambição em trajos de bom costume; mas ser virtuoso quando a virtude se despréza, tal não póde ser, senão virtude.»==

He bello hir vendo desfilar n'esta Carta, em nossa presença, um grande numero de homens, da epocha do author, ou proximos a esse periodo, illustres nos differentes ramos dos conhecimentos humanos. De vez em quando, vemos passar um author muito nosso conhecido, que ainda hoje admiramos, entre muitos que a posteridade não perfilhou; e não he raro que D. Francisco Manoel os caracterise a traços largos: *Gabriel Pereira de Castro* —«herdeiro dos antigos Epicos;» *Francisco Rodrigues Lobo*— «de veia abundante e felicissima;» *Francisco de Sá de Menezes* —«heroico e candido Poeta;» *Diogo do Couto*—«insigne successor de João de Barros;» *Jacinto Freire de Andrada*—«escreva, ou traslade, sempre será com eminencia» etc., etc.

——Flôres de España, excellencias de Portugal—por *Antonio de Sousa de Macedo*. 1631. 2.ª ed. 1737.

Além do Capitulo—*De la bondad de la habla, o lengua Portugueza*—no qual o author tece o elogio da mesma lingua, ha n'esta obra outro muito interessante para a Historia Litteraria de Portugal, e he o 8.°, que tem por titulo—*Del ingenio* —no qual vem uma erudita enumeração de Portuguezes, illustres nas Sciencias, nas Letras, nas Artes, na Navegação, etc., e algumas informações a respeito da Universidade de Coimbra.

Grande prazer teriamos em particularisar algumas noticias d'esta obra, se não sentissemos uma certa repugnancia em praticar com um Escriptor portuguez, que engeitou a sua lingua, e escreveu em castelhano as *excellencias de Portugal*.

——Agiologio Lusitano—pelo Licenciado *Jorge Cardozo*. 1652 a 1666. 3 vol.—O 4.° he continuado por *D. Antonio Caetano de Sousa*.

Agiologio he uma palavra grega, composta de *agios* e *logos*, que tanto val como *Sermo de Sanctis*, ou Tratado dos Santos.

O fim a que se propôz Jorge Cardozo foi dar noticia, não só

dos Santos portuguezes, Canonisados ou Beatificados, mas tambem, e em grande parte, dos Varões de eminente virtude.

Para compôr esta vasta e muito erudita obra, supposto que nem sempre de sã critica, recorreu Cardozo ás seguintes fontes: Martyrologios e Breviarios; Padres da Igreja, e Authores ecclesiasticos, que escrêverão vidas de Santos; Chronicas das Religiões; Escriptores castelhanos e portuguezes, sendo entre os ultimos: *André de Rezende* (De antiquitatibus Lusitaniæ); *Gaspar Barreiros* (Chorographia); *João de Barros, e Diogo do Couto* (Decadas); *Fr. Amador Arraez* (Dialogos); *Fr. João dos Santos* (Ethiopia Oriental); *Pedro de Mariz* (Dialogos de varia historia); *Duarte Nunes de Leão* (Chronicas, e Descripção de Portugal); *Fr. Bernardo de Brito, e Fr. Antonio Brandão* (Monarquia Lusitana); *Gaspar Estaço* (Antiguidades); *P. Antonio de Vasconcellos* (Anacephaleosis dos Reis); e finalmente recorreu aos archivos, para examinar manuscriptos.[1]

Os commentarios a cada um dos dias do mez são de uma grande erudição, e muito instructivos sobre as cousas do nosso paiz.

Não obstante a natureza especial da Obra, encontrão-se alli algumas noticias historico-litterarias de muito proveito.

Repetidas vezes allude Cardozo a uma Historia Litteraria, que compoz, com o titulo de=«Bibliotheca Lusitana»=a qual necessariamente havia de ser muito rica de noticias, e abundante fonte de curiosos esclarecimentos.—Diogo Barbosa Machado não a pôde alcançar, mas assevera que Nicoláo Antonio a vira.

——Mémoires historiques, politiques, et littéraires, concernant le Portugal, et toutes ses dépendences: avec la Bibliothèque des écrivains et des historiens de ces états —par *M. le Chevalier d'Oliveira,* Gentil-Homme Portugais. Haya. 1743.

A intenção do Cavalheiro d'Oliveira foi reunir tudo quanto os estrangeiros havião publicado até ao seu tempo, a respeito de Portugal, quer em bem, quer em mal, fazendo do seu trabalho uma excellente collecção de curiosas noticias, que, andando espa-

[1] Mencionámos tão especificadamente os Authores a que recorreu Cardozo, por isso que pretendemos apontar todas as fontes da Historia Litteraria de Portugal; e assim succede que recommendêmos aquelles Authores, alli indicados, embora d'elles não façâmos especial menção.

lhadas por tantos livros, de pouco serv em. No ultimo Capitulo de cada volume traz elle uma indicação de todos os Authores portuguezes, e dos de todas as nações, que expressamente escrevêrão ácerca de Portugal, e suas possessões, com a noticia da maior parte dos manuscriptos e dos livros anonymos, relativos á Historia de Portugal. Esta ultima parte fornece algum subsidio para a Historia Litteraria.

——Anno Historico, Diarjo Portuguez, noticia abreviada de pessoas grandes, e cousas notaveis de Portugal—pelo Padre Mestre, *Francisco de Santa Maria*. Publicado por *Lourenço Justinianno da Annunciação*. 1744.

Entre um grande numero de assumptos historicos, dá noticia de muitos Portuguezes insignes em Letras, bem como dos Poetas e Oradores mais singulares. Por este motivo mencionamos esta Obra, como fonte de alguns apontamentos para a Historia Litteraria.

Nota-se que não allega Escriptor, nem documento, d'onde tira as noticias que dá.

——Corpus illustrium Poetarum Lusitanorum, qui Latine scripserunt, etc.—dada á luz pelo Padre *Antonio dos Reis*, e augmentada com as vidas dos Poetas—pelo Padre *Manoel Monteiro*. Lisboa. 1745.

Riquissima Obra he esta, pela preciosa collecção de tantos escriptos de Varões doutos, que entre nós escrevêrão na lingua latina. Honra muito o reinado de D. João v, e he um subsidio interessante para a nossa Historia Litteraria.

Vem primeiramente a biographia do Escriptor *(Vita)*, contendo no fim a indicação dos Authores que d'elle fizerão menção; segue-se depois o *Testimonia authorum*, isto he, a transcripção dos elogios de que o Escriptor foi objecto da parte de diversos Authores; e a final encontrão-se as differentes producções em versos latinos—epistolæ, carmina, epigrammata, etc.

Julgo de grande interesse dar algumas noticias mais amplas sobre uma obra, hoje por ventura pouco lida, que faz grande honra ao reinado de Senhor D. João v.

No 1.° vol. são recolhidas as producções poeticas latinas de *Pedro Sanches, Henrique Cayado, Manoel da Costa, Diogo Mendes de Vasconcellos, Miguel de Cabedo, Antonio de Cabedo.*— No 2.° as de *João de Mello e Sousa.*—No 3.° as de *Diogo de*

Paiva de Andrada.—No 4.° as de *Lopo Serram*, e de *Fr. Francisco de Barcellos.*—No 5.° as de *Fr. Thomé de Faria*, Bispo de Targa, e as de *Antonio Figueira Durão.*—No 6.° as do famoso *Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo.*—No 7.° as de *Fr. Francisco de Macedo, Jorge Coelho*, e *Antonio de Gouvêa.*

Ainda hoje são lidas com prazer a maior parte das producções poeticas latinas do *Corpus Illustr. Poet. Lusit.* Folheando ao acaso, no momento em que estava escrevendo estas linhas, dei com estes bellos versos de *Manoel da Costa*, a proposito da restauração dos estudos na Universidade de Coimbra, no reinado de D. João III:

Idem Lysiadum Mavortia corda suorum,
Quo paci propiora fôrent, mollire triumphis
Instituit sophiæ, et bellorum avertit amorem.
Nam qua se placido diffundit in æquora cursu
Munda inter virides campos, frondes que Minervæ:
Qua volucres vario clementem gutture mulcent
Æthera, certatim replicat Philomela querelas,
Ingente veteres sumptu renovavit Athenas:
Eximios que viros, qui sacra arcana revelent,
Pontificum Decreta, et Legum ænigmata pandant:
Qui morbos abigant, qui Cælum, et sidera monstrent,
Imperat acciri: Merces proponitur illis
Magna; sed est major Regi placuisse benigno
Gloria etc.

A fóra, porém, o merecimento real das producções poeticas, ha circumstancias especiaes, que tornão muito recommendavel esta collecção. Permitta-se-nos que n'este ponto nos demoremos um pouco.

Dissémos acima que no 5.° vol. vinhão as producções de *Fr. Thomé de Faria*, e são ellas nada menos do que a traducção latina dos *Lusiadas* de Camões.

Antonio Carvalho da Costa (Chorographia Portugueza), fallando de Fr. Thomé de Faria, diz:=«E vendo o Illustrissimo Arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, ser o dito P. M. Varão tão douto nas Divinas e Humanas Letras, e um dos *mayores Latinos*, que teve este Reyno, o nomeou Bispo de Targa e seu Coadjutor. Traduzio os Lusiadas de Camões a instancia e persuação dos PP. da Companhia de Jesus, etc.»=

Mais de um Escriptor caracterisa de elegante sua traducção dos *Lusiadas;* e para que os Leitores, a quem ella não fôr conhecida, possão, desde já, apreciá-la, aqui transcreveremos alguns versos:

(Epis. de D. Ignez de Castro.—*Estavas linda Ignez*, etc.)

«Ecce quiescebas Mondæ pulcherrima ripis
Ætatisque tuæ captabas dulcia fructûs
Præmia, (sed multum requiescere gaudia vitæ
Non patitur fortuna ferox) tua lumina Mondæ
Stellati ripas lacrymis et fletibus augent,
Principis et Petri gratum tibi nomen, et altâ
Fixum mente manens manifestas montibus, herbis,
Floribus, atque rosis, hyacinto, albisque ligustris.
His animum incensum curis inflammat amore
Fæmina, et illustrat noctis cùm Luna tenebras
Sola domo mæret vacuâ, strato que relicto
Incubat illum absens absentem, auditque, videtque
Nobilium Princeps thalamos jam despicit, Agnes
Pectore sola manet, solam sociare sodalem
Constituit Petrus, sibi stat sententia menti,
Conjugio Agneti tandem se tradidit illi.
Improbe amor, sic tu mortalia pectora cogis!
Etc.

(Canto 4.°—*Depois de procellosa tempestade*, etc)

Post pluvias, imbres, nimbos, sævam que procellam,
Nocturnam que umbram, furiosi et flamina venti,
Sol oriens radiis tranquillat nubila claris,
Imbelli gelidum removet que à mente timorem,
Dat quoque spem portûs, statio tutissima nautis
Apparet, nigras pellit sol lumine nubes
Resplendens. Lusis sic fortibus accidit, atra
Postquam Fernando fatalia filia recidit
Atropos, et populos, et regna cadentia liquit.
Etc.

(Epis. do Adamastor.—*Porém já cinco sóes erão passados*, etc.).

Sed jam quinque rates sulcabant salsa diebus
Æquora, tranquillos nigro mittebat ab antro
Æolus ad classem ventos, auram que quietam,

Cum nocte excubias agerent de more sodales,
Apparet nitidum conturbans aëra nubes,
Horrida, dira, ferox, capite supereminet alto.
Sic graves, et magno sic formidanda furore
Apparet: nimio torpent stupefacta timore
Membra, coit gelidus dirâ formidine sanguis,
Fervet arena freti, gemitus que ad sydera pontus
Tollit, et ingenti fremitu quatit unda recurrens
Insanas rupes; imo suspiria corde
Educens, lacrymans que preces ad sydera fundo.
Etc.

Muito mais quizéramos transcrever; mas o que deixâmos copiado he bastante para despertar a curiosidade do Leitor a julgar por si proprio a traducção de que se trata.

Não se pense, porém, que damos á traducção latina uma importancia desmedida. Os *Lusiadas* são *intraduziveis*, e só no original podem ser avaliadas as suas admiraveis bellezas, as quaes se perdem na versão. Mas nem por isso deixâmos de achar nimiamente severo a D. Francisco Manoel de Mello, quando no *Hospital de Letras* diz:

Bocalino.—Cuydey que se queixava (Camões) de quatro traducçoens, e dous commentadores, que o tem posto na espinha.

Lypsio.—Quaes são?

Author.—O primeyro he o Bispo Frey Thomé de Faria, que o traduzio em latim, vindo de Targa, seu Bispado; porque pela fórma da tradução mais parece romance punico, que Romano.

No tomo 6.°, como já dissemos, vem as poesias latinas do famoso *Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo*, a quem Diogo Barbosa Machado chama «Varão verdadeiramente Encyclopedico, insigne Ornato da republica litteraria, e immortal credito de tres Familias Religiosas, que illustrou com seu talento;» e D. Francisco Manoel de Mello o appelida *o memorioso e memoravel Macedo*.

São muito dignas de serem mencionadas as Theses que defendeu em Veneza no anno de 1657, e tinhão por titulo=*Leonis Sancti Marci rugitus litterarii.*=Aqui as transcrevemos, para

demonstração da immensa erudição, e espantosa memoria d'este homem extraordinario:

1.ª—De sacra scriptura, tum veteris, tum Novi Testamenti, de que ejusdem sensibus, versionibus, interpretatione, et expositione.

2.ª—De Romanorum Pontificum serie, successione, authoritate suprema, de que Conciliis Æcumenicis, ac eorum causis, Præsidibus, et doctrina.

3.ª—De Historia Ecclesiastica tum ab Adamo usque ad Christum, tum ab Christo, usque ad annum præsentem:

4.ª—De Sanctorum, et Græcorum, et Latinorum ætate, et doctrina; ac præcipuè S. Augustini, cujus opera omnia exponentur; sententiæ asserentur, defendentur.

5.ª—De tota philosophia, et Theologia Speculativa, et Morali, ac illius Scholis, præcipuè Scholastica, Thomistica, Jesuitica, de que sacris Canonibus, et Instituitis, ac libris Juris Civilis.

6.ª—De Historia Græca, Latina, Barbara, præcipuè Italia et Veneta.

7.ª—De Rhetorica, ac illius arte, ac methodo ad usum ita redacta, ut quamcumque quis quæstionem dicenti ponat, de ea extempore dicentem audiat.

8.ª—De Poetica ad mentem Aristotelis, de que illius formis, et versibus, Poetis præcipuè Græcis, Latinis, Italis, Hispanis, Gallis, oblata quavis materia extemporali, eam Poeta suscipiet, et versu describet.

Cuilibet disputaturo ponere, et rogare, quid velit licitum esto, a die Lunæ 26 Septembris 1667—Publicè in Ecclesia S. Francisci de Vinea Venetiarum.

«Concorrêrão, diz Machado na Bibl. Lusit., a este litterario «combate os mayores Sabios, que aquella idade respeitava na «Europa, atrahidos uns da admiração, e estimulados outros de «inveja, de que hum homem se animasse, posto que ornado de «sublime talento, a huma empreza, que ainda era ardua para «todos os Catholicos da mais douta, e florente Universidade. «Porem a experiencia os desenganou, reconhecendo que era Ma«cedo animada Encyclopedia, e vivo erario de todas as Scien«cias, as quaes possuia com tanta eminencia, que a tudo quanto «se lhe perguntou e arguio, se não equivocou em uma só pala-

« vra, e muito menos se suspendeo pelo mais breve espaço a todas « as respostas que dava; antes, para evidente prova de como a « comprehensão do juizo, e felicidade da memoria se não tinhão « perturbado com tão diversos argumentos, e logravão de huma « perfeita serenidade, emendou a hum dos arguentes hum Texto « da Escriptura erradamente citado, e a outro lembrou-lhe hum « verso de Virgilio, que lhe esquecêra, etc. »

A fóra os Latinistas Portuguezes, cujas producções são transcriptas no *Corpus Illustr. Poet.*, devemos mencionar outros, que adquirirão grande celebridade, e são os seguintes:

Ayres Barbosa, André de Gouvéa, L. André de Resende, Marçal de Gouvéa, D. Jeronimo Osorio, D. Antonio Pinheiro (Bispo de Miranda e Leiria), *Damião de Goes, Achilles Estaço, Diogo de Teive,* e outros, que podem ver-se no § 294, pag. 246 e 248 da *Noticia succinta dos Monum. da Ling. Lat. de J. V. Gomes de Moura.*

D'entre todos, porém, he o mais notavel o grande *Jeronimo Osorio,* Bispo de Silves, denominado o *Cicero Portuguez,* o qual escreveu em Latim muitas obras, sendo uma, e a principal, a que tem por titulo: *De rebus Emmanuelis Regis Lusitaniæ virtute et auspicio gestis libris duodecim. 1571.*—Manoel de Faria e Sousa (As. Port.) faz o seguinte elogio a esta obra: « Sin algun descrimen es la mas felis despues de la de Titulivio. En la latinidad todos le conceden facilmente la palma de ser el mejor Ciceroniano: en la orden es singular, en el juicio es claro, en los reparos es agudo, en la gala es grave, e en todo es perfecto. »

Vem logo depois d'este o douto Bispo de Miranda, *D. Antonio Pinheiro.*

——Evora Gloriosa, Epilogo dos quatro tomos da Evora Illustrada, que compôz o R. P. M. *Manoel Fialho,* da Companhia de Jesu. Escr. augm. e amplif—pelo *P. Francisco da Fonseca* da mesma Companhia. Roma 1728.

Na parte 5.ª d'este Livro, a qual tem por titulo=« Evora Douta »=, se encontrão importantes noticias ácerca da Universidade de Evora, e dos Eborenses famosos nas Letras, antes e depois de fundada a Universidade.

Pondo de parte as noticias anteriores aos Reis portuguezes, e limitando-nos unicamente ao periodo posterior, encontrâmos já nos fins do seculo XIII, estabelecidos estudos regulares na Ci-

dade de Evora, até que mais tarde apparecem e brilhão os Galvões, os Resendes, os Estaços, os Severins de Faria, Diogo Mendes de Vasconcellos, Jeronimo Osorio, Gaspar Barreiros, e outros que, ou nascêrão em Evora, ou lá tiverão domicilio e longa residencia.

A pag. 409 da *Evora Gloriosa,* encontrão os Leitores um *Catalogo dos Authores Eborenses;* a pag. 416, n.º 273, começa a noticia ácerca da *Universidade de Evora,* e dos *Collegios annexos* á mesma; e finalmente, a pag. 425, n.º 736, a *Bibliotheca Eborense-Academico-Jesuitica,* sendo o primeiro nomeado n'esse Catalogo o Cardeal Infante D. Henrique, a quem o Author chama *resplendecente sol, doutissimo, e Mecenate dos Letrados.* N'este ultimo Catalogo são mencionados todos os livros escriptos pelos Padres da Companhia de Jesus, que forão Mestres ou Estudantes da Universidade de Evora.

Diremos de passagem que a *Evora Gloriosa* he um Livro, a cuja composição presidiu um admiravel espirito de ordem, de sorte que a sua disposição he sobremaneira methodica, regular e clara. O Author descreve a Cidade d'Evora debaixo do ponto de vista da sua Historia Politica, Religiosa e Litteraria, e n'este sentido divide a sua obra em cinco partes: *Evora Profana, Evora Pia, Evora Pontificia, Evora Religiosa, Evora Douta.* Na 1.ª parte trata da fundação de Evora, do seu augmento, dos acontecimentos politicos de que foi theatro, ou em que os seus filhos figurárão; e dos varões que se assignalárão por serviços á patria; na 2.ª trata dos estabelecimentos de piedade e de beneficencia; na 3.ª dá noticia do governo ecclesiastico de Evora desde os primeiros tempos do Christianismo; na 4.ª descreve as producções dos Conventos; e na 5.ª finalmente, que mais de perto nos interessa, traça a Historia Litteraria de Evora desde a mais remota antiguidade até ao seculo XVIII.

Achâmos muito galante uma advertencia do Impressor Romano da *Evora Gloriosa,* e pedimos licença ao Leitor para aqui a transcrever, por muito curiosa e ingenua:

—«Avertimento dello Stampatore.—La favella Portoghese è cosí poco usata in questi nostri paesi, che questa é la prima volta, che l'hanno parlato i miei caratteri, essendo necessario a tal fine, non solamente di formar nuove lettere, ma di più andar copiando l'Originale a maniera di quei, che copiano le pitture: maravigliandosi non poco i compositori di vedere, che parlavano colla Stampa cio, che non sapevano proferire con la lingua, e

peró doverá il Benevolo Lettore compatire benignamente gl'errori, che trovarâ nelle nell'Impressione del Texto etc.»

——Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito. 1776.

Appendix sobre a reforma das Letras na Europa. 1776.

Cuidados Litterarios—do *Prelado de Béja*, em graça do seu Bispado (em data de 8 de Dezembro de 1788); Impressos em 1791.

Estas obras forão escriptas por D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas, Bispo de Béja, e depois Arcebispo de Evora; e d'ellas todas, como observou o sabio Trigoso, se póde tirar o *fundamento* de uma excellente Hist. Litt. Europea.

Não se propoz o preclarissimo Cenaculo a escrever uma Historia Litteraria, mas sim a *excitar os animos para a sincera cultura das Letras, e para serem professadas com methodo*; para conseguir, porém, este fim foi-lhe necessario percorrer a historia intellectual dos povos, e especialmente a dos portuguezes, habilitando-se d'est'arte a apontar as causas e os effeitos, dignos da imitação, ou da censura.

Nas *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito* propoz-se Cenaculo, em beneficio da Ordem Terceira de Portugal, a melhorar os Estudos, proporcionando á Mocidade d'aquelles Claustros as luzes e estimulos para ser erudita, e poder passar além do Systema Escolastico exclusivo, que então dominava ainda; e n'aquella Obra ha um Appendix, com o titulo de *Oratoria Sagrada em Portugal*, no qual vai seguindo a Monarquia Portugueza, desde os primeiros seculos, e apontando as differentes phases das Letras e das Sciencias entre os seus Compatriotas, e fazendo a resenha dos Varões illustres, que em differentes ramos encontra. He este, sem contestação, um bello pedaço de Historia Litteraria.

Nos *Cuidados Litterarios* propõe-se Cenaculo a encaminhar os Ordinandos nos seus estudos, e ahi entra em largos e eruditos desenvolvimentos, que não só aproveitão aos que se destinão para a vida ecclesiastica, mas tambem aos que se dedicão ás Letras e ás Sciencias, seja quál fôr a sua especial applicação.

Já tivemos occasião de encarecer os louvores que merece o grande Cenaculo, no nosso trabalho statistico:=*Béja no anno de 1845*=pois que nos veiu a proposito commemorar n'aquelle Opusculo o preclarissimo nome do Prelado, que por espaço de

vinte e cinco annos, e tão brilhantemente, presidíra áquella Igreja nascente Quando nos annos de 1845 e 1846 governámos o Districto de Béja, tivemos relações com pessoas idósas d'aquella Cidade, que tinhão gosado a ventura de ver o grande e immortal Cenaculo, e que ainda se recordavão saudosos d'esses bellos tempos, em que o illustre Prelado elevára Béja ao maior gráo de esplendor. Alli estabeleceu elle o uso das Conferencias Ecclesiasticas, fundou a Academia Ecclesiastica de Béja, creou no seu proprio Paço um Curso de Humanidades e de Theologia, sendo a alma, o motor zeloso de todos esses estabelecimentos, cujo desenvolvimento, progressos, e bom fructo, animava pessoalmente. Alli escrevia immortaes obras, destinadas a dirigir os estudos, e a instruir e a guiar o Clero; ao passo que não se descuidava de promover a educação do sexo feminino, creando escholas de meninas, nem tão pouco de olhar para essas serras que separão o Algarve do Campo de Ourique, e lá fazia chegar tambem os beneficos influxos da sua sollicitude, mandando instruir na Cidade moços d'aquellas Parochias, e creando lá Cadeiras de ensino, e Capellas. Na Cidade de Béja deixou uma *Bibliotheca completa, e proporcionada para se cultivarem os estudos ecclesiasticos que fundára;* formou um Museu das antiguidades da sua Diocese; reuniu uma notavel collecção de pinturas. E não satisfeito ainda com os beneficios prestados a favor da Religião, das Sciencias e das Letras, promoveu o arroteamento de muitos terrenos desaproveitados, da sua Diocese. Agasalhava e recebia como Principe um grande numero de Sabios, e de habeis Artistas estrangeiros, que o visitavão.

Restaria ainda fallar do grande Cenaculo como Arcebispo de Evora, e voltar atraz para o considerar como Religioso da Ordem Terceira da Penitencia, como Lente de Artes no Collegio de Coimbra, como Mestre do Principe D. José, como Presidente da Real Mesa Censoria, etc. etc.; mas levar-nos-hia muito longe essa gostosa tarefa, e ficariamos ainda assim muito áquem do que he devido ao merecimento do grande homem, ao qual o Marquez de Pombal chamava *poço sem fundo e sem lodo.*

Todas as obras que citámos de *Cenaculo* são boa fonte de noticias para a Historia Litteraria. Desejáramos, porém, que o estilo d'este grande homem fosse mais corrente e claro, pois que por vezes, e particularmente nos *Cuidados Litterarios,* o achâmos embaraçado e escuro. Daremos uma breve amostra do seu estilo. Nos *Cuidados Litterarios,* fallando dos nossos Escriptores do

seculo XV, diz Cenaculo que já alguns hião polindo a phrase, e entre outros Bernardim Ribeiro, e Christovão Falcão, e depois accrescenta:

=«Tinha aqui logar a recommendação de doutrina de nossos maiores, como do Cardeal D. Jorge da Costa e seu irmão Bispo do Algarve, do Santo Varão Gomes de Lisboa, e de outros Sabios recommendados nas pennas de Angelo Policiano, e de outros eruditos d'aquelle tempo; mas agora sómente quiz *desviar uma nesga do manto sôfrego que redobrão os desconhecedores de nossos bons e antigos tempos. Elle he pesado pelo immenso volume dos dias gastadores*; porém, o meu affectuoso respeito, *através das minhas pulverisadas e sérias impossibilidades*, tem hido *espreitando os escondrijos encantadores, e convidando a quem mais possa para a magia de trazer á conversação* de nossos dias os bons genios dos dias passados.»

Para nos indemnisarmos do desgosto de haver notado esta pequena falta no estilo dos *Vuid. Litt.*, apressamo-nos a dizer que n'esse mesmo livro ha paginas escriptas com a devida clareza, cuja qualidade mais sobresahe nas outras obras; e ninguem poderia engeitar estes periodos, aliàs tão repassados de judicioso criterio, com que o grande Cenaculo conclue as *Mem. Hist. do Min. do Pulp.*:=Attemperar-se, e ajustar-se o Prégador aos ouvintes, ás circumstancias, e á materia, he condição de observancia indispensavel. Os ouvintes, e o tempo pedem muitas vezes um Discurso muito simples; e esta então he a verdadeira eloquencia... Os defeitos, de que em todo o tempo devem carecer os Prégadores, he a ignorancia da Materia. São tambem defeito as expressões indecentes, muito mais n'aquelles assumptos, cuja impureza hão de reprehender: são defeito as phrases humildes: os similes grosseiros: a pouca economia nos termos, ainda que talvez bons em si, comtudo não adoptados pelos Sabios competentes: em fim as vozes, que a experiencia mostra serem justamente vituperadas pelas pessoas de educação polida.»

N. B. Entre os trabalhos sobre Historia Litteraria de Cenaculo devemos mencionar uma Obra ined. e orig. da Bibl. Publ. Eborense, da qual forão publicados alguns extractos no Panor. de 1843, pag. 261, 266 e 267, e tem por titulo:=O Arcebispo Cenaculo no Elogio, ou Estudos do Padre doutor Fr. Joaquim José Pimenta, da Ordem Terceira de S. Francisco, e Litteratura de seus dias.=

No que vimos d'esta Obra se dá uma curiosa e instructiva

noticia historica do estado das Letras, Sciencias e Artes no reinado do Senhor D. João V.

Sobre a Vida e Escriptos de Cenaculo, lêão-se as seguintes Obras:

Origem e progresso das Linguas Orientaes na Congregação da Terceira Ordem de Portugal — por Fr. Vicente Salgado. Lisboa. 1790.

Compendio Historico da Congregação da Terceira Ordem de Portugal, composto por Fr. Vicente Salgado. Lisboa, 1793.

No fim do *Compendio* vem o = Catalogo dos Prelados Maiores que tem regido esta Congregação de Portugal, unida em regularidade, e essenciaes votos. = He um documento, que póde ser conveniente consultar para a Historia Litteraria.

Elogio Historico do Ex.mo e Rev.mo D. Fr. Manoel do Cenaculo, Arcebispo de Evora — por Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato. Recitado na Sessão da Acad. R. das Sciencias de 24 de Junho de 1814.

——Memorias para a Historia Litteraria dos Dominios de Portugal, expostas em sete Cartas, nas quaes se refere o principio, progresso, e fim da Doutrina Jesuitica das Humanidades — por *João Pedro do Valle*. Lisboa 1760.

O titulo pomposo d'este livrinho faria crer que se encontraria n'elle uma copiosa fonte de noticias para a nossa Historia Litteraria, quando não um ensaio d'esta. O Author, porém, foi menos discreto na escolha do titulo, e tanto mais quanto, nas sete Cartas que publicou, só trata de um assumpto polemico de muito secundario interesse, qual he o de contestar aos Jesuitas portuguezes o merecimento de grandes Latinistas, pretendendo fazer sentir: —1.° que não forão aquelles os restauradores da Lingua Latina em Portugal; —2.° os erros do seu methodo, grammatica, e ensino; —3.° a multidão de livros superfluos, ou indigestos, que introduzírão, etc. etc.

Muito acertadamente pois andou o Sr. Freire de Carvalho, na Nota 1.ª do seu *Ensaio*, em pôr de sobre aviso os Leitores para que não suppozessem que nas *Memorias* se contém uma noticia systematica de toda a nossa Historia Litteraria, ou pelo menos de alguns dos seus diversos periodos.

Em todo o caso, porém, quando no 2.° vol. da nossa Obra tratarmos das Grammaticas, será mister mencionar novamente as indicadas Cartas, em razão das considerações que n'essa es-

pecialidade apresentão, e que aliàs não são de todo para desprezar.

Esta obra, publicada com o nome de João Pedro do Valle, dizem ser de Antonio Felix Mendes.

——Mappa de Portugal antigo, e moderno—pelo Padre *João Baptista de Castro*. Lisboa. 1762. 1763.

Esta obra, com quanto seja essencialmente uma descripção topographica, historica, militar, e religiosa de Portugal, entra todavia no quadro dos subsidios para a Hist. Litt., por isso que, na Parte 4.ª do tomo 2.º, tem dous Capitulos, destinados a dar noticias meramente litterarias do nosso paiz.

Qual foi o intento do Author na composição do *Mappa de Portugal?* Foi, segundo elle diz, não só proporcionar instrucção aos nacionaes, mas especialmente fornecer aos estrangeiros os meios de adquirir noticias individuadas e seguras sobre o estado verdadeiro de Portugal, contribuindo assim para que elles não commettêssem os erros e descuidos, que ainda nos authores modernos apparecião sobre as nossas cousas.

Deixando a maxima parte do *Mappa de Portugal*, só nos occuparemos do assumpto litterario.

Competente era João Baptista de Castro para escrever sobre a Historia Litteraria, como quem tivera a honra de *soccorrer* a Diogo Barbosa Machado, seu amigo, *com preciosas noticias e algumas originaes*, para a composição da *Bibliotheca Lusitana;* e com quanto elle reconheça o grande disvelo, e erudição com que o seu amigo tratou um tal assumpto, julgou todavia dever transmittir aos Leitores do Mappa algumas informações succintas, mas substanciaes, da nossa riqueza litteraria.—Assim, no 1.º Capitulo da Parte 4.ª do Tomo 2.º trata da *Origem e progressos das letras e Universidades n'este Reino*, e no 2.º apresenta uma resenha de *alguns famosos Escriptores Portuguezes*, que florecêrão em varios generos de litteratura.

Para não reproduzirmos o que diz o Author, cuja obra anda nas mãos de todos, limitar-nos-hemos a fazer notar as fontes d'onde elle deriva a doutrina, e a indicar a classificação methodica e bastantemente desenvolvida que apresenta dos Escriptores, segundo as diversas faculdades e materias que seguírão ou tratárão.

As principaes obras portuguezas, a que o Author reccorreu para seu esclarecimento, ou para abonar as suas asserções, são as seguintes:—*Agiologio* (Cardoso); *Monarquia Lusitana* (Brito

e Brandão); *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* (Leitão Ferreira); *Hist. Eccles. de Lisboa, e Catal. dos Bispos do Porto* (Cunha); *Chronica de S. Agost.* (Purificação); *Dialog. de Var. hist.* (Mariz); *Europa Port.* (Faria e Sousa); *Chronica d'ElRei D. Manoel* (Goes); *Descripção do Minho* (Barros); *Noticias de Portugal* (Severim); *Evora Gloriosa* (Fonseca); *Bibliot. Lusit.* (Barbosa); *Anno Historico* (Francisco de Santa Maria). Em quanto a Authores estrangeiros, recorre principalmente ao Diccionario de *Moreri*, e á *Bibliotheca Hispana* de *Nicoláo Antonio.*

Em quanto á classificação, observaremos que o Author menciona os nossós Escriptores de Theologia, de Jurisprudencia, de Litteratura nos seus differentes ramos, de Historia, de Sciencias Naturaes, de Bellas Artes, consagrando a essa enumeração biographico-critica 16 paragraphos do Capitulo 2.°

——Portuguezes nos Concilios Geraes—por *Antonio Pereira de Figueiredo.* 1787.

Interessa á nossa Hist. Litt. esta obra, por isso que depõe muito a favor das letras e sciencia de qualquer individuo o ter assistido nos Concilios. O author cita o seguinte dito do Arcebispo de Braga, D. Luiz de Sousa, fallando do Padre Manoel Rodrigues Leitão, da Congregação do Oratorio: *Que este era o homem, que elle conhecia neste Reino capaz de hir a um Concilio, se no seu tempo o houvesse;* pelo qual facilmente se vê o quanto convem ter conhecimento dos Prelados, Embaixadores, ou Doutores que forão chamados áquellas sagradas Juntas, como sendo merecedores de commemoração, e ornamentos da patria, por suas luzes e sciencia.

«Em toda a parte, diz o Author, são olhados com respeito os homens de Letras, que hum Rei manda ouvir no Gabinete, ou na Secretaria d'Estado, sobre este ou aquelle negocio particular do seu Reino.—Quanto mais honorifico, porem, he num Concilio de toda a Igreja, ser chamado pelo Summo Pontifice, ou pelos seus Legados, a dar o seu parecer sobre como se hão de qualificar as doutrinas d'hum Wiclef, ou d'hum Luthero, para toda essa Igreja saber o que deve crer, ou o que deve decretar sobre os Sacramentos, etc. etc.»

No Concilio Lateranense 2.°—celebrado em Roma na Basilica de S. João de Latrão, no anno de 1139, sob Innocencio 2.°, assistio *D. João Peculiar*, Arcebispo de Braga.

A hida ao Concilio deu occasião ao nosso Arcebispo para contrahir em Roma estreita amisade com S. Bernardo.

No Concilio Lateranense 4.° (1215 — sob Innocencio III) assistiu *D. Estevão Soares da Silva*, Arcebispo de Braga, e consta que pugnára pela Primazia de Braga, que o Arcebispo de Toledo disputava.

Crê-se que tambem assistíra o Bispo de Lisboa *D. Soeiro Viegas*.

No Concilio Lugdunense 1.° (Leão, em França, no anno de 1245, sob Innocencio IV) assistírão o Arcebispo de Braga *D. João Egas*, o Bispo de Coimbra *D. Tiburcio*, o do Porto *D. Pedro Salvador*, o de Lisboa *D. Ayres Vasques*; e os Fidalgos seculares *Ruy Gomes de Briteiros*, e *Gomes Viegas*.

Foi n'este Concilio que o Arcebispo de Braga, e o Bispo de Coimbra, juntamente com os dois Fidalgos seculares, pedírão a Innocencio IV que privasse o Senhor D. Sancho II da administração do Reino, ao que o Summo Pontifice annuiu pelo Breve passado em Leão aos 24 de Julho de 1245.

Consta que o Bispo de Lisboa, *D. Ayres Vasques*, advogára nobremente a causa de D. Sancho II, mas em vão.

No Concilio Lugdunense 2.° (1274 — sob Gregorio X) assistiu *D. Pedro Julião*, natural de Lisboa, convocado com o titulo de *Eleito de Braga*, e que mais tarde (1276) subiu ao Throno Pontificio com o nome de João XXI.

Assistírão tambem *D. Ordonho Alvares*, Arcebispo de Braga, o Bispo de Evora *D. Durão*; *D. Fr. Estevão Martins*, Abbade de Alcobaça; *D. Fr. Vasco*, Bispo da Guarda; *D. Matheus*, Bispo de Lisboa, acompanhado de *Fr. João Navarro*, Ministro do Convento da Santissima Trindade de Santarem.

Ao Concilio Viennense (1311 — sob Clemente V) concorrêrão o Arcebispo de Braga *D. Martinho*, o Bispo do Porto *D. Fr. Estevão*, o de Lamego *D. Rodrigo*, e *D. Giraldo Domingues*, que depois foi Bispo de Evora.

Ao Concilio Pisano (em Pisa no anno de 1409, por occasião do Scisma que durava na Igreja desde 1378) mandou o Senhor D. João I por Embaixadores e Procuradores o Arcebispo de Lisboa, e o Bispo de Lamego; e por Theologos o Mestre Lourenço, Provincial da Ordem de Santo Agostinho, e outro Mestre da Ordem dos Menores, que era seu Confessor.

Ao Concilio de Constança (1414 a 1418—sob João XXIII e Martinho V) mandou o Senhor D. João I por Embaixadores um Cavalleiro, e um Arcediago; em 1416 mandou dois Fidalgos da sua Côrte *D. Fernando de Castro*, e *D. Alvaro Gonsalves de Attaide*, e dois Doutores em Leis, *Gil Martins*, e *Vasco Peres*.

Assistírão tambem a este Concilio o Arcebispo de Lisboa *D. João Affonso de Azambuja*, e *Gil Peres*, Conego de Coimbra, como Procurador dos Bispos de Coimbra e de Vizeu.

No Concilio de Basiléa (1431—e continuado legitimamente até mais de 1437—sob Eugenio IV) assistírão: *D. Luiz do Amaral*, Bispo de Vizeu; *D. Antão Martins de Chaves*, Bispo do Porto; o Deão de Braga; o Senhor D. Affonso, *Conde de Ourem*, neto d'ElRei D. João I, e sobrinho d'ElRei D. Duarte; *Vasco Fernandes de Lucena*, Doutor em Leis; *Diogo Affonso Mangaancha*, Doutor em ambos os Direitos; *Fr. João de S. Thomé*, Mestre em Theologia da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho; *Fr. Gil Lobo*, Mestre em Theologia da Ordem de S. Francisco.

Ao Concilio de Florença (começado em Ferrara em 1437, em Florença no de 1439, e acabado em Roma no de 1442—sob Eugenio IV) concorreu o Bispo do Porto *D. Antão Martins de Chaves*. Foi este Bispo quem fundou no anno de 1440 em Roma o Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes.

Concilio Lateranense 5.º—Principiado sob Julio II no anno de 1512, e acabado sob Leão X no de 1518.

Na Sessão 9.ª, celebrada a 5 de Maio de 1515, apparecem

mencionados *Tristão da Cunha, Diogo Pacheco* e *João de Faria* como *Illustrissimi Domini Regis Portugalliæ Oratores.* São estes os tres Portuguezes que ElRei D. Manoel mandára em 1513 a Roma, para entregarem ao Papa Leão x o grandioso presente do elefante e do Pontifical, que foi avaliado em um milhão.

Mais tarde foi como Embaixador ao Concilio *D. Miguel da Silva.*

Concilio Tridentino, 1545 a 1563, sendo Summos Pontifices Paulo III, Julio III e Pio IV.

Em tempo da primeira abertura assistírão ao Concilio tres grandes Theologos da Ordem de S. Domingos: *Fr. Jeronymo da Azambuja* ou *Oleastro, Fr. Jorge de Santiago,* e *Fr. Gaspar dos Reis.* Assistiu tambem na primeira abertura o Bispo do Porto *D. Fr. Balthesar Limpo.* (Foi este Bispo quem conseguiu, á força de instancias, que Paulo III expedisse a Bulla *Meditatio cordis nostri,* em que o Tribunal do Santo Officio foi restabelecido em Portugal, na fórma e extensão que D. João III queria de ha muito.)

Na segunda abertura forão mandados ao Concilio, como Embaixadores de D. João III, *Diogo da Silva; Diogo de Gouvêa,* Doutor Theologo; *João Paes,* Doutor em ambos os Direitos; *Diogo Mendes de Vasconcellos,* Doutor em Canones.

Concorrêrão tambem *D. João de Mello,* Bispo de Silves, e *D. Estevão de Almeida,* que tinha a sua Diocese em Castella.

Na terceira e ultima abertura (sob Pio IV), reinando já ElRei D. Sebastião, concorrêrão os seguintes:

O Embaixador *D. Fernando Martins Mascarenhas;* o Arcebispo de Braga, *D. Fr. Bartholomeu dos Martyres;* o Bispo de Coimbra, *D. Fr. João Soares;* o Bispo de Leiria, *D. Fr. Gaspar do Casal.*

Os Bispos de Vizeu, de Silves, e de Ceuta mandárão Procuradores.

Assistiu pessoalmente o Presbytro secular *D. Jorge de Attaide,* que depois foi Bispo de Vizeu.

Assistírão tambem, mandados por ElRei, o Doutor em Canones, *Belchior Cornejo;* o Doutor em Theologia *Diogo de Paiva de Andrade;* o Mestre *Fr. Francisco Foreiro* da Ordem dos Prégadores.

E finalmente *Fr. Henrique de S. Jeronymo,* como Theologo do Arcebispo de Braga; *Antonio Leitão,* do de Coimbra; *Fr.*

Pedro de Villa Viçosa, do de Leiria; *Fr. Luiz de Sottomaior; Fr. Antonio de Padua;* e *Theotonio Moniz.*

Em a nota final dá Antonio Pereira de Figueiredo, noticia de tres Theologos Portuguezes, que assistírão no Concilio Romano, presidido por Benedicto XIII, em 1725, e são: *Fr. José d'Evora*, Franciscano Observante, que depois foi Bispo do Porto; *Fr. Antonio de Santa Clara*, Agostinho Descalço; e *Fr. Ignacio d'Oliveira*, Carmelita Calçado.

——NOTICIAS CHRONOLOGICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA—— pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira. Lisboa. 1729.

Não houve em Portugal Escholas Publicas, em fórma de Universidade, até ao tempo em que reinou D. Affonso III.—No anno de 1290 foi fundada a Universidade de Lisboa, *ex vi*, e nos termos da Bulla de Nicoláo V.—No anno de 1308 foi mudada a Universidade de Lisboa para Coimbra, sendo este o 19.° da sua fúndação, e o 30.° do reinado de D. Diniz.—Em 1338 foi restituida á Cidade de Lisboa, onde esteve até ao ultimo de Março de 1537, 16.° do reinado de D. João III, sendo então definitivamente transferida para Coimbra.

O author discute todos os pontos chronologicos; dá noticia, e faz o juizo critico de todos os documentos relativos ao assumpto de que trata; menciona os Reitores, Vice-Reitores, e Lentes; indica a parte que tomárão os nossos Reis e os Pontifices nas causas da Universidade; dá conta das Provisões e Estatutos da mesma; e no Corpo da Obra aproveita as occasiões que se lhe offerecem de commemorar e julgar muitos dos nossos Escriptores.

Confessa o author que o «maior soccorro, de que n'esta com«posição se valeu, foi o trabalho que communicou á Real Aca«demia de Historia *Francisco Carneiro de Figueirôa*, Reitor e «Reformador da Universidade de Coimbra; o qual resumiu a «um Compendio de Informações e de Cathalogos, igualmente «exacto que erudíto, tudo o que podia contribuir com certeza a «este assumpto »

Mencionâmos esta ultima circumstancia, para recommendar os trabalhos de Figueirôa.

Veja-se, a respeito de Francisco Leitão Ferreira, o *Ensaio sobre a Hist. Litt.* do Sr. Francisco Freire de Carvalho, pag. 231.

Em quanto á Universidade de Coimbra, veja-se o *Compendio Historico*, e o que adiante dizemos no Capitulo IV do presente Titulo.

As *Noticias Chronologicas* são uma copiosa fonte de apontamentos para a Hist. Litt., e um livro de grande instrucção.

——Historia Genealogica da Casa Real Portugueza—por *D. Antonio Caetano de Sousa.*

Provas—Idem.—Lisboa. 1735 a 1743.

Esta Obra (verdadeiramente monumental), que, pelo seu titulo, parece ser consagrada exclusivamente á Casa Real Portugueza, he todavia uma historia geral d'este Reino, pois que nas suas vastas dimensões abrange variadissimos assumptos, que naturalmente estão, nem podião deixar de estar, enlaçados com a genealogia e acções da Familia Real Portugueza, desde a origem da Monarchia.

Não obstante o caracter essencialmente historico d'esta Obra, julgâmos indispensavel menciona-la: 1.° porque no *Apparato* que a precede vem uma resenha biographica de Authores Portuguezes (em numero de 229), alguns dos quaes só escrevêrão livros genealogicos, mas uma grande parte se illustrárão por outros escriptos; 2.° porque no corpo da Obra, e nas *Provas* se encontrão noticias e documentos de reconhecido interesse para a Hist. Litt.

——Bibliotheca Hispana—*Vetus.* 1778. 2 vol.—*Nova.* 1783. 2.ª edição, 2 vol. (Madrid)—por *D. Nicoláo Antonio.*

Ha uma singularidade notavel a respeito d'esta importante Obra. O Author publicou a *Bibliotheca Nova*, 2.ª parte da Obra, em Roma, no anno de 1672; ao passo que a *Bibliotheca Vetus*, 1.ª parte da Obra, só foi impressa muito depois da sua morte, dando esta circumstancia logar a que se levantassem questões ácerca da authenticidade d'esta ultima.

A Obra de Nicoláo Antonio, he incontestavelmente um rico thesouro de Hist. Litt. para a Hespanha e Portugal, no que respeita ao periodo que decorre até aos fins do seculo XVII; e a esse thesouro hão recorrido muitos dos nossos Escriptores, e sempre com proveito.

Para que o Leitor, a quem não seja conhecida esta Obra, possa desde aqui fazer idéa d'ella, transcreveremos um breve artigo da Bibl. Hisp. Nova, vol. 1.°, pag. 421:

=«*D. Franciscus Emmanuel de Mello*, Olisiponensis, nobili loco natus, eques Ordinis cui a Christo nomen, Conimbricæ olim data studiis liberalibus humanis que omnibus disciplinis sedula opera, Martem Palladi succedere fecit in Belgium se transferens, ubi militiæ aliquot impensis annis creari tandem meruit legionis tribunus. Abripuit inde eum turbo patriæ rebellionis, et in Lusitaniam reversus non diu post, nescio cujus criminis suspicionem purgaturus, post plures carceris annos, inter spem et metum transactos, in Brasilia Occidentalium Indorum peregrinari aliquot aliis fuit constrictus. Nec tandem restitutus propitiam adhuc potuit adipisci eorum voluntatem qui reipublicæ tunc insidebant, qnare aggregatus Catharinæ Brigantinæ, Caroli Angliæ Regis II destinatæ sponsæ, ingenii et urbanitatis dotibus insinuavit se in Reginæ gratiam, cujus, sive alia negotia gesturus, anno 1654. Romam accessit: qua in urbe, edidit ex multiplicis doctrinæ variæque litteraturæ operibus sacris, profanis, prosaicis, metricis, elegantissimis et ingeniosissimis primum volumen, hoc titulo et partibus: (Aqui começa a dar uma noticia das Obras de D. Francisco Manoel de Mello, a qual omittimos por ser menos completa). Sed virum longiore vita dignum abripuit mors Olisipone 13 die Octob. 1666.»

Transcrevemos este artigo, unicamente para dar a alguns dos nossos Leitores uma tal ou qual idêa do teor da *Bibliotheca* de Nicoláo Antonio, e para os advertir praticamente de que tambem a Litteratura portugueza alli he representada.

Para supprir a deficiencia do mesmo artigo, consagrado como he á memoria de um dos mais distinctos escriptores de Portugal, he indispensavel recorrer á *Bibliotheca Lusitana*, e especialmente ao *Panorama* do anno de 1840, onde forão publicados dois excellentes artigos, biographicos e criticos, ácerca de D. Francisco Manoel de Mello, e são na verdade uma fonte abundante de apuradas noticias, ácerca de um homem tão celebre, e de um escriptor tão recommendavel.—Veja-se tambem *Mémoires historiques*, etc. do *Cavalheiro d'Oliveir*, tomo 2.°, pag. 343 a 352.

——Origem e Progressos das Linguas Orientaes na Congregação da Terceira Ordem de Portugal—por *Fr. Vicente Salgado*, Chronista da mesma Congregação. Lisboa. 1790.

O Author deduz as noticias desde o principio do seculo XV até ao anno de 1750, em que os estudos das Linguas Orientaes

forão renovados; e ultimamente refere o que succedeu, n'este particular, desde 1750 até á epocha em que escreveu.

Logo nos primeiros tempos dos nossos descobrimentos maritimos, e successivamente até á epocha do nosso maior poder nas Conquistas, apparecem Religiosos da Congregação da Terceira Ordem de Portugal, e tambem de outras Ordens, que *forão bons companheiros n'aquelles trabalhos*, levando a palavra Evangelica á Africa, e á Asia, para o que, ou hião já munidos do conhecimento das Linguas Orientaes, ou se adestravão no manejo d'aquellas que especialmente se fallavão em determinadas regiões.

Nas Linguas Grega, Arabica, e Hebraica encontra o Author, logo no fim do seculo XV, alguns Religiosos que dérão mostras de grande applicação e proficiencia.

«Depois que de París se recolhêrão ao Reino, Pedro Henriques, e Gonçalo Alvares (diz o Author), sabios não sómente no Grego, mas tambem no Hebraico, e sendo nomeados por ElRei D. João III para a Reforma da Universidade de Coimbra em 1537, com o Doutor Fabricio, Mestre de Grego, o Doutor Roserto do Hebraico, Bachanano, Antonio Mendes, e outros muitos instruidos nas ditas Linguas Orientaes, fazião tanto progresso os nossos patriotas, assim Seculares, como Regulares, que o mesmo Clenardo, visitando aquella Universidade, se admirou, parecendo-lhe ter revivido outra Athenas.»

Menciona o Author os Religiosos da sua Congregação, que se aproveitárão dos exemplos e instrucção de tão sabios Mestres. O primeiro que se distinguiu n'esta epocha foi o Provincial Fr. Pedro do Espirito Santo, ao qual chamárão por antonomasia o *Grego*. O exemplo do Provincial despertou a curiosidade nos subditos, muitos dos quaes se distinguírão depois no estudo d'aquelle idioma. O mesmo Provincial se applicou tambem muito seriamente ao Hebraico.

«O *Ajax* de Sophocles do Dr. Fr. Angelo da Cruz, Procurador que foi d'esta Corporação em Roma, ainda se conserva sem cousa mais importante que os significados proprios das palavras, e raizes mais difficultosas, escriptas pela sua letra.»

No principio do seculo XVII distinguiu-se, como grande Helenista, Fr. Valentim Feo, que tambem foi Provincial d'esta Congregação.

Na Lingua Arabica foi instruido o Capellão Mór do Exercito, na infausta jornada de D. Sebastião, Fr. Bernardo da Cruz.

O Provincial Fr. Luiz de Figueiredo não só sabia o Arabico,

mas tambem o Hebraico: deixou um Commentario sobre as Epístolas de S. João, que abona os seus conhecimentos hebraicos.

Fr. Luiz de Figueiredo, Procurador Geral da Provincia em Valhadolid, tomou parte em controversias sobre textos hebraicos.

No seculo XVI houve notavel applicação ao Hebraico, distinguindo-se o Provincial Fr. Marcos da Trindade. Depois dos sabios Azambuja, Foreiro, Pinto, o Bispo Soares e outros, concorreu grandemente para sustentar este genero de erudição o famoso Bispo D. Jeronymo Osorio; mas depois de 1578 declinárão sensivelmente os estudos, e as boas lettras esmorecêrão.

Prosegue o author na colheita de noticias até ao anno de 1750, em que o grande Cenaculo vai assistir ao Capitulo Geral em Roma, presidido por Benedicto XIV.—Cenaculo, em voltando d'aquella digressão, apaixona-se pelo estudo das Linguas Orientaes, e consegue communicar o seu enthusiasmo a um grande numero de Religiosos da sua Congregação.

Em 1759 manda ElRei D. José abrir aulas publicas da Lingua Grega, e confia aos Prelados de algumas Ordens Religiosas o cuidado de promoverem o estudo da Lingua Hebraica.

Por Alvará de 3 de Junho de 1769 he approvado um novo plano de Estudos para a Congregação da Terceira Ordem de Portugal.

Em 1770 sahem as Instituições para o Noviciado de Lisbòa, feitas por Cenaculo. Não esquecem as Linguas Orientaes; Fr. João do Apocalypse ensina o Grego, e tornão-se notaveis n'essa disciplina Fr. Diogo de Santa Thereza, e Fr. Domingos de Santa Isabel.

Em 1768 tinha vindo a Lisboa Abrahão Ben Isai, o qual começou a ensinar o Hebraico e Chaldaico ao Mestre Fr. Elzeario Lobo, e o Arabico a Fr. João Baptista de Santa Thereza.

Distinguiu-se no Hebraico o Mestre Fr. Francisco da Paz.

Por esses tempos veiu a Lisboa o Vigario Geral de Antiochia, D. José Maron, o qual fallava o Arabico e Syriaco, e muito adiantou a instrucção dos Religiosos.

Mais tarde veiu tambem a esta Capital o Maronita D. Paulo Hodar, muito habil e sabio nas Linguas Hebraica, Chaldaica, Syriaca e Arabica, o qual, graças igualmente ás diligencias do grande Cenaculo, foi aproveitado para o ensino d'aquelles idiomas.

A acceitação, para Religioso, do Padre Fr. João de Sousa, natural de Damasco, concorreu muito para o estudo do Arabico.

Na Congregação da Terceira Ordem foi o grande Cenaculo a alma e o desvelado promotor do ensino e progressos das Linguas Orientaes; tambem outras Congregações vierão beber n'aquella a instrucção; e habeis Mestres, e distinctos discipulos apparecêrão n'aquellas disciplinas.

Eis, muito em resumo, uma idéa do trabalho de Salgado. Ainda quando o erutido author, cujo methodo e estylo não podêmos aliàs inculcar para modêlo, não dissesse cousas muito valiosas sobre o estudo, ensino, e progressos das Linguas Orientaes em Portugal,—sería, assim mesmo, interessante o seu opusculo, pelas noticias biographico-litterarias que nos transmitte ácerca do grande Cenaculo.

Vej. os seguintes Escriptos:

Compendio Historico da Congregação da Terceira Ordem—por *Fr. Vicente Salgado*. Lisboa. 1793.

No fim do Compendio vem um Cathalogo dos Prelados Maiores, que regêrão aquella Congregação até ao anno em que escreveu Salgado.

Memorias Historicas da Universidade de Coimbra—por *Francisco Leitão Ferreira*—pag. 545.

Conclusões da Historia da Philosophia—Impressas em Coimbra no anno de 1751. São de Cenaculo.

Instrucções para os Professores de Grammatica Latina, Grego, Hebraico, e Rhetorica—de 28 de Junho de 1759.

Plano de Estudos da Provincia de Portugal—Lisboa. 1769.

Conclusões da Grammatica Hebraica, e Arabica—Impressas em 1773.

Academia celebrada pelos Religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco do Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, no dia da solemne inauguração da Estatua Equestre de ElRei D. José I.—Lisboa. 1775.

MEMORIA DO COMÊÇO, PROGRESSOS, E DECADENCIA DA LITTERATURA GREGA EM PORTUGAL, DESDE O ESTABELECIMENTO DA MONARCHIA ATÉ AO REINADO DO S NHOR D. JOSÉ I — por *Fr. Fortunato de S. Boaventura.*

MEMORIA SOBRE O COMÊÇO, PROGRESSOS, E DECADENCIA DA LITTERATURA HEBRAICA ENTRE OS PORTUGUEZES CATHOLICOS ROMANOS, DESDE A FUNDAÇÃO D'ESTE REINO ATÉ AO REINADO DE ELREI D. JOSÉ I—por *Fr. Fortunato de S. Boaventura.*

D'estas duas ultimas Memorias faremos especial menção no Capitulo 3.° d'esta Obra.

——DISSERTAÇÃO HISTORICA E CRITICA, QUE PARA APURAR O CATHALOGO DOS CHRONISTAS MÓRES DO REINO E ULTRAMAR ESCREVEU—*Fr. Manoel de Figueiredo.* 1789.

Darei aqui a indicação do resultado a que chega o Author:

—Chronistas Móres na Lingua Portugueza, a respeito dos quaes não ha duvida.

Fernão Lopes. Começou a servir em 1434. Teve Carta em 1449;—Gomes Eannes de Azurára, Carta em 1459; Vasco Fernandes de Lucena, 1484; Rui de Pina, 1497; Fernando de Pina, 1525; D. Antonio Pinheiro, 1550; Francisco d'Andrade, 1593; Fr. Bernardo de Brito, 1614; João Baptista Lavanha, 1618; D. Manoel de Menezes, 1625; Fr. Antonio Brandão, 1644; Fr. Rafael de Jesus, 1682; José de Faria, 1695; Fr. Bernardo de Castello Branco, 1709; Fr. Manoel dos Santos, 1726; Fr. Manoel da Rocha, 1740; Fr. Antonio Botelho, 1745; Fr. José da Costa, 1747; Fr. Antonio Caldeira, 1755; Fr. Antonio da Matta, nomeado pela Senhora D. Maria I.

—Duvidosos, na Lingua Portugueza:

João Camelo; D. Pedro Alfarde, e mais Priores Claustraes de Santa Cruz de Coimbra, até 1460; Alvaro Gonçalves de Caceres; Duarte Galvão; Damião de Goes; Antonio de Castilho.

—Chronistas, na Lingua Latina:

Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, 1650; o Padre Antonio dos Reis, 1726; o Padre Estacio d'Almeida, 1738; o Padre Joaquim de Foyos, no reinado da Senhora D. Maria I. (João Baptista de Castro diz que fôra Diogo Mendes de Vasconcellos o 1.° Chronista de Portugal na Lingua Latina.)

—Chronistas, no Ultramar:

Diogo do Couto, por mercê de Pilippe I—India; Antonio Bocarro, Filippes—India; Diogo Gomes Carneiro, 1673—Brasil; Ignacio Barbosa Machado—Chronista de todas as Provincias Ultramarinas, 1725; Francisco Xavier da Serra—no reinado da Senhora D. Maria I.

—Escriptos a consultar:

Bibliotheca Lusitana—a cada nome dos supramencionados.
Hist. Geneal. da Casa Real Port.
Goes, Chron. d'ElRei D. Manoel.
Barros, Decadas.
Chancellaria de diversos reinados—Torre do Tombo.

——MEMORIA SOBRE A MATERIA ORDINARIA PARA A ESCRITA DOS NOSSOS DIPLOMAS, E PAPEIS PUBLICOS—por *José Anastacio de Figueiredo*. 1791.

De algum modo interessa á Historia Litteraria indagar a materia em que escrevião os nossos antepassados, e embora não fosse mais do que uma curiosidade esta indagação, teriamos por conveniente mencionar esta Memoria, que aliàs tem todo o cabimento na Diplomatica e na Legislação.

Limitando-nos ao tempo dos Gregos e dos Romanos, vemos que a materia mais ordinariamente por elles empregada, para a escripta, era o papel egypcio, preparado e fabricado com as tunicas e laminas da casca da planta papyrus (uma especie de *Cyperus* ou junça), que lhe deu o nome. Este papel era branco, como o de que usâmos hoje, e pouco se differençava d'este. No oitavo ou nono seculo, começou a fazer-se uso do papel de algodão, ou bombycino, abandonando-se insensivelmente o do Egypto, por um principio de mui natural economia. O que succedeu assim no Oriente, tornou-se mais forçoso no Occidente, desde que, por industria dos Francezes, se entrou a fabricar o papel de trapos e pannos velhos; de sorte que todas as outras materias ficárão em esquecimento, á excepção do pergaminho.

O pergaminho foi inventado pelos Reis de *Pergamo*, donde tomou o nome, por lhes faltar a *charta* ou *papel*, quando Ptolomeu destruío todos os *Papyrus*, e registos, que se fazião no Egypto. Sendo o pergaminho feito, como ainda hoje, de pelles de animaes curadas, foi facil perceber o quanto era mais duravel do que o papel feito de pannos e trapos velhos; como, porém, este

ultimo tambem promettesse duração, generalisou-se o seu uso, reservando-se o pergaminho para escriptos que demandavão mais permanente consideração.

Consta que os livros do meado do seculo XII erão feitos de pelles de carneiro, bode, ou vitella, isto he, de pergaminho; ou de plantas orientaes, isto he, de papel egypcio; ou em fim de de trapos, *ex rasuris veterum pannorum.*

No Codigo das *Partidas* já se distingue quaes as Chartas que se deverião fazer em *pergaminho de coyro*, e quaes em pergaminho de *pannos* (papel). E como as *Partidas* forão mandadas traduzir pelo nosso Rei D. Diniz, e desde logo com authoridade de Leis subsidiarias entre nós, passou tambem para Portugal aquella distincção. Por documentos authenticos he sabido que no seculo XIV juravão os nossos Tabelliães na Chancellaria, que farião *primeiramente* as Notas das Cartas ou dos Instrumentos *em liuro de papel*, e que registarião *en bõos liuros de coyro* as Cartas, que fizessem e fossem de *firmidões* ou contractos; e quando os Instrumentos houvessem de sahir para fóra do Reino, fossem *ante notadas e registradas ẽ purgaminho de coyro;* mas quando fossem para o Reino, ou para ficar n'elle, as *registrassem ẽ papel.*

Por muito tempo, em Portugal e na Hespanha, foi o vocabulo *pergaminho* um termo commum para designar ambas as materias, de que se ficou usando, de sorte que para as differençar, era necessario dizer *pergaminho dé coiro*, e *pergaminho de papel*; no entanto já na Ordenação de D. Affonso V se distingue o *papel* do *purgaminho.* Mais tarde já as Leis não recommendão que se escrevão os documentos em pergaminho, ou em papel; passou a ser este negocio uma questão de prudencia, deixando-se ao arbitrio dos Escrivães, Tabelliães, e das Repartições Publicas o escreverem como entendessem mais seguro,—em pergaminho, quando os documentos devessem ter longa duração; em papel, quando se désse a hypothese contraria.—O author da Memoria termina dizendo que seria muito para desejar «que o pergaminho não tivesse ficado em tal desuso entre os Escrivães, e para os processos, porque até não seria tão facil o abuso, que contra a mente e espirito da Lei, e em muito vulgar prejuizo das partes, se está observando na venda dos mesmos processos, em razão da facil e mais multiplicada applicação, que delles se póde fazer, e não estarião os particulares perdendo a cada passo o seu direito, e não podendo liquidar os seus dominios, pela conservação

dos meios de a todo o tempo poderem reformar muitos Titulos e Sentenças.» —

Ácerca da doutrina d'esta Memoria, veja-se nas *Dissertações Chronologicas e Criticas* de João Pedro Ribeiro a Dissertação XI *sobre a materia dos documentos antigos*, tomo 4.°, parte 1.ª, pag. 34.

——MEMORIAS HISTORICAS DOS PROGRESSOS, E RESTABELECIMENTO DAS LETRAS NA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO EM PORTUGAL E SEUS DOMINIOS.—Vem no Tomo II, da Obra que tem por titulo—«Memorias Historicas, e Appendix segundo a disposição quarta da Collecção das Disposições do Superior Provincial, para a observancia e Estudos da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco.»—Lisboa 1794.

He obra do grande Cenaculo.

O Author quiz ser especialmente prestavel á sua Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco em Portugal, e por isso, diz elle, *trabalhei por desenterrar como de antigo, e arruinado sepulcro, especies litterarias desconhecidas, e crear em certo modo huma narração, que servisse de estimulo a nossos estudos, sendo mostradas as causas, e os effeitos dignos da imitação, ou da censura.*

Aponta as noticias litterarias que encontrou dos primeiros tempos da Congregação até ao fim do seculo XIII, no Cap. 1.°, e consagra depois o Cap. 2.° ás noticias relativas ao seculo XVI, o 3.° ao XVII, e o 4.° ao XVIII.

Supposto que o seu principal intento seja historiar os progressos, e restabelecimento das Lettras da Ordem Terceira, he comtudo certo que enlaça as suas investigações e noticias especiaes com as geraes do nosso paiz, e n'este sentido offerece grande interesse o seu livro, independentemente mesmo da conveniencia que ha de ter conhecimento da applicação e serviços litterarios d'aquella Corporação Religiosa.

As notas e os Commentarios que se lêem no fim da obra são muito interessantes, em geral, e tambem em especial com referencia á Historia Litteraria.

O Commentario 1.° dá noticia da Origem e Regularidade da Congregação; o Commentario 6.° contém noticias muito curiosas sobre as Capellanias móres, e traz no fim um Catalogo biographico e historico dos diversos Capellães móres das nossas armadas.

Terei occasião de mencionar novamente estas Memorias no segundo volume desta obra, quando tratar da resenha das Grammaticas, Diccionarios, etc. etc.

——Ensaio Historico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal.—Por *Francisco de Borja Garção Stockler*. París. 1819.

«O meu intento, diz Stockler na Introducção, he sómente delinear um breve quadro dos progressos mais notaveis das Sciencias mathematicas entre os Portuguezes; indicar ao mesmo tempo as causas que, nas principaes épocas da nação, concorrêrão a promover ou embaraçar a sua cultura.»

Fazemos menção d'esta Memoria, por isso que n'ella apresenta o sabio Stockler uma exposição do desenvolvimento, que teve a Instrucção Publica em Portugal nos diversos periodos da sua Historia.

A natureza destinou os habitantes de Portugal para constituirem uma nação industriosa, navegadora e mercantil, mas esta missão providencial não pôde ser desempenhada nos primeiros tempos da Lusitania, sob a dominação successiva dos Celtas, dos Gregos, dos Phenicios, dos Carthaginezes, dos Romanos, e dos Godos. Sob a dominação dos Arabes um pequeno raio de luz apparece no horisonte de Portugal; as sciencias e a navegação como que querem romper as trévas e a ignorancia; mas o subito clarão desvanece-se logo, e só por mui limitado tempo allumía e brilha. Constitue-se a Monarchia Portugueza; mas os nossos primeiros cinco Reis não podérão occupar-se das lettras, nem das sciencias, como forçados que forão a conquistar o paiz sobre os Mouros. Sóbe ao throno ElRei D. Diniz, e este,

Alcançada já a paz, aurea, divina

estabeleceu em o anno de 1290 a Universidade de Lisboa, que dezoito annos depois tansferio para Coimbra; mas n'essa Universidade estabelecem-se Cadeiras de Leis, Decretaes, Physica, Grammatica e Musica, e nenhuma para o ensino das Mathematicas.

D. Affonso IV, D. Pedro I, e D. Fernando, sustentárão sim com alguns privilegios e mercês a Universidade, mas não promovêrão o seu adiantamento.—D. João I não pôde, por muito occupado com a guerra da independencia, proteger efficazmente as lettras e as Sciencias. Teve, porém, illustres filhos, que muito

se occupárão d'esse empenho, e gloriosamente contribuírão para alargar a esphéra dos conhecimentos humanos, e dar começo aos descobrimentos maritimos.

Eis assoma o grande vulto do immortal Infante D. Henrique! Applica-se elle proprio ao estudo da Cosmographia e da Astronomia; familiarisa-se com os escriptos dos antigos, e particularmente com os de Ptolomeu; vai estabelecer-se em Sagres; chama para junto de si o famoso nautico e geographo Jacome de Malhorca; ajuda-se, *talvez*, do saber de Martim Behaim, [1] e á força de prodigios de actividade e de perseverança abre o caminho á sciencia da navegação, e aos progressos da humanidade na carreira da civilisação.

D. Affonso v herdou de seu Sobrinho o gosto das Sciencias, e particularmente se applicou ao estudo da Astronomia.

D. João II promoveu efficazmente a sciencia da navegação, e entre outras diligencias, que honrão a sua Memoria, congregou uma companhia de homens de lettras, os mais distinctos que havia n'este Reino, encarregando-os de simplificar os instrumentos e methodos usados na pratica da Cosmographia, e de imaginar outros para o aperfeiçoamento da sciencia, e facilidade dos descobrimentos maritimos. D'essa companhia fazião parte os mestres José, e Rodrigo, medicos d'ElRei, Martim Behaim, D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, e o licenciado Calçadilha, Bispo de Vizeu, os quaes se reunião em casa de Pedro de Alcaçova.

De ElRei D. Manoel diz a Historia quanto basta para conhecermos o que lhe deve a Sciencia e a pratica da navegação. Este afortunado Monarcha estabeleceu no anno de 1518, na Universidade de Lisboa, uma cadeira de Astronomia, de que fez mercê a mestre Filippe, seu medico.

Entre os Astronomos celebres d'aquelle reinado, cita Stockler o Raby Abraham Zacuto; D. Francisco de Mello, primeiro Bispo eleito de Gôa.

No reinado d'ElRei D. João III começa a a fazer-se conhe-

[1] Muito de proposito puz *talvez*, apesar da confiança que deposito no saber do Stockler, pois que n'esta parte me parece ter-se enganado completamente o author do *Ensaio Historico*. O Infante D. Henrique falleceu em 1463, e Behaim só chegou a Portugal em 1481, estando ainda no throno o Senhor D. Affonso v.—Veja-se a interessante *Memoria sobre Martim de Bohemia* por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, tomo 8.º das Memorias de Litt. Port.— He muito curiosa a vida de Martim de Bohemia, e inspira bastante interesse o papel que esse estrangeiro representou nas nossas cousas.

cido o immortal Pedro Nunes, de cuja vida, empregos e obras, se occupa mui detidamente o sabio Stockler.

O nome de Manoel de Figueiredo, que os sabios estrangeiros contão no numero dos Mathematicos Portuguezes dignos de memoria, não he considerado por Stockler como sendo recommendavel por justificados titulos; mais merecedor julga elle de honrosa duração o nome de André de Avellar, que no anno de 1592 entrou no exercicio de lente da cadeira de Mathematica da Universidade de Coimbra.

Os discipulos mais notaveis de Pedro Nunes forão o Infante D. Luiz, filho d'ElRei D. Manoel, e o famoso D. João de Castro, bem como, provavelmente, Frey Nicoláo Coelho do Amaral, religioso Trino.

Nos reinados d'ElRei D. Sebastião, e nos dos Filippes, cahírão os estudos das Mathematicas no maior abatimento. No reinado do Senhor D. João IV merecem especial menção, nas Mathematicas, o Principe D. Theodosio, o Conde da Ponte e Marquez de Sande Francisco de Mello e Torres, e Leonis de Pina e Mendonça.

O Senhor D. João IV confiou a Luiz Serrão Pimentel, discipulo que fôra do Cosmographo mór do Reino Antonio de Mariz Carneiro a direcção e ensino dos principios elementares da Arithmetica, Geometria e Trigonometria, indispensaveis aos officiaes engenheiros.

Na familia de Pimentel se perpetuou por largos annos o cargo de Cosmographo mór; seus dignos filhos, Manoel Pimentel e Francisco Pimentel, e Manoel de Azevedo Fortes, sustentárão o credito da escóla da Engenharia.

Nos collegios dos Jesuitas as Mathematicas estavão reduzidas a pouco mais do que aos conhecimentos puramente elementares, no tempo de ElRei D. João V, e nos primeiros annos do reinado do Senhor D. José, como o provão as obras dos Padres Manoel de Campos, Ignacio Monteiro, Euzebio de Veiga. Outro tanto póde dizer-se das obras astronomicas do douto Padre Antonio da Costa.—José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos, mandado pelo Senhor D. João V estudar aos paizes estrangeiros, patenteára um talento e pericia, que em breve encheu de admiração os Astronomos mais distinctos.

Por Alvará de 19 de Maio de 1759, foi creada a *Aula do Commercio* na Capital.

No anno de 1761 estabeleceu o Senhor D. José o *Real Col-*

legio dos Nobres, lançando mão, para o ensino das Mathematicas, de João Angelo Brunelli, e Miguel Antonio Ciera, que havia pouco tinhão voltado da America Meridional, da demarcação dos limites de nossas Possessões n'aquella parte do mundo. Por essa occasião foi tambem mandado vir de Italia o Sr. Miguel Franzini.

=«Mas em quanto estes habeis Professores, diz Stockler, desempenhavão dignamente as intenções d'aquelle Monarcha, o Sr. *José Monteiro da Rocha* e *José Anastacio da Cunha* caminhavão a largos passos a pôr-se em estado de merecerem o nome de Geometras. Um e outro fizerão tão patentes os seus talentos, e os progressos que havião feito nas Mathematicas, que quando o Soberano se propoz completar a reforma da Instrucção Publica de todas as classes do Estado, reformando os Estatutos da Universidade de Coimbra, ambos tiverão a honra de ser eleitos por elle, para de concerto com os Srs. Franzini e Ciera, crearem a Faculdade de Mathematica, que então se mandava estabelecer de novo na mesma Universidade.»

Pela Carta de Lei de 5 de Agosto de 1779, foi creada em Lisboa a Academia Real de Marinha, destinada ao ensino de um curso completo de Mathematicas, igualmente adaptado para servir de fundamento commum á navegação e ás architecturas naval, militar, hydraulica e civil; á sciencia das minas e á artilheria.

Em 1782 foi creada a *Academia Real dos Guardas-marinhas*, reformada depois por Carta Regia de 1796.

Em 1790 a *Academia Real de Fortificação, Artilheria e Desenho.*

Em 1784 tinha já sido estabelecida uma eschola de pintura e desenho de architectura civil, a cujos alumnos se impoz a obrigação de se instruirem nos principios elementares de Arithmetica e Geometria.

E ultimamente estabeleceu a Senhora D. Maria I a Academia Real das Sciencias, uma das classes da qual he particularmente destinada para as Sciencias exactas.

Em 1803 foi estabelecida na Cidade do Porto a *Academia Real de Marinha.*

No Capitulo IV daremos conta dos Estabelecimentos Litterarios da epocha actual.

Detivemo-nos com o *Ensaio* do sabio Stockler, por ser destinado a dar uma noticia do desenvolvimento da Instrucção Publica em Portugal. O assumpto he interessante, e entra no dominio da Historia Litteraria, com quanto não seja especial-

mente da Historia da Litteratura; mas a esta mesma convem muito o conhecimento do plano, direcção, e progressos dos estudos em geral.

As Notas do *Ensaio* são ricas de instrucção, e entre outros muitos elementos proveitosos, contém noticias biographicas de summo interesse.—As Notas relativas a Martim Behaim devem ser conferidas com a Memoria de Mendo Trigoso.

Pena foi que o sabio Stockler limitasse o termo do seu Ensaio á epocha do estabelecimento da Acad. R. das Scienc. de Lisboa, e não compozesse depois um segundo livro, no qual continuasse a historia das Mathematicas até ao seu tempo.

Terei occasião de fallar de novo sobre o *Ensaio Historico*, quando tratarmos da Critica Litteraria, por occasião de mencionar alguns artigos dos *Annaes das Sciencias e das Artes*.

Fôra grave descuido não mencionar, a proposito do *Ensaio Historico*, as eruditas *Memorias* de Antonio Ribeiro dos Santos *sobre alguns Mathematicos Portuguezes, e Estrangeiros domiciliarios em Portugal, ou nas Conquistas*, que se lê no tomo oitavo das Mem. de Litt. Port.—Antonio Ribeiro dos Santos termina as suas noticias com o reinado do Senhor D. João v. —Apresenta nos differentes reinados maior numero de Mathematicos do que Stockler. São muito bem escriptas estas suas Memorias, cheias de erudição, e respirão o mais enthusiastico interesse pelas cousas da patria; em todo o caso, porém, não podem ter o mesmo cunho de authoridade, que o *Ensaio Historico*, no que respeita á apreciação scientifica dos escriptos e merecimento dos Mathematicos.

Balbi, no seu *Essai Statistique*, fallando de Stockler, cujo merecimento exalta, diz que entre os titulos scientificos e litterarios por que he notavel, não menos se torna recommendavel *par son savant Essai Historique des Mathématiques en Portugal... qui peut servir de modèle pour la manière à employer pour écrire l'Histoire des Sciences.*

A fóra o *Ensaio sobre as Mathematicas*, cumpre mencionar tambem—Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Barão da Villa da Praia, etc.—1.° vol. sahiu á luz em 1805; o 2.° em 1826.—Lisboa.

Nas *Obras* de Stockler ha alguns subsidios para a Historia Litteraria, taes como os Elogios Historicos de D. Thomaz Caetano de Bem, e de Paschoal José de Mello Freire dos Reis.

CAPITULO II.

CONTINUAÇÃO DOS SUBSIDIOS QUE POSSUIMOS PARA A HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

> Jam apud omnés in confesso est, notitiam eorum, qui de re aliqua, cujusvis ea generis sit, scripserunt, esse omnino ad illius intellectum necessariam.
> MELLII. — *Hist. Juris. Civilis Lusit.*

PROSEGUIREI na resenha dos subsidios que possuimos para a formação da Historia da Litteratura Portugueza.

N'este Capitulo menciono algumas Memorias interessantes, que se encontrão nas Collecções da Academia Real das Sciencias de Lisboa,—a famosa *Bibliotheca Lusitana*,—e alguns escriptos modernos, muito recommendaveis, sobre a Historia Litteraria do nosso paiz.

——PRIMEIRO ENSAIO SOBRE A HISTORIA LITTERARIA DE PORTUGAL, DESDE A SUA MAIS REMOTA ORIGEM ATÉ O PRESENTE TEMPO, SEGUIDO DE DIFFERENTES OPUSCULOS, QUE SERVEM PARA SUA MAIOR ILLUSTRAÇÃO, E OFFERECIDO AOS AMADORES DA LITTERATURA PORTUGUEZA EM TODAS AS NAÇÕES — por *Francisco Freire de Carvalho*. Lisboa. 1845.

O benemerito Author divide a Historia Litteraria de Portugal em oito periodos. O 1.° remonta á idade mais antiga, e chega até á invasão dos Godos na Hespanha, pelos principios do seculo V;—o 2.° corre desde o seculo V até á invasão dos Sarracenos no anno de 714;—o 3.° desde 714 até 1139;—o 4.° desde 1139 até ao estabelecimento da Universidade Portugueza por ElRei D. Diniz no anno de 1290;—o 5.° desde 1290 até 1495, ou começo do venturoso reinado d'ElRei D. Manoel;—o 6.° desde 1495 até 1580;—o 7.° desde 1580 até 1720, ou fundação da Academia Real de Historia Portugueza;—o 8.° corre desde 1720 até aos nossos dias.

Esta obra, que, ao parecer, he propriamente destinada a demonstrar a sem razão com que alguns Escriptores estrangeiros têem tratado a nação portugueza, taxando-a de ignorante e de atrazada em todos os ramos dos conhecimentos uteis; esta obra, digo, he bastantemente noticiosa, e revela uma grande e bem digerida erudição. Além de muitos e bons elementos para a his-

toria especial da litteratura portugueza, contém tambem curiosas noticias ácerca da nossa Universidade, derivadas das *Not. Chron. da Univ. de Coimbra*, por Francisco Leitão Ferreira—das *Mem. mss.* de Figueirôa—do *Comp. Hist. da Univ. de Coimbra*, etc. No terreno em que se collocou o Sr. Freire de Carvalho, podemos affoutamente dizer que tratou muito bem os differentes periodos da nossa Historia Litteraria, e com especialidade o que diz respeito ao seculo XVIII.—O estimavel Author do *Ensaio* começou a escrever a sua obra nos principios do anno de 1814, como para encher de algum modo a lacuna que existia n'esta importante e rica parte da nossa historia, e que aliàs já tinha sido lamentada pelo insigne Paschoal José de Mello, quando disse: *Jure tamen iidem* (Lusitani) *reprehendendi, quod litterariam gentis suæ historiam, eam que tam egregiam, ac præclaram tam diu in situ, et oblivione jacere patiantur.* [1]—Todavia o *Ensaio* só sahio a lume no anno de 1845.—O douto Author deu á sua Obra o modesto titulo de *Ensaio;* e com effeito fôra impossivel a um só homem, e por em quanto, fazer um trabalho completo sobre a Historia Litteraria. Cabe-lhe, porém, a gloria de ser o primeiro que encetou a ardua tarefa, e tem direito á gratidão nacional por haver proporcionado alguns subsidios a futuros escriptores. (Vej. o excellente juizo critico inserto na *Rev. Univ. Lisb.* n.° 32 de 29 de Janeiro de 1846).

Ao *Primeiro Ensaio* uniu o Sr. Francisco Freire de Carvalho, por appendice, uma Memoria, que o Abbade Corrêa da Serra publicou em París no anno de 1804, escripta em francez, e agora vertida em portuguez pelo Sr. Freire de Carvalho, na qual o sabio Abbade dá conta dos progressos das Sciencias e das Bellas Letras em Portugal na metade do seculo XVIII.

Nos dez annos que decorrem de 1760 a 1770 melhorou ElRei D. José a Instrucção Primaria e Secundaria; fundou o Collegio dos Nobres; mandou plantar o magnifico Jardim Botanico de Ajuda, e deu principio a um Gabinete de Historia Natural; estabeleceu a Impressão Regia, com uma fundição de caracteres, que nos libertou em grande parte de comprarmos typos a estrangeiros; creou o Imposto do Subsidio Litterario para sustentação das Escholas.

Seguem-se a estes melhoramentos a reforma da Universidade, e a creação de Estabelecimentos Scientificos na Cidade de Coimbra.

[1] Hist. Jur. Civ. Lusit. Cap. 12.° § 113.° no fim das notas. Esta citação não vem completa no *Ensaio*.

ElRei D. José desceu á sepultura em 1777; Sua Augusta Filha, a Senhora D. Maria I, respeitou os grandes Estabelecimentos de Seu Pai, e Ella propria fundou outros de novo, e entre esses (por influencia do esclarecido Duque de Lafões, D. João de Bragança) a Academia Real das Sciencias de Lisboa, cuja historia e serviços o Abbade Corrêa da Serra expõe e desenvolve longamente.

Esta Memoria, que necessariamente havia de produzir grande effeito entre os Francezes, rehabilitando o conceito que os Portuguezes havião perdido nos paizes estrangeiros, onde erão considerados como um povo semibarbaro e ignorante; esta Memoria, dizemos, he interessante para a Historia Litteraria do nosso paiz na ultima metade do seculo XVIII, e maiormente annotada como está pelo Sr. Freire de Carvalho, e uma vez que se dê o desconto de ser escripta por um Portuguez, que havia tantos annos estava longe da patria.

José Corrêa da Serra foi um dos Portuguezes, que maior honra dérão a Portugal nos tempos modernos, tornando celebre e respeitado o seu nome na Europa e na America, pelo seu variado e profundo saber, por seus serviços á Sciencia, ás Letras, e á Patria.

=«O Sr. José Corrêa da Serra, fallando e escrevendo diversas «linguas da Europa, levava estes conhecimentos ao Grego mo«derno: sabia o Hebraico, o Grego e o Latim com a maior per«feição. Á sua grande erudição unia juizo discreto de a saber «applicar na devida conta; dotado de uma memoria prodigiosa, «e de não menos sagacidade, tinha o singular talento de saber «extrahir da combinação dos factos conclusões eminentemente «interessantes, assim da ordem physica, como da moral; escre«vendo com grande acerto e pureza, guardava estylo claro e «desempeçado.»=Tal he o modo por que termina o elogio d'este sabio o Academico Manoel José Maria da Costa e Sá.

Abstrahindo dos serviços que José Corrêa da Serra prestou ás Sciencias Naturaes, que não são da nossa competencia, faremos menção do grande impulso que elle deu aos estudos economicos em Portugal, como se vê do *Discurso Preliminar* que pôz á frente das *Memorias Economic s* da Academia Real das Sciencias de Lisboa; faremos menção das diligencias e zelosos cuidados com que suggerio e promoveu os trabalhos statisticos e os geodesicos do Reino,—o exame dos Cartorios de Portugal e de Hespanha por Socios da Academia,—os programmas para illucidação do

direito, historia e costumes nacionaes; faremos menção do particular cuidado que lhe mereceu a historia patria, recordando a interessante *Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza*, á frente das quaes escreveu um Discurso Preliminar, e a cada uma das peças, de que a Collecção consta, uma erudita Introducção. Até a Legislação patria lhe attrahiu a attenção, emprehendendo um Catalogo Chronologico, que depois foi ampliado por João Pedro Ribeiro.

Como subsidios para o conhecimento dos escriptos de José Corrêa da Serra, bem como dos serviços por elle prestados ás Letras, ás Sciencias, e aos interesses do nosso paiz, vejão-se os seguintes documentos:

—Elogio Historico de José Corrêa da Serra, recitado na Sessão pública da Acad. R. das Scienc. de Lisboa do 1.° de Dezembro de 1829, por Manoel José Maria da Costa e Sá.

—Memorias da Acad. das Scienc. *passim*.

—Memorias Economicas da mesma Acad.

—Collecção de Livros ineditos de Hist. Port. (Disc. Prel. e Intruducções).

Balbi, que tambem traz por appendice, em francez, o trabalho litterario de Corrêa da Serra, de que acima damos conta, vertido em portuguez pelo Sr. Freire de Carvalho, diz no tomo 2.° do seu *Essai Statistique* o seguinte a respeito de José Corrêa da Serra:

—«C'est un des botanistes les plus distingués de l'Europe, connu surtout par ses savants mémoires sur la botanique physiologique, qui sont insérés dans les Transactions philosophiques de la société royale de Londres et dans les Annales du Museum de París. C'est avec le secours de l'abbé Corrêa que le duc de Lafões fonda l'Académie des Sciences de Lisbonne, dont il fut élu Secrétaire perpétuel. C'est un des portugais modernes qui ont le plus voyagé, etc.»

——Antes da publicação do *Ensaio* de que acabâmos de fallar, sahio á luz em França um livro de grande merecimento, que muito faz ao nosso proposito, e vem a ser: Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal—par Ferdinand Denis. 1826.

O nome do Sr. Ferdinand Denis deve ser-nos tão caro, como se fosse o de um compatriota nosso, pelo serio estudo que tem consagrado ás nossas Letras, pelo enthusiasmo e quasi paixão com que ha pretendido rehabilitar a nossa fama no mundo civilisado, pelos relevantes serviços que em similhante carreira tem prestado a

Portugal.—Vendo elle que em França não era bem conhecida a Litteratura portugueza, e por outro lado, que não existe ainda a Historia Litteraria *d'esse povo extraordinario, que brilhou apenas por um instante, mas assim mesmo encheu o mundo com a sua gloria,* deliberou-se a apresentar um bosquejo d'essa Litteratura, tão ignorada, talvez tão despresada!—O illustre Litterato quiz ser apreciador justo, imparcial, verdadeiro, exacto... e para conseguir este grande *desideratum,* ei-lo que se entrega ao exame profundo de tudo quanto n'este particular póde fornecer-lhe luz, e encaminha-lo nas suas indagações. Folheia e estuda as *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*—as de *Litteratura Portugueza,* publicadas pela mesma—a *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado—o *Theatrum Lusitaniæ Litterarium* (Ms.) de João Soares de Brito—o *Diccionario da Lingua Portugueza,* publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa—as *Obras Poeticas* de Francisco Dias Gomes—os *Annaes da Sciencias e das Artes.* Não contente com estes subsidios, consulta os Authores estrangeiros que tratárão das nossas Letras, taes como: *Sismondi, Bouterweck,* o *Mercurio Estrangeiro, Linck, Duchâtelet,* e *Dumourier* (viagens), *Andrés* e *Balbi*; e a final lê os nossos Escriptores de diversos generos e seculos, para adquirir um cabal conhecimento do assumpto.—Possuidor de taes conhecimentos, e enriquecido com esses cabedaes, passa a apreciar o merecimento litterario dos portuguezes nos differentes periodos da sua vida nacional, e é então que muito sobresahem o vivo interesse, o sentido enthusiasmo que as nossas cousas lhe inspirão, a par de todos os requisitos de excellente critico.—E comtudo o maior merecimento do *Résumé* (aliàs tão recommendavel pelo methodo, doutrina, gosto e criterio) he o de demonstrar a indispensabilidade de um trabalho infinitamente mais extenso, desenvolvido e largo, talvez segundo o modêlo da inapreciavel obra de Ginguené.

——Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Chronologica —por *Diogo Barbosa Machado.* Lisboa 1741—1759.

A *Bibliotheca Lusitana* he a obra mais rica que possuimos em noticias biographicas e bibliographicas dos nossos Escriptores, e por esta razão ha de ser sempre consultada, com muito proveito das Letras.—O douto e incansavel Author aproveitou o *Thesaurum Lusitaniæ, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum,* do doutor João Soares de Brito; recorreu, com admi-

ravel paciencia, a todas as fontes de erudição que encontrou em varios manuscriptos, e a informações de pessoas competentes, e fez á Litteratura portugueza um relevante serviço, colligindo um vasto catalogo chronologico, historico, e critico dos Authores portuguezes, e das obras que compuzerão.—Um tal trabalho, porém, requeria essencialmente a mais apurada critica, e não parece ser esta a qualidade que mais sobresahe na obra de Barbosa, com quanto digna do mais subido apreço a muitos respeitos.

O Sr. Ferdinand Denis, fallando d'esta obra, diz: «Não esperemos de Barbosa uma critica interessante; conta a vida dos authores, apresenta a lista das suas obras, e transcreve o juizo critico que outros têem feito, e n'esta parte deve ser lido com toda a reserva, por isso que, de envolta com louvores imparciaes e illustrados, refere outros, que ou são devidos a mera contemplação, ou peccão por exagerados.» —*He necessario*, diz um philologo nosso, *desconfiar muito dos elogios em que costuma ser prodigo o author da* Bibliotheca. *Veja-se o nosso José de Sousa, que era um cego dado á poesia, e ahi se encontrará uma hyperbole a mais injuriosa á memoria do cantor da Illiada.* O mesmo philologo diz n'outra parte: *Não he seguro o author em as noticias da Litteratura grega, nas quaes, ainda ignorando a lingua, podia ser mais exacto.*—Na *Bibliotheca* notão-se muitos erros de datas, descuido aliâs que não deve ser estranhado severamente em obra de tal natureza e tão vasta.—No Diccionario da Academia é elogiada esta obra, como: *ntre nós primeira, e até agora unica no seu genero, digna da publica estimação, e sempre benemerita da Litteratura portugueza, por seu grande trabalho, indispensavel utilidade, copiosa lição, e experimentado prestimo.* Mais abaixo, porém, lê-se: *Se d'ella... algumas vezes nos apartámos, ou lhe advertimos alguns descuidos, he, ou por motivos que a isso nos obrigaram poderosos,... ou para que os taes descuidos, inevitaveis em uma tão longa obra, se emendem para o futuro em beneficio commum.*—Da Bibliotheca fez um *Summario* ou *Resumo* o professor Bento José de Sousa Farinha, que muito util se torna aos que não possuem a obra completa.

No erudito Prologo diz Machado, depois de mencionar todos os trabalhos da historia Litteraria de differentes nações: «Sendo a Nação Portugueza tão respeitada em todo o orbe Litterario pela profundidade com que he instruida em todas as sciencias, sómente lhe faltava para ultimo complemento da sua gloria pu-

blicar a Bibliotheca dos Authores, de que foi fecundissima Mãy.»

¿Quaes forão os subsidios de que se aproveitou Machado para a sua Bibliotheca?

1.° O Catalogo de seiscentos e setenta e sete Authores, por *Francisco Galvão de Mendanha*, (fallecido em 1627), a quem Severim de Faria chamou *grande benemerito dos Escritores Portuguezes.*

2.° Catalogo dos Escritores Portuguezes, por *Manoel de Faria e Souza.* Este Catalogo constava de 823 Authores,—em quanto que o impresso da 4.ª Part. Cap. 18 do Epitome de las Hist. Portug. consta unicamente de 206.

3.° Theatrum Lusitaniæ Litterarium, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum, por *João Soares de Brito.* (Este mss. pára na Bibliotheca Imperial de París, e contém 876 nomes).

N. B. Todas estas obras manuscriptas foram officiosamente subministradas a Machado, e dellàs tirou o conveniente partido para a sua *Bibliotheca.*

4.° Succinta noticia dos principaes Authores, que florecêrão em Portugal.... por *D. Francisco Manoel de Mello.*

Vem na 1.ª Carta da 4.ª Cent. das suas Cartas Familiares.

5.° Noticia dos Authores Portuguezes, por *João Franco Barreto.* (Vej. Elogio de Achilles Estaço, e o Agiologio Lusitano, 3.° tomo).

6.° Machado vio tambem 4 vol. mss. do Jesuita *Francisco da Cruz*, «onde, diz elle, confusamente estão lançadas as noticias, e muitas vezes em diversos logares repetidas.»

N. B. Todos os trabalhos citados são antériores ao seculo XVIII.

Dos trabalhos historico-litterarios do seculo XVIII aproveitou Machado todos os escriptos especiaes das differentes Religiões, colhendo delles todas as noticias que fazião ao seu proposito.

Alem das Obras impressas, e dos manuscriptos que encontrou nas Bibliothecas, confessa Barbosa ser devedor de interessantes noticias a diversos Religiosos, seus contemporaneos, os quaes «attendendo igualmente pela gloria da Patria, e da sua Religião» lhe communicárão importantes apontamentos.

Machado tinha tencionado escrever em Latim a *Bibliotheca*, e parece que havia já composto uma grande parte n'essa lingua; felizmente, porém, mudou de opinião, e resolveu escrevê-la em

portuguez *para que a utilidade, que se póde colher da lição d'esta obra, fosse a todos patente.*

O modo por que Machado comprehendeu o destino e o alcance da *Bibliotheca*, he por elle manifestado no typo que concebeu para taes obras, e he o seguinte:

«N'ellas se fazem patentes as Patrias, que illustrárão com seus nacimentos, como os logares que forão religiosos depositos das suas cinzas. Relatão-se as acções memoraveis das suas vidas para documentos exemplares da vida moral, e politica. Com a luz sempre clara da chronologia se desterrão as sombras dos anacronismos, que confundem a verdadeira epocha dos annos. Restitue-se ao seu verdadeiro Author a obra injustamente uzurpada pela affectada Sciencia dos Plagiarios. Defende-se com fundamentos solidos o berço em que se animárão alguns de seus illustres filhos contra a opinião mal fundada de outras Nações ambiciosas de tão grande gloria. Apparece justificada a innocencia de outros, falsamente accusada no Tribunal da maledicencia. Declara-se o nome de muitos, modesta ou maliciosamente occulto, e com enigmaticas figuras de anagrammas, e letras iniciaes disfarçado. Resuscitão das urnas dos Archivos as obras mss. a quem a Arte Typographica negou o beneficio da luz publica. Ultimamente se assignão as diversas impressões de cada livro, e qual d'ellas seja a mais correcta e estimavel. Esta he a universal anathomia de uma Bibliotheca dividida nas partes organicas, que lhe formão o corpo, de cujo estudo forão Professores em todas as idades os primeiros Varões da Republica Litteraria, escrevendo uns genericamente a noticia dos Authores eminentes em diversas Faculdades, e naturaes de differentes Paizes; outros, contrahindo-se a menor esphera, applicárão as suas vigilias nos elogios de uma sagrada familia, ou illustre Nação, querendo com este obsequio eternisar as glorias da Mãe, de que nacêrão espiritualmente para o Céo, e temporalmente para o Mundo.»

Tratando-se de uma obra tão importante, como he a *Bibliotheca Lusitana*, julgo indispensavel fornecer aos Leitores a maior somma de esclarecimentos.—Além do juizo critico, já transcripto acima, do Sr. *Ferdinand Denis*, lançaremos aqui o mais que a respeito de *Barbosa* pondéra aquelle illustre Litterato:—«C'est un des Auteurs que l'on peut consulter avec sécurité, quand on s'occupe de la Littérature Portuguaise: en général, ses documens sont exacts, et ils sont fort nombreux. Comme il parait

avoir eu à sa disposition les ouvrages manuscrits de différentes Bibliothéques, il fournit une foule de détails précieux ignorés des autres biographes. La Bibliothéque Lusitanienne n'est pas assez fréquemment consultée, et il serait à souhaiter qu'elle guidât plus souvent les biographes français, quand il s'agit du Portugal. Barbosa a cependant adopté un plan qui ne rend pas son ouvrage aussi commode que nos dictionnaires historiques, surtout pour les étrangers; au lieu de procéder par ordre alphabétique, en désignant les noms de famille, il commence par la longue suite de noms de baptême de chaque écrivain; il est vrai que le biographe à la fin de son immense ouvrage a offert une espèce de compensation à ce système fatigant, en formant des listes d'auteurs, selon le genre de Littérature auquel ils appartiennent; de cette manière, ou peut embrasser d'un coup d'œil les poètes, les polygraphes; malheureusement ce travail est fort incomplet, puisque le numéro de la page ou il est traité de chaque écrivain ne se trouve point indiqué. » (Résumé de l'Histoire Littéraire de Portugal.)

O insigne Paschoal José de Mello, fazendo aliás o devido elogio ao Author da *Bibliotheca Lusitana*, termina comtudo assim: *deinde eo vitio laborat (dicam fidenter quod sentio, id que fatentur Litterati omnes) quod Scriptores omnes promiscue, et sine delectu laudat, quod non nullos indignos, qui nominentur, refert, et quod omnibus, summis pariter atque infimis, pares laudes attribuit.* Hist. Jur. Civ. Lus. Cap. 12. § 113. 2.ª nota.

——Diccionario da Lingua Portugueza — publicado pela *Academia Real das Sciencias*. Lisboa. 1793.

Citâmos esta Obra importantissima, não obstante tratarmos da Historia Litteraria, por isso que alli se encontra um erudito e curiosissimo Catalogo de Authores Portuguezes, que se lêrão, e de que se tomárão as authoridades para a composição do mesmo Diccionario. Este precioso Catalogo, que deve considerar-se como um supplemento á *Bibliotheca*, trata mais das Lettras e Sciencias dos Authores, do que de suas vidas e acções particulares, e ainda com mais especialidade se occupa do tocante á pureza e elegancia da Lingua Portugueza. Como curiosidade da nossa Historia Litteraria, permitta-se que aqui transcrevâmos o que a respeito da composição do *Diccionario* disse, em Sessão de 22 de Janeiro de 1843, o illustre Secretario perpetuo da Academia, o Sr. Joaquim José da Costa de Macedo: — « Tres homens commetteram a em-

«preza, que occupou na França, por espaço de quarenta annos, «quarenta homens para ella pensionados; e a Academia imprimiu, «em 1793, o 1.º volume do Diccionario da Lingua Portugueza, «cuja vastidão colossal não teve prototypo, nem imitador, e que, «segundo a opinião dos Sabios estrangeiros e nacionaes, que têem «voto na materia, é um dos maiores monumentos da nossa Lit-«teratura. Tres homens sós o concluirão, e tal foi a generosi-«dade de sua briosa dedicação ao serviço da Academia, que até «lhe fizerão o sacrificio da gloria que podião alcançar por suas «tarefas, não querendo que a Nação soubesse a quem devia um «trabalho que se publicava em nome da Academia. Tres homens «sós, que por premio se contentarão com um exemplar do Dic-«cionario, como recebeu qualquer outro Socio; e dois dos quaes «(os Srs. Agostinho José da Costa de Macedo, e Bartholomeu Igna-«cio Jorge) cegaram, em consequencia das fadigas insanas com que «um capricho fatal os fez levar ao cabo o proposito que tanto «havião tomado a peito; e o outro (o Sr. Pedro José da «Fonseca), a quem se deve o primeiro pensamento d'esta «grande Obra, para não perecer á mingua, nos ultimos annos «de sua vida, foi necessario que a Academia o soccorresse, a «titulo de compra de alguns livros, por não offender o seu me-«lindre.»

Quantas e quão amargas reflexões não suscitão estas poucas, mas bem significativas palavras!

Mais adiante farei novamente menção d'este Escripto, quando indicar os trabalhos *bibliographicos*, e quando depois tratar da *Critica Litteraria*.

——Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza —pelo *Sr. João Baptista Leitão de Almeida Garrett.*

Ao lêr este precioso trabalho de um dos mais talentosos Litteratos de Portugal, acode logo ao pensamento o Elogio de Plutarcho, por Thomas: — «Évoque devant moi les grands hommes, *je veux les voir* et converser avec eux, etc.» — O Sr. Garrett, depois de algumas considerações sobre a nossa Lingua, começa a fazer desfilar ante o Leitor os grandes vultos dos nossos Poetas, e do modo mais energico e imaginoso nol-os dá a conhecer, apresentando-nos uma luminosa noticia das suas producções, as quaes avalia com a mais fina, atilada e judiciosa critica.

Terei occasião de mencionar novamente o *Bosquejo*, quando tratar da *Critica Litteraria*.

——Bosquejo historico de Litteratura Classica Grega, Latina e Portugueza, para uso das Escholas—pelo *Sr. A. C. Borges de Figueiredo.* 1844.

O Sr. Figueiredo, considerando a Historia Litteraria como *um dos poderosos meios de apurar o gosto da mocidade dedicada ás Lettras, inspirando-lhe, com a admiração dos modêlos, o desejo de os estudar directamente,* reconheceu a indispensabilidade de um livro elementar d'esta disciplina, e deu-se ao louvavel trabalho de traçar o *Bosquejo.*—He pois este livro uma obra elementar, e por esse motivo muito resumido. Sobresahem todavia n'esta recommendavel producção o methodo, a clareza de exposição, e a segurança de boa doutrina. (Deve notar-se que mencionâmos esta Obra unicamente a respeito da parte em que trata da Litteratura Classica Portugueza.)

——Noticia succinta dos Monumentos da Lingua Latina, e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma—por *José Vicente Gomes de Moura.* Coimbra. 1823.

Com quanto esta riquissima Obra tenha por assumpto especial a Litteratura Latina, encerra todavia bastantes elementos, que podem ser aproveitados para a nossa Historia Litteraria, como por exemplo, interessantes noticias sobre os Latinistas Portuguezes, sobre os Diccionarios Latinos-Portuguezes, e Portuguezes-Latinos, sobre os Grammaticos Portuguezes, afóra um grande numero de bons principios sobre a Litteratura em geral. Mais de uma vez terei occasião de commemorar esta interessantissima obra.

——Memoria sobre o Theatro Portuguez—por *Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato.*

Esta Memoria he digna do seu illustre Author, e contém mui judiciosas e apuradas noticias sobre a historia da nossa Litteratura Dramatica.—Nos primeiros quatro seculos da Monarchia não se encontrão vestigios de Theatro Portuguez. O primeiro trabalho, verdadeiramente dramatico, data do anno de 1502, e é composição do famoso Gil Vicente.—O Sr. Trigoso concede aos estrangeiros a prioridade dos seus Theatros nacionaes, com tanto que se lhe conceda que os primeiros, que entre elles promovêrão este ramo de Litteratura, não tiverão uma influencia duradoura nos Authores dramaticos das suas, ou das

estranhas Nações, como succedeu ao nosso Gil Vicente, o qual, não só foi admirado e applaudido dos contemporaneos, mas fixou o gosto e interesse publico pelas representações dramaticas, mostrou á Europa a insufficiencia das traducções e imitações servís dos antigos Gregos e Romanos, estabeleceu um Theatro Nacional, *e foi o Mestre de cuja Eschola sahio Lope de la Vega.*

——MEMORIA SOBRE O ESTABELECIMENTO DA ARCADIA DE LISBOA, E SOBRE A SUA INFLUENCIA NA RESTAURAÇÃO DA NOSSA LITTERATURA—por *Francisco Manoel Trigoso d' Aragão Morato.*

Não tinha sido possivel destruir, ainda no espaço de mais de um seculo depois da restauração de Portugal, *o pernicioso gongorismo.* Eis que no anno de 1756 se alevanta a *Arcadia,* Sociedade Litteraria, que se propoz a formar uma Eschola de bons dictames e de bons exemplos em materia de eloquencia e de poesia, que servisse de modêlo aos mancebos estudiosos, e diffundisse por toda a Nação o ardor de restaurar a antiga belleza d'estas esquecidas Artes.—Esta memoravel Sociedade tomou o nome de uma das Provincias da Grecia antiga, mais afamada pela Poesia e pela Musica, a *Arcadia*: chamou *Monte Menalo* o logar das suas conferencias; cada um dos seus Socios, na qualidade de *Arcade,* adoptou um nome pastoril; tomou por empreza *um meio braço, pegando em um podão,* com a epigraphe «inutilia truncat»; e finalmente sujeitou-se ás disposições de prudentes e bem traçados Estatutos.—Os mais illustres dos Arcades forão os seguintes: Antonio Diniz da Cruz e Silva (Elpino Nonacriense); Pedro Antonio Corrêa Garção (Coridão Erimantheu); Francisco José Freire (Candido Lusitano); Manoel Nicoláu Esteves Negrão (Almeno Sincero); Domingos dos Reis Quita (Alcino Micenio).—Lamentâmos não poder acompanhar o sabio Author d'esta Memoria em toda a sua luminosa exposição; cumpre-nos, porém, recommendar a sua leitura, como fornecendo interessantes noticias para a nossa Historia Litteraria.

——Memoria com o titulo: DAS ORIGENS E PROGRESSOS DA POESIA PORTUGUEZA—por *Antonio Ribeiro dos Santos.*

Trata primeiramente da introducção do uso da poesia na Hespanha primitiva, e particularmente na Lusitania, e por esta occasião menciona a memoria honrosa que, no tracto das bellas-artes, deixárão de si os turdetanos e os callaicos, descendentes dos celtas, e herdeiros do gosto de poetar, assim como dos exer ci-

cios da musica e da dança, em que os celtas sobresahião; sendo, porém de notar que d'esses primitivos tempos não ficou á posteridade, nem monumento algum da sua poesia, nem memoria do nome de alguns de seus poetas.—Trata depois do uso da poesia hespanhola nos tempos da dominação dos romanos, dos wisigodos, dos arabes, em cujo periodo muito florecerão os exercicios poeticos, embora não chegasse até nós monumento algum da poesia dos nossos maiores, salvo algumas composições metricas no latim barbaro d'aquella edade.—Tratando finalmente da poesia portugueza nos seculos XII e XIII, o Author não fixa ao certo a sua primeira epocha, mas conjectura que a poesia começou logo de figurar nos primeiros tempos da monarchia, isto he, no meado do seculo XII, contribuindo muito, no seu conceito, para que Portugal désse logar e honra á cultura da poesia, o exemplo que nos havia ficado dos arabes, o de differentes nações e provincias d'aquelle tempo, como a Allemanha, a Catalunha, Valencia e Aragão, a Provença e provincias meridionaes da França, e particularmente o maior trato e communicação que mantivemos com a Galliza, affeita desde a mais alta antiguidade ao exercicio de trovas e cantares.

—Temos tambem duas Memorias: a primeira SOBRE AS ORIGENS DA TYPOGRAPHIA EM PORTUGAL NO SECULO XV., e a segunda SOBRE A HISTORIA DA MESMA NO SECULO XVI—por *Antonio Ribeiro dos Santos.*

Entra na esphera da historia litteraria de qualquer paiz a noticia da introducção e progressos da Typographia; e por isso houvemos por conveniente fazer honrosa menção d'estas duas Memorias, que tendem a esclarecer uma parte muito interessante dos annaes das nossas lettras.—O Author tem por muito provavel que foi Portugal das primeiras provincias, fóra de Hollanda e Hespanha, que recebêrão a arte typographica, podendo datar-se a sua entrada no nosso Reino pelos annos de 1464 ou 1465.—Menciona o Author os diversos generos da typographia, que entre nós houve nos seculos XV e XVI; as cidades em que se estabelecêrão officinas typographicas; os impressores estranhos e nacionaes que então tivemos; as obras que sahírão d'esses prelos; o merecimento typographico das edições de Portugal, ornato, divisas ou marcas, ou cifras dos impressores.—Crê-se que a cidade de Leiria não só tivera officina typographica, antes mesmo que a capital do Reino, mas fôra a primeira

em toda a Hespanha que recebêra e exercitára a Typographia.— Na primeira Memoria dá o author uma interessante noticia ácrca do famoso e raro *Livro de vita Christi*, impresso em Lisboa no anno de 1495 *per os honrados meestres e parceyros Nicoláo de Saxonia e Valentino de Moravia.*—Seguem-se ás duas Memorias dois Appendiccs: o primeiro trata dos privilegios e honras dos impressores de Portugal; o segundo dá uma breve noticia das cidades, villas e logares onde houve typographia nos seculos XVII e XVIII.

——Temos uma Memoria com o titulo: Do COMEÇO, PROGRESSOS, E DECADENCIA DA LITTERATURA GREGA EM PORTUGAL DESDE O ESTABELECIMENTO DA MONARCHIA ATÉ AO REINADO DO SENHOR D. JOSÉ I—por *Fr. Fortunato de S. Boaventura.*

A Litteratura Grega foi professada e estudada com grande esmero entre nós, depois que a tomada de Constantinopla (1453), e a consequente queda do Imperio Grego, trouxerão á Italia illustres Sabios, que alli despertárão o gosto das Letras gregas, e resuscitárão na Europa culta d'esse tempo as obras immortaes de Homero e Pindaro, de Euripides e Sophocles, de Xenofonte e Thucidides, de Socrates e Platão.—O periodo mais florescente da Litteratura Grega em Portugal he o dos fins do seculo XV, e quasi todo o seculo XVI. Desde os fins do seculo XVI até ao meado do seculo XVIII decahe sensivelmente esse ramo das Humanidades, até que no reinado do Senhor D. José I, graças ao illustrado e transcendente espirito do grande Pombal, vêem os portuguezes um rapido clarão de renascimento dos estudos da Lingua Grega, clarão que, por máo fado se tem ído apagando quasi de todo.—N'esta Memoria são mencionados os nomes de um grande numero de portuguezes, que até ao reinado do Senhor D. José I se tornárão notaveis pelos seus progressos na Litteratura Grega, e enriquecêrão as nossas Letras com differentes traducções e escriptos diversos n'este genero.

——MEMORIA SOBRE O COMEÇO, PROGRESSOS, E DECADENCIA DA LITTERATURA HEBRA'CA ENTRE OS PORTUGUEZES CATHOLICOS ROMANOS DESDE A FUNDAÇÃO D'ESTE REINO ATÉ AO REINADO D'ELREI D. JOSÉ I—por *Fr. Fortunato de S. Boaventura.*

He no seculo XVI que mais floresce entre os portuguezes catholicos romanos a erudição hebraica, podendo citar-se os nomes de Fr. Francisco Foreiro, Fr. Jeronymo da Azambuja, Fr. Heytor

Pinto, D. Pedro de Figueiró, o sabio D. Jeronymo Osorio, e seu sobrinho do mesmo nome, bem como o de alguns jesuitas, etc. etc.—Note-se muito attentamente que esta Memoria he só relativa aos portuguezes catholicos romanos, por quanto a respeito da erudição hebraica dos judeus portuguezes largamente escreveu o academico Antonio Ribeiro dos Santos, cujas Memorias podem ver-se nas da Academia Real das Sciencias.—É muito de ponderar, que a circumstancia de haver o Concilio de Trento declarado a authenticidade da *Vulgata*, foi parte para que se tivesse em menos conta o estudo da Lingua Hebraica; mas he certo que o Concilio nem tirou, nem podia tirar aos textos originaes a sua divina inspiração e authenticidade.

——Temos uma Memoria com o titulo: De algumas particularidades com que se póde accrescentar e corrigir o que até ao presente se tem publicado sobre a vida e escriptos do chronista mór Fr. Bernardo de Brito—por *Fr. Fortunato de S. Boaventura.*

Nesta Memoria se encontrão curiosas e importantes noticias biographicas e bibliographicas ácerca de Fr. Bernardo de Brito, do qual diz, muito atiladamente, o author que *se por acaso não tem obtido a palma da exactidão historica.... merece por certo a da pureza da linguagem, e da clareza do estylo.*

Sobre o assumpto desta Memoria veja-se:

—Elogio do Doutor Frey Bernardo de Brito, Religioso de Cister, e Chronista Mór de Portugal, escripto em Evora a 2 de Abril de 1628—por *Manoel Severim de Faria.*

—Vida de Frey Bernardo de Brito, Monge Cisterciense, e Chronista Mór do Reino, escripta de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa—por *D. Antonio da Visitação Freire.* Lisboa 1806.

N. B. Quando mencionarmos este escripto, por occasião da Critica Litteraria, citaremos tambem uma Memoria de Antonio de Almeida ácerca dos erros historico-chronologicos da Chronica de Cister.

——Memoria sobre a vida do chronista mór, Fr. Antonio Brandão, e o que se póde accrescentar ao catalogo dos seus escriptos, que vem na Bibliotheca Lusitana—por *Fr. Fortunato de S. Boaventura.*

O erudito philologo diz á Academia, que, se ella acolheu tão

benignamente as noticias que lhe déra ácerca do chronista mór Fr. Bernardo de Brito, de melhor grado receberá as relativas a Fr. Antonio Brandão, chronista, por ventura, mais laborioso que o primeiro, e a todas as luzes mais exacto, e mais assistido das prendas que constituem o verdadeiro historiador.—Entra depois nos pormenores da biographia de Brandão, e, encarecendo o improbo trabalho a que o chronista se deú por espaço de dez annos, faz notar que elle examinára antigas inquirições, livros misticos, escripturas, doações, não só na Torre do Tombo, mas tambem nos cartorios principaes de Lisboa, e nomeadamente nos da Camara e do mosteiro de S. Vicente de Fóra. Na mesma memoria estabelece um bem delineado parallelo entre os dois chronistas Fr. Bernardo de Brito e Fr. Antonio Brandão, que merece ser lido, e he de bastante instrucção. Na segunda parte da memoria dá uma noticia circumstanciada dos escriptos do chronista, até ao presente desconhecidos, dividindo-os em tres classes: 1.ª opusculos proprios; 2.ª opusculos duvidosos; 3.ª monumentos consideraveis, que elle transcreveu por sua propria letra, ou fez transcrever por outrem. E para que se veja o quanto de interesse nos vae n'esta memoria, permitta-se-me transcrever aqui um formoso trecho da « Historia de Portugal » do Sr. A. Herculano, no qual, a proposito do desventurado Sancho, he eloquentemente engrandecido o singular merecimento de Fr. Antonio Brandão:=«A desgraça é expiação, e a expiação santifica « o desgraçado. Não seremos nós que iremos assentar-nos sobre « a loisa de um principe, que morreu na terra estrangeira, tra« hido, abandonado, coberto de vilipendios e de calumnias, para « resumirmos n'um julgamento final quaesquer illações desvan« tajosas, que, ácerca d'elle, se podessem deduzir da historia do « seu reinado. Punir com as provas na mão os seus hypocritas « inimigos, era um dever: era a compensação de quatro seculos « de desprezo, contra o qual *uma das mais nobres intelligencias, « que Portugal tem gerado, foi a primeira em protestar.* Nós, « que, na ordem dos tempos, como em tudo, estamos longe do « *illustre restaurador da historia patria,* não fizemos senão col« ligir os materiaes, que devem completar a grande obra de jus« tiça que elle encetára, porque, mais felizes, vivemos n'uma épo« cha, em que a inteira verdade dos factos e a liberdade do pen« samento é, emfim, respeitada.»=Admiraveis palavras, que revelão ao mesmo tempo, o *os magna sonaturum,* a sisudeza de um historiador grave, a generosidade de um homem verdadei-

ramente illustrado, não menos que o amor da justiça em beneficio de um escriptor benemerito!...

——Temos uma Memoria com o titulo: Do que se póde accrescentar ao que corre impresso na Bibliotheca Lusitana sobre a vida e escriptos do chronista mór Fr. Francisco Brandão — por *Fr. Fortunato de S. Boaventura.*

N'esta Memoria se encontrão noticias biographicas a respeito do Dr. Fr. Francisco Brandão, sobrinho do chronista mór Fr. Antonio Brandão, bem como uma noticia de varios apontamentos interessantes, que se descobrírão entre os seus papeis.

——Apontamentos para a historia civil e litteraria de Portugal e seus dominios, colligidos dos manuscriptos assim nacionaes, como estrangeiros, que existem na Bibliotheca Real de Madrid, na do Escurial, e nas de alguns senhores e letrados da côrte de Madrid — por *Joaquim José Ferreira Gordo* — Sendo ali enviado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa no anno de 1790.

N'estes apontamentos encontrão-se alguns subsidios (poucos) para a historia litteraria propriamente dita; abunda, porém, principalmente nos que respeitão á historia politica. — Cabe aqui louvar a Academia Real das Sciencias de Lisboa, por haver encarregado Monsenhor Gordo de ir examinar as bibliothecas e cartorios principaes de Hespanha, afim de adquirir conhecimento das memorias, documentos, e escriptos, de que houvesse de receber luz a historia politica, e ainda a litteraria, maiormente nos dois periodos da desmembração d'este reino do de Leão, e da usurpação dos Filippes.

——Memoria sobre os codices manuscriptos, e cartorio do real mosteiro d'Alcobaça — por *Fr. Joaquim de S.to Agostinho.*

N'esta Memoria alguns subsidios (poucos) se encontrão para a historia litteraria de Portugal.

——Poésie Lyrique Portugaise, ou choix des odes de Francisco Manoel, traduites en français, avec le texte en regard. Précédées d'une Notice sur l'Auteur, et d'une Introduction sur la Littérature portugaise.... — par *A. M. Sanè.* — París 1808.

Menciono esta obra, não debaixo do ponto de vista da tra-

ducção das Odes do nosso Francisco Manoel, mas sim pela noticia biographica e litteraria que M. Sané apresenta ácerca do illustre poeta portuguez, e pela Introducção sobre a Litteratura Portugueza.

A *Noticia* sobre Francisco Manoel he escripta com todo o calor da amisade e admiração que o author consagrava ao nosso compatriota, sem a menor quebra da veracidade dos factos.

A *Introducção* sobre a Litteratura Portugueza tem por objecto passar em revista os differentes periodos que a nossa lingua percorreu desde a sua origem, e dar um rapido esbôço dos principaes caractéres da litteratura portugueza. Não esperemos pois de M. Sané um largo desenvolvimento, nem um exame muito profundo da nossa historia litteraria; em compensação, porém, encontra-lo-hemos muito conhecedor das bellezas dos nossos melhores escriptores, e fino apreciador do merecimento da nossa Litteratura, sobre a qual, e sobre o progressivo desenvolvimento da lingua portugueza lança um olhar penetrante, e quasi sempre seguro.

Os portuguezes que lerem a obra de M. Sané não devem ser demasiadamente severos para com um estrangeiro, que fallava das nossas cousas, e a quem não admira escapar um ou outro erro. Assim, por exemplo, quando na *Introducção* falla da *Torre de Belem*, confunde-a com o Archivo, a que nós chamamos *Torre do Tombo*. Percorrendo o reinado de D. João II, diz M. Sané: *La fortification des places ne lui fut pas étrangère; car Garcia de Resende, attaché à son service, et son historien, nous assure qu'il avait dessiné, sous les yeux du Roi, le plan de la forteresse de Bélem, que le Roi Emmanuel fit construire sur le même modèle, et qui sert encore de* Dépôt des Archives, *dans le port de Lisbonne.*—Este e outros descuidos, bem como o modo errado de escrever os nomes de alguns Portuguezes, devem ser desculpados a um estrangeiro, que aliás dá mostras de ter estudado o assumpto de que se occupa, e pugna apaixonadamente pela gloria das cousas e das Lettras de Portugal.

——Memoria sobre a Litteratura Portugueza, traduzida do Inglez. Com notas illustradoras do Texto—por *J. G. C. M. (João Guilherme Christiano Muller.)*

Em 1808 foi publicado em Londres um Opusculo, que ti-

nha por titulo: — «Extractos em Portuguez e Inglez, com as palavras propriamente accentuadas para facilitar o estudo da Lingua Portugueza.» —

No anno seguinte (1809) appareceu no *Quarterley Review* do mez de maio, um artigo tendente a mostrar a insufficiencia do Opusculo, e a indicar o modo de apresentar um trabalho mais perfeito e instructivo naquelle genero de escriptos.

A traducção do artigo do *Quarterley Review* he pois o que constitue a Memoria de Muller, com o accrescentamento de notas suas.

A linguagem da traducção não he muito castigada, e afóra isso ha na *Memoria* muitos erros typographicos notaveis.

Essencialmente, porém, não deixa este trabalho de ser curioso, e até certo ponto interessante, por isso que o author dá noticia de algumas das nossas producções litterarias com o mais fino criterio. Na parte biographica mostra-se o author muito inteirado da vida dos nossos escriptores, nem lhe escapa mencionar as anecdotas, mais ou menos epigrammaticas, que a respeito de cada um delles se contão. O que se sabe de mais notavel ácerca de Sá de Miranda, Ferreira, Caminha, Diogo Bernardes, Castanheda, Barros, Conde da Ericeira, Domingos dos Reis Quita, Francisco Dias Gomes, etc. etc. — he referido pelo author, quasi sempre com muita graça, e por vezes com a mais fina sensibilidade, quando chega o caso de deplorar o infortunio de alguns escriptores nossos.

Supposto que tenhâmos hoje muitos mais elementos para apreciar devidamente a nossa Litteratura, do que tinha em 1809 o escriptor do *Quarterley Review*, he comtudo certo que ainda encontraremos no seu artigo algumas cousas aproveitaveis, e sobre tudo lucraremos em tomar nota de um certo modo de *julgar*, que he a feição caracteristica dos Criticos Inglezes. — Quando o author falla do *Feliz Independente* do Padre Theodoro d'Almeida, julga assim aquella producção litteraria = «Esta obra he «evidentemente producção de um entendimento sobre maneira «abastecido de conhecimentos, e rico de combinações; *se por «ventura porém a metade della se tivesse reduzido a bons ser«mões, teria a outra ganhado com esta separação. Nos termos «em que actualmente ella se acha, está a acção submergida em «discursos moraes.*» =

Fallando do nosso grande Vieira, diz assim: — «Nos sermões «de Vieira, um dos homens mais abalisados, acha-se d'envolta

«a mais fina rethorica com os mais fantasticos conceitos, que já-
«mais entrarão no juizo humano.» —

Entre as anecdotas, citaremos a seguinte, relativa a Quita: — «A sua Tragedia de D. Ignez de Castro appareceu, ha annos «a esta parte, na lingua ingleza, n'uma publicação intitulada «*Theatro Allemão*. O pobre Domingos dos Reis ficaria de certo «surpreso de se achar ali, e ainda mais de encontrar o titulo de «*Dom*, anteposto a seu nome, que foi justamente como se um «Francez traduzindo *Burns*, o quizesse exaltar com o titulo de «*Mylord*.

Veja-se, porém, o modo porque o author aprecía o facto de terem os Arcades admittido Quita como socio: — «Neste tempo «se instituío a Arcadia Portugueza, a fim de restaurar as Bellas «Lettras, e principalmente a Poesia, em um paiz, onde por tanto «tempo, e em tal excesso, havião jazido degeneradas. Faz a maior «honra aos que instituírão esta Sociedade o ser Domingos dos «Reis Quita, não obstante a sua humilde condição, unanime-«mente eleito por membro della. Houve todavia pessoas assaz «illiberaes, e invejosas, que se consolárão da inferioridade na-«tural de seus talentos, com reflexões satyricas sobre a pobreza «e officio mecanico de Quita, porém sua mofa não o injuriou, «nem lhe causou o menor pezar.» —

Ainda depois do que escreveu Stockler ácerca de Francisco Dias Gomes, como veremos adiante, no Cap. 3.° do Titulo 3.° desta *Resenha*, tem muito interesse o que o Author inglez diz ácerca do nosso philólogo. — «Desta maneira ficou estabelecido «Francisco Dias em uma loja de mercearia, em que os seus ta-«lentos se tinhão de occupar, durante a sua vida, na pratica das «operações mais communs da Arithmetica ordinaria; e em que, «a não sér elle dotado de constituição robusta, e de um vigor «extraordinariamente forte, estes e ainda maiores dons da natu-«reza, ou de todo succumbirião, ou aliás vegetariam em lasti-«mosa esterilidade. Deste modo deu logo o peco a seu genio «nascente, mas nem por isso largou o chão, ainda que sem nunca «medrar a arvore, que aos raios do sol, em um terreno proprio, «devia com viçosa fragrancia e fertilidade acurvar-se com lindas «flores, e sasonadas fructas, e continuou a existir em uma som-«bra abafadiça sem poder abrolhar, e ficarão as faculdades de «sua alma á maneira de uma criança, que posto recebesse da «natureza uma vigorosa compleição, desfalece todavia com o es-«casso e apoucado alimento da indigencia.» —

Em muitos pontos he deficiente o author inglez, e por vezes se torna insoffrivel em alguns juizos litterarios.

Resta agora indicar o subsidio que temos para o conhecimento biographico e litterario do traductor, João Guilherme Christiano Muller; e he o seguinte:

Elogio Historico de João Guilherme Christiano Muller — por *Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato* — Recitado na Assembléa Publica da Academia Real das Sciencias de 24 de Junho de 1815. (Tom. 4.° das Memorias da Academia.)

Fallando Trigoso do Ensaio sobre a Litteratura Portugueza, que Muller traduzio do *Quarterley Review*, e leu na Assembléa da Academia Real das Sciencias de Lisboa de 7 de Julho de 1810, diz o seguinte: — «Este Ensaio, que entre muitas reflexões assisadas sobre o merecimento dos nossos Classicos, tanto Poetas «como Prosadores, contém cousas muito pouco exactas, e algumas demasiadamente puerís, como he a preferencia que dá entre «os poemas portuguezes ao do Vieira Lusitano, não merecia a «honra de ser traduzido por um sabio, que bem estava capacitado da imperfeição daquella Obra; mas elle considerou-a debaixo de outra relação, qual era ministrar aos Portuguezes a «occasião de saberem o conceito, que então se formava em outros paizes cultos da Litteratura da sua Nação; e dar-lhes azo «de corrigirem os juizos de um Escritor estranho, que achou «todavia nossas producções litterarias dignas de estudo. Por isso «o Traductor querendo deixar este campo livre para nelle se «exercitarem os nossos Nacionaes, só cuidou em combater ou «illustrar nas notas aquellas cousas, que ácerca da mesma Litteratura estrangeira se havião escripto no Ensaio com demasiada parcialidade, ou precipitação: o que era hir desafiar o «inimigo nos seus mesmos entrincheiramentos, e offerecer-lhe «um novo genero de combate, que elle estava bem longe de esperar.» —

— Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal, para servir de Introducção ao Estudo do Direito Patrio — por *M. A. Coelho da Rocha.* — 2.ª Edição — Coimbra 1843.

Não pude resistir ao prazer de mencionar esta obra, que não só faz honra ao seu illustre author, mas acredita a Universidade

de Coimbra, de que foi digno Professor, e assignála, com grande distincção, os trabalhos litterarios da presente epocha.

O *Ensaio* versa sobre assumpto mais vasto do que aquelle que ora nos occupa; no entanto o douto e habil Professor, lançando os grandes traços da nossa verdadeira Historia, não se esqueceu de marcar os progressos da instrucção publica, e he neste particular que offerece alguns subsidios para a Historia da Litteratura, maiormente pelo facto de enlaçar aquelles progressos com o desenvolvimento da civilisação em Portugal.

O author seguio, na composição do *Ensaio*, a «Historia Juris Civilis Lusitani» de Paschoal José de Mello; mas supprio as ommissões desta obra, e desviou-se das opiniões em que este sabio Jurisconsulto, *para se accommodar ás idéas e circumstancias do tempo, e peso da censura sob que escreveu, poz de parte a philosophia, e judiciosa critica, que caracterisão os seus escriptos.*

O periodo que decorre desde a fundação da Monarchia Portugueza foi dividido pelo author em tantas epochas, quantas têem sido as mudanças de Dynastias entre nós; e cada uma dessas epochas foi dividida em artigos, nos quaes colligio os factos relativos á organisação social do nosso paiz. Um artigo de cada uma dessas epochas é consagrado á noticia do estado das letras, e da instrucção dos portuguezes.

CAPITULO III.

CONTINUAÇÃO DA RESENHA DOS SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

——Diversas Memorias sobre a Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes, nos seculos XV a XVIII—por *Antonio Ribeiro dos Santos.*

Na primeira Memoria diz o author, fallando dos Judeos Portuguezes:=«Em mui grande obrigação lhes estamos pelo muito que concorrêrão para o estabelecimento dos estudos em Portugal, porque em verdade lhes devemos em muita parte os primeiros conhecimentos da Filosofia, da Botanica, da Medicina, da Astronomia, e da Cosmografia; os primeiros rudimentos da Grammatica da Lingua Santa, e quasi todos os estudos da Litteratura Sagrada, que entre nós houve antes do seculo 16, e o que muito contribuío para se espalharem, e adiantarem esses nossos conhe-

cimentos, a introducção, ou polimento da Typografia Portugueza, maiormente Hebraica, com que naquelles tempos começámos de competir com as mais adiantadas nações de Italia e de Allemanha.» =

Antonio Ribeiro dos Santos recolhe nas suas Memorias as noticias, que a sua diligencia descobrio dos Judeos Portuguezes, que florescêrão nos estudos da Litteratera Sagrada, nos seculos 15 a 18, tanto em Portugal, como na Haya, em Amsterdão, em Londres, e em outros pontos da Europa.

——Ensaio de uma Bibliotheca Lusitana Anti-Rabbinica, ou Memorial dos Escritores Portuguezes que escrevêrão de controversia Anti-Judaica—por *Antonio Ribeiro dos Santos.*

O Author julgou, ao que parece, um dever de consciencia, depois de tanto se haver occupado da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes, apresentar o catalogo dos escriptores, assim portuguezes, como dos domiciliados em Portugal, que composérão obras, manuscriptas ou impressas contra o Judaismo. «Não, «são elles muitos, mas são os que bastão, ou para poder desar-«mar-se por seus escritos a incredulidade dos Hebrêos com maior «honra, e gloria do Senhor, ou para se mostrar ao menos, que «nossos maiores se não descuidárão da salvação do seu proximo, «com muito credito do nome Christão, e Portuguez.»

——Memoria sobre algumas Traducções, e Edições Biblicas menos vulgares, em Lingua Portugueza, especialmente sobre as Obras de João Ferreira de Almeida—por *Antonio Ribeiro dos Santos.*

O author pretendeu nesta Memoria encher uma lacuna, que existia neste ramo da nossa Hist. Litt. e Sagrada, apontando algumas Traducções e Edições menos vulgares dos Livros das Santas Escripturas, que havião sido feitas em portuguez, tanto no Reino, como fóra delle, ou por nacionaes, ou por estrangeiros.

Até João Ferreira A. de Almeida (ultima metade do seculo 17) a nossa rique a, no particular de que se trata, he muito pouco consideravel; podendo até asseverar-se que traducção regular dos livros sagrados foi o Almeida quem primeiro a fez na nossa lingua. Eis o juizo que Antonio Ribeiro dos Santos faz sobre o merecimento da Traducção de Almeida: «A sua linguagem, sobre ser muito propria e simples, qual convinha a tal obra,

he muito abastada de termos, e mui rica de expressões, encerrando em si hum bom thesouro do Vocabulario da Lingua Portugueza; quanto porém á Grammatica, algumas frases e maneiras ha, que não tem todas o sabor da nossa Lingua; parte por que Almeida se cingio muito estreitamente á trasladação litteral do texto grego, e á traducção hollandeza, parte por se haver acostumado á lingoa estranha do paiz, em que vivia. »

Entre nós não ha outra traducção dos Livros Sagrados, feita do texto grego, e neste sentido julga Antonio Ribeiro dos Santos que a de Almeida he interessante, « ou para se ver por ella o em que concordão, e o em que differem os dous textos authenticos, ou para se entenderem mais claramente os logares escuros da Vulgata, ou para se apanhar melhor o genuino sentido do texto original, aonde elle se não acha expressado na Traducção Latina com toda a sua força e propriedade. »

Mas Almeida era Calvinista!... A este reparo responde Antonio Ribeiro dos Santos: « A differença da Religião para que Almeida apostatou, não deve servir de obstaculo; cumpre distinguir o homem, e os seus erros, e separar o bem que fez, do mal que obrou. Deste temos a sua apostasia, que o fez criminoso; amemos porém as suas obras no que ellas são uteis, e dignas de estimação, etc. »

O author não mencionou as Traducções feitas em seu tempo, e apenas em uma nota allude á celebre Traducção do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, dizendo do illustre Theologo « que serão sempre diminutos os elogios, que se derem a seus escritos. »

——Memoria da Vida, e Escriptos de D. Francisco de Mello—por *Antonio Ribeiro dos Santos.*

D. Francisco de Mello nasceu em Lisboa em 1490, e falleceu a 27 de Abril de 1536. Foi a elle que se referiu Gil Vicente, alludindo aos conhecimentos cosmographicos e astronomicos, em que o illustre fidalgo adquirio nomeada, no famoso motête:

Esse Francisco de Mello,
Que sabe sciencia avondo,
Diz que o Céo he redondo;
E o sol sobre amarello;
Diz verdade, não lho escondo,
Que se o Céo fôra quadrado,
O Sol não fôra redondo.

A Memoria citada traz no fim uma relação de todos os nossos Escriptores, que fazem honrada memoria de D. Francisco de Mello; bem como apresenta a lista dos authores estranhos, que do mesmo D. Francisco fallão em suas obras.

——Memoria da Vida e Escriptos de Pedro Nunes— por *Antonio Ribeiro dos Santos.*

Conclue assim a Memoria:=«Tal foi Pedro Nunes, e taes as suas Obras, com que muito se ennobreceu a si, e a Portugal, homem de genio creador, nascido para as sciencias exactas, e sublimes; illustre Mathematico, em um tempo (seculo xvi) em que as Mathematicas principiavão a sahir das trevas, em que jazêrão tantos seculos; grande Cosmógrafo, em uma idade em que a navegação quasi guiada mais por praxes, e rumos, que por principios, começava vagarosamente a sujeitar-se ao imperio das Mathematicas, e á theorica das regras; e tão dado aos estudos da verdadeira Astronomia, como mostrou em muitas partes de suas obras, quão alheio daquella vãa Judiciaria, que ainda muito se inculcava no seu tempo: e o que sobre tudo o recommenda, homem que sendo tão profundo, era maior ainda por sua modestia, que por seu talento.»

No fim da Memoria vem uma relação dos nossos Escriptores, e dos estranhos, que fallárão do famoso Pedro Nunes.

N. B. Tanto a respeito desta Memoria, como a respeito da antecedente, veja-se o *Ensaio Historico sobre a Origem e Progressos das Mathematicas em Portugal, por Francisco de Borja Garção Stockler. Paris 1819,* e particularmente nas Notas 21, 22 e 31.

——Catalogo das Obras impressas e manuscriptas de Antonio Pereira de Figueiredo—por *Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato.*—Lisboa 1800.

He precedido de uma Prefação, na qual Trigoso dá conta dos obstaculos que teve a vencer, e dos subsidios a que recorreu para compôr esta Obra.

Segue-se um Index Chronologico da vida de Antonio Pereira de Figueiredo, extrahido de uma obra de mais vasto alcance, que Trigoso consagrou á vida e composições do illustre sabio, e tem por titulo: *Compendio da Vida e Escriptos de Antonio Pereira de Figueiredo.* Este ultimo trabalho não foi dado ainda á luz; mas vem mencionado nos *Apontamentos* do Sr. Conde do Lavra-

dio, como um dos mss. que Trigoso deixou entre os seus papeis, e he de crêr que, mais cedo, ou mais tarde, seja impresso, com grande proveito das Letras patrias. Trigoso leu attentamente, como declara no *Catalogo*, mais de cem diversas composições de Pereira, consultou immensas de outros authores, e mendigou informações de muitas pessoas, para escrever o *Compendio;* e ainda assim, ponderava no anno de 1800 que lhe restava muito que averiguar, muito que pulir, primeiro que a Obra chegasse a estado de poder apparecer: fundamento bastante para desejarmos com impaciencia a publicação do manuscripto, e esperarmos com toda a confiança uma obra acabada e muito interessante.

Antonio Pereira de Figueiredo nasceu nos principios do anno de 1725, e falleceu aos quatorze dias de agosto de 1797.

Nos fins do anno de 1752 publicou a primeira parte do seu *Novo Methodo*, e dessa epocha em diante não cessou jámais de enriquecer a sua patria com producções litterarias de diversos generos, como forão as obras que compoz sobre a Grammatica Latina e Latinidade, sobre a Rhetorica, Eloquencia e Linguagem Nacional, sobre a Historia, sobre Theologia e materias ecclesiasticas.

Entre as suas obras (sem fallarmos das grammaticaes e rhetoricas, e sem mencionarmos outras que forão publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa) avultão as seguintes: *Compendios da Vida, acções, escriptos e doutrina de Gerson; Compendio das Epochas; Elogios dos Reis de Portugal; Portuguezes nos Concilios Geraes; Tentativa Theologica; Demonstração Theologica; A Biblia Sagrada, traduzida em portuguez segundo a Vulgata Latina;* etc. etc.

Chegou a ter uma tão grande reputação de escriptor latino, que o Marquez de Pombal lhe mandou traduzir os *Novos Estatutos da Universidade de Coimbra*, notando-se estas palavras na Carta que o famoso Ministro lhe escreveu do proprio punho: *naquelle bom latim, em que Vossa Mercê costuma escrever.*

O Catalogo de Trigoso he um excellente subsidio para a Historia Litteraria de Portugal; sem comtudo tornar dispensavel o annunciado *Compendio.*

——Bibliotheca Historica de Portugal, e seus Dominios Ultramarinos. . . . . —por *José Carlos Pinto de Sousa.*— Lisboa 1801.

No Prologo da 1.ª Edição declara o Author quaes forão as

intenções que o guiárão, e qual o fim a que se propoz na composição desta obra.=«Estando eu, e alguns amigos certificados, pela propria experiencia, de que a falta de noticia de Escriptores, que tratem da Historia de Portugal, concorre em grande parte para a ignorancia desta, e para o atrazamento do seu conhecimento; afim de occorrer áquella, e precaver este, me deliberei a pôr a ultima mão á presente Bibliotheca Historica, etc.»—

Em 1801 publicou uma nova edição, mais enriquecida de noticias, e mais apurada. He esta a que temos á vista.

Na *Bibliotheca Historica* são mencionados os Escriptores, assim nacionaes, como estrangeiros, que escrevêrão em prosa ou em verso, a historia geral de Portugal, ou a particular de algum Rei, Principe, e Varão illustre; ou a de algum facto ou Estabelecimento especiaes; ou a de alguma Possessão, Cidade, ou Villa: quer as obras tenhão sido impressas, quer tenhão ficado mss.

Pelo Indice dos Authores, formado por ordem alphabetica, que vem no fim da Obra, he facil a cada um procurar, no corpo da mesma, a que lhe convier. Assim, por exemplo, quer o leitor saber o que escreveu sobre Historia *João Pinto Ribeiro;*—busca no Indice este nome, e pela indicação do n.° 291 vai encontrar a seguinte noticia: *João Pinto Ribeiro, natural de Lisboa, bem conhecido pela grande parte que teve na acclamação do Senhor D. João IV, de quem era Agente, foi Desembargador do Paço, e Guarda Mór da Torre do Tombo, escreveo: Injustas successões dos Reis de Castella, e de Leão, e Isenções de Portugal. Lisboa 1646. 4.°*—E á margem: *Morreu em 1649.*—Manda ver o n.° 370, e n'este ha a seguinte noticia: *João Pinto Ribeiro escreveo:* Usurpação, Retenção, e Restauração de Portugal. Lisboa 1642. 4.°—*Corre traduzida em italiano. Lisboa 1646. 4.°*

Figurando-se a hypothese de querer o leitor saber quem escreveu sobre tal ou tal assumpto historico, recorre ao segundo Indice, e ali encontra o numero remissivo, que o encaminha ao logar competente da Obra; se não preferir buscar em cada uma das quatro divisões da *Bibliotheca* o que particularmente lhe interessar.

Em alguns dos artigos dá Pinto de Sousa bastantes noticias biographicas dos authores, mas muito poucas de Critica Litteraria; as Obras são citadas com exactidão, e não he raro que se aponte a diversidade de opiniões sobre quem seja o verdadeiro author daquellas.

Consideramos a *Bibliotheca Historica*—como uma fonte de

noticias para a Bibliographia portugueza, e della se tem aproveitado mais de um escriptor dos nossos tempos, com quanto não possa dar-se-lhe, em quanto a asserções biographicas, todo o grão de authenticidade que uma tal obra demandaria.

——Apontamentos para o elogio historico do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato..... colligidos pelo *Conde de Lavradio*. Lisboa 1840.

Este trabalho biographico, não obstante o modesto titulo de *Apontamentos*, encerra o cabal elogio historico de Trigoso, e subministra elementos para a justa apreciação do merecimento de um tão grande homem. O Sr. Conde de Lavradio, acompanhando a vida de Trigoso desde os primeiros tempos da existencia até á morte, procurou fazer conhecido o seu protagonista debaixo de todos os aspectos, concluindo, e com justificada razão, por asseverar que foi Trigoso *um dos mais distinctos sobios da Nação, um dos mais eloquentes Oradores do nosso Parlamento, homem d'Estado, tão probo como esclarecido, e um dos mais virtuosos cidadãos dos nossos tempos.*

No fim dos *Apontamentos* inserio o sr. Conde de Lavradio o catalogo dos trabalhos litterarios de Trigoso, tanto dos que forão publicados em vida do author, como dos que ficárão mss.

Grande serviço prestou o Sr. Conde de Lavradio á Historia Litteraria de Portugal, ao mesmo passo que pagou um sentido tributo de admiração e de louvor á memoria do varão illustre, a quem os contemporaneos nem sempre fizérão justiça, nem a patria galardoou como o merecia um dos seus melhores filhos.

——Memorias para a Historia de Portugal, que comprehendem o Governo d'Elrey D. João v. Do anno de 1383, até o anno de 1433.—Escriptas pelo Academico *Joseph Soares da Sylva*. Lisboa 1730.

No Prologo, dando conta dos livros que consultou para a composição das Memorias, traz um extenso catalogo de obras interessantes, nacionaes e estrangeiras, o qual he um excellente subsidio para a Historia Litteraria de Portugal, pelas noticias bibliographicas, e biographicas de summa importancia que nos offerece.

Aponta primeiramente as differentes Chronicas de Rui de Pina, Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurára, e demora-se em averiguar com todo o escrupulo a authenticidade dos escriptos des-

ses Chronistas, dando a cada um delles a importancia que diversamente lhe he devida.

Passa depois a mencionar outros authores e obras que consultou, sendo na verdade muito crescido o numero de livros que leu, afora muitos manuscriptos que pôde obter, e dos quaes se aproveitou para compôr as suas Memorias.

He assim que, tendo examinado todas as Chronicas, impressas e manuscriptas, relativas ao periodo que pretendia historiar, faz uma resenha de diversas obras que leu, e entre ellas indicaremos as seguintes:

VIDA E ACÇÕES D'ELREY D. JOÃO I—por *D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira.* Lisboa 1677.

EMPREZAS MILITARES DOS LUSITANOS—por *Luiz Coelho de Barbuda.* Lisboa 1624.

CHRONICA D'ELREY D. MANOEL—por *Damião de Goes.*

De Damião de Goes diz o Author: «Foy elle homem de conhecida nobreza, e não menos conhecido em todo o genero de erudição, que soube adquirir primeiro, que pela lição dos livros, pela pratica dos negocios, em que foy tão versado, pela experiencia, e vista de todas as Cortes da Europa, que discorreo nos primeiros annos da sua adolescencia, e pelo trato, e communicação das pessoas mais doutas, que havia nellas, das quaes a docilidade do seu genio, junta com a efficacia da sua persuasão, soube attrahir, e conciliar em todas não só a inclinação, mas o agrado, não só a attenção, mas a amisade.»

DECADAS—de *João de Barros.* Principalmente a primeira da Asia, impressa em Lisboa por Jorge Rodrigues no anno de 1628. 2.ª ed.

«Foy João de Barros Thesoureiro, e Feitor da Casa da India, e Mina, e o mayor Escritor, a quem devemos a noticia daquellas famosas Conquistas do Oriente, tão incriveis, como admiraveis, que ainda nesta parte as fez crescer mais a sua penna, na pureza não sey se mais do estylo, ou da verdade.»

DE ANTIQUITATIBUS LUSITANIÆ—por *André de Resende.* Evora 1593.

«Foy André de Resende o mais curioso indagador das Antiguidades da nação portugueza, e o de mayor noticia, tendo-a

igual em todo o genero de erudição, e doutrina, em que foi eminente, e justamente louvado de todos os Escritores.»

N. B. Ainda que José Soares da Silva cite a edição de 1593, convem observar que he preferivel a de 1790, impressa em Coimbra, não só na correcção, mas principalmente porque contém muitas mais cousas que a primeira. Com referencia á Historia Litteraria, cumpre-nos advertir que ali se encontra um escripto, que muito faz ao nosso proposito, qual he a *Vida de André de Resende por Diogo Mendes de Vasconcellos*, em latim. Outro-sim se encontrão ali algumas cartas escriptas por André de Resende a diversos sabios ácerca de antiguidades.

Noticias de Portugal—por *Manoel Severim de Faria.* Começou a imprimir as suas composições em 1625.— As Noticias de Portugal sahírão impressas em Lisboa no anno de 1655.

«Author erudito, investigador das Antiguidades e noticias deste Reyno.»

Varias Antiguidades de Portugal—por *Gaspar Estaço.* Lisboa 1625.

«Com a sua grande curiosidade deu a conhecer ao mundo as muitas dignas de attenção e lembrança, de que este Reyno está cheio.»

Agiologio Lusitano—pelo *Licenciado Jorge Cardoso.* Lisboa 1652. 2.° tomo em 1657; 3.° tomo em 1666.

Historia de S. Domingos—por *Fr. Luiz de Sousa.* 1.° Tomo impr. em Lisboa no anno de 1623, 2.° 1662, 3.° 1677.

«Foi Fr. Luiz de Sousa, que no seculo se chamava Manoel de Sousa Coutinho, Author tão famigerado, e benemerito não só da sua Religião, mas de Portugal todo, como testemunhão os seus Escritos, e sente o Padre Antonio Vieira, na approvação que lhe fez a este terceiro tomo, sendo digno Censor de huma tal Obra, que um Escritor tão celebre não pedia Censor menos qualificado.»

Catalogo, e Historia dos Bispos do Porto—por *D. Rodrigo da Cunha.* Porto 1623.

PRIMEIRA PARTE DA HISTORIA ECCLESIASTICA DOS ARCEBISPOS DE BRAGA—por *D. Rodrigo da Cunha.* Porto. 1634.—2.ª Parte. Porto 1635.

HISTORIA ECCLESIASTICA DA IGREJA DE LISBOA—pelo *mesmo author das duas obras antecedentes.* Lisboa 1642.

«D. Rodrigo da Cunha foi meritissimo Prelado do Porto, de Braga e dé Lisboa, cujas Diocéses illustrou com o seu governo e Escritos.»

CHRONICAS DOS REYS D. JOÃO O 1.º, D. DUARTE, E D. AFFONSO 5.º—Tiradas á luz por ordem do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha.—São obra de *Duarte Nunes de Leão.* Lisboa. 1643.

CHRONICA DOS REYS DE PORTUGAL—reformada pelo *Licenciado Duarte Nunes de Leão.* 1.ª edição, Lisboa 1600. 2.ª 1677.

«Duarte Nunes de Leão foi Desembargador da Casa da Supplicação, e Author de não menos doutrina, que jurisprudencia.»

PRIMEIRA PARTE DA CHRONICA DE CISTER—por *Fr. Bernardo de Brito.* Lisboa 1602.

MONARCHIA LUSITANA—por *Fr. Bernardo de Brito.* Primeira Parte impr. no Mosteiro de Alcobaça no anno de 1597. 2.ª Parte impr. no mesmo Mosteiro em 1609.

«Fr. Bernardo de Brito... sogeito de tão nova investigação, que em muita parte deixou inverosimeis os seus Escritos, aos quaes deve comtudo importantes noticias esta Monarchia.»

TERCEIRA PARTE DA MONARCHIA LUSITANA—por *Fr. Antonio Brandão.* Lisboa 1632. 4.ª Parte no mesmo anno. —5.ª e 6.ª Partes—compostas por Fr. Francisco Brandão.—Parte 7.ª por Fr. Rafael de Jesus.—Parte 8.ª por Fr. Manoel dos Santos.

«Fr. Antonio Brandão, Abbade do Convento de N. Senhora do Desterro de Lisboa, da Ordem de S. Bernardo, e Chronista mór de Portugal: Author ingenuo, da mayor indagação, e verdade.»

ALCOBAÇA ILLUSTRADA—por *Fr. Manoel dos Santos.* Coimbra 1710.

EUROPA PORTUGUESA.
AFRICA PORTUGUESA. } Por *Manoel de Faria e Sousa.*
ASIA PORTUGUESA.

Da 1.ª sahio o 1.º tomo em 1678, o 2.º 1679, o 3.º 1680.
Da 2.ª—tomo unico—1681.
Da 3.ª—o 1.º tomo em 1666, o 2.º 1674, o 3.º 1675.

«Manoel de Faria e Sousa investigou muitas noticias, e Documentos... mas ainda em muitas cousas, apesar da sua vastissima erudição, não chegou a achar o verosimil.»

DIALOGOS DE VARIA HISTORIA—por *Pedro de Mariz.* 3.ª edição em 1674.

«Pedro de Mariz, Escrivão da Torre do Tombo, de muita erudição e noticias.»

CHRONICA DO CONDESTABRE DE PORTUGAL, D. Nuno Alvres Pereira—*Anonymo.* Impr. em Lisboa no anno de 1623.

«Livro de linguagem antiga, sempre tido em grande estimação.»

ANACEPHALŒOSES, ID EST, SUMMA CAPITA ACTORUM REGUM LUSITANIÆ—pelo *Padre Antonio de Vasconcellos.* Antuerpia 1627.

«O Padre Antonio de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, foi Author de summa doutrina, e que em letras, e virtudes se mostrou sempre insigne.»

NOBILIARCHIA PORTUGUEZA—por *Antonio de Villas Boas e Sampayo.* Lisboa 1676.

EVA E AVE—por *Antonio de Sousa de Macedo.* Lisboa 1700.

«Este Author, assim pela sua capacidade, como pelas muitas obras que compoz, e lugares que servio, se fez sempre digno de estimação, e especialmente nos reynados d'ElRey D. João o 4.º e D. Affonso 6.º, sendo d'este Secretario d'Estado.»

ANNO HISTORICO—pelo *Padre Francisco de Santa Maria.* Lisboa 1714.

«Foy Geral da Congregação dos Conegos Seculares de S. João Evangelista, e possuio grande erudição.»

O mesmo Author compôz tambem=O Ceo aberto na Terra. Lisboa 1697.=

Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho—por *D. Nicoláo de Santa Maria*—Chronista da Congregação de St.ª Cruz de Coimbra. Lisboa 1668.

Benedictina Lusitana—pelo *Mestre Fr. Leão de Santo Thomás*. Coimbra. 1644.—O 2.° tomo foi impr. em 1651.

«O author foy Monge de S. Bento, e Lente de Prima da Universidade de Coimbra, em que muitas vezes foy Vice-Reitor, sendo duas Geral da sua Ordem. Insigne em letras e virtudes.»

Bibliotheca Hispana—2 tomos—por *D. Nicoláo Antonio*. Roma 1672.

«Obra de immenso estudo, e summa utilidade, pela universal noticia que traz de todos os Escritores, que até o seu tempo florecêrão em Hespanha, desde o anno de 1500 em que começa a contallos.»

Bibliotheca Hispana Vetus—2 tomos—pelo mesmo *D. Nicoláo Antonio*. Roma 1676.

«Obra posthuma, e igualmente utilissima, e laboriosissima; a qual comprehende todos os Hespanhoes, que escrevêrão desde o tempo de Augusto, até o dito anno de 1500, com que se prefaz toda a Obra, digna por certo de hum tão egregio e conspicuo Author.»

Este Escriptor reunio uma bibliotheca de trinta mil volumes, a qual se diz ser a mais rara que havia, excepto a do Vaticano.

Historia Serafica, etc.—por *Fr. Manoel da Esperança*. 2.ª parte, impr. em Lisboa 1666.

Chronica dos feitos, vida, e morte do Infante D. Fernando, que morreo em Fez—revista e reformada pelo Padre Fr. Jeronimo de Ramos. Lisboa 1577.

O Condestabre de Portugal — por *Francisco Rodrigues Lobo*. Lisboa 1610.

«Foy este Author de fecundissimo engenho, não só no Verso, mas na Prosa, e na verdade digno de melhor fim que o que teve, morrendo affogado no Tejo, e verificando-se infaustamente aquella sepultura, que elle em certa poesia desejava ter entre as suas arêas.»

Epanaphoras de Varia Historia — por *D. Francisco Manoel de Mello*. Lisboa 1676.

«Author de muita erudição, e grande tálento, de que ainda póde haver as mais vivas lembranças, reproduzindo-as elle quasi até o fim do seculo passado (17.°), em que floreceo, escrevendo tantas e tão varias obras como temos suas.»

Corographia Portugueza — pelo *Padre Antonio Carvalho da Costa*. Lisboa. 1.° tomo 1706. 2.° 1708. 3.° 1712.

«Com quanto muitas das noticias tenhão alguma incerteza... n'estes livros se achão juntos os monumentos e antiguidades que estão espalhadas pelo Reyno todo, e de que atéqui nenhum Escritor fez collecção tão exacta.

Antiguidades e Grandezas de Lisboa — pelo *Capitão Luiz Marinho de Azevedo*. Lisboa 1652.

Historia Insulana, etc. — pelo *Padre Antonio Cordeiro*. Lisboa 1717.

«Nesta Historia se refere á que deixou manuscrita Gaspar Frutuoso, Varão certamente tão santo, como sabio.»

Lusitania Infulata et Purpurata, etc. — pelo *Padre Antonio de Macedo*. París 1663.

Parallelos de Principes, etc. — por *Francisco Soares Toscano*. Evora 1623.

Omitto muitos escriptores estrangeiros, que o author cita, por não fazerem ao meu proposito.

Na Collecção de Documentos que o Author reunio no tomo 4.° das *Memorias*, vem uma Carta escripta por ElRei D. Affonso so v a Gomes Eannes de Azurara, que muito interessa á nossa Historia Litteraria. Aquelle Monarcha escreveu a indicada Carta ao famoso Chronista, quando este estava em Alcacer Ceguer; e

não he possivel encontrar-se um documento mais recommendavel e honroso á memoria de um Soberano. A Carta de Affonso v respira uma singeleza de caracter, uma amabilidade e affectos tão extremosos, que muito encantão, quando baixão da elevada região do throno; e he sobre maneira notavel pelas honrosas expressões de louvor e de agradecimento, bem diversas das *palavras taxadas, e avaras, segundo o uso dos Principes*, como tão energicamente diz João de Barros. D. Affonso v apresenta-se naquelle documento, como um Soberano altamente presador dos homens de Lettras. Daremos uma breve amostra dessa Carta:= «Guomes Eanes. eu vos envio muito saudar. vi huma carta que me enviastes por A.º Friz com que muito folguey por saber que ereis emboa despozição da saude, por que certo tanto tempo avia que vós lá ereis, e eu não via carta vossa, que avia por muito certo que de algua infermidade creis ocupado, por que não podieis escrever: e desto dou por t.ª ao Rd.º P.e B.º de Lamego com que eu muitas vezes falava, que causa seria por que vos não me escrevieis, que por muy sem duvida tinha, que não seria por minguoa de vontade, e lembrança vosa: e muito me prouve de saber como vos o Conde apozentara, e ho guasalhado que delle recebestes; e posto que ho elle deve a si fazer por usar de sua vertude: eu lho agradeço muito, e vos a si lho dizei de minha parte. não he sem razão, que os homeñs que tem voso carguo sejam de prazer e honrar, que depois daquelles P.rcs ou Capitaeñs que fazem os feitos dignos de memoria, aquelles que depois de seus dias os escreverão muito louvor merecẽ; bem aventurado dezia Alex.e que era Acchiles por que tivera a Homero por seu escritor: que fora dos feitos de Roma se Titolivio os não escrevera; E Quinto Curcio os feitos de Alexandre. etc. etc.=

Lamentamos não poder transcrever na sua integra este precioso documento; não resistiremos, porém, á tentação de citar a ultima parte:=«e graças a Ds. eu me acho bom asi do corpo como das outras cousas, empero homẽ anda no mar deste mundo onde he continuamente combatido das ondas delle em especial pois todos andamos naquella taboa depois do prim.ro naufragio, asi que nimguem se pode segurar ate que não chegue aquelle verdad.ro porto seguro que homẽ não pode ver se não depois da sua vida, ao qual a Deos apraza de nos levar quando vir que he tempo, porque elle he marinh.ro e piloto sem o qual algum homẽ não pode entrar: do B.º noso amiguo que ho vejo ledo e são e de boa desposição, e praza a Ds. de lhe encaminhar as cousas

seg.º elle dezeja se forem de seu serviço: da Torre dos purgaminhos eu tirarei aquella lembrança que vir que he meu serviço. O meu vulto pintado eu o não tenho pera volo aguora poder enviar: mas o proprio prazeraa a Ds. que vereis laa mais deve prazer. A vossa Irmãa averey em minha emcomenda segundo me escreveis.»=

No fim do mesmo tomo quarto vem transcriptas as Obras em verso do Infante D. Pedro, filho d'ElRei D. João I.

——Retratos e elogios dos Varões e Donas que illustraram a Nação Portugueza em virtudes, Letras, Armas e Artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos como modernos. Offerecido aos Generosos Portuguezes. —Lisboa 1817.

Pedro José de Figueiredo começou a publicar os *Elogios* em folhetos no mez de Julho de 1806; formão hoje um grande volume em 4.º, e contém 78 elogios.

Diz o author que pretendeu dizer, succinta e brevemente, o que de mais averiguado e certo corre entre os sabios, sem se embaraçar com disputas; mas que, procurando nas cousas o mais seguido e vulgar, nem por isso deu de mão á novidade que encontrou em documentos authenticos.

Entre os elogios de um grande numero de personagens, diversamente illustres, encontrão-se artigos biographicos e panegiricos do Doutor *João das Regras;* do Bispo *Dom Antonio Pinheiro;* de *João de Barros;* de *Damião de Goes;* de *Diogo do Couto;* de *Fr. Thomé de Jesus;* de *Luiz de Camões;* de *Diogo de Paiva de Andrade;* etc. etc.

Diz-se que alguns elogios são obra do Padre José Agostinho de Macedo.

A collecção dos *Elogios* he adornado de retratos da maior parte dos varões illustres, cuja biographia ali é traçada. Não cremos que sejão os retratos a parte mais valiosa da collecção.

——Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'œil sur l'état actuel ees Sciences, des Lettres et des Beaux-arts parmi les Portugais des deux hémisphères.....—par *Adrien Balbi.* Paris 1822.

Sabem todos que n'esta obra célebre, escripta com o enthusiasmo e dedicação, que apenas poderião esperar-se de um nacio-

nal, se encontrão muito circumstanciadas noticias sobre as Sciencias e Lettras em Portugal. Extractar o que ali se lê, fôra fazer um livro, e ainda assim muito imperfeito, sobre muito extenso. Remettemos por tanto o Leitor para o Ensaio Statistico do illustre Balbi no original, depois de pagarmos o tributo de louvor e de gratidão ao sabio estrangeiro, que tão desvelado se consagrou á tarefa de fazer conhecido, e a muitos respeitos vantajosamente, o nosso paiz.

Força he, porém, confessar que na parte litteraria das cousas portuguezas, unica de que agora nos he permittido tratar, alguma cousa ha que allegar contra o que diz Balbi; nem admira em verdade que um estrangeiro, que aliàs só residio em Portugal por espaço de vinte mezes, recebesse informações menos exactas, ou não podesse penetrar o amago das cousas, em um grande numero de casos. Um só exemplo bastará para demonstrar o quanto de meditação, e de profundas averiguações precisa empregar um estrangeiro para avaliar convenientemente os homens de um paiz, que lhe he estranho. Leia-se a serie de nomes que elle cita em diversos ramos dos conhecimentos humanos, e vêr-se-ha que entre homens verdadeiramente distinctos por seus talentos e escriptos, enuméra alguns, que hoje nem se quer nos lembrão,—tão pouco luminoso foi o rasto que deixárão na vida!

Esta circumstancia, e outros descuidos, exagerações, ou erros, forão parte para que um Portuguez se impuzesse o dever de fazer alguns reparos á Obra de Balbi, na sua geographia litteraria de Portugal, como se vê do seguinte opusculo:

> Observações criticas sobre alguns artigos do Ensaio Estatistico do Reino de Portugal e Algarve, publicado em Paris por Adriano Balbi—seu auctor *Luiz Duarte Villela da Silva*. Lisboa 1828.

Disse Balbi que a Statistica, considerada na sua maior extensão, era ainda pouco cultivada em Portugal.—Villela cita-lhe a *Chorographia* de Antonio Carvalho da Costa; a *Geographia* do P. D. Luiz Caetano de Lima; de Antonio de Oliveira Freire; o *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro; os trabalhos de Martinho de Mendonça de Pina e Proença sobre o *Cadastro geral do Brazil;* a *Chorographia Brazilica;* as *Descripções physicas* e *economicas* de algumas comarcas do Reino; o *Mappa Estatistico* de Casado Giraldes; e depois destas cita-

ções, estranha que Balbi cahisse em dizer que estavamos atrasados em conhecimentos statisticos!

Nesta parte, a rasão estava, e desgraçadamente continúa ainda a estar hoje, do lado de Balbi. Todos os trabalhos que Villela cita, e outros mais que podéra allegar, são certamente muito recommendaveis; mas estão muito longe do typo statistico, de que nos fornecem modêlos a França, a Inglaterra, e outras nações cultas dos nossos dias. Deixemos, porém, este ponto, que nos he agora estranho, e passemos a dar conta de outros reparos mais justificados.

Balbi deu preferencia aos authores não portuguezes, no que diz respeito á situação politica de Portugal nos primeiros seculos da monarquia.—Villela faz ver que será difficultoso encontrar em nação estranha escriptores tão ingenuos como Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara, Affonso Cerveira, Rui de Pina, etc.

Balbi pretendeu que a lingua portugueza se fixou definitivamente no anno de 1495;—Villela combate esta asserção, e com grande vantagem. ¿Como póde asseverar-se que uma lingua se fixa definitivamente em um determinado anno? Como póde dizer-se que uma lingua está de todo fixada? O que he certo, he que a lingua portugueza floreceu grandemente, e chegou a um elevado gráo de perfeição no seculo 16, e de então para cá tem tido varias alternativas.

No artigo *Litteratu a* he Balbi prodigo em espalhar elogios de *profundidade e vastidão de conhecimentos*, a muitos portuguezes do tempo da sua residencia em Portugal—e Villela citalhe, muito a proposito, o dito do Bispo de Viseu: *Os louvores da ingenuidade, que concede todavia excepções, honrão mais do que os gabos que mostrão por exaggerados, ou o cego enthusiasmo, ou a pouca intelligencia de quem os dá.*

Acerca das preciosas Biblias do mosteiro de Belem, que hoje estão na Torre do Tombo, diz Balbi: «On y trouve une superbe Bible manuscripte, dont le pape Jules II fit présent au roi Emmanuel, en reconnaissance du premier or des Indes que ce monarque lui avait envoyé. Ce manuscript, dont les miniatures qui l'embellissent passaient dans l'opinion des connaisseurs portugais pour être de Jules Romain, ayant été examiné par les plus habiles peintres de l'Institut de France, a été reconnu appartenir à un siècle antérieur à celui de Raphael, et même à celui de Pietro Perugino.»

Villela nota alguns erros nestas asserções. A embaixada que ElRei D. Manoel mandou a Roma foi recebida por Leão X a 20 de Abril de 1514, em quanto que Julio 2.° tinha fallecido em Fevereiro de 1513; logo, se o presente das Biblias foi mandado em reconhecimento da dadiva d'ElRei D. Manoel, segue-se que he impossivel ter sido Julio 2.° quem fez esse presente. —As miniaturas, emblemas, e allusões dirigidas a ElRei D. Manoel, de que estão enriquecidas as Biblias, forão feitas no reinado deste Monarcha, e não no seculo anterior a Perugino e a Raphael. O 1.° tomo foi acabado no anno de 1495 por Sigismundo de Sigismundis, Ferrariense; o segundo, por Alexandre Verzanus; o terceiro accusa o anno da 1496, sem declaração de nome; o 4.°, 5.° e 6.° não têem declaração alguma; o 7.° só declara o anno de 1497; donde conclue Villela que não estava toda acabada no anno de 1495: dando mesmo de barato que o estivesse, ¿ a quem lembraria dar como author da obra a Julio Romano, que nasceu em 1492? *Todo o mundo*, diz Villela, *conhece alli a escola de Pedro Perugino, que foi mestre do immortal Rafael d'Urbino. O typo, o desenho, o colorido, tudo tem a mesma identidade, tudo tem o mesmo cunho daquelle insigne pintor da escola florentina, que nasceu em 1446, e morreu em 1524, tres annos ainda depois da morte do Senhor Rei D. Manoel.*

Não cabe nos estreitos limites do nosso trabalho continuar a acompanhar Villela nos reparos que faz a Balbi sobre os artigos — Pintura, Esculptura, Lingua, Eloquencia, Litteratura, Theologia, etc. etc. Direi sómente que he digno de ser lido o seu opusculo, e que em muitos logares corrige os descuidos, erros, ou faltas em que o aliàs benemerito Balbi cahio; supposto que por vezes he Villela um pouco mais severo do que cumpria, para com um estrangeiro sabio e generoso, que pôz todo o cuidado em reunir noticias interessantes sobre Portugal, e mostrou estar animado do desejo de apresentar de um modo lisongeiro o nosso Portugal aos olhos da Europa culta.

As *Observações Criticas* são uma abundante fonte de noticias para a Historia Litteraria de Portugal, tanto no texto como em as Notas, e particularmente nas de pag. 61 até 83. Terei occasião de mencionar novamente este opusculo, quando tratar da Critica Litteraria.

Subsidios que podem fornecer para a Hist. Litt. as Vidas, Elogios e Biographias de Authores, bem como alguns Jornaes Litterarios.

——São tambem excellentes subsidios para a Historia da Litteratura Portugueza, muitos dos *Elogios historicos*, recitados em differentes sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e se encontrão nas suas Memorias; taes como o de *Fr. João de Sousa*, por Francisco Mendo Trigoso; o de *D. Frei Manuel do Cenaculo*, por Trigoso; o de *Muller*, pelo mesmo; o do *Padre Antonio Theodoro de Almeida*, por José Maria Dantas Pereira; o de *Pedro José de Figueiredo*, por Manoel José Maria da Costa e Sá; o de *José Corrêa da Serra*, pelo mesmo; etc. etc.

——No Titulo 6.° da *Bibliographia Historica Portugueza*, (do sr. Figanière), de pag. 205 a 229 são indicados varios escriptos, consagrados á exposição das *vidas e elogios de varões illustres portuguezes*. Muitos dos escriptos ahi mencionados são um excellente subsidio para a Historia Litteraria de Portugal.

——Nas *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa* do anno de 1843, encontrão-se *Elogios Historicos* de alguns Litteratos Portuguezes dos nossos tempos, escriptos pelos Srs. A. Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, e Almeida Garrett. He dizer bastante para recommendar esses Elogios! —Outros ahi se encontrão tambem, que lamentamos não poder indicar, por se referirem a personagens exclusivamente politicos; o que sahe fóra do nosso plano.

——No anno de 1849 publicou-se em Lisboa um Jornal com o titulo de—*O Bibliophilo, Elencho methodico e bibliognostico* —cujo objecto era expôr um juizo sobre as obras que fossem remettidas á Redacção; apresentar a biographia e necrologia dos homens distinctos nas lettras patrias, artigos de bibliographia portugueza, etc. etc.—Os numeros que forão publicados são uma boa fonte de informações para a Historia Litteraria de Portugal; e lastima he que não durasse muito tempo uma tão proveitosa publicação periodica. A Introducção que vem á frente do 1.° N.° (Abril de 1849) he interessantissima, por muito bem escripta, e por muito rica de noções bibliographicas, e de Historia

Litteraria; sobre dar uma idéa cabal do vasto plano do *Bibliophilo*, que os Redactores concebêrão com perfeito conhecimento de causa.

——No *Panorama*, bem conhecido em todo o Portugal, há preciosos artigos de Hist. Litt., ricos de instrucção, e primorosamente bem escriptos. De alguns faremos especial menção quando tratarmos da *Critica Litteraria*.

Recommendamos igualmente, debaixo deste ponto de vista, a *Revista Universal Lisbonense;* e temos para nós que não perderá o tempo quem folhear a *Revista Litteraria do Porto*, a *Epoca*, a *Revista Popular*, o *Recreio*, e outros Periodicos Litterarios portuguezes destes ultimos tempos.

Indicaremos tambem alguns Periodicos portuguezes de mais antiga data, nos quaes se encontrão, aqui e acolá, algumas noticias litterarias; taes são, entre outros, o *Investigador Portuguez em Inglaterra;* o *Observador Lusitano em Paris*; o *Correio Brasiliense;* o *Jornal Encyclopedico*, para cuja impressão concedeu privilegio a Senhora D. Maria 1.ª a Felix Antonio Castrioxto; o *Chronista*, etc.

——Conviera talvez ao nosso plano dar neste logar uma noticia muito desenvolvida de certos trabalhos biographicos, relativos aos nossos principaes escriptores. Assim, por exemplo, podéramos substanciar os escriptos seguintes:

Vida do Padre Antonio Vieira, pelo Padre André de Barros.

A mesma....., pelo Padre Francisco da Fonseca.

Vida de D. Jeronimo Osorio, por Bernardo da Fonseca.

Vida de Francisco de Sá e Miranda, por D. Gonçalo Coutinho.

Vida de Luiz do Couto, por Julio de Mello e Castro.

Vida de Gabriel Pereira de Castro, por Simão Torrezão Coelho.

etc. etc. etc.

Parece-nos, porém, mais acertado dar conta desses, e de outros escriptos analogos, quando tratarmos da *Critica Litteraria*, enlaçando então a parte biographica, relativa aos nossos melho-

res Authores, com a exposição doutrinal do merecimento de suas obras, differentes edições d'estas, e questões de critica respectivas.

——Uma excepção estabeleceremos ao artigo antecedente, mencionando aqui uma obra estrangeira, relativa ao nosso Camões, e vem a ser:

MEMOIRS OF THE LIFE AND WRITINGS OF LUIS DE CAMOENS—By *John Adamson*, F. S. A.—2 vol. London 1820.

Este bello trabalho de um Estrangeiro muito amante do nosso immortal Epico, que o Sr. Garrett caracterisa como um dos mais dignos monumentos que ao nosso Poeta se têem levantado (sendo os outros dous a Edição do Morgado de Matteus, e a Memoria do Bispo de Viseu); este bello trabalho, dizemos, he um perfeito modêlo de uma historia especial da Litteratura. Contém as *Memorias* do Sr. Adamson uma noticia biographica de Camões; engenhosamente traçada segundo os diversos escriptos do Poeta, de sorte que he o grande cantor das nossas glorias que tece a sua propria biographia *(it has been endeavoured to make the poet as much as possible his own biographer)*.—Depois da Biographia vem uma lista de todas as producções de Camões; um Catalogo das Traducções dos Lusiadas, com algumas noticias relativas aos Traductores; uma relação das differentes Edições das varias obras de Camões, o mais apurada que o Sr. Adamson pôde formar; e uma analyse dos Lusiadas.

Teremos occasião de voltar a fallar desta obra, quando tratarmos da Critica Litteraría, na qual consagraremos um Capitulo especial ao nosso immortal Epico.

Se houveramos aqui de mencionar os authores estrangeiros que têem escripto ácerca de Camões, e dos Lusiadas, encheriamos longas paginas. Só *Millié*, na sua traducção franceza dos Lusiadas, apresenta uma longa resenha dos escriptos francezes, relativos áquelle assumpto, de *Rapin*, *Adrien Baillet*, *Voltaire*, *La Harpe*, *L'Abbé Delille*, *M.me de Stael*, *Lemercier*, *Gilibert de Merlhiac*, *Parseval-Grandmaison*, *Montesquieu*.

Aproveitaremos esta occasião para declarar que no segundo volume desta Obra daremos noticia de alguns escriptos estrangeiros, que tratão da nossa Litteratura, taes como os de *Bouterweck*, *Sismondi*, etc. etc.

——Devêramos aqui fazer honrosa menção dos *Annaes das Sciencias, das Artes,* e *das Letras,* publicados em París por uma Sociedade de Portuguezes, nos annos de 1818 a 1820.—Mas deixamos de o fazer assim, porque tencionamos occupar-nos dessa importante publicação, quando tratarmos da *Critica Litteraria,* recommendando especialmente alguns artigos que ali encontrámos de subido merecimento.

——São tambem muito recommendaveis subsidios para a Historia Litteraria as biographias que, por vezes, se encontrão á frente das Edições dos nossos Escriptores, maiormente quando os Editores são de reconhecida illustração litteraria.—Assim, por exemplo, são de subido preço as noticias biographicas, que nos dão os Editores das Obras de *Gil Vicente* e *Camões* (edição de Hamburgo); os Srs. Castilhos, Antonio e José, nos *Excerptos* das obras de *Manoel Bernardes,* de *Fernão Mendes Pinto,* e de *Bocage;* o Morgado de Matteus na monumental edição dos *Lusiadas;* na novissima edição das Obras de *Bocage* o Sr. Rebello da Silva; os academicos e editores dos *Livros ineditos da Historia Portugueza;* etc. etc. De todas essas edições, porém, e de outras, que tenhão á frente notaveis trabalhos biographicos e criticos, nos occuparemos quando tratarmos da *Critica Litteraria.*

——São igualmente muito interessantes subsidios para a Historia da Litteratura Portugueza os Elogios, assim academicos, como funebres, que se lêem na *Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza,* e na *Historia da mesma Academia pelo Marquez de Alegrête.* (Neste Capitulo mencionarei, quando tratar dos subsidios bibliographicos, o erudito *Prologo* desta ultima obra.)

Indicaremos aqui alguns Authores Portuguezes, em cujas obras se encontrão accidentalmente noticias para a Historia Litteraria de Portugal.

P. Antonio Carvalho da Costa. Chorographia Portugueza, e Descripção de Portugal, etc. 1706. 1712.

P. Antonio Cordeyro. Historia Insulana. 1717.

Fornece nos Capp. 21 e 43 algumas noticias litterarias.

P. Ignacio da Piedade e Vasconcellos. Historia de Santarem edificada. 1740.

Na parte em que trata das vidas de pessoas, dignas de memoria em Lettras, naturaes de Santarem

D. Rodrigo da Cunha.

Catalogo dos Bispos do Porto. 1623.
Hist. Eccles. de Braga... 1634. 1635.
Hist. Eccles. da Igreja de Lisboa. 1642.—A 2.ª Parte está inedita.

Manoel Gomes Bezerra. Os estrangeiros no Lima, etc. 1785. 1791.

P. Antonio de Macedo. Lusitania Infulata et Purpurata, seu Pontificibus et Cardinalibus illustrata. Paris. 1663. 1673.

Francisco Soares Toscano. Parallelos de Principes, e Varoens illustres antigos, a que muitos da nossa nação portugueza se asemelhárão em suas obras, ditos, e feitos: etc. acrescentados por *Miguel Lopes Ferreira.* Lisboa 1733.

Encontrão-se nesta obra alguns paralélos entre escriptores portuguezes e os da antiguidade; assim, por exemplo, entre Sá de Miranda e Antimacho; entre o Bispo D. Jeronimo Osorio e Tito Livio; entre o Padre Antonio Vieira e Cicero; entre Manoel de Faria e Sousa e Marco Varrão; etc.

São curiosos esses paralélos, e por isso os indicaremos, muito resumidamente, para que desde já formem d'elles alguma idéa os leitores que não tiverem ainda lido a obra de Toscano.

O poeta grego Antimacho amou extremosamente sua mulher, e sentio com profunda magoa a sua morte, compondo por essa occasião uma Elegía, na qual desaffogava a sua saudade.— Sá de Miranda não amou com menor extremo sua mulher D. Briolanja d'Azevedo, com quanto já velha e pouco formosa. Quando perdeu a sua consorte, compoz um sentido soneto, e diz-se que não mais tornára a fazer versos, nem por muito tempo sobrevivêra á companheira querida.

Tito Livio grangeou uma brilhante reputação de escriptor talentoso e eloquente, depois que compoz as Decadas; e tanto ao

longe soou a sua fama, que das Gallias e das Hespanhas forão alguns á Italia para o verem e admirarem.—Ao nosso preclarissimo D. Jeronimo Osorio succedeu outro tanto em tempo de D. João 3.° e D. Sebastião, e maiormente depois que deu á luz os livros da Justiça Celestial. Recebeu lisongeiras cartas de agradecimento e louvor, e visitas de Inglezes e Allemães, *e como o vião, fazião volta para suas terras.*

Cicero foi o maior orador entre os Romanos; tomou grande parte nos negocios politicos da sua patria, á qual prestou relevantes serviços; soffreu desterros, e morreu longe de Roma. As suas obras immortaes são ainda hoje um thesouro da lingua latina, e um modêlo de eloquencia.—O Padre Vieira contribuio com a voz e com a penna para a felicidade da sua patria; lidou em negociações politicas; soffreu contrariedades mil e desterros, e morreu fóra do seio da terra de Portugal. As suas obras são ainda hoje, e serão sempre, um documento precioso da elegancia, da valentia e dos mais sublimes dotes da lingua portugueza.

Marco Varrão foi, na sciencia, um dos maiores homens entre os Romanos, parecendo incrivel o numero de volumes, e a variedade de materias sobre que escreveu.—Manoel de Faria e Sousa compoz um grande numero de obras de varia litteratura e de Historia.

Terei occasião de mencionar a obra de Toscano, quando no 2.° volume deste meu trabalho fallar das Obras de Gil Vicente, com referencia á *Critica Litteraria.*

——Nova Historia da Militar Ordem de Malta, e dos Senhores Grão-Priores della, em Portugal.....—por *José Anastacio de Figueiredo.* Lisboa 1800.

Não obstante a natureza especial do assumpto desta obra de José Anastacio de Figueiredo, mencionamo-la pela circumstancia de fornecer noticias sobre os documentos da Torre do Tombo, sobre a lingua portugueza antiga, e sobre algumas particularidades interessantes em quanto ás nossas Chronicas.

No discurso que endereça ao Publico, no principio da sua obra, diz o Author:=«Não ha cousa mais difficultosa a emprehender, e desempenhar nestes dias, que a composição de huma Historia; ella pede mão original, e não ha trabalho mais util, até por comprehensivo de tão variadas, e diversas Especies. Com tudo eu me aventurei a emprehender a presente na qual comprehendo juntamente em cada um dos Reinados, nos logares e

annos respectivos, a historia e extracto das *Inquirições* antigas; com tudo quanto me pareceo mais raro, novo, e exacto sobre a historia particular das Ordens do Templo, Sepulchro, e de Santo Antão, ou tambem das Benidictinas em Portugal: e faço por aproveitar tudo quanto, pelos mesmos principios, poderia interessar-te geralmente sobre a Historia, Jurisprudencia, e Linguas antigas deste Reino.» =

——Dissertações Chronologicas e Criticas sobre a Historia e Jurisprudencia Ecclesiastica e Civil de Portugal.....—por *João Pedro Ribeiro*. Lisboa 1810.

O sabio João Pedro Ribeiro, tendo conhecido por experiencia os inconvenientes que, para a nossa Historia e Direito, resultavão da existencia de documentos falsos, que no fim do seculo 16.° e principio do 17.° forão fabricados na Hespanha e em Portugal, deu-se ao trabalho de ordenar algumas dissertações sobre diversos artigos historicos e juridicos, tendentes a restabelecer a verdade dos factos, e a lançar luz nos campos da nossa historia, jurisprudencia, e litteratura.

Já n'este 1.° tomo da nossa obra aproveitamos as sabias investigações de João Pedro Ribeiro, recorrendo á doutrina da sua Dissertação 5.ª, *sobre o Idioma, Estilo, e Orthographia dos nossos Documentos, e Monumentos;* e neste mesmo Capitulo mencionamos especialmente uma Dissertação sobre os trabalhos Diplomaticos em Portugal.

Para a Historia Litteraria de Portugal encontrão-se nas *Dissertações* subsidios muito seguros, e documentos interessantes.

——Paschalis Josephi Mellii Freirii..... Historiæ Juris Civilis Lusitani Liber Singularis, jussu Acad. Regiæ Scientiarum in lucem editus.—Lisb. 1800. 3.ª ediç. feita sob a direcção de Francisco Freire da Silva Mello.

Nesta obra, que o insigne Paschoal José de Mello consagrou á historia do Direito Civil Portuguez, encontrão-se no Capitulo 12 alguns subsidios para a Historia Litteraria de Portugal. Neste Capitulo apresenta o sabio author um catalogo dos Jurisconsultos Portuguezes, que escrevêrão sobre a Legislação Patria, ou sobre o Direito Romano, e especialmente daquelles que no foro se tornárão mais célebres, tratando separadamente dos Theoricos e dos Praticos.—Se á historia da Litteratura, em especial, não he essencial ter conhecimento dos Jurisconsultos, he toda-

via certo que á Historia Litteraria em geral interessão muito semelhantes noticias, e maiormente quando são subministradas por escriptores tão competentes e authorisados, como era Paschoal José de Mello.

——Varias Antiguidades de Portugal—autor *Gaspar Estaço*. Lisboa. Por Pedro Crasbeeck, Impressor del Rey. Anno Doñi MDCXXV.

No Prologo diz o Author, dando conta do motivo por que escreve as *Varias Antiguidades:*=«Sam Damaso Papa, gloria, e resplendor da naçam Portugueza escrevendo a Sam Jeronimo diz, que ler sem escrever é dormir. No qual sono estando eu, como estam muitos Portuguezes, espertou-me o dito de tam grave Pontifice Portuguez, e de varios livros, pergaminhos, e papeis ajuntei algũmas cousas antigas, que estavam já postas de parte, conjecturando, que ordenadas, e vestidas de novas cores podiam tornar á praça, e nam parecer mal, como arvores de Outono com seu renovo.»—

Gaspar Estaço dá noticias muito curiosas de diversas antiguidades de Portugal, e aqui e acolá apresenta algumas indicações para a Historia Litteraria de Portugal.—Assim, por exemplo, no Cap. 21, citando a Chronica d'ElRei D. Affonso Henriques, que Duarte Galvão dedicou a ElRei D. Manoel, diz assim: «da qual elle nam foi autor, se nam apurador do antigo lin«goage, en q̃ andava, como diz Joam de Barros. Espãtame dizer «Duarte Galvam, que elle a fez de novo, porque o Chronista «Fernam Lopés escrivam da puridade, que foi do Infante Santo «dom Fernando, e guarda mór da torre do tombo fez todas as «chronicas dos Reis té seu tempo, começando do Cõde dom Hen«rique, comó prova Damiam de Goes, e nam se pode crer, que «dexasse de fazer a do primeiro Rei de Portugal dom Affonso «Henriques, fazendo a do Conde seu Pai, e todas as mais. Pello «que se Duarte Galvam foi apurador, segundo Joam de Barros, «ninguem foi o autor senam Fernam Lopes, e hagora em nos«sos dias Duarte Nunes o reformador.»

No Cap. 44 dá noticias muito curiosas sobre o merecimento, e trabalhos litterarios de André de Resende, e de Achilles Estaço, discipulo daquelle.

O Cap. 45 tem por titulo: *Do proveito das Universidades: que ellas fazem os escritores, e que a de Coimbra pouco depois de começar, começou logo de acabar.*

Lamenta em primeiro logar que André de Resende não fosse devidamente incitado com as merecidas recompensas, pois que d'outra sorte fizera muito em beneficio da patria, e *dexára de ser pobre, de que algũas vezes se queixa, porque os serviços, en que vai o gosto do Rei, e honra da Republica, não podẽ carecer de bom premio.*

Recorda a generosidade de Alexandre para com Aristoteles, a quem aquelle grande Soberano deu oitocentos talentos por escrever a historia dos animaes; e diz depois: « *Mas porq̃ as incli-* « *nações dos Principes sam differentes, e nem todos os Reis são* « *Alexandros,* quero aqui lembrar a grande cõmodidade, q̃ para « isto trazẽ as universidades bẽ ordenadas, em que ha professo- « res publicos, e salariados de todas as artes, e sciencias dedica- « dos cada qual á liçam de sua faculdade, para o q̃ a emulaçam, « e opposiçam os faz mais idoneos, *como já houve na de Coim-* « *bra, q̃ depois lhe foram tirados, dexãdo sómẽte* os de theolo- « gia, Canones, leis, e medicina.—Podese quexar a sagrada theo- « logia, pola privarẽ da cõpanhia, e ornato da mathematica, « philosophia, logica, rhetorica, e as mais artes deste genero li- « das por taes professores, que Santo Thomas, e S. Dionysio « Areopagita lhe dam por ancillas. E nôs tambẽ nos podemos « quexar pello q̃ se nos tirou cõ as taes artes, q̃ nisto se verá « claramente, porque ellas deram aos Socrates, Aristoteles, De- « mosthenes, Thucydides, Catões, Tullios, Livios, Cyprianos, « Hieronymos, Agustinhos, Osorios, e infinidade de escrittores « outros, cujas obras nam se pode explicar de quanta utilidade « sejam.—Dos quaes homens ha neste Reino grande falta, e es- « pecialmẽte vemos, que vem estrangeiros a Portugal a escrever « nossas cousas, como se fossemos nós alguns barbaros, ou Por- « tugal nam criasse engenhos, que applicandose o podessem fa- « zer muito melhor, como hum Andre de Resende, hum Diogo « de Teve, e outros muitos, q̃ poderamos ter, se a universidade « perseverara na ordẽ, en q̃ começou cõ mestres eminentissimos « de letras humanas, cujos discipulos assi nas lingoas latina, e « e Grega, como na philosophia deram a este Reino nam peque- « no lustre, e honra, como notou Francisco de Andrada.»

Este Capitulo 45 he interessantissimo com referencia á historia da Universidade de Coimbra. (Veja o *Ensaio* do sr. Freire de Carvalho.)

Anda junto com as *Varias Antiguidades* um escripto do mesmo Author, que tem por titulo: *Trattado da linhagem dos*

Estaços, naturaes da Cidade de Evora. Interessa este escripto á Historia Litteraria, por dar noticias historicas sobre os ascendentes de dous homens illustres nas Lettras, Gaspar Estaço, e Achilles Estaço.

——Academia, seu Respublica Litteraria.....—Authore *D. Benedicto Pereyra Societatis Jesu.* Ulyssipone.—Ex officina, et sumptibus Antonii Craesbeeck de Mello. Anno 1662.

Julguei indispensavel fazer menção desta obra de Bento Pereira, por isso que o assumpto sobre que versa interessa á Litteratura.

Para dar uma ideia desta obra, na qual o seu Author despendeu uma vasta erudição, indicarei aqui os objectos dos Livros, em que ella he dividida.—O 1.° Livro tem por titulo: *De essentia, institutione et nobilitate Academiæ;*—o 2.°: *De legibus, et statutis Academiæ;*—o 3.°: *De privilegiis et privilegiatis;*—o 4.°: *De exercitio litterarum in ludis, et certaminibus;*—o 5.°: *De Rectore Academiæ;*—o 6.°: *De Cancellario et Gymnasiarcha;*—o 7.°: *De Conservatore;*—o 8.°: *De Doctoribus et Magistris;*—o 9.°: *De Scholasticis tam discipulis, quàm auditoribus;*—o 10.°: *De Collegiis et Prœbendatis.*—Cada um dos Livros he dividido em *Disputationes*, e estas em *Quæstiones*, tratadas em numeros separados.

He força confessar que o maior numero das questões, tratadas naquelle Livro, perdêrão já a opportunidade, em consequencia da nova organisação dada ao ensino publico, e aos estudos Universitarios e Academicos, desde os fins do seculo passado e no actual. Querendo-se, porém, estudar a organisação das Universidades e Academias dos seculos anteriores, e nomeadamente do 17.°, e da primeira parte do 18.°, encontrar-se-hão no Livro de Bento Pereira bastantes elementos, noticias e doutrina.

A questão 5.ª (3.ª Disp. Liv. 1.°) tem por titulo: *Quale fuerit judicium magnorum Principum de utilitate Academiæ Conimbricensis;* e nelle são indicados alguns documentos, que fazem honra a D. Diniz, e a D. Affonso 4.°, e a alguns Soberanos Pontifices, com relação á Universidade de Coimbra; bem como na Questão 6.ª cita varios documentos muito honrosos á memoria de alguns Pontifices, e ao Cardeal Infante D. Henrique, com referencia ao Collegio e Universidade de Evora.

—— Memoria Estatistica ácerca da notavel Villa de Monte-Mór o Novo — por *Joaquim José Varella.*

O Artigo 3.° desta Memoria traz um Cathalogo, por ordem alphabetica, dos *Illustres Escriptores de Monte Mór o Novo.*

—— Descripção Historica e Economica da Villa e Termo de Torres Vedras — por *Manoel Agostinho Madeira Torres.*

Na ultima parte do Capitulo 9.° accrescenta o Author á lista dos Escriptores respectivos, que traz Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, os nomes de outros que o Abbade de Sever não mencionou.

Apresenta depois um Catalogo dos homens de Lettras, não escriptores.

N. B. Estas duas Mem. encontrão-se na Collecção das da Academ. Real das Sciencias de Lisboa.

—— Béja no anno de 1845, ou primeiros traços estatisticos daquella cidade. Funchal 1847 — por *José Silvestre Ribeiro.*

O Capitulo 7.° deste opusculo traz uma lista dos principaes Sabios e Litteratos, naturaes da Cidade de Béja, com uma breve, mas substancial noticia dos titulos que os recommendão á posteridade.

—— Ao Illmo e Exmo Sr. Marquez de Pombal, em agradecimento de beneficios recebidos — Oração por *Joaquim José de Miranda Rebello.* Lisboa 1773.

He um panegirico eloquente do grande Marquez de Pombal, por vezes empolado em demazia, mas rico de considerações sobre o estado das Sciencias e das Lettras nos differentes seculos.

Querendo fazer sobresahir as reformas do immortal Ministro, desenha com grande vivacidade a anterior situação scientifica e litteraria de Portugal: = « Reduzidos os espiritos a hum voluntario captiveiro, se propagava universalmente aquelle gosto depravado, que obrigava a reputar por culpavel atrevimento o innocente, e necessario uso do nosso juizo. Entre os nossos não havia cousa mais estranha, que o pensar per si mesmo..... Dispostos assim os animos a tudo subtilizarem, e nada comprehenderem; esquecendo de proposito fazer separação do util e

do prolixo; estabelecido o systema de empregar huma vida inteira em entender tudo quanto de sua natureza fosse inintelligivel, tomados por justos instrumentos os que só servissem para tudo ignorar, passavam os nossos illudidos, ainda que applicados, a penetrar os importantes mysterios das tres grandes sciencias.» =

——Descripção Historica e Topographica da Cidade de Penafiel—por *Antonio d'Almeida.*

He sabido que por Carta de Lei de 17 de Março de 1770 foi creada a Povoação de *Arrifana de Sousa* em Cidade de Penafiel.

O Author da Memoria trata pois primeiramente de Arrifana de Sousa, e depois se occupa com as noticias relativas á Cidade de Penafiel. No Cap. 15 trata das pessoas que mais se distinguírão em Arrifana de Sousa, e ahi apresenta a biographia daquellas que se tornárão mais notaveis e illustres nas Lettras. Da epocha posterior á creação da Cidade de Penafiel não menciona pessoa alguma recommendavel na republica litteraria.

(Vem nas Mem. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.)

——Descripção Topographica e Historica da Cidade do Porto....—por *Agostinho Rebello da Costa.* Porto 1789.

O Capitulo 9.° desta obra he consagrado a enumerar os Homens illustres em Lettras, e Armas, que a Cidade do Porto produzíra até aos fins do seculo 18.° O Author, attendendo a que nos estreitos limites de uma breve Descripção não cabia apresentar longos desenvolvimentos biographicos e criticos, mencionou apenas os que julgou *mais dignos de attenção,* indicando sem a devida separação os *distinctos em Litteratura, e os famosos em Armas, pois que o maior numero delles exercitárão hum e outro emprego.* O Catalogo que o Author apresenta he interessante, porque reune em um só quadro os homens notaveis, que na segunda Cidade do Reino tiverão nascimento; mas he muito escasso de noticias.

O Capitulo 10.° da mesma obra traz uma noticia das *Mulheres illustres em virtudes, em sabedoria, e outras raras qualidades, que nascérão na Cidade do Porto.*

Escriptos Bibliographicos.

A Bibliographia, limitando-se unicamente a descrever livros, he apenas a sciencia do Livreiro; mas se ella se propuzer a classificar methodicamente os Livros, a distinguir os bons dos máos, a indicar as edições raras, a inculcar as obras mais uteis e preferiveis entre as immensas producções que hoje enchem as Bibliothecas;—neste caso a Bibliographia póde tornar-se interessante e muito proveitosa ás Lettras e ás Sciencias.

Será pois um excellente Bibliographo aquelle que pudér dar noticias apuradas e seguras, tendentes a guiar pelo melhor e mais curto caminho para a acquisição de conhecimentos, e a promovèr a disposição e collocação mais propria dos livros, em ordem a que seja facil encontra-los, ainda na mais vasta collecção.

Não entra no nosso plano fallar aqui dos preciosos trabalhos bibliographicos dos de Bure, dos Peignot, dos Brunet; aqui só nos occupamos dos escriptos bibliographicos relativos á nossa Litteratura.

Neste genero possuimos os seguintes subsidios:

——Catalogo Alphabetico, topographico, e Chronologico dos Authores Portuguezes, citados pela maior parte nesta obra (Vocabulario Portuguez e Latino)—pelo *Padre D. Raphael Bluteau.*

(Vem no Tomo 1.° do *Vocabulario)*

=«De todos os Autores Portuguezes, diz Bluteau, que me vierão á mão, fiz este Catalogo, não só, para seu credito delles, mas para autoridade deste Vocabulario, porque rara he a palavra, menos vulgarmente usada, ou termo scientifico, e extraordinario, que não venha authorizada com algum exemplo, e juntamente com a citaçam da pagina no livro do Autor allegado. Até das palavras, mais vulgares, muitas vezes trago exemplos, para que conste do sentido, em que forão usadas; e não he superflua esta curiosa pontualidade, porque sobre o significado de termos corriqueiros, e chulos, muitas vezes se levantão controversias, que só com o exemplo de algum Autor se decidem.»=

Bluteau explica depois a razão dos titulos do seu Catalogo:

=«Os titulos deste Catalogo sam tres, por tres razões. He alphabetico, topographico e chronologico. Alphabetico, pella disposiçam dos Autores pelos seus nomes proprios, segundo a or-

dem das suas letras iniciaes; Topographico, com a declaraçam da Cidade, e officina, em que o livro foi impresso; e Chronologico, pella noticia do Anno, em que sahio a luz. Destes tres titulos nascem tres utilidades; a saber, o conhecimento do Autor, da ediçam, e do tempo, em que foi impressa a obra.... A este Catalogo se seguirâm outros tres; o primeiro de alguns Autores Portuguezes, de cujas obras, ainda que só manuscritas, me vali neste Vocabulario; o segundo dos livros, dos quaes o Autor se dissimúla, ou se ignora; e o terceiro das materias tratadas por Autores Portuguezes.»==

Neste ultimo Cathalogo classifica Bluteau os Authores Portuguezes, segundo as materias de que tratárão; e nessa classificação se encontrão os tratados de Medicina, Cirurgia, etc. etc.— Bluteau comprehendeu perfeitamente a indispensabilidade de abonar as suas asserções com os exemplos de authores especiaes, segundo a especialidade das materias. «Aos que condemnarem a confiança, com que allego com toda a casta de Autores, respondo, que me aproveitei de todos, por que nas materias da sua profissam, cada hum delles he Texto. Em Cirurgia, e Medicina tão propriamente fallam Antonio da Cruz na sua Recopilação, e o Doutor João Curvo na sua Polyanthea, como João de Barros na Historia, e o P. Antonio Vieira na Predica; e a seu tempo, e lugar tanto caso fiz de algumas expressoens de Antonio Galvam na sua Alveitaria, e de Manoel Leitam na sua pratica de Barbeiros, como das Phrases, e elegancias de Jacinto Freire, e das metaphoras, e Paranomasias do Bispo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda.»==

——Summario da Bibliotheca Lusitana.—Lisboa. 1786. 4 pequenos volumes.

He um resumo da *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, feito pelo Professor Bento José de Sousa Farinha.

Nas proporções a que ficou reduzido o *Summario*, he um escripto meramente bibliographico, pois que se limita a dar conhecimento das obras que os differentes Authores compozérão, omittindo as noticias biographicas e litterarias, que o Abbade de Sever apresenta mui circumstanciadamente.

Ainda assim, porém, he o Summario um bom soccorro para quem não póde ter á mão a *Bibliotheca Lusitana*.

——Catalogo dos Autores que se lêrão, e de que se tomárão as Autoridades para a composição do Diccionario da Lingoa Portugueza. Formado pela ordem das abbreviaturas dos nomes e apellidos dos mesmos Autores, e dos titulos das obras anonymas.

(Vem no 1.º e unico Tomo do Diccionario da Lingua Portugueza, publicado em 1793 pela Academia Real das Sciencias de Lisboa,—o qual parou no verbo n. *Azurrar.*)

«O intento do... Catalogo (diz-se no Aviso ao Leitor) he dar aos Leitores do Diccionario huma breve, mas clara noção da idade, em que florecêrão os Autores, que nelle se citão, com a declaração de suas patrias, quando estas se conhécem, e hum juizo geral do seu merecimento litterario ou tirado do intrinseco exame de suas obras, ou das autoridades extrinsecas, com que aquelle se acha já comprovado.»

O Catalogo póde ser considerado como um Supplemento á *Bibliotheca Lusitana,* em quanto aos Authores que se lêrão para a composição do Diccionario; e he muito de notar que os titulos das obras citadas no Catalogo são, pela maior parte, mais exactos do que os da Bibliotheca Lusitana, pois que tiverão os Academicos o escrupuloso cuidado de os trasladarem por inteiro e fielmente, dos exemplares de que se servírão, transcrevendo-os com a orthographia que têem nas diversas impressões.

Para se conhecer a fundo a natureza especial, e merecimento do Catalogo, he indispensavel ter em vista as seguintes prescripções da *Planta do* Diccionario:

=«Começar-se-ha a leitura dos Autores Portuguezes, que conservamos, pelos primeiros Escritores, que principiárão a formar a nossa lingoa. Taes são o Nobiliario do Conde D. Pedro, as Chronicas de Fernão Lopes, Gomes Eannes d'Azurara, a anonyma do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a Vita Christi, que se diz ser de Fr. Bernardo de Alcobaça, a Regra e Perfeição da conversação dos Monges pela Senhora Infanta D. Catharina, o Cancioneiro Geral, publicado por Garcia de Resende, a Menina e Moça e mais obras de Bernardim Ribeiro, as de Gil Vicente, e quaesquer outras, que estiverem impressas, ainda que sejão da mais remota antiguidade..... Continuar-se-ha a mesma leitura desde Francisco de Sá de Miranda, o primeiro dos nossos polidos e elegantes Classicos, o mais chronologicamente,

que fôr possivel por todo o decurso do 16.° e 17.° seculos, em cujo fim se lhes fixará o termo.»==

==«Dar-se-ha sempre a preferencia para autorizar os vocabulos áquelles dos nossos Autores, que indisputavelmente se reputão Classicos. E posto que neste numero se devão contar todos quantos decorrem desde o meio do 16.° seculo até fim deste mesmo seculo, e ainda alguns primeiros do outro immediato; aquelles porem, que mais constantemente castigárão as suas obras, e tem mais reconhecido e provado credito por causa da elegancia de seu estilo, serão tambem com mais frequencia citados, não se havendo tanto consideração ao tempo, como ao intrinseco merecimento de seus escritos.»==

==«Da mesma sorte se procederá com os Authores que se seguem a Fr. Luiz de Sousa até ao fim do seculo passado (17.°). Delles se fará porem selecção, admittindo sómente os que por sua lingoagem e estilo se julgarem disso merecedores.»==

He tambem necessario, para se avaliar o alcance do Catalogo, ponderar que os Academicos entendêrão que a idade mais elegante da pureza da nossa lingua poderá contar-se desde 1540, em que começárão a ler na Universidade de Coimbra os insignes Mestres, que ElRei D. João III nella estabeleceu,—e terminar-se no anno de 1626, na qual sahio á luz a primeira parte da Historia de S. Domingos por Fr. Luiz de Sousa.

Mencionamos neste logar o *Catalogo*, como um trabalho bibliographico; mas havemos de occupar-nos delle mais detidamente, quando tratarmos da *Critica Litteraria*.

——Catalogo dos Livros, que se hão de ler para a continuação do Diccionario da Lingua Portugueza—mandado publicar pela *Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa 1799.

Este *Catalogo*, feito seis annos depois da publicação do 1.° tomo do Diccionario, apresenta por ordem alphabetica os nomes dos Authores Portuguezes, e os titulos das obras anonymas, sem as noticias biographicas e criticas, que traz o Catalogo antecedente; comprehendendo sómente os nomes dos Authores, e o titulo das Obras, com as indicações do logar da impressão, anno, e impressor. Em quanto ás obras anonymas copía por extenso os titulos, conservando a ordem alphabetica entre os nomes dos Authores, pela primeira palavra dos titulos.

O Catalogo começa pelas palavras *Academia dos Singulares*,

como o antecedente, mas termina pelo nome de *Xisto Figueira*, em quanto que o antecedente termina com a obra de *Vita Christi*.

Traz no fim a seguinte advertencia:

=«Adverte-se em primeiro lugar, que os descuidos, enganos, e faltas, que se acharem n'este Catalogo, se devem cuidadosamente emendar, e supprir na conta, que se dér dos Livros, que se lêrem, segundo o que se prescreveo no plano do Diccionario (*Desgraçadamente nunca tal conta chegou a ser dada, pois que não progredio o Diccionario da Academia.*) Em segundo lugar, que os Livros, que aqui não estão apontados pelas mesmas causas, e por ignorancia, se devem accrescentar com o mesmo cuidado, sendo daquelles, que, segundo as regras estabelecidas, se deverão ler.»=

Este Catalogo he em todo o caso um excellente subsidio bibliographico, para o conhecimento dos Authores Portuguezes nos seculos XV, XVI, e XVII.

——Historia da Academia Real da Historia Portugueza —composta por *Manoel Telles da Silva, Marquez de Alegrete*... Lisboa 1727.

Menciono n'este logar esta obra, e com especialidade o erudito *Prologo*, por que contém este uma resenha curiosa dos nossos Historiadores até ao anno de 1727.—Passo a dar uma noticia resumida das informações que d'esse Prologo podem colher-se para a nossa Historia Litteraria, citando os juizos criticos do Author:

Historia Ecclesiastica Geral.

O Licenciado Jorge Cardoso.—Author do Agiologio Lusitano. «Obra incompleta, e escripta com não menos diligencia, que credulidade. Para ser completa, devia comprehender o anno inteiro; porém só forão impressos os primeiros seis mezes. Uma douta penna da nossa Academia a tem continuado.»

D. Rodrigo da Cunha.—Historia das Igrejas do Porto, Braga e Lisboa. «Com quanto escrevesse em tempo em que erão estimados alguns authores apócryphos, tem recebido elogíos e approvação dos homens doutos. He para lamentar que não estendêsse ás demais Dioçóses o trabalho, que consagrou ás tres indicadas.»

Vidas de Varões illustres em santidade; e Chronicas das Religiões.

O Padre João de Lucena.—Vida de S. Francisco Xavier.
Fr. Luis de Sousa.—Hist. de S. Domingos. Vida do Arcebispo.
Fr. Manoel da Esperança.—Hist. Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco. «Estas, e outras Chron. das Religiões somente contêem uma narração do que pertence a cada uma das suas provincias, ficando tudo o mais, que toca ao resto da Igreja, sem Historiador, e sem mais outras noticias, que as que se podem colher das Constituições dos Bispados, e dos poucos Synodos, que delles ha impressos.»

Chronicas Especiaes.

Duarte Galvão.—Chronica do Conde D. Henrique. «Como a não li, não posso dizer o que contem, nem affirmar que existe.»
Duarte Galvão.—Chronica d'ElRei D. Affonso Henriques. «Ha poucos dias com grande desacerto mutilada se imprimio em Lisboa; he muy breve, ainda que refere as principaes acçoens daquelle grande Rei; porem entre ellas conta algumas tão inverosimeis, que o fazem merecedor do pouco credito, que os homens prudentes lhe dão nesta parte.»
Fernão Lopes.—Chronicas de D. Pedro 1.°, D. Fernando, e as duas partes da de D. João 1.° «Nestas composições não deixou de merecer a estimação, que sempre teve, e que justamente lhe devia dar a primazia do cargo, que occupou.»
Ruy de Pina.—«Reformou as Chronicas dos nossos Reys desde D. Sancho 1.° até D. Affonso 4.°, e tambem a de D. Duarte e a de D. João 2.° Os nossos Academicos, que se tem valido da lição deste author, tem observado nelle algumas contradiçoens, que provão seguiria no que escreveo, o que já estava composto.»
Damião de Goes.—«Começou a elevar a mayor gráo de perfeição a nossa Historia nas Chronicas que compoz d'ElRey D. João 2.° sendo Principe, e d'ElRey D. Manoel.»
Garcia de Rezende.—«Compoz a Chronica d'ElRey D. João 2.° com tal ordem, que mais parece hum summario de acçoens, do que Historia. Estylo claro. Meréce credito por contemporaneo, com quanto alguns, por esse mesmo mo-

tivo, e por ter sido moço da guarda roupa do mesmo Rey, e muyto favorecido deste, o julguem por suspeyto.»

Duarte Nunes de Leão.—«Abrío caminho á Critica da nossa historia, escrevendo com juizo e madureza as Chronicas dos primeiros dez Reys de Portugal. Tambem se lhe attribúe a Chronica, que vulgarmente se chama dos tres Reys.

Francisco de Andrade.—«Escreveo a Hist. d'ElRey D. João 3.°, com a falta que muitas das outras Chronicas tem, por não tratarem do governo economico do Reyno. No estylo conservou a clareza e naturalidade do seculo que acabava.»

N. B. Aqui só dou conta, e ainda assim muito em resumo, do que diz o Marquez de Alegrete; no entanto, quando no 2.° volume tratar da Critica Litteraria, occupar-me-hei detidamente com o assumpto importantissimo da historia e merecimento diverso das nossas Chronicas.

Vidas de Reys, Principes, e grandes homens.

D. Fernando de Menezes.—(Conde da Ericeira) «Compoz a vida d'ElRey D. João 1.° He um opusculo bem escripto.»

«O mesmo juizo faço da Vida d'ElRey D. João 2.° composta na Lingua Latina com o titulo de *Rebus gestis Joannis secundi;* sem que as naturaes suspeiçoens me intimidem para deixar de dizer que esta obra he digna de seu Author.»

D. Agostinho Manoel.—Vidas d'ElRey D. João 2.°, e de D. Duarte de Menezes. «Manoel de Faria e Sousa entende que este Author foy mais Politico, que exacto.»

Fr. Miguel Pacheco.—«Compoz a vida da Infanta D. Maria, filha d'ElRey D. Manoel, com grande approvação, pelo juizo, clareza de estylo, e boa ordem com que escreveo.»

D. Jeronimo Osorio.—«Insigne na Lingua Latina, na qual, além de outras mais, e mayores obras, compoz tambem a Vida d'ElRey D. Manoel com tanta elegancia, e pureza de estylo, que justamente he avaliado pelo mayor professor da Lingua Latina dos seculos modernos.»

Jacintho Freire de Andrade.—«Pelo estylo exquisito e particular com que compoz a historia ou panegirico, assemelha-se a Paterculo entre os Latinos; sustentou a reputação da Historia Portugueza, que começou a declinar ainda do estado em que estava, no tempo em que tambem se abateu a Monarchia.»

Chronicas Geraes.

Fr. Bernardo de Brito, Monarchia Lusitana.—«Este Author venceo no estylo, por ser mais limado e corrente, a todos os que lhe precedêrão, e a alguns que se lhe seguirão. Alguns Criticos mais austeros tirão da classe das nossas Historias os primeiros dous tomos da *Monarchia Lusitana*, composição de Brito.»

Fr. Antonio Brandão.—«Continuador da *Monarchia Lusitana;* author de bom estylo, excellente juizo, prudente liberdade, e de infatigavel indagação.»

Fr. Francisco Brandão.—«Continuador da mesma obra—sem grande desigualdade.»

Fr. Rafael de Jesus.—«Não devèra atrever-se a continuar a Monarchia Lusitana, por não ter todas as qualidades necessarias para o emprego de Chronista mór.»

Manoel de Faria e Sousa.—«Erudição vasta. Recopilador de todas as nossas Historias. Mais discreto, do que agradavel; mais erudíto, do que eloquente. O seu estylo enfastia a muitos; e alguns reparão em que siga opinioens menos provaveis, do que pede a verdade da Historia. Se agrada a liberdade do seu discurso, tambem não falta quem a julgue por maledicencia.»

Luiz Coelho de Barbuda.—«As suas *Emprezas Militares* tem contra si as suspeiçoens do tempo em que as escreveo.»

O Padre Antonio de Vasconcellos.—«Na *Anacephaleosis* resumio as nossas Chronicas, acrescentando, e mudando o que lhe pareceo, não sey se mais certo, se mais glorioso, e plausivel. O estylo he florido, e quasi poetico, e refere as acçoens que merecião censura, dourando-as com clausulas elegantes, vicio de muitos Historiadores, que por fugirem das venenosas suspeitas de Tacito, abração as enfeitadas desculpas de Veleio.»

Pedro de Mariz.—«Com o acrescentamento, que presentemente se lhe fez, ganhará certamente muito mayor reputação, que a que merecia.»

Christovão Rodrigues Azinheiro.—«O mesmo que a respeito do antecedente, no que toca ao Compendio das Chronicas de Portugal.»

D. Luiz de Menezes. Conde da Ericeira.—«Portugal não só lhe

deve o muito que obrou, como General, em sua defensa, mas tambem o grande credito, que elle, no *Portugal Restaurado*, e todos os seus ascendentes, e descendentes em outras muitas, lhe tem adquirido assim com o profundo estudo das Sciencias, como pelo continuado exercicio das armas.»

Conquistas da Africa e Asia.

Gomes Eanes de Zurara.—«Com igual reputação a seu antecessor Fernão Lopes, escreveo a 3.ª parte da Chronica d'ElRey D. João 1.º, em que por lisongear o genio d'ElRey D. Affonso 5.º o Africano, trata só da jornada de Ceuta, e pelo mesmo motivo compoz tambem a Chronica de D. Pedro de Menezes, primeiro Capitão daquelle Presidio.»

João de Barros.—«O Livio Portuguez, o grande, e insigne João de Barros, na opinião de todo o Mundo, conseguio na Obra das suas *Décadas* huma tal perfeição, *que justamente devemos esperar da Academia Real*...»

Diogo do Couto.—«Continuou as *Décadas*, senão com a mesma reputação, e felicidade, com igual utilidade e exacção.» —«A *Vida de D. Paulo de Lima* he bem escripta, e de nenhum modo abate a nossa historia.»

Fernão Lopes de Castanheda.—«Escreveo oito livros das acçoens, qme obrámos na India. Quem lê as *Décadas* de Barros e Couto, não se satisfaz facilmente de outro Historiador do mesmo assumpto.»

Gaspar Correa.—«Escreveo quatro Livros dos successos da India, desde o anno de 1497, até o de 1550. O mesmo que a respeito de Castanheda.»

O Padre Maffeo.—«Escreveo toda a historia da nossa India até o seu tempo, na Lingua Latina, com summa elegancia, e pureza, e por esta circumstancia he tão celebre.»

Affonso de Albuquerque (filho do grande Affonso de Albuquerque.)—«Braz de Albuquerque, a quem ElRey D. Manoel mandou, que se chamasse Affonso, em memoria de seu pai, escreveo huns *Commentarios* das acçoens deste Heroe, as quaes bastarão sómente para fazer estimada a obra de seu filho.»

Antonio Pinto Ferreira.—«A *Vida* de D. Luiz de Ataíde he bem escripta, e de nenhum modo abate a nossa Historia.»

America.

Francisco de Brito Freire. — « Não temos quem escrevêsse dos ultimos descobrimentos, que fizemos na America... mais que tres Authores impressos... dos quaes he o principal Francisco de Brito Freire, estimado não só pela sua pessoa, e pelas acçoens que obrou nestas Provincias, mas pelo bem que escreveo a sua Historia.»

Eis muito em resumo, o catalogo dos Historiadores portuguezes que o Marquez de Alegrête apresenta no Prólogo da sua Historia. Note-se que este author escreveu no anno de 1727.— Posteriormente escrevêrão obras historicas muitos Collegas do author na Academia Real da Historia Portugueza, e nos ultimos tempos tem-se augmentado consideravelmente este ramo da Litteratura Portugueza. — Vejão-se os seguintes subsidios, para complemento das noticias do Catalogo do Marquez de Alegrete:

Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza. 1721 a 1736.

Bibliographia Historica Portugueza... — por *Jorge Cesar de Figanière.* Lisboa 1850.

——Indicação dos principaes Escriptores Portuguezes, que existirão até ao principio do seculo 18, classificados segundo as materias, sobre que escrevêrão.

Vem no § 407 da interessante obra de José Vicente Gomes de Moura, intitulada=*Noticia succinta dos Monumentos da Lingua Latina, e dos Subsidios necessarios para o estudo da mesma.*—Coimbra 1823.=

No citado § explica o douto Professor o que entende por authores *Classicos;* sendo, no seu conceito, aquelles que escrevêrão aprimoradamente na lingua materna, e que por isso são os *mestres praticos* da legitimidade, noções e bom emprego das palavras, e de sua boa construcção.

Pondera, depois, que na lição dos Classicos deve advertir-se o seguinte: 1.° está inedita grandissima parte de nossos Escriptores; 2.° a critica, tão felizmente empregada na correcção dos Authores Gregos e Latinos, está ainda entre nós na infancia; 3.° que convem definir, quaes sejão os nossos Authores Classicos;

4.° As primeiras edições passão ordinariamente pelas melhores, e se o Author fez mais de uma, julga-se melhor a ultima; 5.° As edições, repetidas por editores diversos dos Authores proprios, são muitas vezes suspeitas de menos correctas, e principalmente as que se fazem por motivo de commercio; 6.° e 7.° cuidadosa reflexão sobre a etymologia e orthographia; 8.° importa notar a differença que ha entre a linguagem mais antiga e a actual, quer seja em quanto ás palavras, quer em quanto á declinação dos verbos, ou finalmente em quanto á Syntaxe; 9.° convem indagar as noções das palavras, quer proprias, quer secundarias, as suas diversas significações, e as differenças nas que parecem synonimas; 10.° dar-se-ha particular attenção á Syntaxe de regencia; 11.° convem notar nos escriptos modernos os erros de linguagem, commettidos pela introducção de palavras e phrases das linguas estranhas, advertindo a expressão portugueza, que deveria empregar-se.

Tendo feito estas e outras ponderações, de que muito particularmente nos occuparemos na 2.ª parte desta obra, apresenta José Vicente Gomes de Moura o Catalogo de que acima damos conhecimento.

——Abreviaturas das Citações dos Livros Portuguezes, com que se authoriza o uso das Palavras.

Vem no Diccionario da Lingua Portugueza, composto por *Antonio Moraes da Silva.* 5.ª Edição. Lisboa 1844.

No fim das *Abreviaturas* vem esta Nota:

«Se no corpo do Diccionario se achar algum Auctor citado, que ficasse aqui omittido, busque-se no Index dos Auctores abreviado, que vem no tomo 1.° do Diccionario Portuguez da Real Academia, cujas abreviaturas imitei muitas vezes.»

Vê-se, por tanto, que este Catalogo de Authores Portuguezes he copiado do que vem no Diccionario da Academia.

Alguns dos Diccionaristas posteriores a Moraes têem seguido tambem o exemplo da Academia, de pôrem á frente dos seus Diccionarios um Catalogo dos Authores, com que authorisão o uso das palavras.

——Noticia dos Poetas Portuguezes, e de suas Obras e Edições, de que trata o

Diccionario Poetico, para uso dos que principião a exercitar-se na Poesia Portugueza: obra igualmente util ao Orador principiante:—seu author *Candido Lusitano*. 3.ª ed. Lisboa 1820.

A *Noticia* he feita por ordem alphabetica, e com quanto muito resumida, apresenta todavia os indispensaveis esclarecimentos biographicos e criticos ácerca dos Poetas Portuguezes, e dá uma ideia assaz clara das obras anonymas.

Vejâmos alguns exemplos:

«*Francisco de Sá de Miranda*, foi natural, e Lente da Universidade de Coimbra, Commendador da Ordem de Christo, respeitado como Mestre de todos os Poetas, e Sabios do seu tempo: mereceo o titulo de *Seneca Portuguez:* falleceo de 63 annos em 15 de Março de 1558. Temos deste Poeta o seguinte: *Obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda.* Lisboa 1595. 4., e 1614. 4., e 1632 em 32. *Vilhalpandos, Comedia.* Coimbra 1560. 12. *Estrangeiros, Comedia.* Coimbra 1569. 8. *Satyras.* Porto 1626. 8. Devemos huma nova Edição destas Obras ao Sr. Francisco Rolland feita em Lisboa em 1784. em 2 vol. 8. que he a que se cita por tomos, e paginas neste Diccionario.»

«*Gil Vicente*, huns o fazem natural de Guimarães, outros de Barcellos, e outros de Lisboa, he chamado o Plauto Portuguez; delle bastará dizer, que Erasmo aprendeo a lingua portugueza só para ler as obras poeticas de Gil Vicente. Falleceo em Evora pelos annos de 1556. Temos delle: *Compilação de todalas obras de Gil Vicente, a qual se reparte em sinco Livros. O primeiro he de todas suas cousas de devação. O segundo as Comedias. O terceiro as Tragicomedias. O quarto as Farças. No quinto as Obras meudas.* Lisboa por João Alvares 1562. fol.»

A *Noticia* he pois um excellente subsidio bibliographico, para conhecimento da nossa poesia nos seculos XVI e XVII.

——Na Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza (anno de 1735) vem um tratado bibliographico, intitulado:

Bibliotheca Sousana, ou Catalogo das Obras que compôz... D. Manoel Caetano de Sousa... illustrado... com observações Academicas, e Filológicas pelo Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes.

——As Memorias, que já citámos, de Fr. Fortunato de S. Boaventura, ácerca de *Fr. Bernardo de Brito*, e de *Fr. Antonio Brandão*, devem tambem ser consideradas como excellentes specimens de trabalhos bibliographicos, ainda que especiaes.—Em ambas as Memorias apresenta o Author uma noticia circumstanciada dos escriptos dos Chronistas de que trata.

——Bibliotheca Lusitana escolhida, ou Catalogo dos Escriptores Portuguezes de melhor nota quanto a lingoagem com a relação de suas principaes obras colligido de diversos Authores—por *Jozé Augusto Salgado*.—Porto. 1841.

Este Catalogo comprehende cento e doze Escriptores Portuguezes; e setenta e sete indicações de *Livros sem nome de Author*.

O author do Catalogo, pugnando pela excellencia da nossa lingua, deliberou-se a fazer uma escolha dos Escriptores Portuguezes, que, a seu ver, escrevêrão com maior apuro, e como Mestres e bons modelos devem ser propostos aos que pretenderem estudar a lingua portugueza.—O author escreveu já depois de terem apparecido (desde muito tempo) os Catalogos da Academia Real das Sciencias, de Moraes, e de Bento José de Sousa Farinha; mas entendeu que essas collecções, alem de nimiamente extensas, não preenchem determinadamente o fim de satisfazer aos leitores, que só pureza e elegancia de linguagem tenhão em vista.—O author considera como modelos de linguagem os nossos Escriptores do seculo XVI; não assim os do seculo seguinte, e muito menos os dos outros. Dos primeiros, diz que só omittíra aquelles de cujas obras não teve conhecimento; dos segundos, escusou muitos; dos outros, omittio o maior numero.—Em quanto a edições, apontou somente as *primeiras*, ou as que são havidas por melhores.—Não se fez cargo das obras manu-

scriptas, nem tão pouco das compostas em idioma estranho por authores portuguezes.

Na especialidade que o author teve em vista, isto he, de apresentar a resenha dos nossos melhores escriptores, debaixo do pônto de vista da pureza e elegancia de linguagem,—he interessante este Catalogo, maiormente se fôr examinado e confrontado com os da Academia Real das Sciencias.

Para desde já verem os Leitores o alcance das noticias do Catalogo, de que tratâmos, transcreverei aqui a noticia relativa a Heitor Pinto:=«Fr. Heitor Pinto, natural da Covilhã ou de «Mello, Monge de S. Jeronimo, Lente de Escriptura na Univer«sidade, Provincial da Ordem, falleceu em 1584.—Imagem da «Vida Christã ordenada por dialogos. 1.ª Parte. Coimbra por «Joham de Barreira 1563. 1 vol. 8.º—Segunda parte dos Dia«logos da Vida Christã. Lisboa por Joham de Barreira, á custa «de Joham Despanha 1572. 1 vol. 8.º»=

Todas as outras noticias são de igual concisão.—Seria por ventura muito mais interessante este trabalho especial, se contivesse uma breve indicação do particular merecimento litterario de cada Author.

—Mapa Genealogico, Historico, Chronologico, Diplomatico e Litterario do Reino de Portugal e seus Dominios antigos e modernos. Impresso em París no anno de 1838.

Na parte litteraria traz um grande numero de catalogos muito interessantes, e bem ordenados, e são os seguintes:

1.º *Principaes Poemas Epicos* (Portuguezes) *com as datas das primeiras Edições.*

2.º Principaes Historiadores sobre Portugal:
—Historias Geraes.
—Historias Particulares.

3.º Historiadores Portuguezes principaes sobre o Brazil.

4.º Historiadores Portuguezes principaes sobre a India.

5.º Historiadores Portuguezes principaes sobre as outras Colonias e Conquistas.

6.º Escriptores (Portuguezes) mais notaveis, classificados segundo as Epochas, do principio da Monarchia, até 1500: de 1500 até 1640: de 1640 até aos nossos dias: nas epochas, pelas sciencias sobre que escrevêrão; e nas sciencias, pela ordem alphabetica.

Não he possivel apresentar com maior clareza, e methodo, as noticias litterarias do nosso paiz, no que toca á serie de Escriptores notaveis, que sobre diversas materias têem composto obras interessantes,—do que o fizerão os authores do *Mapa Genealogico, Historico*, etc.

A fim, porém, de que se possa tirar todo o partido dessas noticias, e se obtenhão esclarecimentos seguros, he indispensavel confrontar os catalogos do *Mapa* com os que forão reproduzidos em diversos Numeros do Jornal Litterario Portuguez=*O Recreio*=, no tomo 5.° Em quanto a datas, todo o escrupulo he pouco. No *Recreio* dá-se a primeira edição do *Segundo Cerco de Diu*, de Jeronimo Corte Real, em 1572; nesta parte he mais exacto o *Mapa*, dando-a em 1574. E com effeito, eis aqui o que se lê no titulo desse poema, na 1.ª edição: *Successo do segundo Cerco de Diu: estando Dom Joham Mazcarenhas por Capitam da Fortaleza. Anno de 1546. 4.°*—No fim: *Impresso em Lisboa por Antonio Gonçalves impressor anno de 1574.*—Depois de confrontados com *O Recreio*, he mister recorrer ao *Catalogo do Diccionario da Academia*, e á *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado.

——Entre os manuscriptos de Antonio Ribeiro dos Santos ha dous volumes, com o titulo de=*Bibliographia das Linguas*= O 1.° contém a Bibliographia das Linguas Europêas; notei, porém, que he deficientissimo em quanto á Lingua Portugueza.

——Bibliographia Historica Portugueza....—por *Jorge Cesar de Figanière*. Lisboa 1850.

Este excellente trabalho, que por certo custou ao seu benemerito author muitos cuidados e diligencias, he recommendavel pela sua methodica disposição, não menos que pela immensa cópia de informações bibliographicas, as quaes parece serem completas, em quanto aos escriptos historicos de Portugal, em linguagem portugueza.

Memorias e Escriptos relativos á Historia Geral de Portugal; Chronicas, Memorias e Escriptos relativos aos nossos Reis e Principes; Antiguidades, e Descripções de Portugal; Memorias e Escriptos ácerca das nossas Provincias Ultramarinas; Successos tragicos, maritimos e terrestres; Vidas e Elogios de Varões illustres Portuguezes; Memorias e Escriptos sobre assumptos Ecclesiasticos e Religiosos.... tudo quanto entre nós, ha secu-

los, tem sido publicado sobre estes diversos assumptos, he indicado com a mais escrupulosa exactidão na Bibliographia Historica Portugueza.

Não comportava a natureza especial deste trabalho que o incansavel Compilador apresentasse noticias biographicas dos authores, nem juizos criticos sobre o merecimento das obras; mas em compensação, o Catalogo do Sr. Figanière guia os leitores ás fontes historicas, onde podem encontrar instrucção sobre os diversos assumptos relativos ao nosso paiz.

O Sr. Figanière deu todo o cunho de authenticidade ao seu Livro, asseverando que consultára nos proprios exemplares impressos todas as obras e edições de que dá noticia no Catalogo.

Esperâmos que o laborioso author continuará successivamente a dar noticia do que fôr apparecendo no ramo bibliographico-historico, e completará a sua obra, formando o catalogo dos Historiadores Portuguezes, que escrevêrão em latim e castelhano.

Honra e louvores ao Sr. Figanière pelo seu interessante trabalho!

Trabalhos de Diplomatica em Portugal.

Dissertação x. Contendo os Prolegómenos das Instituições da Diplomatica Portugueza. Tomo 4.º, P. 1.ª, pag. 1, das Dissertações Chronologicas e Criticas... de *João Pedro Ribeiro.*

Julgo interessante para a Historia Litteraria de Portugal o conhecimento dos Litteratos Portuguezes, que se têem occupado de trabalhos de Diplomatica, e do maior ou menor gráo de credito que merecem, e conceito de que gosão.

Como escrevo para mocidade estudiosa, julgo indispensavel dar, muito em resumo, algumas definições relativas á Diplomatica, guiando-me pela Dissertação que acima indico; e depois apresentarei um Catalogo dos Litteratos Portuguezes que se occupárão de Diplomatica.

Diplomatica he a Sciencia que nos ensina a avaliar com exactidão os antigos Diplomas, distinguindo os verdadeiros dos falsos, ou duvidosos.

A palavra *Diploma* he consagrada entre os Diplomaticos para significar os Documentos publicos, e com especialidade os Reaes, pois que aos outros, igualmente publicos, denominão *Chartas.*

Scientificamente fallando, uma columna, uma pyramide, um marco, um arco triumphal—denominão-se *Memorias;* os *Monumentos*, e os *Documentos* são acompanhados de lettras, mas distinguem-se entre si, porque os primeiros são de metaes, de pedras, ou de lenhos,—e os segundos, os pergaminhos e o papel.

Os *Monumentos* dividem-se em *Moedas*, *Medalhas*, e *Inscripções;* dando assim logar a tres sciencias, a *Numaria*, a *Numismatica*, e a *Lapidaria*.

Os *Documentos* são designados vulgarmente pelos nomes de *Codices* ou *Manuscriptos*.

Os *Documentos* são *particulares*, quando não feitos officialmente por pessoa publica; são *publicos*, quando exarados officialmente por pessoa publica, e especialmente se chamão *Diplomas*, quando nelles intervêm a assignatura ou firma do Soberano, ou ao menos a sua immediata authoridade, reservando-se o nome de *Charta* para os outros.

A *Diplomatica* applica aos Documentos publicos os principios da Critica e da Hermeneutica; tendo aliàs alguns principios seus, e proprios do seu objecto.

A *Paleographia* he aquella parte da Diplomatica, que pelo caracter, ou letra, em que se achão escriptos os Documentos antigos, nos ensina á julgar da sua idade e veracidade, e ainda a determinar o territorio ou nação, a que pertencem.

Postas estas breves definições, darei agora o Catalogo dos Litteratos Portuguezes, antigos, que João Pedro Ribeiro menciona na Dissertação x supra-citada:

No reinado de D. Diniz fez uso, com admiravel circumspecção e destreza, dos principios da Diplomatica, o Procurador Regio Domingos Paez.

Igual pericia se mostra dos Enqueredores de D. Affonso 3.° e 4.° Brito, Fr. Antonio, e Fr. Francisco Brandão, e Fr. Manoel dos Santos recorrêrão amplamente aos Cartorios.

Mas o mesmo Brito, D. Nicoláo de Santa Maria, e Fr. Antonio da Purificação, apresentárão muitos documentos de sua fabrica, sendo reconhecida já a sua má fé, bem como a de Higuera, e Gaspar Alvez Louzada.

Os Chronistas dos Benedictinos forão destituidos dos bons principios da Critica; não assim, porém, o Chronista dos Franciscanos, Fr. Manoel da Esperança, ao qual não se póde negar critica, boa fé, e exactidão.

Entre os Portuguezes, que manejárão e examinárão Cartorios, menciona depois João Pedro Ribeiro os seguintes: Gaspar Estaço, o Doutor João de Barros (diverso do Author das Decadas), os Benedictinos Fr. João Chrysostomo, Fr. Manoel da Conceição, e Fr. Antonio da Soledade; os Conegos Regrantes D. Vicente de Jesus, e D. José de Christo, e mais do que todos D. Bernardo da Encarnação.

No reinado de D. João 5.°, o estabelecimento da Academia Real da Historia Portugueza deu logar a que muito se trabalhasse sobre os nossos Cartorios. Alguns dos socios extractárão, ou publicárão documentos com pouca exactidão. Em uma nota adverte João Pedro Ribeiro algumas inexactidões de José Soares da Silva, e de D. Antonio Caetano de Sousa.

No reinado de D. José promoveu o grande Cenaculo o estudo da Diplomatica. Em 1775 foi estabelecida no Real Archivo uma Cadeira de Paleographia, com o titulo de *Orthographia Diplomatica* (esta não chegou a durar um anno). O mesmo Cenaculo tinha feito reimprimir no anno de 1773 o *Methodo Diplomatico.*

Em 1792 imprimio no Porto Fr. José Pedro da Transfiguração uma *Dissertação, ou Breve Tratado, sobre algumas regras mais necessarias da Hermeneutica e Diplomatica.* (He um extracto do Methodo Diplomatico, juntamente com as regras da Diplomatica.)

Já em 1787 Fr. Francisco de Jesus Clootz Wanzeller, em umas Theses de *Criterio Veritatis* inserira 12 relativas á Diplomatica.

Em 1797 publicou José Anastacio da Costa e Sá os *Elementos de Diplomatica.* (Quasi toda esta pequena obra versa sobre a nomenclatura da Diplomatica.)

«Merecem particular menção como benemeritos da Sciencia Diplomatica José Anastacio de Figueiredo, Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, que chegou a ser nomeado Substituto da Cadeira de Diplomatica, cujos trabalhos ferreos, e eruditas Obras são bem conhecidas. Fr. Joaquim de Santo Agostinho Brito França Galvão, Eremita de St.° Agostinho, e hoje Freire de Aviz, e Abbade de Lostoza. Fr. Joaquim de St.ª Rosa de Viterbo, Menor Observante Reformado da Provincia da Conceição, A. do Elucidario da Lingua Portugueza.»

Por Carta Regia de 6 de Janeiro de 1796 foi creada uma Cadeira de Diplomatica na Universidade de Coimbra, de que foi Lente João Pedro Ribeiro; a qual foi transferida para Lisboa em 1801, e regulada por Alvará de 21 de Fevereiro do mesmo anno.

Dos Chronistas das Ordens Religiosas de Portugal, que fornecem alguns subsidios para a Historia Litteraria.

——Historia Serafica Chronologica de S. Francisco na Provincia de Portugal—por *Fr. Fernando da Soledade.* (Edições successivas—1705. 1709. 1721. 1735.)

Dá noticia dos Religiosos Menores da Provincia de Portugal, que se tornárão mais notaveis nas Lettras.

——Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Evora—de Lisboa—de Coimbra—1714 a 1719—4 vol.

Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725.—1726. fol.—pelo *P. Antonio Franco,* da Companhia de Jesus.

Na *Imagem da Virtude* vem o catalogo dos Escriptores Jesuitas, que professárão nos Noviciados de Evora, Lisboa, e Coimbra.

Na *Synopsis* vem um Indice das materias de que tratárão os Escriptores Jesuitas da Provincia de Portugal, desde o principio da Sociedade até ao anno de 1724.

——Evora Gloriosa. (Já mencionámos esta obra, e particularisámos o catalogo que o author apresenta com o titulo de *Bibliotheca Eborense Academica.*)

——Memorias Historicas dos Escritores Portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal, reduzidas a Cathalogo alphabetico.—1724—pelo *P. Fr. Manoel de Sá.*

Barbosa Machado louva o author pelo *exame critico,* e *summo desvélo,* com que se houve na composição das *Memorias.*

——Claustro Dominicano. Lanço 1.° a 4.° — (Ed. 1729 a 1734.) — por *Fr. Pedro Monteiro.*

No Lanço 3.° traz a noticia dos Lentes da Ordem dos Prégadores, que lêrão na Universidade de Coimbra; dos Religiosos que se consagrárão ás Lettras, e obtiverão gráos na Universidade e nos Conventos; dos Escriptores que na mesma Ordem houve, etc.

Barbosa Machado faz deste Chronista um juizo menos favoravel, do que a respeito de Fr. Manoel de Sá.

——Noticia breve em commum dos Escritores da Ordem de S. Domingos, nesta Provincia de Portugal. (S. Domingos) — Appendix á 4.ª Parte da Historia de S. Domingos, continuação do inimitavel Fr. Luiz de Sousa — por *Fr. Lucas de Santa Catharina.*

Esta noticia he um resumo do *Theatro Litterario,* que escreveu Fr. Pedro Monteiro no *Claustro Dominicano.*

——Flos Sanctorum Augustinianorum — por *Fr. Manoel de Figueiredo,* Eremita de St.° Agostinho, e Chronista da sua Religião. 1737.

Na 4.ª Parte dessa obra vê-se o *Cathalogo dos Lentes Publicos, e Doutores da Universidade de Coimbra que florecêrão no seu Collegio da mesma Cidade.*

——Cathalogo dos Escritores da Monastica Congregação de S. Bento do Reyno de Portugal — por *Fr. Cypriano de Mendonça.*

Vem, traduzido em Castelhano, na *Perla da Cataluña* de Fr. Gregorio de Argaiz, Chronista Geral da Ordem Benedictina. «*Nó he puesto mas cuidado,* diz este, *que el traduzirlo de Portuguez en Castellano.*»

——Chronica da antiquissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho Bispo de Hiponia, e principal Doutor da Igreja. — 1642. 1656. — por *Fr. Antonio da Purificação.*

——De viris illustribus antiquissimæ Provinciæ Lusitanæ ordinis Eremitarum S. Patriarchæ Aurelii Augustini Hipponensis Episcopi, et Ecclesiæ Doctoris libri tres. — Lisboa 1642 — por *Fr. Antonio da Purificação.*

——Benedictina Lusitana.—1644. 1651.—por *Fr. Leão de Santo Thomaz.*

——Chronica de Carmelitas Descalsos particular do Reyno de Portugal, e Provincia de S. Filippe.—1657—por *Fr. Belchior de Santa Anna,* chamado no seculo *Belchior Corrêa.*

——Chronica da Companhia de Portugal, etc. 1.ª Parte 1645.—2.ª Parte 1647.—por *P. Balthazar Telles.*

——Historia de S. Domingos—pelo incomparavel *Fr. Luiz de Sousa.*

Em diversos logares se encontrão noticias litterarias.

——Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco, na Prov. de Portug.—P. 1.ª 1656. P. 2.ª 1666.—por *Fr. Manoel da Esperança.*

«A critica, e a boa fé, e a exactidão se não póde negar com justiça ao Chronista dos Franciscanos Fr. Manoel da Esperança.» (João Pedro Ribeiro).

——Nobiliarchia Trinitaria. Catalogo de varões illustres em lettras..... da Ordem da SSma. Trind. da Prov. de Port.—1766.—por *Fr. Manuel de Santa Luzia.*

——Historia da fundação do Real Convento e Seminario de Varatojo; etc. 1799. 1800.—por *Fr. Manuel de Maria SSma.*

——Alcobaça illustrada.—1710.—por *Fr. Manuel dos Santos.*

——Mappa nominal de todos os Abbades d'Alcobaça, geraes da Congregação de S. Bernardo etc.—1789.—por *Fr. Manuel de Figueiredo.*

——Chronicas da Ordem dos Frades Menores do Seraphico Padre S. Francisco—1557. 1566. 1587.—por *Fr. Marcos de Lisboa.*

——Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes, do Patriarcha Santo Agostinho—1668.—por *Fr. Nicoláu de Santa Maria.*

——Primeira parte do Compendio de Chronicas da Ordem da muito bem aventurada sempre virgem Maria do Monte do Carmo—1572.—por *Fr. Simão Coelho.*

——Elogios dos.... Abbades Geraes da Congregação Benedictina....—1767.—por *Fr. Thomaz d'Aquino.*

——Memorias Hist. Chronol. da Sagr. Rel. dos Clerigos Regulares em Portugal, etc.—1792. 1794.—por *D. Thomaz Caetano de Bem.*

——Compendio Historico da Congregação da Terceira Ordem de Portugal—1793.—por *Fr. Vicente Salgado.*

Para completar o titulo das Chronicas, que ficão mencionadas, veja-se a Bibliographia Historica Portugueza do sr. *Figanière,* Parte 3.ª Titulo 2.°; e a Bibliotheca Lusitana, a cada um dos Chronistas.

De alguns Escriptos ineditos sobre a Historia Litteraria de Portugal.

——Bibliotheca Portugueza.

Cathalogo de 677 Authores—pelo *Licenciado Francisco Galvão de Mendanha.*

Galvão de Mendanha foi Beneficiado da Igreja de S. Pedro de Evora, onde morreu a 5 de novembro de 1627.

O Chantre Severim de Faria lhe chama *grande benemerito dos Escritores Portuguezes.*

Barbosa Machado, a quem foi confiado em 1722 [1] o manuscripto original, dá a seguinte noticia:=«Não está disposta por ordem alphabetica, porém della se colhe a grande curiosidade com que juntou as memorias para o intento, que meditava.»=

——Cathalogo de los Escritores Portuguezes—por *Manoel de Faria e Sousa.*

Barbosa Machado assevera que teve em seu poder o Original, escripto todo da propria mão de Faria e Sousa, e nelle encontrou a noticia de 823 authores, *muito mais diffusa, e copiosa assim no caracter, como em o numero das pessoas,* que o

[1] Da Livraria do Conde de Vimieiro.

Cathalogo impresso na 4.ª Parte, cap. 18 do Epitome de la Hist. Portug., que unicamente consta de 206 Escriptores.

Não indica a pessoa que lhe confiou o manuscripto, nem qual destino lhe deu.

——Theatrum Lusitaniæ Litterarium, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum—pelo *Doutor João Soares de Brito.*

Traz as noticias de 876 authores.

Barbosa Machado aproveitou este trabalho para a sua *Bibliotheca Lusitana.*

«O original (do *Theatrum*) foy mandado, diz Barbosa, no anno de 1655 a París para se imprimir, e não se executando se conserva na Bibliotheca d'ElRei Christianissimo.» Barbosa obteve uma cópia do manuscripto.

O Sr. Ferdinand Denis declara no *Discours Préliminaire* do seu *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal,* ter consultado *le Dictionnaire biographique de Soares de Brito.*—E no fim do Capitulo 28 diz assim: «Je signalerai encore aux personnes qui s'occupent de littérature étrangère un ouvrage dont Barbosa invoque souvent le témoignage.... le *Theatrum Lusitaniæ Litterarium.* Il renferme en général des jugemens concis. Mais j'y ai remarqué quelques erreurs biographiques, et c'est à tort qu'il donne le titre d'ecclésiastique à Gil Vicente. On voit néanmoins que Soares de Brito a été d'une grande utilité à l'auteur de la Bibliothèque Lusitanienne. [1]

——Bibliotheca Portugueza—por *João Franco Barreto.*

Barbosa Machado vio uma cópia do manuscripto, *onde se comprehende,* diz elle, *vastamente a noticia dos authores portuguezes, posto que muitas vezes se dilata em narrações improprias deste assumpto.* O original estava na Livraria do Cardeal de Sousa.—O P. Antonio de Macedo, e Jorge Cardoso fallão com elogio do trabalho de Barreto. Uma cópia do Mss. estava, diz Barbosa Machado, na Bibliotheca do Duque de Cadaval.

——Bibliotheca Lusitana—por *Jorge Cardoso.*

Jorge Cardoso he o author do *Agiologio Lusitano,* e nesta

[1] Le *Theatrum* est devenu trop rare. Il se trouve manuscrit à la Bibliothèque Royale. (F. Denis.)

obra faz elle muitas vezes menção da sua *Bibliotheca*, para cuja composição se applicára cuidadoso a reunir noticias — sobre os varões celebres nas Lettras e nas Sciencias.

Barbosa Machado nunca pôde alcançar a obra; mas Nicoláo Antonio assevera tê-la visto.

——Bibliotheca Lusitana — pelo *P. Francisco da Cruz* (Jesuita, Mestre e Confessor do Sr. D. João 5.°)

Barbosa Machado vio os Mss., por intervenção do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, e diz que se comprehendem em quatro volumes, escriptos da propria mão do author, onde confuzamente estão lançadas as noticias, e muitas vezes em diversos lugares repetidas. Em um daquelles volumes lião-se quinhentos elogios latinos dos authores que principião pela lettra *A*, que ficou incompleta. Barbosa Machado admirou a pureza e elegancia do estylo, bem como a vasta lição, e profundo exame, com que o Padre Francisco da Cruz escrevia esta obra, digna do ultimo complemento.

——Syllabus sive Bibliotheca Maxima omnium scriptorum, qui tribus S. Francisci Ordinibus nomen dederunt — por *D. Fr. José Maria da Fonseca e Evora.* (Bispo do Porto, sagrado a 12 de março de 1741, e socio da Academia Real da Historia Portugueza.)

——Minerva Lusitana, seu notitia operum quæ a Lusitanorum Calamo umquam prodiere — por *D. Manoel Caetano de Sousa.*

(He um Catalogo de Escriptores Portuguezes, que publicárão Sermões, Orações, Epigrammas.)

Do mesmo Author ficárão mais alguns escriptos ineditos, que são apontados na *Bibliotheca Sousana* do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, Lisboa 1736. 4 grande.

——Bibliotheca Benedictina Lusitana — por *Fr. Marceliano da Ascençam.* (Principiada no anno de 1732.)

——Tratado de Varoens illustres que houve em o Reyno de Portugal — por *Duarte Nunes de Leão.* (Faz menção desta obra na *Descrip. de Port.* cap. 60)

—— { Collecção de Historiadores, Oradores, e Authores de Cartas Latinas Portuguezes.
Collecção dos mais insignes Poetas Portuguezes que escreverão na lingua materna — pelo *Padre Antonio dos Reis.*

——Origem e fundação da Universidade de Coimbra.— Catalogo dos seus Reitores e Lentes.—Catalogo dos Lentes fóra do Reino—por *Francisco Carneiro de Figueiroa*, Reitor que foi da Universidade de Coimbra, desde os fins de 1722 até 1744.

(Ao indefesso trabalho com que examinou o Cartorio da Universidade deve ella as Memorias Chronologicas que escreveo, e publicou o Beneficiado Francisco Leitão Ferreira. *Barb. Mach.*)

Julguei conveniente apresentar a resenha especial dos escriptos ineditos sobre a Historia Litteraria de Portugal, por isso que tenho por um dever de consciencia aplanar o caminho aos que pretenderem tratar da nossa Litteratura *ex professo*. Ou casualmente appareção esses manuscriptos, ou se diligenceie o seu descobrimento, ou se promova a publicação de algum, he obvio que, para todas as hypotheses, se torna muito necessario o conhecimento da riqueza que possuimos neste genero.

Portuguezes benemeritos, que nas Universidades estrangeiras occupárão Cadeiras de ensino publico, dando mostras de talento e erudição.

Para formar o competente Catalogo veja-se:

Bibliotheca Lusitana—No Prologo, e no artigo biographico relativo a cada um dos nomes ali citados.

Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal—pelo Sr. *Francisco Freire de Carvalho.*

Nesta interessante obra apresenta o erudito author, em alguns dos periodos em que dividio a Historia Litteraria, mui apurados catalogos dos Portuguezes que honrárão a Patria nos paizes estrangeiros, regendo dignamente Cadeiras em differentes Universidades.

Se o Historiador Litterario entender que deve proceder a

indagações sobre o estado de um paiz, desde os tempos os mais remotos, de que possa haver conhecimento, livre lhe será o fazê-lo, e porventura com alguma utilidade, se nesses periodos afastados podér descobrir alguma riqueza litteraria. Assim, por exemplo, em quanto á Historia Litteraria de Portugal, poderá alguem querer adquirir noticias do estado intellectual dos povos que habitárão o nosso paiz, antes do estabelecimento da Monarchia Portugueza, e nas epochas mais remotas de que haja conhecimento. Nesse caso será necessario dividir aquelle vasto periodo nas seguintes epochas:

1.ª Até ao tempo em que começou a dominação Romana.
2.ª Durante a occupação Romana.
3.ª Desde a entrada dos Povos do Norte até á dos Arabes.
4.ª Desde a invasão dos Arabes até á fundação da Monarchia Portugueza.

Para ser guiado nesse labyrinto tem os seguintes fios:

Memorias de *Antonio Caetano do Amaral* para a Historia da Legislação, e Costumes de Portugal. (Tomo 1.°, 2.°, 6.° e 7.° das Memorias da Litteratura Portugueza.)

Nas eruditas notas das preciosas Memorias de Antonio Caetano do Amaral se encontrão citados os Authores, que podem fornecer noticias sobre o estado das Lettras nas epochas que acima apontámos.

Dissertações do *Padre Antonio Pereira de Figueiredo.* (Tomo 9.° da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.)

De antiquitatibus Lusitaniæ — por *André de Resende.*

Paschalis Josephi Mellii Freirii... Historiæ Juris Civilis Lusitani Liber Singularis...

Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal... — por *M. A. Coelho da Rocha.* (Nas quatro primeiras Epochas.)

Cumpre, porém, ponderar o seguinte:

Se já um Historiador nosso rejeitou do seu trabalho, como estranha a elle, a historia de todas as raças, ou sociedades, de

qualquer parte da Hespanha, *anteriores á existencia da nação portugueza como individuo politico,* limitando-se ao que he rigorosamente historia de Portugal; [1] por força de maior razão a nossa historia litteraria tem o seu natural principio na fundação da Monarchia Portugal,—em quanto que a historia da Litteratura só póde começar no momento em que a Lingua Portugueza estiver formada, e apparecerem n'ella algumas obras, decididamente reveladoras da cultura do espirito.

CAPITULO IV.

DE UMA ESPECIALIDADE IMPORTANTE DA HISTORIA LITTERARIA: OS ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS E LITTERARIOS DE PORTUGAL.

NA Historia da Litteratura entra, como parte integrante, a noticia dos principaes Estabelecimentos Scientificos e Litterarios, quer dos creados por Lei, quer dos provenientes de associações entre os amigos das Sciencias e das Lettras.

Este assumpto carece de um certo desenvolvimenio, no que respeita aos subsidios a que deve recorrer-se para conhecer, ou compor esta parte da Historia Litteraria; e por isso me faço cargo de o tratar neste Capitulo.

Universidade de Coimbra.

Sobre a historia desta Universidade temos, entre outros, os seguintes elementos de informação:

NOTICIAS CHRONOLOGICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA —pelo Beneficiado *Francisco Leitão Ferreira.*

COMPENDIO HISTORICO DO ESTADO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.—1772.

PROVAS DA HISTORIA GENEALOGICA, etc.

MONARCHIA LUSITANA.—P. 5. liv. 16. cap. 57 72 e 73; e P. 6. liv. 18. cap. 28.

[1] Vej. Introd. á Hist. de Portugal do Sr. A. Herculano.

BREVES NOTICIAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA etc. — Lisboa 1819.

ENSAIO SOBRE A HISTORIA DO GOVERNO E DA LEGISLAÇÃO DE PORTUGAL — por *M. A. Coelho da Rocha.*

PRIMEIRO ENSAIO SOBRE A HISTORIA LITTERARIA DE PORTUGAL — pelo Sr. *Francisco Freire de Carvalho.*

Sendo unicamente o meu proposito fazer a resenha dos subsidios que possuimos para o estudo da Litteratura Portugueza, he claro que não me cabe apresentar uma exposição desenvolvida da historia da Universidade. No entanto, para indicar o partido que póde tirar-se dos elementos apontados, e como um meio de encaminhar as investigações, darei, muito em resumo, e a largos traços, uma rapida noticia daquelle estabelecimento.

Foi fundada a Universidade no anno de 1290 em Lisboa; mudada, no reinado de D. Diniz, para Coimbra, no anno de 1308; restituida a Lisboa em 1338; e definitivamente transferida para Coimbra em 1537, no reinado de D. João 3.º — Muito elegantemente, e com admiravel concisão, expõe estes factos J. Soares Barbosa no = Epitome Lusitaniæ Historiæ : = *Primus* (Dionysius I) *in Lusitania nobilem Academiam instituit apud Olisiponem anno 1308, quæ ab Urbe Conimbricam semel iterumque translata, parens fuit et altrix maximorum ingeniorum.*

A Universidade, durante a idade media, seguio inteiramente o theor das outras Universidades daquella epocha; não só assumio o caracter ecclesiastico, mas se denominou *Pontificia,* e no que toca á sua organisação, seguio de todo ponto os modelos existentes. «Á maneira das da Italia, diz Coelho da Rocha, logo pelos primeiros Estatutos de 1309 forão concedidos assim aos Professores, como aos alumnos, extraordinarios privilegios. Estes, que então não eram moços de pouca idade, mas pela maior parte homens feitos, formavão a corporação, e elegião dentre si o Reitor. Participando dos costumes feudaes, não só obteve senhoríos de terras, e a Jurisdicção que lhes andava annexa; mas tambem foro privativo para as pessoas e bens, que lhe pertencião.»

A Universidade tinha por esses tempos um mestre de *Decretaes,* outro de Leis, outro de Medicina, Professores de Dialectica e Grammatica; sendo o ensino da Theologia confiado aos Religiosos de S. Domingos, e de S. Francisco.

Successivamente foi a Universidade tendo novos Estatutos, em differentes reinados, até que em 1537 se estabeleceu definitivamente em Coimbra, e foi reformada por D. João 3.° com Estatutos novos, liberalmente dotada, e enriquecida de creações litterarias e scientificas, bem como de excellentes Professores, nacionaes e estrangeiros.

O que succedeu na Universidade, e a influencia que se attribue aos Jesuitas nas alterações de Estatutos, e direcção dos Estudos, durante o periodo que decorre desde o meado do seculo 16 até ao tempo do Marquez de Pombal,—póde ver-se no *Compendio Historico*, e nos *Ensaios* de Coelho da Rocha e Sr. Freire de Carvalho.

Em 1770, graças á illustrada influencia do Marquez de Pombal, he creada uma Junta de Providencia Litteraria, composta de varões doutos, á qual forão commettidos os seguintes encargos: Conferir sobre a decadencia, e sobre as ruinas, em que as Artes e Sciencias forão precipitadas na Universidade de Coimbra; examinar as causas dellas; ponderar os meios mais proprios para a restauração dos Estudos publicos; e apontar os Cursos Scientificos, e os Methodos que devião estabelecer-se para realisar a desejada restauração.

Em 28 de Agosto de 1771 apresentou a Junta a ElRei D. José o Compendio Historico, no qual deu conta do estado a que chegárão os Estudos, e em geral as cousas da Universidade, e tornou sensivel a indispensabilidade de uma completa reforma daquelle Estabelecimento. Satisfez logo á 2.ª parte da sua missão, organisando o famoso Plano de Estudos, denominado—*Estatutos da Universidade de Coimbra*—que forão confirmados por Carta de roboração de 28 de Agosto de 1772.

Duas novas Faculdades forão creadas, as de Mathematica, e de Philosophia Natural, bem como forão estabelecidos um Observatorio Astronomico, um Museo d'Historia Natural, um Gabinete de Physica, um Laboratorio Chimico, e um Jardim Botanico.

Obrigado a correr veloz, he força ommittir o juizo que deve formar-se sobre o merecimento de todos aquelles trabalhos, estabelecimentos e reformas. Nos referidos *Ensaios*, na *Legislação do reinado d'ElRei D. José*, na *Oração de Joaquim José de Miranda Rebello* (impressa em Lisboa na Regia Officina em 1773), e em outros escriptos se encontrão os sufficientes elementos de informação.

O immortal Ministro de D. José foi pessoalmente dar execução ás novas providencias em Coimbra, com poderes extraordinarios de Tenente Rei. No *Instituto*, Jornal Scientifico e Litterario de Coimbra, publicou o Sr. J. M. de Abreu o Diario do que se passou na referida Universidade, quando a ella foi em Setembro do anno de 1772 o Marquez de Pombal para aquelle fim.

Para a Historia da Universidade, no periodo que decorre desde 1772, encontrão-se elementos na Legislação, e em diversos documentos dos nossos dias, que estão ao alcance de todos.

Universidade de Evora.

Para a historia da Universidade de Evora são excellentes subsidios:

Evora Gloriosa.—A paginas 416, n.° 723, começa a noticia ácerca da referida Universidade, e dos Collegios annexos á mesma.

Memorias d'ElRei D. Sebastião—Machado—P. 1. Liv. 1. Cap. 9.

Bibliotheca Lusitana— Palavras: *D. Henrique 17.° Monarcha*, e *Collegio de Evora da Companhia de Jesus.*

Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal—já citada neste Capitulo. Dá uma brevissima noticia a respeito da Universidade de Evora no Artigo 8.°, § 283.

Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal—já citado neste Capitulo. A pag. 122 e 123 dá o sr. Freire de Carvalho algumas breves noticias sobre a Universidade de Evora.

A Universidade de Evora foi fundada no anno de 1558 pelo Cardeal Infante D. Henrique, obtendo, quando Regente do Reino, elevar áquella cathegoria o Collegio que ali creára. Lião-se naquella Universidade tres Cadeiras de Theologia Escholastica, uma de Positiva, duas de Moral, quatro de Philosophia, duas de Rhetorica, duas de Humanidades, e duas de primeiras lettras.

O Cardeal D. Henrique havia fundado em 1551 o Collegio

de Evora da Companhia de Jesús, no qual sómente se lião Theologia Moral e Humanidades; lidou por muito tempo em elevar aquelle Collegio á cathegoria de Universidade; e só o conseguio por morte de D. João 3.°, alcançando a Bulla de Paulo 4.°, expedida em 18 de Setembro de 1558, pela qual foi erigida a Universidade de Evora, com a especial clausula de ali se não ensinar Direito Civil, e Canonico no fôro Contencioso, nem Medicina. Por Alvará de 4 de Abril de 1562 concedeu ElRei D. Sebastião a esta Universidade os mesmos privilegios e isenções que possuia a de Coimbra.

Academia Real da Historia Portugueza.

Foi instituida por Decreto de 8 de Dezembro de 1720, e os seus Estatutos confirmados por Decreto de 4 de Janeiro de 1721.

Segundo os Estatutos (§ 10) o sêllo da Academia consistia no escudo das armas Reaes, tendo por baixo a figura do Tempo, prezo com cadeias, e na circumferencia este titulo: *Sigillum Regiæ Academiæ Historiæ Lusitanæ.* A empreza consistia no simulacro da Verdade, como a representão os antigos, com esta lettra: *Restituet omnia.*—A significação desta lettra encontrase na seguinte declaração do Academico Marquez de Abrantes: ==«Devem logo ser os principaes fins dos estudos desta Academia, purificar da menor sombra de falsidades a narração dos successos pertencentes a huma e outra Historia (Eccl. e Sec.), e investigar aquelles, que a negligencia tem sepultado nos archivos; e por que hum e outro intento só os poderão conseguir os Academicos, dedicando ao culto da Verdade os mais ardentes votos da sua diligencia, lhes proponho para Empreza da Academia estas duas breves palavras: *Restituet omnia,* segurandolhes, ou para melhor dizer, mostrando ao Mundo, que o seu estudo he da verdade, com infallivel certeza de que os roubos, que o tempo tem feito nas heroicas acções dos nossos naturaes, ella os restituirá á noticia do mesmo Mundo, para immortal gloria de Portugal.»==

No fim do 1.° anno da existencia da Academia, contava esta cincoenta Academicos. He muito para ver o enthusiasmo de que estava possuida esta Corporação, segundo se colhe da Oração proferida pelo Padre D. Manoel Caetano de Sousa na ultima

Conferencia do anno de 1721 (9 de Dezembro):=«Está feitá «à Academia, diz elle, com os seus cincoenta alumnos hum Ar«gos de cem olhos para attender aos Reaes acenos; hum Bria«reu de cem mãos para executar os preceitos Soberanos; com «que de olhos, de mãos, e de racionaes victimas está offerecen«do Hecatombes multiplicadas ao seu Genio Augusto (D. João «5.º). Quero dizer centurias não de Leoens, e de Aguias, como «dos sacrificios dos Romanos Augustos escreve Capitolino: *Si «imperatorium sacrificium sit, centum leones, centum aquilæ,* «mas de vontades mais intrepidas, que os Leoens, e de enten«dimentos mais elevados, que as Aguias.»=

Livrásse-nos Deos de inculcar este trecho como um modelo de estilo, e taes sentimentos como um bello exemplo de modestia, e de dignidade!

Os subsidios para a Historia da Academia Real da Historia são os seguintes:

HISTORIA DA ACADEMIA REAL PORTUGUEZA — composta por *Manoel Telles da Sylva,* Marquez de Alegrete, Secretario da mesma Academia, etc. Lisboa 1727.

COLLECÇÃO DOS DOCUMENTOS E MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DA HISTORIA PORTUGUEZA.....—15 vol.—1721 a 1736.

Vej. tambem os ENSAIOS já citados, e o PANORAMA.

Seja-me permittido offerecer aqui ao Leitor algumas noticias interessantes, que deduzi daquelles documentos:

Decreto que instituio a Academia Real da Historia Portugueza.

«Tendo resoluto, que se estabeleça huma Academia, em que «se escreva a Historia Ecclesiastica destes Reynos, e depois, tudo «o que pertencer a toda a Historia delles, e de suas Conquistas; «e porque as noticias necessarias não se acharáõ só nos livros «impressos, e manuscritos, mas estarão nos Archivos, ordenarey «por cartas firmadas da minha Real mão, se participem á Aca«demia todos os papeis, que delles se pedirem, communicando«lhe os Catalogos dos mesmos Archivos, e Cartorios as pessoas, «a cujo cargo estão, e os Academicos farão alguns Estatutos «para facilitar o seu progresso, e mos proporão, para que eu «como Protector da mesma Academia os examine, e approve,

«para que possão ter sua devida execução e vigor. E porque «tenho escolhido muitas pessoas, que pela sua Sciencia, e ou- «tras qualidades hão-de formar este Corpo, e se hão-de nomear «outras até que fique o numero bastante para o fim, a que os «applico: ordeno que o presente Decreto na primeira Conferen- «cia, para que escolhi o dia de N. Senhora da Conceição, Pa- «droeira dos Reynos, se lea na mesma Academia, e se registe «nos seus livros, e nas mais partes, em que for necessario, para «que conste, que a minha Real intenção he concorrer para o «augmento de huma Academia, de que espero resulte huma «Historia tão util, conservando-se as acções tão dignas de me- «moria, que nestes Reynos se tem obrado no augmento do ser- «viço de Deos, da Igreja Catholica, dos Reys meus predecesso- «res, e meu. Lisboa Occidental a 8 de Dezembro de 1720. Com «a rubrica de S. M. (ElRei D. João 5.º).»

A pag. 55 da *Historia da Academia Real da Historia Portugueza* vem o Catalogo dos Academicos, e entre elles se encontrão os nomes de

D. Antonio Caetano de Sousa
Diogo Barbosa Machado
Francisco Leitão Ferreira
D. José Barbosa
D. Manoel Caetano de Sousa
D. Rafael Bluteau, e de outros que depois derão provas de grande applicação ás letras.

A pag. 312 vem um Decreto que faz muita honra á Academia e ao Sr. D. João v.—A Academia tinha representado a conveniencia de acautelar a destruição dos monumentos antigos, que havia, e se podião descobrir no Reino, dos tempos em que nelle dominárão os Fenicios, Gregos, Carthaginezes, Romanos, Godos, e Arabes; por lhe constar que muitos dos que pudérão existir nos Edificios, Estatuas, Marmores, Cippos, Laminas, Chapas, Medalhas etc. havião sido consummidos, perdendo-se assim um meio muito proprio para verificar muitas noticias da antiguidade, com prejuizo da gloria nacional. O Sr. D. João v fez baixar á Mesa do Desembargo do Paço, com data de 14 de Agosto de 1721, um Decreto, cuja parte dispositiva he concebida nos seguintes termos:

«Hey por bem, que daqui em diante nenhuma pessoa de

« qualquer estado, e condição que seja, desfaça, ou destrua em « todo, nem em parte qualquer Edificio, que mostre ser daquel- « les tempos, ainda que em parte esteja arruinado, e da mesma « sorte as Estatuas, Marmores, e Cippos, em que estiverem es- « culpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros Fenices, Gregos, « Romanos, Gothicos, Arabios, ou Lamínas, ou Chapas de qual- « quer metal, que contiverem os ditos Letreiros, ou caracteres; « como outrosim Medalhas, ou Moedas, que mostrarem ser d'a- « quelles tempos, nem dos inferiores até ao reynado do Sr. Rey « D. Sebastião; nem encubrão, ou occultem alguma das sobre- « ditas: e encarrego ás Cameras das Cidades, e Villas d'este Rey- « no, tenhão muito particular cuidado em conservar, e guardar « todas as antiguidades sobreditas, e de semelhante qualidade, « que houver ao presente, ou ao diante se descobrirem nos li- « mites do seu destricto; e logo que se achar, ou descobrir al- « guma de novo, darão conta ao Secretario da dita Academia « Real..... e se o que assim se achar, e descobrir novamente, « forem Laminas de metal, Chapas, ou Medalhas, que tiverem « figuras ou caracteres, ou outro sim Moedas de ouro, prata, co- « bre, ou de qualquer outro metal, as poderão mandar comprar « o Director, e Censores do procedido da consinação, que Fui « servido dar para as despezas da dita Academia. » (Segue-se a comminação de penas contra os infractores, e depois se impõe ás camaras a obrigação de comprar aquelles objectos que alguem quizer vender, e os remettão á Academia).

Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza — 1721 a 1736. — 15 Vol.

Cada um dos Volumes da Collecção comprehende *Noticias das* Successivas *Conferencias* que fez a Academia; *Orações que dissérão os Directores; Elogios dos Academicos;* algumas *Dissertações* sobre pontos da historia portugueza; *Praticas* dos Academicos novamente admittidos.

Nas *Conferencias* davão os Academicos conta dos seus estudos, lião algumas producções, etc. Não he esta por certo a parte mais interessante da Collecção.

Na *Conta* que os Academicos davão de seus estudos, participavão á Academia a idéa, e o methodo, com que determinavão dispôr as suas obras, e propunhão muitas vezes alguma duvida importante, sobre a qual discorrião e pedião conselho para a re-

solverem com maior segurança, e declaravão quaes as noticias e documentos de que mais poderião necessitar.

As *Praticas* dos Academicos novamente admittidos, são, pela maior parte, elogios encarecidos e exagerados á Academia e ao seu Augusto Fundador. Daremos uma breve amostra—fieis ao pensamento que nos guia de não asseverar cousa alguma sem fundamento,—para o que nos démos ao trabalho de examinar com os proprios olhos tudo o de que houvessemos de dar conta.

Fôra nomeado Academico o Doutor Joaquim Pereira da Silva Leal, para substituir o fallecido Conde de Assumar D. João de Almeida, e na Conferencia de 18 de Fevereiro de 1734 proferio o recem-nomeado a sua *Pratica,* na qual, entre outras cousas, lemos o seguinte:

=«..... enxugo as lagrimas, e todo me quero occupar em agradecer-vos, Senhores, a felicidade, que me derão os vossos suffragios; e contemplar aquella Mesa do Sol, maravilhoso assombro da antiguidade, que na Ethiopia era sacrificio ao Deos Apollo, milagre tal d'aquelles tempos, que obrigou ao Emperador Severo a ir certificar-se com a vista de tão grande maravilha.....

..... Raro prodigio para a nossa admiração, se a não excedera, com notavel vantagem, a Mesa Censoria (discorro com figura Synedoche, a respeito de todo este Illustrissimo Lyceo) desta Real Academia; para cuja contemplação julgo necessario todo o estudo do meu profundo respeito, e os meus reverentes cultos na adoravel lembrança do sagrado Delio que a vivifica.— He esta Mesa Censoria a Mesa do Sol, porque he vossa, Senhor, comvosco fallo, *Invictissimo Semi-Deos*, e Augustissimo Protector nosso..... Pois se dignou V. Magestade, Senhor, de fazer em mim verdadeira a fabula, que celebrarão de Castor, e Pollux os antigos, permittindo, que a immortalidade, que tinha hum irmão adquirido nesta Real Academia, n'ella mesma se participasse a outro, e alternando em ambos a gloria de apparecer neste hemisferio. De quantos brilhantes Astros lusírão no Firmamento Lusitano, só V. Magestade podia infundir com tal actividade as influencias do seu Supremo espirito, para se erigir esta nobilissima Academia, merecedora de eterna duração, e este Augustissimo Templo das Sciencias, todas participadas pelo immenso thesouro da alta providencia de V. Magestade, e communicadas por aquella preclara Mesa Censoria, em que melhor que na Mesa do Sol as iguarias, e nos celebrados Jardins das Hes-

perides os pomos de ouro, se se tirão humas noticias, apparecem outras igualmente preciosas; o selecto dellas ainda na multidão conserva a singularidade, e a sua abundancia excede o dezejo de as exhaurir, sem que nunca menor numero, pela raridade, as possa fazer mais apeteciveis, porque ainda na copia innumeravel são tão excellentes, que sempre se conservão admiraveis.»=

As *Orações* são tambem empoladas, peccão pela maior parte nos mesmos defeitos que as *Praticas*. Para não citar muito, transcreverei apenas um trecho da que recitou o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, na ultima conferencia do anno de 1723:

«Se estas Corôas se houvessem de formar de estrellas, já S. Magestade com esta piedosa profusão dos seus thesouros teria empobrecido de luzes o Firmamento animado incomparavelmente mais benefico. Tantas são as Corôas que tem merecido! As quaes entre os Romanos tiverão a mayor estimação, como testemunha Plinio na sua historia; (Plinius lib. 16. cap. 4.) e por isso sempre forão o mais digno ornato das cabeças dos Soberanos, como disse Seneca: Nullum ornamentum Principis fastigio dignius, pulchriusque est, quàm illa corona ob cives servatos (Senec. lib. 1 de Clement. cap. 26.)»=

Vejâmos agora quaes progressos fez a Academia Real da Historia Portugueza, e quaes serviços prestou ás nossas Letras. Aproveitaremos para esse fim a *Memoria do Progresso dos Estudos Academicos*, offerecida ao Sr. D. João v, no anno de 1734, pelo Conde da Ericeira, a qual vem na *Collecção* de que estamos tratando, e temos á vista.

O Conde da Ericeira faz primorosamente a resenha do contheudo da collecção da Academia, e vem a ser mais de 1500 *Noticias* do que se passou nas Conferencias; *Contas* dos estudos dos Academicos; *Panegiricos; Orações; Elogios; Declarações* dos Directores; *Dissertações; Catalogos* historicos; *extractos* criticos de livros raros manuscriptos, e impressos; *documentos* extrahidos dos melhores archivos, ou noticia delles; explicação de medalhas, inscripções e epitafios etc.; além dos Diplomas Regios, Estatutos, Decisões etc. relativos á Academia.

Passa depois a referir as composições Academicas que já estavão impressas, où estavão para sahir á luz, devidas ao trabalho dos Academicos, ou á influencia da Academia, taes como:

1.º—As antiguidades de Braga, em Latim e em Portuguez;—

Memorias Ecclesiasticas, e Geographia antiga de Braga — pelo Padre *D. Jeronimo Contador de Argote.*

2.º—Memorias para a Historia d'El-Rei D. João I—por *José Soares da Silva.*

3.º—Memorias Ecclesiasticas do Bispado da Guarda—1.ª parte pelo Doutor *Manoel Pereira da Silva Leal.*

4.º—Historia de Malta—pelo Padre *Fr. Lucas de Santa Catharina.*

5.º—Ordens Militares que houve em Portugal. 3 vol.—por *Alexandre Ferreira.*

6.º—Vidas dos Bispos d'Elvas (Latim) pelo Marquez de Alegrete, *Fernão Telles da Silva.*

7.º—Uma parte da historia dos Romanos na Lusitania—pelo *Marquez de Fronteira.*

8.º—Apparato da Disciplina Ecclesiastica deste Reino—por *D. Francisco de Almeida.*

9.º—Memorias d'El-Rei D. Sebastião—por *Diogo Barbosa Machado.*

10.º—Memorias para a Historia da Universidade de Coimbra —por *Francisco Leitão Ferreira.*

(Andão na Collecção, e forão depois publicadas, avulsas, com o titulo de *Noticias Chronologicas* etc.)

11.º—Catalogo Historico das Rainhas de Portugal—pelo Padre *José Barbosa.*

12.º—Historia Genealogica da Casa Real de Portugal—e Provas—pelo Padre *D. Antonio Caetano de Sousa.*

13.º—Diversos trabalhos do Padre *D. Raphael Bluteau.*

14.º—Vida do Infante D. Luiz—pelo *Conde de Vimioso.*

15.º—Memorias d'El-Rei D. Duarte—por *Martinho de Mendonça de Pina e Proença.*

16.º—Vida do *Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.*

E afóra estas, outras muitas composições ha, que fôra extensa tarefa indicar, e podem ver-se na referida Memoria, d'onde igualmente constará a poderosa protecção que o Sr. D. João V prestou ás Letras, animando com generosos soccorros a publicação de dispendiosissimas obras.

Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Fôra-nos muito grato consagrar longas paginas á commemo-

ração desta sempre respeitavel Corporação Scientifica; mas somos forçados pela natureza especial do nosso trabalho a só indicar as fontes de informação, a que he necessario recorrer para a sua historia, aliás escripta em tantas Memorias e Publicações notaveis, que por boa fortuna das Lettras e das Sciencias correm impressas.

«Huns poucos de homens, dotados de grande amor das Sciencias, e de muito zelo pela verdadeira gloria e felicidade da sua Nação, animados por hum Varão illustre, que cultivando as Lettras desde os seus primeiros annos, e havendo examinado os progressos que ellas havião feito nas Cidades mais polidas da Europa, as desejava ver não só restauradas, mas vulgarisadas na sua Patria; estabelecêrão esta Academia das Sciencias, consagrada ao augmento dellas, e á propagação das luzes pelas diversas classes da Sociedade.»

O Varão illustre de quem falla o sabio Trigoso, que escreveu aquellas palavras, he o Duque de Lafões, Thio da Senhora D. Maria 1.ª Ao zelo e diligencias do preclarissimo Duque se deve a fundação da Academia Real das Sciencias, cujos primeiros Estatutos forão approvados por Aviso de 24 de Dezembro de 1779.

Os subsidios para a Historia da referida Academia são os seguintes:

MEMORIAS DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

HISTORIA E MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

MEMORIAS ECONOMICAS DA ACADEMIA R. DAS SC. DE LISBOA.

COLLECÇÃO DE LIVROS INEDITOS DE HISTORIA PORTUGUEZA.

UM SEM NUMERO DE PUBLICAÇÕES INTERESSANTES DE DOCUMENTOS E LIVROS DE SCIENCIAS E BELLAS-LETRAS, E DE OBRAS AVULSAS, COMPOSTAS POR ACADEMICOS, E MANDADAS PUBLICAR POR ORDEM DA ACADEMIA.

Nestes documentos importantissimos, que deixamos apontados, encontrão-se os muitos relevantes serviços que uma tão respeitavel Corporação tem prestado ás Lettras patrias, á Sciencia, e ao desenvolvimento da prosperidade nacional.—Passemos agora a indicar os subsidios relativos á constituição organica da Academia, e Legislação e estilos porque se tem governado.

Collecção Systematica das Leis e Estatutos, por que se tem governado a Acad. R. das Sc. de Lisboa, desde o seu estabelecimento até o tempo presente. Lisboa 1822.

He um trabalho feito pelo Academico Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato. Em uma nota ao § 11 da dita Collecção vem apontados os Livros e Minutas que Trigoso consultou; e aos documentos ahi referidos nos remettemos, para o conhecimento da fundação, leis, planos de estudos, primeiros Estatutos, etc.

Novos Estatutos da mesma Acad., approv. por Dec. de 15 de Outubro de 1834.

Portaria de 23 de Outubro de 1834, mandando entregar á Academia a guarda, uso, e administração da Livraria do extincto Convento de Jesus, para que unida á da Acad., bem como o Museu, fossem franqueadas ao Publico em beneficio das Sciencias e das Lettras.

Nesta Pórtaria he commemorado o admiravel rasgo de generosidade do Padre Mestre Fr. José Mayne, Religioso da 3.ª Ordem de S. Francisco, o qual applicára em sua vida algumas propriedades e dinheiro, provenientes de seus ordenados, para o accrescentamento, e manutenção da Livraria do Convento de Jesus, para a creação e estabelecimento de um Museu e Gabinete de medalhas e pinturas, e para as despezas de uma Cadeira de Historia Natural applicada á demonstração dos attributos de Deos. —Na mesma Portaria são commettidas á Acad. a administração e direcção dos mencionados estabelecimentos, e das propriedades e dinheiros applicados á sua manutenção.

(Em Outubro de 1834 era Min. dos Neg. do Reino o Bispo Conde Fr. Francisco, que depois foi Cardeal Patriarcha de Lisboa, e cujo nome he tão caro ás Lettras Portuguezas.)

Novos Estatutos da mesma Acad. de 15 de Abril de 1840.

Decreto de 13 de Dezembro de 1851, reformando e modificando os Estatutos da mesma Acad.

Decreto Regulamentar de 22 de Dezembro de 1852, nos termos do Art.º 25 do Decreto antecedente.

Arcadia de Lisboa.

Para conhecimento da historia desta Sociedade litteraria, e da influencia que teve na restauração da nossa Litteratura, temos um interessante subsidio, qual he o seguinte

MEMORIAS SOBRE O ESTABELECIMENTO DA ARCADIA DE LISBOA, E SOBRE A SUA INFUENCIA NA RESTAURAÇÃO DA NOSSA LITTERATURA — por *Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato.*

Desta rica Memoria já fiz menção especial no Cap. 2.°, Titulo 2.°, deste trabalho, e á noticia que ali dei me reporto agora, accrescentando algumas breves noticias.

Esta Academia, para o estabelecimento da qual não concorreu o poder Real, foi devida aos esforços de dous Magistrados illustres, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Manoel Nicoláo Esteves Negrão, os quaes, conferindo primeiramente entre si, e depois com o Dr. Theotonio Gomes de Carvalho, formárão um plano de Estatutos para a futura Sociedade, nas reuniões que celebrárão nos dias 15 e 20 de Agosto, e 23 de Setembro de 1756, conseguindo que a Arcadia se constituisse definitivamente em 19 de Julho de 1757.

As risonhas reminiscencias da Grecia antiga forão parte para que adoptassem o nome de *Arcadia,* e o de Monte Ménalo para o local das suas conferencias; e por quanto os Alumnos da Arcadia se figuravão pastores, cada um delles devia escolher nome e sobrenome pastorís. Já no Capitulo 2.°, Titulo 2.°, pag. 62, disse quaes forão os Arcades mais celebres, e os nomes que esses adoptárão.

Vejâmos, muito em resumo, os serviços que a Arcadia prestou á nossa Litteratura:

«Abrangendo o fim do estabelecimento da Arcadia, diz Trigoso, não só a reforma da Poesia Portugueza, mas tambem a da Eloquencia, e a da Linguagem patria; muitas forão as regras que os Arcades dictárão, para estes estudos se elevarem á sua antiga e aurea simplicidade.»

«Hum grande triunfo ganhárão os Arcades sobre o grande numero de insipidos versejadores do seu tempo, e este foi terem deixado provado com o pezo das razões, e ainda mais com a efficacia dos exemplos, que a poesia vulgar era independente do

jugo da rima, ou do sonoro *zum-zum dos consoantes*, a que todos estavam servilmente ligados.»

«Finalmente o estudo dos nossos antigos Poetas, e o da linguagem patria era huma lição todos os dias inculcada na Arcadia, e que Diniz repetio por hum modo muito engenhoso e engraçado naquelle Dithyrambo, em que brindando separadamente a cada hum dos insignes Poetas Portuguezes, exceptua o Montemaior, por ter escrito a sua *Diana* no idioma Castelhano.»

Eis como Trigoso termina a sua Memoria:=«O fim desta Sociedade em 1776 prende-se naturalmente com o principio da Academia Real das Sciencias em 1779. O illustrado Fundador desta Academia quiz que as Bellas Lettras formassem huma das tres Classes em que sabiamente a dividio; e os novos Socios amparando ou cultivando estes estudos, caminhárão pela mesma estrada dos Arcades, e tem diffundido cada vez mais nesta Nação o brilhante lume, que elles primeiro accenderão. Mas se a Academia não póde, nem deve ser insensivel ao justo tributo de louvor, que lhe tem dado os Sabios Portuguezes e Estrangeiros, tambem deve soffrer sem rubor, e ainda com festival reconhecimento, que vivão honrosamente na posteridade os nomes daquelles varões, que a precedêrão na sua gloriosa empreza; e que segando primeiro as venenosas plantas que cobrião o vasto campo da nossa Litteratura, abrírão assim a illustre época da sua restauração.»=

Veja-se tambem o bello artigo, que vem no *Panorama* n.° 164 do anno de 1840, e tem por titulo—*Academia da Arcadia Portugueza.*—O author desse excellente artigo conseguio substanciar em resumido, mas animado quadro, a Memoria de Trigoso.

Para instrucção dos Leitores, que de prompto não tiverem á mão as Memorias da Acad. R. das Sc. de Lisboa, lançaremos aqui o

Catalogo de alguns socios da Arcadia de Lisboa.

* Antonio Diniz da Cruz e Silva.....	Elpino Nenacriense.
* Manoel Nicoláo Esteves Negrão....	Almeno Sincero.
* Theotonio Gomes de Carvalho.....	Tirse Minteo.
Pedro Antonio Correa Garção.....	Coridão Erimantheo.
Domingos dos Reis Quita	Alcino Micenio.
Manoel de Figueiredo.....	Licidas Cinthio.
José Gonçalves de Moraes.....	Fido Leucacio.

José Dias Pereira..... Silvano Ericino.
Silvestre Gonçalves da Silva Aguiar. . Siveno Cario.
José Caetano de Mesquita..... Metatesio Clesmenio.
Feliciano Alves da Costa..... Memeroso Cylenio.
Francisco José Freire..... Candido Lusitano.
Luiz Correa de França e Amaral..... Melizeu Cylenio.
Francisco de Sales..... Titiro Partiniense.
Mariano Borgonzoni Martelli..... Mirtilo Felsineu.
José Xavier de Valladares e Sousa... Sincero Serabriense.
Manoel Pereira de Faria..... Silvio Aquacelano.
D. Vicente de Sousa..... Mirtilo.
Damião José Saraiva..... Dameta.
José Rodrigues de Andrade..... Montano.
Padre Caetano Innocencio..... Melibeu.
Manoel José Pereira..... Albano.
Ignacio Garcez Ferreira..... Gilmedo.
D. Francisco Innocencio de Sousa.
Luiz Pinto de Sousa.
João de Saldanha d'Oliveira.
Joaquim de Foios.
Gaspar Pinheiro da Camara Manoel.
José Soares de Avelar.
Padre Manoel de Macedo.
O Conego D. Joaquim Bernardes.

Os tres primeiros Arcades, a cujo nome posémos o signal *, são os fundadores da Arcadia; tendo os dous primeiros conferido entre si, e depois com o terceiro, sobre o estabelecimento de uma tal Sociedade.

De Francisco José Freire, *Candido Lusitano*, são bem conhecidas a *Arte Poetica*, o *Diccionario Poetico*, as *Maximas* sobre a *Arte Oratoria*. Veja-se o erudito Prologo do Sr. Rivara, e o Catalogo de todas as obras de Candido Lusitano, nas *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, escriptas por este ultimo, e publicadas em Lisboa no anno de 1842 pela *Sociedade dos Conhecimentos uteis*.

De Garção, *Coridão Erimantheo*, temos as Dissertações sobre a importancia e verdadeiro caracter da Tragedia, e outros escriptos sobre o modo de imitar os melhores authores da antiguidade, e dos portuguezes; bem como são conhecidas as suas obras poeticas.

De Antonio Diniz da Cruz, *Elpino Nonacriense*, temos o Hyssope, as Odes Pindaricas, Poesias, e Dissertações sobre o estylo das Eclogas.

De Manoel de Figueiredo, *Obras Posthumas.*

De Luiz Correia da França, Domingos dos Reis Quita, Theotonio Gomes de Carvalho, e de Mariano Borgonzoni, correm impressas algumas composições do tempo da Arcadia.

Academia dos Generosos.

=«Em Portugal, diz Bluteau, D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante Mor de S. M., fez em sua casa Academias, a que chamárão dos *Generosos.* Tiverão principio no anno de 1647; e durárão successivamente todos estes sem interpolação até o anno de 1668; ao depois as tornou a fazer o anno de 85, e 86 com o mesmo appellido de *Generosos.* Por sua morte ficou D. Luiz da Cunha, glorioso herdeiro da erudição paterna, e como tal, com grande concurso, e applauso restaurou a dita Academia, sendo Secretario o Conde de Villar Mayor. No anno de 1696 na Livraria do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes se instituio outra Academia Portugueza com o titulo de *Conferencias Discretas* em que aos Domingos á noite a mais illustre, e erudita Nobreza do Reyno se ajuntava a examinar, e resolver questoens Physicas, e Moraes; e para mayor elegancia da sua prosa, e poesia nacional, decedia as difficuldades, que se propunhão sobre a propria significação dos vocabulos da sua lingua.»

(Vocabul. Verb. *Academia.)*

—«Assentárão os *Scientes de Lisboa* juntar-se aos Domingos em a Livraria do Conde da Ericeira, a quem elegerão Secretario, e conferirem em materias scientificas, reduzidas a forma Academica, e tratadas em Discursos, e Dissertações na exposição critica dos melhores authores, em questoens Filosoficas, e Problemas Mathematicos, em metros a varios assumptos, e sobre tudo em palavras da lingua Portugueza, ou já introduzidas com significação propria, ou já antiquadas, ou ainda não admittidas.»

(Formulario do Assento registado no Livro das *Conferencias Eruditas*, que se celebrárão na Livraria do Conde da Ericeira desde 12 de Fevereiro de 1696.)

— « Mayor admiração merece, e melhor successo teve a inextinguivel *Academia do Generosos*, que com a empreza de uma vela acceza, e por mote *Non extinguetur*, prometteo, e vay conservando huma luz immortal; porque desde a sua instituição no anno de 1647, ha mais de 70 annos, que se perpetúa, e hoje torna a sahir mais luzida, com o mesmo titulo de *Generosos*, etc.

(Preambulo da renovação da Acad. dos Generosos nas casas do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, pelo Padre D. Rafael Bluteau, anno de 1717.)

No periodo de 1696 por diante, diz Bluteau, que frequentavão a Academia dos Generosos o Marquez de Alegrete, Manoel Telles; D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda; José de Faria; Luiz do Couto Felix, Guarda Mór da Torre do Tombo; Manoel Gomes da Palma, Jurisconsulto; Ignacio da Silva.— «Estes, e outros muitos alumnos de Minerva logravão todos os Domingos humas noites Athicas, a que não ousara Aulo-Gellio preferir as suas.» —

Depois de alguns annos de interrupção— « refloreceo a Academia dos Generosos, no anno de 1717, da qual he hoje Secretario o mesmo Conde da Ericeira, assistido de alguns vinte Mestres, que todas as quintas feiras lem em duas Cadeiras oraçoens sobre as materias, que elles escolherão para exercitar o talento, e instruir o auditorio.» —

(Bluteau. Prosas Academicas.)

Se compararmos os assumptos tratados nestas Conferencias com os da *Academia dos Singulares*, encontraremos uma differença muito sensivel a favor dos *Generosos*. Acertadamente o diz Bluteau: «Não he lastima e desgraça grande ver entendimentos tão elevados, desvelados em representar o infortunio de huma Dama, que tendo bons olhos, não tinha nem hum dente, e encarecer o máo gosto de hum moço, namorado de huma Dama, por ser calva? Destes e outros frivolos assumptos estão cheas as obras dos nossos Academicos etc.» —

Vamos agora dar uma noticia da *Academia dos Singulares*.

Academia dos Singulares.

No Prologo do Livro intitulado *Academias dos Singulares*, se dá a razão por que os respectivos Academicos adoptárão uma

denominação que parece extravagante.=«Com epitetos particulares se appellidárão todos os Academicos do mundo; *Confiados* se chamárão os de Pavia, *Declarados* os de Sena, *Elevados* os de Ferrara, *Inflãmados* os de Padua, *Unidos* os de Venesa..... Á imitação destas Academias se nomeárão os sujeitos deste livro (Singulares) não porque presumão de unicos nos talentos, mas por que são singulares na occupação.»=

O mencionado livro=*Academias dos Singulares de Lisboa dedicadas a Apollo, 1665 e 1668.*=dá informação sobre o estabelecimento, nomes dos Socios, e fim da Academia.

A primeira conferencia da Academia teve logar no dia 4 de Outubro de 1663, e finalizou em 24 de Fevereiro de 1664; recomeçárão depois as conferencias em 9 de Outubro deste ultimo anno, e concluirão-se em 19 de Fevereiro de 1665.

A empreza da Academia era uma pyramide em que estavão escriptos, desde a base, os nomes de Homero, Aristoteles, Virgilio, Ovidio, Horacio, Camões, Garcilasso, Gongora e Lope, com a letra: *Solaque non possunt hæc monumenta mori.*

Para darmos aos nossos Leitores, que ainda não tiverem visto aquella obra, uma idéa do theor e alcance dos trabalhos da Academia, diremos duas palavras.

O primeiro presidente foi *Sebastião da Fonseca,* seguirão-se *João Ayres de Moraes, Luiz Bulhão, João da Costa Cáceres, Simão Cardoso Pereira, André Rodrigues de Mattos, Antonio Marques, Pedro Duarte Ferrão, João de Almeida Soares, Bartholomeu de Faria* etc.

Começava a conferencia por um discurso do presidente, seguia-se a leitura de algumas poesias em louvor deste, e ultimamente recitavão os Academicos uma composição poetica sobre o assumpto que havia sido escolhido para aquelle dia.

Os assumptos escolhidos para as Academias erão todos jocoserios, e pela maior parte frivolos. Por exemplo: Foi assumpto da 1.ª academia; *uma dama, a quem pedindo Fabio uma prenda, soltou o cabello, e lhe deu com a mão uma figa;* da 2.ª foi assumpto *a convalescença de Amarilis;* da 3.ª foi assumpto *uma dama, que expellindo da bocca uma folha de rosa, que nella tinha, se lhe poz em uma face.* O demais no mesmo gosto.

Os discursos dos presidentes são, em verdade, ricos de boa linguagem, mas recheados em demasia de textos latinos, e escriptos n'um estilo exagerado e insupportavel, de antitheses, de conceitos, de hyperboles, e de semsaborias.=«Entrárão na abra-

zada Corte os celestes Deoses, e achando o Primáz das luzes em throno tão brilhante, e com galas tão luzidas, a vista se lhes equivocava, sem saber qual era a gala, e qual o throno era, e nelle gravado de finos diamantes a seguinte letra—*Calcat quem illuminat.*—Por Secretario lhe assistia aquelle desgraçado mancebo, (cuja abrazada ruina as sentidas irmãs com dolorosas lagrymas no Rio Pó lamentão) Faetonte digo, que por ter quéda para o ser, lhe permittio o pay o dito cargo, que he justa a privança no que se vio cahido, e diz bem a penna em quem sabe de voos. Vestia o flãmante rapaz chamelote de agoas com grandes golpes, e guarnições de fino ouro, e aos pés em hũa bem feita tarja trazia a letra seguinte—*Post fluvium solium.*»—Em outra academia o presidente conta que as graças o levarão a um delicioso prado:=«Alli a magestade do cravo, a altesa da rosa, a excellencia do jũquilho, a puresa do jasmim, o suave da violeta, a desconfiãça do goivo, e a divindade das angelicas, todas postas em campo, parece que se armavão contra as tres Graças; mas toda esta furia florida foi folha; e respeitando as boninas aquellas tres graciosas fermosuras, ficárão em pé diante dellas.»=Dalli o conduzem a um sumptuoso edificio, onde encontra os retratos dos *Academicos Singulares,* rodeados de magnificos trophéos de gloria, e engrandecidos em altisonantes versos.

Os Academicos tratão-se entre si com a mais rara *modestia!* Na primeira folha do Livro que Apollo manda a um dos Academicos, lia-se este titulo: *Honra de Apollo, e Gloria de Portugal. Dedicado á immortalidade, impresso á custa da fama, na officina das Musas, com licença de Apollo. Vende-se no Parnaso.*—«Admirado, diz o Orador, de tão raro estylo, passey adiante, e sendo muito o que tanta novidade me promettia, achei muito mais do que esperava. Occupava a primeira folha deste Livro, o *nome sempre grãde, e para sempre immortal,* do senhor Sebastião da Fonseca, Mestre dignissimo, e primeiro Presidente desta Academia, sujeito tão benemerito, que em lançar a primeira pedra a este edificio das Musas, prometteo logo eterna duração a seu glorioso progresso, e abaixo do seu nome servia esta decima de humilde panegyrico a seu merecimento:

Fonseca, confesse o mundo,
que sois com tanta sciencia
primeiro na presidencia,
e nas prendas sem segundo:

eu que nesta razão fundo
a taes prendas premio tal,
vejo a rasão tão cabal
que preciso chego a ver
primeiro havieis de ser
pois não podeis ter igual.»

E neste gosto vai discorrendo em quanto aos demais collegas. Não deixavão o seu credito em mãos alheias.

Apezar de tudo, os Authores do Diccionario da Academia, entendêrão que de tal livro se devia fazer uso para o Diccionario:—1.° por que os *Singulares* são os engenhos mais celebres da sua idade; 2.° pela abundancia de vozes e phrases familiares que contém a Obra, sendo difficil encontrar taes locuções fóra do estylo jocoserio, que he o dominante naquelles escriptos

Academia dos Anonymos.

MÉMOIRES HISTORIQUES, POLITIQUES ET LITTÉRAIRES, CONCERNANT LE PORTUGAL.....—par *M. le Chevalier d'Oliveira.* 1743. Haya.

(Esta obra já está mencionada no Capitulo 3.° do presente vol.)

PROGRESSOS ACADEMICOS DOS ANONYMOS DE LISBOA—2 vol. 1718.

Eis a noticia que o Cavalheiro d'Oliveira dá em quanto aos Academicos *Anonymos:*

=«Tive a honra de conhecer quasi todos os Srs. Academicos.... e fui amigo de alguns com distincção. Hum delles era Ignacio de Carvalho Souto-Mayor, em cuja casa se executavão as seriosas *(sic)* Assembléas destes nobres e illustres Litterarios e Poetas, nas quaes concorri muitas vezes sempre com gosto, e sempre com applauzo. Estas funcçoens se fizerão sempre com muita gravidade, e lembro-me que essa se conservou ainda naquellas chamadas de Domingo gordo, em que era sempre Orador o P. Frey Simão de S. Catharina, Religioso do Mosteiro de Bellem, e que pelo estilo das ditas suas Oraçoens, erão mais jocosas que serias Assembléas. Tambem me parece que me lembro dos nomes dos quatro Mestres que lião em differentes ma-

terias alternativamente Erão, se me não engano, ou se me não esqueço, o dito Ignacio de Carvalho Souto-Mayor, hoje Academico da Academia Real, o Padre Francisco Leytão Ferreyra, Lourenço Botelho, e hum certo João Baptista, mais conhecido pelo appellido de Doutor Nocturno, que pelo seu proprio nome. Secretario era Hieronimo Godinho de Niza. Todos estes se tinhão em conta de grandes homens, e verdadeyramente era huma conta em que todos os homens os tinhão, porem com suas differenças que eu não sey fazer, ou com suas desigualdades, que elles pode ser que não quizessem confessar. No numero dos Academicos havia Versistas, e havia Poetas. Ainda que nos *Progressos* se imprimirão as obras mais approvadas, não deixárão de passar algumas que são reprovadas de todos, menos de seus autores. Extinguirão-se estas Assembléas ha muitos annos, empregando-se grande parte dos seus Adjuntos na Real Academia da Historia Portugueza, erigida no presente seculo pelo nosso Augustissimo, e Sapientissimo Monarca ElRey D. João V, Nosso Senhor. Não foi decadencia, foi sublimidade a que succedeo naquella extincção a este Nobilissimo Corpo, pois que concorreo a formar outro, que não só he nobilissimo sem comparação, o mais apurado, e o mais douto de quantas Universidades Academicas se admirão na Europa, o que havemos de provar pela producção de huma quantidade de obras que já vimos, e pela maior parte de outras que impacientemente esperamos. (Tom. 2.° Cap. 12. pag. 373 a 376.)»

Academia Instantanea.

Esta Academia foi estabelecida pelo Bispo do Porto, D. Fernando Corrêa de Lacerda, em sua propria casa. Propunhão-se assumptos para discussão, sem estudo antecedente, e desta circumstancia lhe proveio a denominação de Instantanea.

Do instituidor desta Academia diz o author da *Descripção da Cidade do Porto* o seguinte:=«D. Fernando Correa de Lacerda IV lhe succedeu (a D. Nicolau Monteiro) em 1673. A doçura do seu coração correspondia á da sua eloquencia, em que mereceo geral applauso. As obras, que compoz e se imprimirão, são claro testemunho. As continuas molestias, que padecia o constrangêrão a desistir do Bispado, e a retirar-se no anno de 1683 a huma vida privada, que lhe faltou totalmente no primeiro de septembro de 1685.»=

Não admira que o illustre Prelado instituisse a Academia Instantanea, como acostumado que estava a Sociedades Litterarias, pois que fizera parte da Academia dos *Generosos*, na qual recitou um Panegyrico, que foi impresso em Amsterdão em 1763, com o titulo de=*Oração Panegyrica nos applauzos da sempre memoravel victoria do Canal.*=

Entre as obras de D. Fernando Correa de Lacerda he uma a *Catastrophe de Portugal na Deposição d'ElRei D. Affonso 6.º*, etc.

O author da Bibliotheca Lusitana faz este elogio a Lacerda:=*Foy profundamente versado nas letras Sagradas, e profanas; naturalmente discreto e elegante; insigne cultor da pureza da lingua materna, e tão perito nos preceitos da Oratoria, como da Poetica*, etc.

——Afóra as Academias particulares, que ficão mencionadas, he mister indicar a dos *Solitarios*, instituida em Santarem no anno de 1664, a dos *Illustrados*, a dos *Occultos*, a dos *Insignes*, a dos *Obsequiosos*, etc. etc.

——Juizo sobre a influencia das *Academias particulares*—pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho, no seu *Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal:*=«As Academias particulares são talvez mais proveitosas para os progressos da verdadeira sabedoria, do que as Academias publicas, as quaes, em vez de aperfeiçoarem, frequentes vezes estorvam, ou retardam o progresso das Sciencias, como faz ver com evidencia o célebre Brissot na sua obra, intitulada *De la vérité*, Medit. 5.ª—Todavia não queremos dizer, que aquellas nossas Academias particulares, que no texto mencionamos a pag. 175 e 176, eram modelos de perfeição litteraria, dignos de serem imitados no estado actual dos humanos conhecimentos: basta que attendâmos ao tempo, em que foram instituidas, e ao descahimento do saber e do bom gosto, em que então se achava Portugal, para facilmente nos convencermos, de que os assumptos, que em taes Academias se tratavam e discutiam, e o methodo e a linguagem, que nessas discussões se empregavam, era de necessidade participassem muito sensivelmente da litteraria degeneração, em que existiamos. Isto não obstante, quem poderá negar, que taes associações, muito embora rudes, foram já muito proveitosos ensaios para o que depois se havia de fazer melhor em dias mais desassombrados, e de maior illustração, e critica e bom gosto?»=(Nota 99)

Bibliothecas.

Fallando-se de *Bibliothecas* em Portugal, acode logo ao pensamento o nome illustre do grande Cenaculo. Observa Trigoso, no elogio daquelle Prelado, que não se instituio em Portugal Livraria alguma de consideração, no tempo de Cenaculo, em que este não tivesse uma parte muito principal.

A antiga Bibliotheca Regia havia sido destruida pelo terremoto de 1755; mas o Abbade Barbosa, incitado por Cenaculo, offereceu a El-Rei D. José a sua escolhida e rara Livraria, a qual foi depositada no Paço.

Á numerosa Livraria da Real Mesa Censoria foi dado Bibliothecario, e se estabelecêrão empregados para guarda e limpeza da mesma, por Aviso de 13 de Maio de 1775. Cenaculo, quando Presidente daquella Estancia, cuidou desvelado na conservação dessa Livraria, a qual constituio depois o primeiro fundo da Bibliotheca Real Publica, creada por Alvará de 29 de Fevereiro de 1796.

A Livraria do Convento de Jesus, de Lisboa, foi enriquecida por Cenaculo com os livros que erão destinados para o Collegio de Coimbra, com os que elle proprio comprára, durando o seu Provincialado, e tambem com a sua Livraria particular, que lhe doou quando se recolheu ao Bispado de Beja, e com um grandioso presente, que depois lhe fez, de muitos livros e manuscriptos raros, entre os quaes se notava um exemplar da Biblia Moguntina.

Em 1797 fez uma rica doação de livros, manuscriptos, mapas, plantas, estampas, desenhos, e medalhas, á Bibliotheca Real Publica de Lisboa, como consta do Padrão que se mandou assentar no Livro da Fazenda da mesma Bibliotheca.

No Paço Episcopal de Beja estabeleceu Cenaculo uma Livraria, propria para os Estudos Ecclesiasticos, a qual orçava por nove mil volumes.

No anno de 1805 fundou Cenaculo a Bibliotheca Publica de Evora, e por Provisão de 21 de Setembro de 1811 fez doação d'ella, pura e perpétua, á Igreja Metropolitana da mesma Cidade, dando-lhe Estatutos, e dotando-a de rendas para a sua conservação e augmento. Este generoso donativo continha o seguinte:=«Uma Collecção de bons cincoenta mil volumes, entrando

em conta livros da primeira raridade, e grande copia de manuscriptos singulares, e de grande preço; tudo acquisições suas, á excepção de dous mil tomos que achou no Palacio da sua Metropoli, deixados pelo seu antecessor.»—«Uma collecção de muitas pinturas insignes por seus authores, e desempenho da arte; sendo muitas de grande estimação, naturaes e artificiaes.»—«Huma numerosa e rica Collecção de medalhas de todos os metaes, Romanas, Portuguezas, e de outras Nações; a qual seria mais copiosa, se não houvesse sido em grande parte roubada pelo exercito inimigo na invasão d'Evora.»—«Hum Cartorio, instituido com dependencia da Bibliotheca, para guarda segura dos documentos e memorias pertencentes á Mitra.»—*(Trigoso.)*

Afóra tudo isto, brindou alguns Conventos, pessoas particulares, e a sua familia, com ricos presentes de livros e raridades.

Vej. sobre este artigo:

Memorias historicas dos progressos, e restabelecimento das Letras na Ordem Terceira. .

Elogios Historicos dos Arcebispos e Bispos, professos na Ordem Terceira. Salgado.

Elogio Historico... de Cenaculo—por Trigoso.

Eis as noticias que Adriano Balbi dava, no seu *Essai Statistique*, sobre o numero de volumes, que as principaes Bibliothecas de Portugal tinhão no anno de 1822:

Bibliotheca	Real de Lisboa	85:000	vol.
»	de Jesus	32:000	»
»	de S. Francisco	20:000	»
»	de S. Vicente de Fóra	22:000	»
»	das Necessidades	28:000	»
»	da Universidade de Coimbra	38:000	»
»	de Santa Cruz	36:000	»
»	do Bispo do Porto	32:000	»
»	de Tibães	25:000	»
»	de Evora	20:000	»

A *Descripção Geral de Lisboa*, publicada em 1839, pelo Sr. P. P. da Camara, dá as seguintes noticias daquelle anno:

A *Bibliotheca Publica de Lisboa* contém para cima de 80:000 volumes impressos, 5:457 manuscriptos; e 32:235 medalhas antigas de oiro, prata e cobre.

O deposito das Livrarias dos Conventos extinctos chegará a 500:000 volumes.

A Livraria de Jesus contém para cima de 35:000 volumes.

A das Necessidades contém para cima de 30:000 volumes.

A Bibliotheca da Academia compõe-se de mais de 15:000 volumes.

N. B. Vê-se que o author não prestou a necessaria attenção a esta parte da *Descripção;* tudo quanto diz a este respeito he por estimativa. Julguei, porém, dever indicar aquelle opusculo, por conter noticias de um anno muito posterior ao do *Ensaio* de Balbi.

——Bibliotheca Nacional de Lisboa. (Creada em 1796.)

Esta Bibliotheca possue hoje (Outubro de 1853) 132:000 volumes impressos; 10:000 manuscriptos; moedas e medalhas, aproximadamente, 22:000.

Entre os impressos avultão a Collecção Biblica, que consta de 2:000 volumes; a Collecção Paleotypica, que consta de mil obras; e a Collecção de Bodoni, e de outros insignes typographos, que consta de 631 volumes.

Em cada uma das secções deste grande todo ha muitos livros raros e preciosos.

Entre os manuscriptos sobresahem 500 Codices de leitura antiga, e muitos destes ineditos.

Em quanto a medalhas, tem o primeiro logar, pelo seu numero e raridade, as series das Colonias e Municipios Romanos, das Imperiaes, e com especialidade do Baixo-Imperio, e a dos Reis de Macedonia.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa tem tido nestes ultimos tempos, um augmento consideravel, graças ás acquisições de livros dos extinctos Conventos, e de outras Livrarias, de que darei noticia.

Calculava-se que entrarião na Bibliotheca 300:000 volumes das Livrarias dos extinctos Conventos; he porém certo que o Bibliothecario Mór do anno de 1844 declara que, do inventario que assignou, só constava acharem-se no Deposito 183:533 volumes.

Seja, porém, qual fôr o numero a que chegassem os volumes das Livrarias dos extinctos Conventos, que vierão para o

Deposito da Bibliotheca Nacional de Lisboa, he certo que esta tem recolhido nas suas Estantes muitos desses Livros; bem como dali têem sahido grandes porções para a formação de Livrarias de diversas Repartições da Capital. Afóra isso, consta-me que para Angola forão mandados 4:000 volumes; 3:000 para Ponta Delgada; e 2:500 para Santarem: sendo provavel que ainda sejão fornecidos alguns Seminarios.

Existe hoje na Bibliotheca Nacional a rica Livraria de D. Francisco de Mello da Camara (vulgò do Cabrinha), a qual se compõe de 9:200 volumes impressos, e talvez de 300 manuscriptos. O Governo comprou esta Livraria por dez contos de réis, e concedeu ao successor de D. Francisco de Mello da Camara o titulo de Conde da Silvã.

Obteve tambem o Governo a Livraria de Luiz Cypriano Ribeiro Freire; mandando parte dos manuscriptos para a Secretaria dos Negocios da Fazenda, e outra parte para a dos Negocios Estrangeiros, e fazendo incorporar na Bibliotheca Nacional os livros impressos.

Do 1.º de Janeiro do anno de 1844 he datado um Relatorio apresentado ao Governo pelo Bibliothecario Mór, o Doutor José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

O Relatorio foi publicado em 4 volumes, impressos na Typographia Lusitana, com uma serie de Appensos, muito recommendaveis. Entre estes, são muito interessantes os seguintes: Catalogo das Obras do 15.º seculo, que possue a Bibliotheca Nacional de Lisboa, feito segundo a ordem alphabetico-chronologica do nome das Cidades, em que forão impressas, e illustrado com algumas Notas;—Catalogo das Biblias, Corpos da Biblia e Concordancias, que se achão na Sala especial;—Relação abreviada de algumas Obras raras, que possue a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

O Relatorio he um trabalho muito importante, e rico de noticias sobre aquelle estabelecimento. He para desejar que se progrida na publicação de taes documentos, successivamente desenvolvidos, e destinados a esclarecer a situação de um Estabelecimento tão util e recommendavel.

——Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa. No extincto convento de Jesus.

« Compoem-se de duas Livrarias, que ao todo formam 50:000 volumes. A antiga Bibliotheca, classificada em separado da nova,

que se lhe annexou, contém 33:456 volumes, divididos pela seguinte maneira: sciencias historicas, litterarias e bellas-artes, 9:669; jornaes litterarios e politicos, 325; sciencias naturaes, artes e officios, 3:797; sciencias civís e politicas, 1:517; sciencias ecclesiasticas, 13:085; manuscriptos, 833; livros por classificar, 4:230.» (Novo Guia do Viajante em Lisboa. 1853.)

——Bibliotheca Real da Ajuda.

«Possue Codices de grande valor. ElRei D. Fernando a nada se tem poupado para a enriquecer; e segundo a opinião geral é a mais rica das bibliothecas de Portugal.» (Novo Guia do Viajante em Lisboa.)

Tem por Bibliothecario o Sr. Alexandre Herculano,—gloria e brilhante ornamento das Lettras.

——Na Capital, as Escholas *Naval*, *Polytechnica*, do *Exercito*, e *Medico-Cirurgica*, possuem Livrarias especiaes dos ramos de conhecimentos a que respectivamente se consagrão.

As Camaras Legislativas têem tambem uma Livraria,—que em verdade está muito longe de corresponder ao seu particular destino.

——Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Tem hoje 14:528 obras, em 43:998 volumes impressos, além de 7:903 vol. avulsos, ou não classificados; e 901 manuscriptos.—Nos depositos das Livrarias dos extinctos conventos, a cargo da mesma Bibliotheca, existem 102:290 vol., dos quaes 54:653 estão catalogados.

——Bibliotheca da Cidade do Porto.

«No mesmo edificio está a *Bibliotheca Publica* estabelecida pelo Duque de Bragança a 9 de Julho de 1833, 1.° anniversario da sua entrada na Cidade do Porto. De 65:000 volumes de que virá a compor-se esta Bibliotheca, 25:000 já se acham novamente relacionados pelo seu Bibliothecario o Sr. Diogo Goes Lara de Andrade. Esta Bibliotheca possue manuscriptos de mui grande merecimento. O Governo Inglez fez a este novo Estabelecimento um rico presente de muitos volumes, que vem a ser uma collecção de documentos importantes para a diplomatica, para a historia e para a legislação, que existiam nos seus arquivos, e que foram impressos a pedido da Camara dos Communs.

Cada volume tem no verso do frontespicio impresso em inglez estas palavras: *Este livro será para sempre guardado na Bibliotheca do Porto.* » (Urcullu. Tratado Elementar de Geographia. Tomo 2.º—Porto 1837.)

Esta Bibliotheca tem hoje oitenta mil volumes; entrando nesta conta quatorze mil e setecentas obras não catalogadas. Em manuscriptos possue mil duzentos e vinte e dous Codices. A Camara Municipal do Porto comprou a Collecção Numismatica de João Allen, a qual está por em quanto encaixotada por não haver ainda casa segura para a sua exposição; os Quadros e Estampas estão no Museu da Academia das Bellas Artes.

——Bibliotheca Publica de Evora.

Em 1850 foi impresso em Lisboa o=Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense, ordenado pelo Bibliothecario *J. H. da Cunha Rivara.* Tomo 1.º que comprehende a noticia dos Codices e papeis relativos ás cousas da America, Africa e Asia.=Não foi ainda publicado o 2.º Tomo; sendo aliás muito para desejar que o illustre Bibliothecario dê seguimento a tão interessante trabalho.

A fundação da Bibliotheca de Evora data do anno de 1805, e he obra do grande Arcebispo D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas, o qual estabeleceu simultaneamente um Museu e Galeria de Pinturas. O illustre Fundador, ao tomar posse do Arcebispado, encontrou apenas dous mil e tantos volumes, que havião pertencido ao seu antecessor o Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, e estavão collocados em uma das Salas do Palacio Archiepiscopal.

Quando nos fins de Julho de 1808 os Francezes saqueárão a Cidade de Evora, soffreu consideravel prejuizo o nascente Estabelecimento do grande Cenaculo, e especialmente o seu rico monetario, o qual foi despojado vandalicamente de tudo quanto continha de prata e ouro.

Em 1811 deu o grande Cenaculo Estatutos á Bibliotheca de Evora, determinou que fosse posta á disposição do publico, doou-a perpetuamente á *sua muito amada Igreja Metropolitana de Evora,* e applicou rendimentos para a sustentação do interessantissimo Estabelecimento, que elle chamava a *sua joia.*

Não nos cumprindo escrever longamente a historia deste Estabelecimento, no periodo que decorre desde 1814, anno em que falleceu o grande Cenaculo, limitar-nos-hemos a remetter os Lei-

tores para os *Relatorios* do Bibliothecario respectivo, archivados no Ministerio do Reino.

Veja-se o que acima dissémos, no principio do presente Artigo = Bibliothecas. =

A Bibliotheca Publica de Evora contém hoje, segundo informações authenticas, vinte e cinco mil volumes impressos; dous mil manuscriptos; tresentos e tantos quadros; seis mil e tantas medalhas.

——Em Braga, Ponta Delgada, e Funchal, ha tambem Bibliothecas, mas pouco importantes por em quanto.

Torre do Tombo.

Subsidio para a historia deste importantissimo Archivo:

——Memorias Authenticas para a Historia do Real Archivo. Colligidas pelo primeiro Lente de Diplomatica, o Desembargador *João Pedro Ribeiro*. Lisboa 1819.

«A historia do Real Archivo, diz o author na Introducção, he hum assumpto que por si mesmo se recommenda.»

As Memorias são divididas em 4 partes; na 1.ª trata da origem e progressos do Real Archivo; na 2.ª apresenta um Catalogo dos Guardas Mores; na 3.ª um Catalogo dos Escrivães; na 4.ª expõe o estado presente do Archivo.

Os nossos primeiros Soberanos tivérão sim archivos, mas ambulantes, segundo as circumstancias daquelles tempos, em que os Reis não tinhão residencia fixa, obrigados como erão a continuas viagens e expedições militares.

O estabelecimento fixo de um Archivo he assignado por João Pedro Ribeiro entre 11 de Abril da Era de 1390, e 4 de Novembro da Era de 1416; existindo anteriormente apenas a Chancellaria que acompanhava a Côrte.

No reinado de D. João I estava já o Real Archivo na Torre do Castello de Lisboa, chamada do Tombo, por estar lá o Livro dos Tombos da Corôa, ou Proprios da Corôa, antigamente chamado de *Recabedo Regni;* e já neste reinado principiou o Real Archivo a ser conhecido mais constantemente com o titulo de *Torre do Tombo*.

No anno de 1757 foi o Archivo transferido para o local onde

hoje está, tendo primeiramente tido um deposito particular, por occasião do terremoto de 1755, salvando-se completamente daquella horrorosa catastrophe, graças ao admiravel zelo do Guarda Mór Manoel da Maya.

Da Torre do Castello de Lisboa faz menção Fernão Lopes, nas Chronicas d'El-Rei D. Pedro I (Cap. 12), e de D. Fernando (no principio, e no Cap. 48). Por muito curiosas lançarei aqui as proprias expressões do Chronista:

=«.... em cada huum anno eram os Reys çertificados pellos veedores de sua fazenda, das despezas todas que feitas aviam, assi en enbaixadas come en todallas outras cousas que lhe neçessariamente convijnha fazer; e diziamlhe o que aalem desto sobeiava de suas rendas e dereitos, assi em dinheiros come en quaaesquer cousas, e logo era hordenado que se comprasse delles çerto ouro e prata pera se poer no Castello de Lixboa em huma torre, que pera esto fora feita, que chamavam a torre alvarrãa. Esta torre era mui forte e nom foi porem acabada, estava em cima da porta do Castello, e alli poinham ho mais do tesouro que os Reis juntavom em ouro e prata e moedas, e tijnham as chaves della, huum gardiam de S. Françisco, e outra o priol de Sam Domingos, e a terçeira huum beneficiado da See dessa Cidade.»=

No principio da Chron. de D. Fern.=«Este Rei D. Fernando começou de reinar o mais rico Rei que em Portugal foi ataa o seu tempo: ca elle achou grandes tesouros que seu padre e avoos gardarom, em guisa que somente na torre do aver do Castello de Lixboa forom achadas oito çemtas mil peças douro, etc.»=

O ultimo Guarda Mór mencionado por João Pedro Ribeiro, nas *Memorias Authenticas*, he o Visconde de Azurára. Completarei eu esse quadro até ao anno presente (1853).

Succedeu ao Visconde de Azurára o Visconde de Santarem; em 28 de Julho de 1833 foi nomeado Director e Guarda Mór Provisorio do Real Archivo o Official Maior Francisco Nunes Franklin.—Por Decreto de 4 de Junho de 1834 foi nomeado Guarda Mór D. Francisco de S. Luiz.—Por Decreto de 28 do Setembro de 1836 foi nomeado Guarda Mór Interino o Doutor Antonio Nunes de Carvalho.—Por Decreto de 23 de Julho de 1838 foi exonerado este ultimo, e substituido pelo Conselheiro Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.—Em 30 de Março de 1842 foi exonerado este ultimo, e substituido pelo Visconde de

Santarem, o qual continúa ainda hoje a ser Guarda Mór da Torre do Tombo, não obstante a sua residencia em París, onde aliás está prestando relevantissimos serviços á Sciencia, e á Nação Portugueza, como he bem sabido.

Em 1842 forão reunidas as obrigações de Chronista ás de Guarda Mór, com o accrescimo de 200$000 réis no ordenado. (Port. de 2 de Dezembro de 1842). Em 1833 foi extincto o Officio de *Escrivão*, sendo Gaspar Luiz de Moraes o ultimo que o exerceu.

Pela Portaria de 14 de Outubro de 1836 foi restabelecida a Aula de Diplomatica, com exercicio no Archivo, e nomeado para a regencia della o Official Maior, o Sr. José Manoel Aureliano Basto.

No que toca á organisação administrativa do Real Archivo, he mister ver o Decreto Regulamentar de 30 de Abril de 1823, Aviso de 10 de Fevereiro de 1827, Decreto de 21 de Setembro de 1833; Decreto de 16 de Junho de 1836; e Decreto Regulamentar de 1839.

Estado actual do Archivo.—Além de tudo quanto compunha o antigo Archivo, foi este notavelmente augmentado com a acquisição de innumeraveis papeis e livros das Repartições extinctas, e de Casas Religiosas, vindo destas ultimas varios Codices e Documentos importantissimos, e de grande antiguidade, como são algumas Biblias manuscriptas, a Biblia dos Jeronimos, o Atlas de Fernão Vaz Dourado, etc., e bem assim se creou uma Bibliotheca especial, contendo de quatro a cinco mil volumes, pela maior parte de Legislação, Historia, e Litteratura Portugueza.

Imprensa Nacional.

Por Alvará de 24 de Dezembro de 1768 foi creada uma officina Typographica, com o titulo de *Impressão Regia*. Nesse providente Alvará se lê a seguinte e muito judiciosa disposição:

=«Todas as obras, que se mandarem imprimir pela Directoria Geral dos Estudos; pela Universidade de Coimbra; pelo Real Collegio dos Nobres; e por outras quaesquer Communidades, ou Pessoas particulares, pagarão á Impressão os justos, e moderados preços, que forem regulados em Conferencia, sem attenção a grandes interesses; pois que o fim deste estabelecimento he o de animar as Letras, e levantar uma Impressão util

ao publico pelas suas producções, e digna da Capital destes Reinos.»=

Aqui temos a data da creação do importantissimo Estabelecimento, que hoje se denomina «Imprensa Nacional»; aqui temos igualmente bem caracterisada a mente do Legislador, o qual quiz que houvesse em Lisboa uma Officina Typographica, que se tornasse *util e respeitavel pela perfeição dos caracteres, pela abundancia e aceio de suas impressões*, e preço commodo das mesmas.

Deixaremos sem observações a historia da Imprensa Nacional, em quanto aos seus primeiros 76 annos de existencia, e marcaremos uma epocha, muito notavel e caracteristica para este Estabelecimento, no anno de 1844; nos principios do qual começou a dar-se emprego a novos maquinismos, apparelhos, e utensilios typographicos, applicados aos trabalhos da Imprensa, segundo os methodos e processos vistos e estudados em França, na Belgica e na Inglaterra.

Pela Portaria de 16 de Maio de 1843 foi o habil e muito intelligente Administrador da Imprensa Nacional, José Frederico Pereira Marecos, encarregado de ir ver e estudar aos paizes estrangeiros os processos mais aperfeiçoados da arte typographica; e bem assim de comprar os utensilios convenientes para se promoverem os possiveis melhoramentos da mesma Imprensa. Passou elle effectivamente a París, a Bruxellas e a Londres, e he muito de ponderar o que dizia no seu Relatorio de 10 de Janeiro de 1844:=«O estado actual da Typographia entre as Nações mais adiantadas faz uma tão grande differença do estado em que ella se acha entre nós, que a primeira vez que em París entrei n'uma Imprensa vi que tinha muito que aprender; e não me envergonharei de dizer, que os meus conhecimentos a este respeito eram mais imperfeitos do que eu pensava.»=Visitou os mais celebres estabelecimentos typographicos das Capitaes da França, da Belgica, e de Inglaterra; vio e aprendeu muito; e habilitou-se para introduzir na Imprensa Nacional de Lisboa novas maquinas, novos apparelhos, novos utensilios typographicos, e melhoramentos diversos.—Em Portaria de 18 de Março de 1844 se lhe disse, em nome da Soberana, que elle correspondêra completamente á confiança, que o Governo tinha depositado na sua intelligencia e probidade.—Os melhoramentos introduzidos na Imprensa Nacional, como resultado da missão e diligencias do habil e zeloso Administrador, forão consideraveis,

e esse Estabelecimento adquirio as proporções e desenvolvimento que lhe faltavão.

O habil e zeloso Administrador, de quem temos fallado, já desappareceu d'entre os vivos, no que a Nação soffreu grande perda, só attenuada pela feliz circumstancia de que aquelle foi substituido no mesmo cargo por seu digno Irmão, o sr. Firmo Augusto Pereira Marecos.

De um Relatorio deste ultimo tiramos as seguintes noticias.

=«A Imprensa Nacional não é só uma Officina Typographica, como parece definir a sua denominação: a Imprensa Nacional é um vasto Estabelecimento, onde se praticam diversas artes e officios. Aqui são feitas todas as cousas essencialmente necessarias á typographia. Fazem-se os punções; cravam-se e justificam-se as matrizes; fundem-se e justificam-se os typos, pelo systema de pontos, como está modernamente adoptado nos paizes mais adiantados na arte typographica; stereotypa-se qualquer composição typographica; reproduzem-se todas as vinhetas e ornamentos typographicos por meio de bellos apparelhos, e pelo mesmo methodo, que se usa em França e Inglaterra.—Os prelos de ferro que trabalham a braço fazem-se tambem na Imprensa Nacional; concertam-se e reparam-se os prelos mechanicos, e as differentes machinas de ferro que esta Casa possue, como a de vapor, a hydraulica, a de assetinar papel, a de moer tinta, e outras. Aqui se faz a tinta de diversas côres, e os rolos que a distribuem sobre as fôrmas. Nesta Casa, emfim, promptifica-se tudo de que carece a composição e impressão de uma rica e nitida edição.»=

=«Compõe-se, pois, a Imprensa Nacional de uma grande Officina Typographica, com vinte prelos de ferro movidos a braço, dois prelos mechanicos a vapor, com muitissimos quintaes de typo e aviamentos typographicos—uma Officina Lithographica, com quatro prelos magnificos, e grande numero de pedras lithographicas, quasi todas allemãs, que são as melhores—uma Officina d'Estamparia, com bons torculos—uma Officina de Cartas de jogar—uma Officina de Gravura, onde se fazem os punções, e se grava em qualquer metal e em madeira—uma Officina de fundição de Typos—e uma Officina de Serralheria.»=

=«..... acha-se esta Casa enriquecida com uma collecção de chapas abertas em cobre dos mais delicados desenhos, que podem considerar-se um primor de arte, sendo algumas grava-

das pelo celebre Bartolozzi. Muitos punções, e um abundantissimo numero de matrizes d'elegantes typos, de vinhetas e ornatos typographicos, de muito gosto, fazem tambem consideravel parte da sua riqueza.»=

=«O Edificio em que se acha a Imprensa Nacional, posto que não fosse construido para este fim, comtudo pelas obras que se lhe tem feito em diversos tempos, principalmente pelas que lhe fizera o meu fallecido irmão, meu antecessor, presta-se ao estabelecimento e funcções das suas Officinas, e póde considerar-se uma bella Casa, hoje muito aceada e em boa ordem, como é facil ver e examinar, porque é franca a sua entrada em todas as terças feiras.»=

=«Resta fallar do pessoal desta Casa, que em geral tem bons empregados, havendo entre elles alguns de muito merecimento; e para o provar basta dizer, que na Imprensa Nacional não ha hoje nenhum estrangeiro, achando-se, todavia, em pratica grande parte dos methodos por que a arte typographica tem chegado ao seu admiravel adiantamento nos paizes mais civilisados, sendo para isto necessario o concurso de machinas, e outros objectos nunca vistos em Portugal antes de meu irmão vir de França, que, honra á sua memoria, foi quem aqui introduziu esses methodos.»=

Faz muita honra ao Sr. Firmo Augusto Pereira Marecos a creação de uma especie de Monte Pio, ou Caixa de Soccorros, que o mesmo Sr. estabeleceu em 5 de Novembro de 1845, para acudir aos empregados daquella Casa com soccorros durante a doença, mediante a entrada de cada um com a pequena quantia de 60 réis semanaes, deduzida dos seus vencimentos.

Documentos a consultar ácerca da Imprensa Nacional:

Alvará de 24 de Dezembro de 1768.

Relatorio e Contas do Cofre da Imprensa Nacional pertencentes aos annos de 1839 e 1840 —Lisboa 1841.

Diario do Governo, n.° 83 de 9 de Abril de 1844, onde se encontra o Relatorio de 10 de Janeiro do mesmo anno.

Relatorio do Administrador Geral da Imprensa Nacional Firmo Augusto Pereira Marecos, publicado no Diario do Governo de 7 de Julho de 1849.

Orçamentos do Estado.

Organisação actual dos estudos em Portugal.

Parece-me muito acertado apresentar uma breve resenha da organisação actual dos estudos em Portugal, visto como já dei noticia dos diversos Estabelecimentos Scientificos e Litterarios de outras epochas. Á Historia Litteraria do nosso paiz não he indifferente este assumpto.—Note-se, porém, que só darei conta desta materia *per summa capita*, como quem só leva em vista apontar, e não desenvolver. He forçoso ser muito conciso, e limitar-me ás indicações mais genericas.

——Dou a Portugal e ás Ilhas Adjacentes a população de tres milhões e oitocentos mil habitantes; quatrocentos concelhos; quatro mil freguezias:—em numeros redondos.

——A Divisão Administrativa, em Districtos, he a seguinte:

Provincias.	Districtos.
Alem-Tejo	Beja. Evora. Portalegre.
Algarve	Faro.
Beira	Aveiro. Castello Branco. Coimbra. Guarda. Vizeu.
Extremadura	Leiria. Lisboa. Santarem.
Minho	Braga. Porto. Vianna.

Provincias.	Districtos.
Traz-os-Montes.....	Bragança. Villa Real.
Ilhas Adjacentes.....	Angra. Funchal. Horta. Ponta Delgada.

——Postos estes elementos statisticos, classificarei assim o Ensino Publico:

Ensino Primario.
» *Secundario.*
» *Especial.*
» *Superior.*

E para mais ordenadamente tratar o assumpto, classificarei o Ensino pelos diversos Ministerios, por conta dos quaes corre a sua administração e sustentação.

—Assim, pertence ao *Ministerio do Reino* a direcção, administração e sustentação do *Ensino Primario,* do *Ensino Secundario;* em quanto ao *Ensino Especial,* — a *Academia de Bellas Artes de Lisboa,* a *Academia Portuense de Bellas Artes,* —*Conservatorio Real de Lisboa;*— em quanto ao *Ensino Superior,*—a *Academia Polytechnica do Porto,*—as *Escólas Medico-Cirurgicas do Funchal,* de *Lisboa,* e do *Porto,* e a *Universidade de Coimbra.*

—Ao *Ministerio da Guerra,* em quanto ao *Ensino Superior*— a *Eschola Polytechnica de Lisboa;* e em quantó ao *Ensino Especial,* a *Escóla do Exercito,* o *Collegio Militar,* e a *Escóla Veterinaria.*

—Ao *Ministerio da Marinha,* em quanto ao *Ensino Especial,* a *Escóla Naval,* e a *Aula de Construcção Naval.*

—Ao *Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria,* em quanto ao Ensino Especial, o *Instituto Agricola e Escóla Regional de Lisboa,* as *Escólas Regionaes d'Evora* e *Vizeu,* e o *Instituto Industrial de Lisboa,* e o do *Porto.*

—No quadro do *Ministerio dos negocios Ecclesiasticos e de Justiça* entrão os *Seminarios.*

Ministerio do Reino.

§ 1.°

Ensino Primario.

No Continente e Ilhas Adjacentes haverá hoje mil e tantas Escólas de Ensino Primario, sustentadas pelo Estado; sendo destas, tão sómente, para o sexo feminino, a vigessima parte. Podemos calcular em 30:000 alumnos os que frequentão essas escólas, sendo 2:000 do sexo feminino. O Estado faz com o Ensino Primario a despeza de cem contos de réis, em numeros redondos.

Felizmente ha um grande numero de Escólas Municipaes, e Parochiaes, por todo o Reino e Ilhas; bem como de Escólas particulares.

Ainda assim, o Ensino Primario he deficientissimo entre nós para ambos os sexos, e particularmente para o sexo feminino. Os Professores são muito escassamente remunerados; e carece-se não só de augmentar o numero das Escólas, mas de as prover de utensilios, de as collocar em commodos edificios, e de obrigar os paes e superiores a mandarem seus filhos e subordinados ás Escólas.

§ 2.°

Ensino Secundario.

Creio que existem hoje 220 Cadeiras de Ensino Secundario, frequentadas por 3:000 alumnos. A despeza do Estado com este ramo de Ensino chega talvez a setenta contos de réis.

Nos Lyceus já estabelecidos em diversas capitaes de Districto ensina-se:

Grammatica Portugueza e Latina.
Latinidade.
Philosophia Racional e Moral, e Principios de Direito Natural.
Oratoria, Poetica, e Litteratura Classica, especialmente a Portugueza.
Historia, Chronologia, e Geographia, especialmente a Commercial.
Arithmetica e Geometria, com applicação ás Artes.
Linguas Franceza e Ingleza.

Em Lisboa ha tambem nos Lyceus, afóra esses estudos, Cadeiras das Linguas Grega, Hebraica, Arabe, e Allemã; e de Geometria e Mechanica applicada ás Artes; bem como uma de Tachygraphia.

——Aula do Commercio em Lisboa. Ensina-se Arithmetica, Algebra, Geometria, Trigonometria; Escripturação por partidas dobradas, seguro, cambios, letras e pratica commercial.—Custa ao Estado 1:600$000 réis.

§ 3.°

Ensino Especial.

——Na Academia das Bellas Artes de Lisboa ensina-se:
Desenho de Figura.
Pintura Historica.
Pintura de Paizagem.
Architectnra.
Esculptura.
Gravura Historica.
Gravura de Paizagem.
Gravura de cunhos e medalhas.

Teve no anno escolar de 1848 a 1849—215 alumnos; e erão seis os Professores proprietarios, e seis substitutos.

No orçamento de 1853 para 1854 vem consignada a verba de 14:242$400 réis para a despeza deste Estabelecimento.

——Na Academia Portuense de Bellas Artes ensina-se:
Desenho Historico.
Pintura Historica.
Esculptura.
Architectura.
Gravura Historica.

Teve no anno escolar de 1848 a 1849—109 alumnos; e erão seis os Professores proprietarios, e seis substitutos.

No orçamento de 1853 a 1854 vem consignada a verba de 5:810$000 para a despeza deste Estabelecimento.

——Conservatorio Real de Lisboa. Ensina-se Musica instrumental e vocal, composição e Pianno; Declamação; Dança; Mimica; Esgrima.

Teve 110 alumnos approvados; e forão 13 os Professores.

No orçamento de 1853 para 1854 vem consignada a verba de 5:253$200 réis para a despeza deste Estabelecimento.

——Theatros. Considerando os Theatros como meio de ensino e de civilisação, tenho por conveniente apontar aqui o subsidio que o Governo dá a alguns.

Ao de S. Carlos, em Lisboa..... 20:000$000
Ao de D. Maria II, em Lisboa..... 6:000$000
Ao de S. João do Porto..... 2:000$000
(*Orçamento* do Estado de 1853 a 1854.)

§ 4.º

Ensino Superior.

——Universidade de Coimbra. São estas as Faculdades:

Direito.
Mathematica.
Medicina.
Philosophia.
Theologia.

No *Orçamento* de 1853 a 1854 vem consignada a verba de 83:072$430 réis para a despeza deste Estabelecimento.

No anno lectivo de 1848 a 1849 teve a Universidade 46 Cadeiras, 22 Substituições, 5 Demonstradores, 3 Ajudantes, 1 Director do Observatorio, 3 Astronomos, 4 Ajudantes do Observatorio.

No mesmo anno lectivo matriculárão-se na Universidade de Coimbra, nas differentes Faculdades, 926 Alumnos; habilitárão-se para Acto 861; perdêrão o anno 65; forão approvados plenamente 747, e *simpliciter* 55, sendo reprovados 10, e não fazendo acto 49.

He curioso ver a proporção dos Alumnos nas differentes Faculdades: tomemos o mesmo anno lectivo de 1848 a 1849, e attendâmos ao mesmo numero dos matriculados:

Matriculárão-se em	Direito.....	542	Alumnos.
	Mathematica...	111	»
	Medicina.....	35	»
	Philosophia....	122	»
	Theologia.....	116	»

Estabelecimentos Scientificos dependentes da Universidade de Coimbra:

Observatorio Astronomico.
Bibliotheca.
Imprensa.
Laboratorio Chimico.
Gabinete de Physica.
Gabinete de Historia Natural.
Jardim Botanico.

Permitta-se-me apresentar aqui uma resenha das diversas producções litterarias e scientificas, que illustres Professores da Universidade de Coimbra têem dado á luz desde o anno de 1834 até hoje.

Professores da Faculdade de Direito.

Os Srs. Bazilio Alberto de Sousa Pinto.—*Lições de Direito Criminal*—*Apontamentos de Direito Administrativo.*

Liz Teixeira—*Curso de Direito Civil.* (Este Professor morreu antes de concluir um Commentario ás Instituições do Sr. Paschoal José de Mello, que tinha muito adiantado.)

Manoel Antonio Coelho da Rocha.—*Ensaio sobre a historia do Governo e Legislação de Portugal*—*Instituições de Direito Civil Portuguez.*

V. Ferrer.—*Elementos de Direito Natural*—*Elementos de Direito das Gentes*—*Curso de Direito Natural*—*Principios Geraes de Philosophia de Direito*—*Cadastro.*

A. Forjaz.—*Elementos d'Economia Politica,* e *d'Estadistica*—e outras obras.

F. J. D. Nazareth.—*Elementos de Processo Criminal*—*Elementos de Processo Civil.*

Justino Antonio de Freitas.—*Manual dos Juizes Eleitos*—*Manual do Rendeiro.*

João de Sande de Magalhães Mexia.—*Principios de Direito Politico Portuguez.*

Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.—*Elementos de Geographia*—*Elementos de Poetica*—*Lições d'Economia Politica*—*Breves Noções de Geographia*—*Elementos de Moral e Principios de Direito Natural*—*Geographia e Chronologia.*

Antonio Luiz de Sousa Henriques Sêcco.—*Manual Historico de Direito Romano*—e outras obras.

Antonio Maria Rodrigues de Brito — *Chorographia do Reino de Portugal.*

PROFESSORES DA FACULDADE DE MEDICINA.

João Alberto Pereira d'Azevedo.—*Universidade de Coimbra em 1843.*

Jeronymo José de Mello.—*Primeiras Linhas de Physiologia.*

José Ferreira de Macedo Pinto.—*Compendio de Veterinaria.* (Está no prelo a segunda edição muito mais augmentada.)

Antonio Augusto da Costa Simões.—*Os Banhos de Luso* (no primeiro vol. do jornal do Instituto); e outros artigos de interesse scientifico.

João Antonio de Sousa Doria.—*Compendio de Mnemotechnica —Mnemonica — Elementos de Philosophia Racional — Compendio de Historia Universal.*

PROFESSORES DA FACULDADE DE MATHEMATICA.

Agostinho José Pinto d'Almeida.—*Principios de Geologia.*

Francisco de Castro Freire.—*Mechanica Racional.*

Castro, e Sousa Pinto.—*Traducção do Curso Completo de Mathematicas puras de L. Francoeur.* (Da segunda edição muito augmentada e correcta está impresso o primeiro volume.)

Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.—*Additamento ás notas do Calculo differencial e integral de Francoeur—Calculo das Ephemerides Astronomicas—Das Refracções athmospheri-cas—Complementos da Geometria Descriptiva de Fourcy.* (Vae entrar brevemente no prelo—Elementos de Astronomia.)

Agostinho de Moraes Pinto de Almeida—*Elementos de Arithmetica—Demonstração da definição quinta do Livro quinto de Euclides.*

Raimundo Venancio Rodrigues—*Reflexões dirigidas á Camara dos Dignos Pares do Reino, sobre os Gráus academicos da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, e Porto.*

Rufino da Guerra Osorio.—*Compendio d'Arithmetica—Taboa auxiliar, que no Calculo dos Eclipses das Estrellas e Pla-*

netas pela Lua evita o trabalho de resolver uma equação transcendente.

Jacome Luiz Sarmento.—*Primeiras Noções d'Algebra—Taboas auxiliares para o Calculo das distancias das Estrellas e Planetas á Lua; para a Reducção Geocentrica;* e outras.

Florencio Mago Barreto-Feio.—*Taboas da Lua.*

Professores da Faculdade de Philosophia.

Antonio Sanches Goulão.—*Principios Geraes de Mechanica.*

Pedro Noberto.—*Philosophia Especulativa.* (Este distincto Professor tinha muito adiantado um Compendio de Botanica, quando prematuramente falleceu.)

Antonino José Rodrigues Vidal.—*Index plantarum in horto botanico academico conimbricensi cultarum, anno 1852.*

José Maria d'Abreu.—*Legislação Academica—Memorias historicas da Universidade de Coimbra* (publicadas no primeiro e segundo volume do Instituto, jornal scientifico e litterario), e outras obras.

Joaquim Augusto Simões de Carvalho.—*Lições de Philosophia Chimica*—e outras obras.

Professores do Lyceu Nacional.

Gomes de Moura.—Além d'outras muitas obras, tem quasi concluida a impressão do *Diccionario Greco-Latino.*

Antonio Cardoso Borges de Figueiredo—*Bosquejo Historico da Litteratura Classica Grega, Latina e Portugueza.—Elementariæ Rhetoricæ Institutiones—Traducção d'estas—Logares Selectos dos Classicos Portuguezes—Selecta Classica.*

Antonio Ignacio Coelho de Moraes.—*Grammatica Grega—Regras das Declinações e Conjugações.*

J. E. B. de Lima—*Chrestomatia Portugueza*—Dita *Franceza*—Dita *Ingleza.*

——Academia Polytechnica do Porto. Ensina-se alli: Arithmetica, Algebra, Geometria etc.; Algebra, sua applicação á Geometria etc.; Geometria Descriptiva, suas applicações; Desenho; Trigonometria espherica; Astrono-

mia etc.; Historia Natural applicada ás Artes e Officios; Physica e Mechanica Industriaes; Chimica, Artes Chimicas, Minas; Botanica; Commercio, Economia Industrial; Manobra Naval.

No *Orçamento* de 1853 a 1854 vem consignada a verba de 12:681$000 para a despeza deste Estabelecimento.

——Eschola Medico-Cirurgica do Funchal. Ensina-se: Anatomia e Physiologia; Pathologia e Materia Medica; Pharmacia.

Despeza: 1:027$280. (Orç. de 1853 a 1854.)

——Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Cadeiras de

Anatomia.
Physiologia e Hygiene.
Historia Natural dos Medicamentos.
Pathologia Externa, etc.
Apparelho e Operações Cirurgicas, etc.
Partos.
Pathologia Interna
Clinica Medica.
Clinica Cirurgica.

Despeza 11:140$000. (Orç. de 1853 a 1854.)

——Eschola Medico-Cirurgica do Porto.

Cadeiras de

Anatomia; Physiologia e Hygiene; Historia Natural dos medicamentos; Pathologia externa; Apparelho e Operações Cirurgicas; Partos; Pathologia Interna; Clinica Medica; Clinica Cirurgica.

Despeza 9:860$000. (Orç. de 1853 a 1854.)

Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.

Ensino Especial.—Seminarios.

Nos Seminarios ensinão-se, como he sabido, os estudos proprios para os que se destinão á vida ecclesiastica.—Foi ha pouco restabelecido o de Santarem: estão hoje em exercicio, afóra este, os de Coimbra, Porto, Braga, Guarda, Bragança, Leiria, Vizeu,

Lamego, Evora, Algarve, Portalegre.—Não ha ainda Seminarios nas Dioceses de Aveiro, Castello Branco, Elvas, Béja, Pinhel, Guarda, Angra, e nas do Ultramar.

Vejão-se a este respeito os dous interessantissimos *Relatorios da Junta Geral da Bulla da Cruzada*: sendo o 1.° datado de 31 de Dezembro de 1852, e o 2.° de 22 de Outubro do corrente anno de 1853.

Ministerio da Guerra.

§ 1.°

Ensino Superior.

——Escóla Polytechnica de Lisboa.

Cadeiras de

Arithmetica, Algebra, Geometria e Trigonometria; Calculo; Geometria e Algebra Superior; Mecanica; Astronomia; Physica; Chimica; Mineralogia; Botanica; Zoologia; Economia Politica; Desenho; Introducção á Historia Natural dos tres Reinos.

Despeza 12:517$149. Nesta quantia, porém, deve ser encontrada a importancia dos rendimentos que a Escóla recebe, proveniente dos bens que administra, incluida na Receita geral do Estado, e orçada em 7:589$219 rs. (Orç. de 1853 a 1854.)

§ 2.°

Ensino Especial.

——Escóla do Exercito.

Curso triennal. 6 Cadeiras de ensino propriamente militar.

1.ª Fortificação passageira, e preliminares da permanente; Tactica; Pequena Guerra; Principios geraes de Castrametação; Estradas e Pontes consideradas como vias de communicação militar.

2.ª Fortificação permanente; Minas militares.

3.ª Artilheria, comprehendendo o estudo dà polvora em relação ás diversas especies desta. Ballistica.

4.ª Duas partes, a 1.ª Estabilidade das Construcções, a 2.ª Hydraulica.

5.ª Architectura, tendo por auxiliar a de Estradas Ordinarias; Rios e Canaes, tendo por auxiliar a de Caminhos de ferro.

6.ª Desenho topographico, de fortificação e d'artilheria; Topographia technica e pratica.

Despeza 19:044$210, de que ha a deduzir 540$000 rs., provenientes de rendimentos arrecadados directamente pela Escóla. (Orç. de 1853 a 1854.)

——Collegio Militar. (Hoje em Mafra.)

He destinado para a educação dos filhos de militares necessitados, e dos que prestárão relevantes serviços á Nação.

Despeza 19:614$000. (Orç. de 1853 a 1854.)

——Escóla Veterinaria.

Cadeiras de

Anatomia e Physiologia comparada; Pathologia, Therapeutica, Clinica, Policia Sanitaria; Cirurgia obstetricia, Castração, Arte de ferrar; Pharmacia; Materia Medica; Toxicologia; Medicina Legal; Hygiene Geral, e Economia do Gado.

Despeza 5:930$930.

Ministerio da Marinha.

Ensino Especial.

——Escóla Naval. Ensina-se ali:

Architectura Naval e Maquinas a Vapor; Mecanica; Astronomia; Navegação; Tactica Naval; Lingua Ingleza; Apparelho e Manobra; Desenho; Esgrima; Exercicio de Infanteria.

Despeza 3:804$000.

——Aula de Construcção Naval.

Os alumnos cursão differentes Aulas da Escóla Polytechnica. Afóra esses estudos ha uma Cadeira de Construcção Naval.

Despeza 2:506$000.

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

Ensino Especial.

——Escóla Regional d'Evora. Creada por Decreto de 16 de Dezembro de 1852. Hade ensinar-se ali:

Elementos das Sciencias Historico-Naturaes, Botanica, Elementos de Physica, Chymica, e Geologia Agricola; Agricultura geral e culturas especiaes; Zootechnica e Arte Veterinaria; Economia Agricola, Administração e contabilidade rural; Artes agricolas, legislação e engenharia rural.

Despeza 7:992$000.

——Instituto Agricola e Escóla Regional de Lisboa.

O mesmo, com pequena differença, que a Escóla Regional de Evora.

Despeza 9:518$000.

——Instituto Industrial de Lisboa.

——Escóla Industrial do Porto.

Estes dous Estabelecimentos forão creados por Decreto de 30 de Dezembro de 1852.

Hade ensinar-se n'elles:

Arithmetica Elementar, primeiras noções d'Algebra, e Geometria Elementar; Desenho linear e ornatos industriaes —desenho de modêlos e machinas; Elementos de Geometria Descriptiva applicada ás Artes; Noções elementares de Chimica e Physica; Mecanica industrial; Chimica applicada ás Artes; Economia e legislação industrial.

O Instituto, e a Escóla Industriaes hãode de fazer de despeza 12:470$000. (Orç. de 1853 a 1854.)

Especialidades sobre Estabelecimentos Scientificos e Litterarios:

Ao Official Maior do Archivo da Torre do Tombo dá o Governo uma gratificação de 200$000 rs.

pela regencia da *Aula de Diplomatica.*—Com o Archivo despende-se annualmente..... 4:970$000
Á Academia Real das Sciencias dá o Governo uma prestação annual de..... 4:800$000
O Museu de Lisboa custa á Nação, annualmente 1:869$000
O Museu do Porto custa..... 350$000
A Bibliotheca Nacional de Lisboa faz de despeza annual..... 7:918$800
A Bibliotheca Publica de Evora..... 100$000
A Bibliotheca Publica de Villa Real..... 104$400
A Bibliotheca da Universidade de Coimbra..... 950$000
A despeza da Imprensa Nacional, e suas dependencias (Officina Typographica, Fundição de Typos, Fabrica de Cartas, Officina Lithographica etc.) he de..... 39:172$214
(A sua Receita he de 38:600$014.)
A despeza da Imprensa da Universidade de Coimbra he de..... 7:557$500
(A receita he de 6:539$470.)
Para Pensionarios do Estado, que vão estudar as Bellas-Artes em paizes estrangeiros, vem no Orçamento uma verba de um conto de réis.
Ha em Coimbra um Conselho Superior d'Instrucção Publica..... 3:940$000
Ha em cada Districto um Commissario dos Estudos, e Reytor do Lyceu.
Ha na Capital uma Escóla Normal Primaria, que faz de despeza..... 2:740$000
Ha aulas de Ensino Mutuo, na Casa Pia, e no Desterro..... 980$000

——No luminoso *Relatorio do Ministerio do Reino,* apresentado ás Camaras Legislativas em 22 de Fevereiro de 1850, vem o seguinte calculo muito curioso:

«A despeza geral com a Instrucção Publica (sómente a que está a cargo do Ministerio do Reino), importa na quantia annual de 276:269$200 réis, liquidos de impostos.

«Custa annualmente cada um dos alumnos de Instrucção:

Primaria..... 2$713
Secundaria..... 21$066

Especial	Academia das Bellas Artes de Lisboa....	56$574
	Academia de Bellas Artes do Porto.....	43$527
	Conservatorio Real de Lisboa.....	24$394
Superior	Academia Polytechnica.....	131$094
	Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa.....	106$591
	Escóla Medico-Cirurgica do Porto.....	223$461
	Universidade.....	41$584

——As necessidades que nesse mesmo *Relatorio* se marcavão, em quanto á Instrucção Publica, são as seguintes:

«A Instrucção Primaria Elementar:

—carece de ser ampliada pela multiplicação das Escólas, pagas com exactidão e regularidade, e collocadas em edificios publicos. (Devêra assignalar tambem a indispensabilidade do augmento de ordenados dos infelizes Professores.)

—carece de aperfeiçoamento, pela escolha de bons Professores, habilitados em Escólas normaes.

«A Instrucção Secundaria ou Complementar:

—carece de dilatar a esphera do ensino, na parte relativa ás disciplinas industriaes, e os conhecimentos praticos e de applicação indispensaveis para o progresso de agricultura, e desenvolvimento de todas as artes e officios, e trabalhos mecanicos.

—carece essencialmente de Professores especiaes, habilitados com a instrucção pratica dos Paizes mais adiantados na cultura das artes industriaes.

«A Instrucção Superior ou Professional:

—carece de mobilia e instrumentos para os gabinetes, para os laboratorios, e para os mais estabelecimentos auxiliares, sem os quaes não podem dar um passo as sciencias uteis, que maior influencia exercem na prosperidade publica.»

——Sobre este assumpto da *organisação actual dos Estudos em Portugal*, vejão-se:

Legislação Novissima—1844, 1848, 1850 a 1853.

Orçamentos do Estado desde 1850 em diante.

Relatorio do Ministerio do Reino apresentado ás Camaras em 22 de Fevereiro de 1850; bem como os de 1851 e 1852.

Novo Guia do Viajante em Lisboa, publicado em 1853. (Traz algumas noticias ácerca dos Estabelecimentos Litterarios e Scientificos de Lisboa.)

Projecto de Lei n.° 56 de 20 de Junho do corrente anno de 1853, com os importantes projectos que o acompanhão.

TITULO III.

LINGUISTICA.

CAPITULO I.

EXCELLENCIAS DA LINGUA PORTUGUEZA.

> Desagradecidos Portuguezes, e desnaturaes são, os que por desculparem sua negligencia culpão a pobreza da lingua.
>
> (D. Antonio Pinheiro.)

Passarei a fazer a resenha dos escriptos mais notaveis, que a respeito da nossa lingua têem sido publicados.

Começarei pelo quadro das excellencias, e grandes quilates de superior merecimento da nossa lingua; e desculpe-se a liberdade que tomo de fazer preceder de uma breve exposição doutrinal a resenha—que he propriamente o meu objecto.

¿Quaes são as qualidades que deve ter a linguagem para satisfazer perfeitamente ao seu destino?

O Chantre Manoel Severim de Faria responde, e muito bem: «Cópiosa de palavras, boa de pronunciar, breve no dizer, que escreva o que falla, e apta para todos os estylos.»

¿Dar-se-hão estas qualidades na linguagem portúgueza? Sim, responde o mesmo author, e com elle outros muitos, que em breve nomearei.

A *copia* da nossa lingua revela-se: 1.° nos muitos verbos que significão uma só acção: 2.° no numero dos nomes que ha para uma mesma cousa: 3.° na multidão de vocabulos, que nascem de uma só palavra: 4.° nos muitos verbos e nomes, de tal modo expressivos, e peculiares á nossa lingua, que não se encontrão nas outras, nem ainda por circumloquios podem ser bem reproduzidos.

Em quanto á *pronunciação*, he a lingua portugueza suave; não tem as vehementes aspirações, nem a desagradavel aspereza do allemão, e em geral das linguas do norte; he porventura mais grave do que a italiana, sem que todavia deixe de ser harmoniosa e euphónica; he mais amena do que a castelhana, e menos monotona do que a franceza. Um senão desfeia comtudo a nossa lingua, e vem a ser, o multiplicado e inevitavel uso de diphtongos nos finaes das dicções, maiormente dos nasaes.

No que toca á *brevidade* da lingua portugueza, talvez se possa dizer com Fr. Bernardo de Brito, que *entre as mais he a que em menos palavras descobre mores conceitos, e a que com menos rodeios, e mais graves termos, dá no ponto da verdade.* Severim de Faria cita em demonstração os seguintes versôs, em que o poeta pretendeu pintar a *pressa:*

Bem qual onda de mar, na secca areia
Se desfaz n'um momento,
Qual leve pensamento,
Que os sentidos de noite senhoreia,
Ou qual a flôr, que na manhã se arreia
Toda de esmalte verde,
E logo folha e graça á tarde perde.

Onde, diz elle, *em sete regras se descrevem tres comparações com todo o ornamento poetico.*

Não podia, neste ponto, escapar á lembrança do douto Severim o sentencioso e breve dizer do grande Sá de Miranda; e com effeito, cita-o com elogio, como era de razão, sem comtudo transcrever um só dos muitos exemplos que podéra apresentar. Eu, porém, não posso resistir á tentação de lançar aqui alguns trechos daquelle famoso poeta-philosopho.

¿Quereis ver um modelo de concisão, e ao mesmo tempo de agradavel singeleza em contar? Lêde o Soneto 31:

. . . . . .
Farei como já fez um innocente,
Um rustico pastor d'entre as manadas,
Que d'agua offereceu por mãos lavadas
A Xerxes, bebeu elle, e santamente
Jurou que não bebêra té o presente
Com tal sabor por copas d'ouro obradas.

E na Carta 7.ª

Bem sabeis vós, senhora, o que se escreve
De dois pintores nobres á porfia,
Em que cada hum vencer o outro se atreve.
Fructas pintou hum delles, que de dia
Vinhão as aves comer, outro d'um véu
Pintado fez, que a sua obra escondia.
Vêde quanto a arte pode? não valeu
Alli vista e saber, o véu de diante
Mandava alevantar o que perdeu.
Diz ledo o vencedor (foste bastante
A enganar aves) que victoria a minha
Enganando um pintor tão posto ávante.

¿Quereis admirar uma sublime brevidade de exprimir o pensamento? Lêde os seguintes trechos:

Tyrannia cruel, aspera lei,
Que assi quer o que quer, brava opinião,
Abasta, assi me apraz, assi mandei? (Carta 7.ª)

Os momos, os serões de Portugal /
Tão fallados no mundo onde são idos
E as graças temperadas de seu sal? (Carta 6.ª)

Ó ricos que esta riqueza
Está no contentamento,
Mais tem quem mais a despreza
Não foge o rico avarento
Por mais que fuja á pobreza? (Carta 6.ª)

Olhe cada um por si,
O bem não he como tinha,
Nem se pega tão asinha
O mal póde ser que si. (Egloga 8.ª)

Seria um nunca acabar se quizesse transcrever aqui maior numero de exemplos tirados do nosso bom poeta, para demonstrar até que gráo de brevidade póde chegar a expressão da lingua portugueza.

Aqui se allude a estes serões em que tinham lugar os certames poeticos de que são monumentos os Cancioneiros do sec. 15.º

A quarta qualidade que Severim requer nas linguas verifica-se na portugueza, pois que, para me servir das expressões do nosso João de Barros, *a primeira e a principal regra da nossa orthographia, he escrever todas as dicções com tantas lettras, com quantas as pronunciamos;* e bem sabido he que até os castelhanos pronuncião em muitos casos differentemente do que escrevem, como por exemplo a palavra *Badajoz*, a qual pronuncião guturalmente *Badagoz*—*Huerta, Guerta,* etc.

Se a lingua portugueza he apta para todos os estylos, assaz o indicão as diversas obras que n'ella têem sido escriptas, de tão variada natureza, de tão subido primor, como são as producções de Barros, Lucena, Fr. Luiz de Sousa, Vieira, Sá de Miranda, Ferreira, Camões, Diogo Bernardes, Francisco Rodrigues Lobo, sem fallar de outros muitos, entre os quaes fulgurão bastantes talentos dos nossos dias.

Cumpre agora fazer uma ponderação, que poderá ser util ás pessoas que estiverem menos versadas no conhecimento da Litteratura geral, e vem a ser:

O que acima se diz em louvor da nossa lingua, e o muito que a este respeito escrevêrão os authores, de que brevemente apresentarei o catalogo, deve ser lido e considerado com a devida reflexão e reserva, por maneira que não venhâmos a formar juizo desfavoravel das demais linguas, acreditando, menos avisadamente, que só a nossa possue excellentes qualidades. As linguas, ainda as mais desfavorecidas, são um optimo instrumento de dicção e de estylo, quando esse instrumento he manejado por um escriptor de genio. Se a lingua franceza, no meio dos singulares dotes que a enriquecem, é na verdade monotona... note-se todavia como se torna admiravel quando, por exemplo, M. de Lamartine, em uma das suas «Harmonias poeticas e religiosas» *le rossignol*, rompe n'estes accentos arrebatadores:

Quand ta voix céleste prélude
Aux silences des belles nuits,
Barde ailé de ma solitude,
Tu ne sais pas que je te suis!

Tu ne sais pas que mon oreille,
Suspendue à ta douce voix,
De l'harmonieuse merveille
S'énivre long-temps sous les bois!

Tu ne sais pas que mon haleine
Sur mes lèvres n'ose passer,
Que mon pied muet foule à peine
La feuille qu'il craint de froisser!

He breve no dizer a nossa lingua, mas quanto não admiraremos sempre a nervosa concisão da latina? *Ubi solitudinem faciunt, pacem appellant* — *Oderint dum metuant.* — *Non ignara mali miseris succurrere disco.* — *Bene qui latuit, bene vixit, etc. etc.*

Temos, e ainda bem, alguns termos que outros povos nos invejão, *saudade, bonina, primor, mavioso,* etc.; ¿mas quantos nos faltão dos muitos energicos e quasi intraduziveis de outras linguas?

Sou obrigado a correr veloz; mas basta este leve reparo para que se evite a exageração no modo de encarar as cousas n'este particular. Estudemos profundamente a nossa lingua, e cada vez comprehenderemos mais o enthusiasmo que inspirou os seguintes versos:

Floreça, falle, cante, oiça-se e viva
A portugueza lingua, e lá onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva.

mas ao mesmo tempo comprehenderemos a necessidade de não sahir dos verdadeiros limites da admiração.

CAPITULO II.

LOUVORES QUE A LINGUA PORTUGUEZA TEM MERECIDO.

Alabaron... su... graciosa lengua con quien sola la portuguesa puede competir, en ser dulce, y agradable.
(CERVANTES.)

¿O CONHECIMENTO dos eximios dotes, e nativos foros da excellencia do nosso idioma será acaso inutil?

¿Será verdade que a ignorancia da gentileza e primores da lingua portugueza he a primeira causa, e a mais substancial, de a haverem deixado em tamanho esquecimento?

A estas perguntas responde assim um habil presador das nossas lettras:—«Quem não sabe d'arte, não a estima, disse «com sobeja rasão o nosso poeta; e mal póde presar-se per «quem a não conhece, nem a tracta, uma lingua, cujos dotes, «e subidos quilates de sua valía desconhecem.»—[1]

He, pois evidente o interesse que aos estudiosos resultará de consultar e ler detidamente os escriptores que desenhárão o quadro das excellencias da nossa lingua, tão rica, tão euphónica, tão variada, e tão propria para os differentes estylos, e para os varios assumptos em prosa e verso.

N'esse sentido vou apresentar a resenhà dos classicos portuguezes, que tomárão a defeza da nossa lingua, e a encarecêrão com louvores. Serei muito resumido no extracto das suas doutrinas, bem como nas observações que ellas suggerem, porque só pretendo indicar, e não—proceder a um longo exame critico; tanto mais quanto—no *Diccionario da Academia* encontrarão os curiosos quanto lhes baste,—e para aquelles que quizerem inteirar-se do assumpto, lá estão as obras originaes.

——João de Barros.—«Prologo ou Diccionario da Cartinha, em a introducção da Grammatica da Lingua Portugueza.»—«Grammatica da Lingua Portugueza (corpo da obra).»—«Dialogos em louvor da nossa Linguagem.»

João de Barros, nos louvores da lingua portugueza, he um tanto hyperbolico. Por exemplo, no «Prologo» diz que a linguagem portugueza *em Europa he estimada, em Africa e Asia por amor, armas e leis tão amada e espantosa, que por justo titulo lhe pertence a monarchia do mar, e os tributos dos infieis da terra.*

No demais, louva a lingua portugueza pela sua conformidade com a latina, pela sua gravidade e força, e finalmente pela abundancia de vocabulos.

——O author da comedia «Eufrosina.»

Entende que a linguagem portugueza não cede á latina em gravidade, graça, laconismo, e boa pronunciação. *Por isso eu quero*, diz elle, *raivar com seus naturaes que a tacham diffamando-a de pobre.*

[1] Veja a Chron. Litt. da Nova Academ. Dramatica do anno de 1840 nos excellentes artigos que têem por titulo—Considerações sobre a lingua portugueza e seu estudo —

—— Duarte de Resende.—«Traducção dos Tractados da Amizade, Paradoxos, e Sonho de Scipião de Cicero.»

Na Dedicatoria diz que nenhuma das linguas de Hespanha se avantaja á nossa para tratar de graves e excellentes materias.

Observarei de passagem, que muito recreia a leitura deste livrinho. Os bellos e philosophicos pensamentos de Cicero, como que nos aprazem mais, reproduzidos na ingenua e desaffectada phrase do traductor portuguez.

——Francisco de Moraes.—«Chronica de Palmeirim d'Inglaterra.»

No prologo louva a lingua portugueza pela *capacidade de palavras.*

Os gabos de Moraes são de grande valia, pois que a Chronica de Palmeirim de Inglaterra he escrita com uma pureza, correcção e elegancia taes, que nada deixão a desejar. Em quanto houver bom gosto, será sempre lida com deleite uma obra, em que a cada passo se encontrão bellezas de dicção, como as dos seguintes trechos:

«..... e as paredes da parte de fóra cobertas de era, que «trepava por ellas tão verde e tecida nas mesmas pedras, que, «além de darem graça á antiguidade do edificio, o sostinhão que «de todo não cahisse.»

«Cada um houve tamanha vergonha de ver que sua porfia «durava tanto, que, deixando as espadas, que de bôtas não cor«tavão, se travarão a braços.»

«..... alli estava de cuidados tão acompanhado, e tão sóo, «té que a lua se pòs, a tempo que já os ruysinóes e outros pas«sarinhos alegres manifestárã a chegada d'alvorada com sua doce «harmonia.»

«Era tão bem desposto, e gentil homem de rosto, que dava «azo a o olharem com affeição.

——Antonio Ferreira.—«Poemas Lusitanos.»

Citar os louvores, que á lingua portugueza teceu Ferreira, fôra quasi transcrever todas as obras d'um escriptor, que, *dando á patria tantos versos raros, um só nunca lhe déo em lingua alheia.* Ferreira foi o mais desvelado cultor que tem tido a nossa lingua, chegando a possuir-se de enthusiasmo, de paixão, e diria até de furor nos combates contra os que a menospresavão:

«E nós ainda estaremos duvidando?
«E o vivo fogo, que se em nós levanta,
«A outra lingoa, ah crueis! iremos dando?»

Esse patriotico empenho, esse porfioso lidar tornárão-no digno de que a posteridade consagrasse com a sua approvação o vaticinio de outro poeta:

«Ah! Ferreira, dirão, da nossa lingoa amigo.»

Foi Ferreira quem escreveu estes sentidos versos:

Docemente suspira, doce canta
A Portugueza Musa, filha, herdeira
Da Grega, e da Latina, que assi espanta.

——Diogo Bernardes.—«Lima.»—Carta 4.ª

Ditosa lingoa nossa, que estendendo
Vás já teu nome tanto, que seguro
Inveja a toda outra irás fazendo.

——Pedro de Magalhães de Gondavo.—«Dialogo em defensão da lingoa portugueza.»

Demonstra que a nossa lingua se avantaja á castelhana, e he de todo ponto propria para todos os estylos, sobre ser muito suave. He curiosa a ultima coarctada que um dos interlocutores do «Dialogo» dá a outro que pugna pela superioridade da lingua castelhana:—«Emfim, que se alguma (lingua) com razão se póde «chamar barbara, he a vossa, a qual toma da lingua arabiga a «maior parte dos vocabulos, fallais de papo, com aspiração; e «assi fica huma lingoagem imperfecta, e mais corrupta do que «vós dizeis que a nossa he.»

——Duarte Nunes de Leão.—«Origem da Lingoa Portugueza.»

Diz que as linguas de Galliza e Portugal erão antigamente quasi uma mesma, mas que posteriormente a nossa se avantajou muito áquella na cópia e elegancia, o que attribue á circumstancia de ter havido em Portugal Reis e Côrte, *que he a officina onde os vocabulos se forjão e pulem, e donde manão para os outros homens.*

De proposito omitto o que este e outros authores dizem da nossa lingua, suppondo-a filha da latina, porque reservo esses apontamentos para quando chegar a vez de tratar aquella questão.

O que, porém, não posso deixar de fazer notar já, he que Duarte Nunes de Leão, e varios escriptores nossos, tanto dos já mencionados, como dos que posteriormente hei de mencionar, tinhão em grande conta a nossa lingua, e a encarecião, considerando como um titulo de gloria a circumstancia de ser fallada na Europa, na Africa, na Asia, na America, e em differentes Ilhas do Oceano. He assim que Duarte Nunes de Leão, arrebatado de enthusiasmo patriotico e religioso, applicava aos portuguezes o que diz o Psalmista: *In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.*—Se este juizo não tem grande valor á luz da philologia, he comtudo respeitavel, como inspirado pelo santo amor da patria, e por venerandas crenças religiosas, lisongeados n'este ponto pelo facto de haver sido annunciada na lingua portugueza a doutrina do Christianismo *a tantas gentes, e de tão remotas e estranhas provincias.*

——Francisco Rodrigues Lobo.—«Côrte na Aldêa.»

Este precioso livro anda, felizmente, nas mãos de todos, e fôra por certo uma superfluidade transcrever aqui os louvores que elle tece á nossa lingua, bastando citar um periodo, que admiravelmente resume o seu conceito:—*A lingua portugueza não desmerece lugar entre as melhores, para nella se escreverem materias levantadas, aprasiveis, proveitosas e necessarias.*

Na occasião em que escrevo estas linhas, tenho, por acaso, diante de mim um volume das Decadas de Couto, que havia marcado ao ler a narração do naufragio da náo S. Thomé. Eis-aqui as ultimas palavras d'essa narração: «.... dando a náo hum «arranco, como ultimo suspiro de hum moribundo, entranhou-«se pelo mar dentro, e desapparecêo para sempre com quanta «gente tinha, ficando muita d'ella sobre a agoa bracejando, e «pelejando com a morte até que de todo se afogou.» — Uma lingua, em que se exprime com tal valentia o pensamento, tem na verdade bastante direito aos gabos do nosso grande prosador, e grande poeta bucolico, Francisco Rodrigues Lobo.

Quem não admirará a propriedade de vozes, e a viveza de expressão, que brilhão no seguinte trecho do Padre Antonio Vieira?:

=«Como póde ser, que coubessem em tão pequeno logar

« (a arca de Noé) tantos animaes, tão grandes e tão feros? O « Leão, para quem toda a Lybia era pouca campanha; a Aguia, « para quem todo o ar era pouca esfera; o Touro que não cabia « na praça: o Tigre, que não cabia no bosque; o Elefante que « não cabia em si mesmo! »=

—*As flores,* diz algures esse grande mestre da nossa lin- « gua, *as flores anoitécem murchas, e quasi sécas; mas com o or-* « *valho da noyte amanhécem frescas, vigorosas, resuscitadas.*

Esse mesmo athleta da palavra, querendo encarecer o merecimento da abdicação de Carlos Quinto, emprega estas energicas expressões:

« *Arrima o bastão, renuncía o Imperio, despe a purpura, e tirando a corôa imperial da cabeça, poz a corôa a todas as suas victorias; porque saber morrer he a maior façanha..... Recolheo-se, ou acolheo-se ao Convento de Juste, metteo tempo entre a vida e a morte.* »

¿Quem o diria? O proprio Fr. Luiz de Sousa, o mais suave, o mais mimoso dos nossos prosadores, maneja de vez em quando a lingua portugueza, com uma valentia sem igual!

Durava havia grandes horas huma desenfreada tempestade. O mar andava em serras e montes, e com tal braveza vinha quebrar em terra, que parecia quererem mar e vento soverté-la.

E com tudo, he este o suavissimo escriptor que em todas as suas paginas sabe encantar o leitor, pela brandura e amenidade de seu magico dizer!

—..... *enlevado na saudade que fazem as montanhas e as serranías vistas ao longe, que parece se juntão com as estrêlas, e levão traz si o espirito, tinha com os montes devotos colloquios, como abrasando-se em ansias de sobir com elles.*—

¿Quem haverá que não se arrebate ao ler a bem conhecida passagem do nosso Vieira, relativa ao estatuario?=« Arranca o « estatuario huma pedra dessas montanhas, tosca, dura, infor- « me; e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço, e o « cinzel na mão, e começa a formar hum homem, primeiro mem- « bro a membro, e depois feição por feição até a mais miuda: « ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, af- « fila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornêa-lhe « o pescoço, estende-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe « os vestidos: aqui despréga, alli arruga, acolá recama, e fica « hum homem perfeito, e talvez hum Santo, que se póde pôr « no altar.»=

Nenhum povo da terra poderá levar a mal que tenhâmos ufania de possuir uma lingua, na qual se encontrão expressões tão energicas, tão vivas, tão proprias e imaginativas!

Quando o mesmo Vieira, o Bossuet portuguez, quer pintar os effeitos de uma sêcca, eis o quadro temeroso, que offerece á nossa imaginação: = « Elle foy o que mandou ás nuvens que « não chovessem sobre a terra, sem dar licença á Aurora para « que destillasse sobre ella huma só gota de orvalho. Seccárão-se « os rios, as fontes, os montes, os campos, os valles, sem se ver « huma folha verde naquelle perpetuo, e tremendo Estio, sem « Inverno, nem Primavera. Abrazavão-se os gados, as feras, as « aves, os homens: mirrava-se a vegetativa, mugia a sensitiva; « clamava ao Ceo a racional, e não havia vida, ou cousa vivente, « que não morresse, e estalasse á sede. » =

Mas prosigâmos:

——Fernão Alvares do Oriente. «Lusitania Transformada.»

Chama á lingua portugueza *um ramalhete composto de diversas flores*, porque, no seu conceito, *encorporou em si a graça da pronunciação e dos melhores vocabulos das outras.*

Crê elle, como ainda hoje crê muita gente, que a nossa lingua he singular, pela circumstancia de que os estrangeiros a não podem nunca pronunciar bem, ao passo que nós pronunciâmos tão facilmente e com tanta propriedade as outras linguas.

Esta crença he destituida de fundamento, e parece nascer de falta de attenção e de seguido tracto com estrangeiros. Em regra geral, conhecer-se-ha sempre imperfeição na pronuncia de uma lingua estranha, e as excepções d'esta regra tanto se verificão, por exemplo, de inglezes e francezes para com portugnezes, como vive-versa.

« Il n'y a rien de si délicat et de si difficile, *diz M.me de « Stael,* que l'accent. On apprend mille fois plus aisément les « airs de musique les plus compliqués que la pronunciation d'une « syllabe; une longue suite d'années ou les premières impres- « sions de l'enfance peuvent seules rendre capable d'imiter cette « prononciation qui appartient à ce qu'il y a de plus subtil et de « plus indéfinissable dans l'imagination et dans le caractère na- « tional. » — Esta doutrina he applicavel a todas as linguas, e se alguma modificação podesse soffrer, seria certamente no sentido de apresentar, como mais faceis de pronunciação, as linguas da familia romana, entre as quaes está a portugueza.

——Fr. Bernardo de Brito.—«Monarchia Lusitana.»

O prologo da primeira parte d'esta obra he digno de ser lido, porque o elegante chronista narra com ingenuidade as incertezas com que luctou a respeito da lingua em que havia de escrever. Quasi o tiverão abalado os amigos que lhe aconselhárão, que escrevesse na lingua latina, não só para bem de sua reputação, mas principalmente para se divulgarem por mais partes os seus escriptos. Outros lhe dizião que compozesse a obra em lingua castelhana; a estes nunca o chronista *fez rosto*, attendendo a que seria arguido de *indigno do nome portuguez, em ter tão pouco conhecimento da lingua propria, que a julgasse por inferior á castelhana.*

Brito preferiu a lingua portugueza, querendo extremar-se d'esses *filhos tão ingratos, que a modo de venenosas viboras lhe rasgão a reputação e o credito devido.*

Nobre e muito nobre indignação! Ainda hoje a comprehendemos, ainda hoje nos inflamma, do mesmo modo que nos impressiona vivamente o desafogo de um grande talento contemporaneo (o sr. Garrett) ácerca de Sá de Miranda: «Não posso «deixar de querer mal a tam illustre portuguez pelo muito que «escreveu n'essa lingua estranha (castelhana); com que não só «privou a natural do fructo de suas tarefas, mas fez maior damno «ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos cer«ceou a litteratura, que nos defraudou de uma Diana de Monte«maior, de tantas boas cousas mais, e ao cabo ía perdendo a lin«goa.»

Cousa notavel! Brito lastimava-se de ter pouca noticia da lingua, e declarou no prologo que *teria mais os olhos em apurar a verdade, que em buscar invenções exquisitas, com que pintar a Historia;* e comtudo, as suas producções são primorosas em pontos de linguagem e estylo, sem que outro tanto se possa dizer no que toca ao merecimento historico.

——Vasco Mousinho de Quevedo.—«Affonso Africano.»

Tambem quiz, diz elle, *mostrar* (aos metrificadores d'esta idade) *a copia da nossa lingoa, não me sendo necessario ajudar-me em todo este livro de verso que seja agudo.*

——Manoel Severim de Faria.—«Discursos varios politicos.»

No artigo anterior apontámos o que mais de substancial se encontra nos escriptos deste erudito portuguez.

Cumpre porém observar que o Discurso 2.° de Faria he digno de ser lido com toda a attenção na sua integra, porque ali he tratado o argumento da excellencia da nossa lingua com todo o desenvolvimento, critica e erudição.

——Manoel de Faria e Sousa.—«Advertencia ao principio do Commento aos Lusiadas de Camões.»

=«..... El Maestro Vicente Espinel me dixo algunas veces, que era un encanto la lengua Portuguesa en la suavidad del sonido. Lope de Vega en la descripcion de la Tapada, despues de aver hecho cantar dos Ninfas, una Italiana, otra Latina, dize de la Portuguesa que les sucedió deste modo:

Assi cantando fué la Portuguesa
Con celebrado aplauso larga historia,
A quien por la dulçura que professa,
Entrambas concedieron la victoria.

«I essa dulçura confessada a boca llena, no procede si no de lograr las cinco partes de perfecion qui ai diximos.» (*Estas* cinco partes são as que Severim de Faria assevera darem-se na lingua portugueza.)

«Nuestro sentimiento acerca desto (diz a final Faria e Sousa) es creer que la lengua portuguesa sin ser inferior a ninguna, excede a muchas, en lo dulce, i en lo grave; i en la singular propriedad de muchas palabras, que no se roçan con otra ninguna lengua, para exprimir lo que significan: ni aun con variedad, i elegancia de circumloquios.»

——Alvaro Ferreira da Vera.—«Breves louvores da Ling. Port.»

Reproduz o que disserão Brito e Faria, e pouco mais acrescenta, a não serem algumas ponderações historicas ácerca das linguas em geral, e da nossa em particular.

——Duarte Ribeiro de Macedo.—«Advertencia á vida da Emperatriz Theodora.»

Lastima-se de que sendo a lingua portugueza elegante, copiosa, e clara, a escurêção com termos peregrinos.

——Antonio de Sousa de Macedo.—«Flores de España, Excellencias de Portugal.»

Reproduz e desenvolve o que disserão Brito, Barros, Duarte Nunes de Leão, e Manoel Severim de Faria.

Convém ponderar que este e outros authores nossos devem ser lidos, nesta parte, com alguma prevenção, porque nem sempre os guiou a mais apurada critica.—Macedo, por exemplo, no cap. 22 das Flores d'España, diz o seguinte: «Finalmente Ma-« nuel Severim de Faria en un discurso, que excelentemente es-« crivió desta materia, prueba bien, que la lengua portuguesa « tiene todas las qualidades, que se requeren, de modo, que haze « vantaja a muchas, y a todas iguala. Y basta en lugar de lo mu-« cho que pudiera decir-se lo que succedió a S. Antonio de Lis-« boa, que predicando una vez salieron los pexes con las cabe-« ças fuera del agua a oirle: otra vez predicando en Roma a un « auditorio de muchos cardinales, prelados, y personas de dife-« rentes estados, y naciones, le entendieron todos tan perfeta-« mente, como si a cada uno hablara en su misma lengua, com-« municandole Dios a este gran Santo la gracia, que avia dado a « sus Apostoles, que lo proprio hazian. Y aunque el entonces no « predicó en portugues, con todo, es gran honra nuestra aver « dado Dios tan soberano don a una lengua portuguesa, y oy se « conserva incorrupta: que maior excelencia!»

——Jacinto Freyre de Andrade. «Vida de D. J. de Castro.»

«Se me notarem o livro de ruim, não negarão que he breve e escripto em lingua portugueza, que tantos engenhos modernos ou temem, ou desprezão, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estrangeiras, por onde passárão como hospedes, sem respeito a aquellas veneraveis cãs e ancianidade madura de nossa linguagem antiga.»

——Fr. Antonio da Purificação.—«Chron. da antiq. Prov. de Port. da Ord. dos Eremitas de Santo Agostinho.»

Cita em tudo quanto diz de louvor da nossa lingua o Disc. 2.º de Sev. de Faria, por occasião de expôr os motivos por que compozéra a sua Chronica na lingua materna.

——D. Raphael Bluteau.—«Catalogo Alphabetico, topographico, e Chronologico....»

=«Pello contrario a Lingoa Portugueza, como lingoa viva,

sempre se vai enriquecendo, e já he tão abundante. e opulenta, que em todas as materias tem ricos termos. Era antigamente a lingoa portugueza tam pobre, como o foram todas as mais lingoas nos seus principios; só nas folhas de alguns livros Historicos, ou Predicativos, sahia singelamente á luz; mas com as obras de muitos Autores teve successivamente tão preciosos ornatos, que não tem que envejar ás mais elegantes Lingoas da Europa o seu luzimento.»=

——O Padre Antonio Vieira.—«Approvação da 3.ª parte da Hist. de S. Dom.»

«A linguagem, tanto nas palavras como na phrase, he pura-«mente da lingua em que (o author) professou escrever, sem «mistura ou corrupção de vocabulos estrangeiros: os quaes só «mendigão de outras linguas os que são pobres de cabedaes da «nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogenita da La-«tina.»

O Padre Antonio Vieira a approvar as obras de Fr. Luiz de Sousa! que feliz combinação! que apropriado lance! Com rasão rompem os authores illustres do Diccionario da Academia nestas enthusiasticas palavras:=*Que homem tão proprio para avaliar o preço de outro assim como elle illustre, e tanto seu similhante!*=

——Francisco Dias Gomes.—«Obras poeticas.»

«As composições poeticas de Francisco Dias Gomes, *diz o «sabio Stockler*, e as annotações que elle mesmo fez são, quanto «a mim, o mais perfeito, ou talvez o unico modelo, que nestes «ultimos tempos se tem entre nós publicado, digno de apresen-«tar-se aos olhos de quem pretende escrever com elegancia e «pureza no idioma portuguez. Pelo menos são certamente bem «poucos os escriptos do nosso tempo, que n'este artigo se pos-«sam mostrar isemptos de nodoa: e não sei que haja um só, o «qual seu auctor tomasse o trabalho de annotar, como Fran-«cisco Dias, com tantas e tão bem escolhidas observações cri-«ticas sobre a *indole particular da nossa lingua, e sobre as di-«versas elegancias e maneiras*, que determinão, por assim di-«zer, o seu caracter.»

São na verdade um primor de philologia as annotações de Francisco Dias Gomes, e por isso muito recommendaveis aos que pretendem obter cabal conhecimento da Lingua e Littera-

tura Portuguezas. Na parte que especialmente nos occupa, devemos indicar como um excellente subsidio as annotações á ode 2.ª (pag. 277 a 318) dedicada á *Lingua Portugueza*, a qual começa assim:

«Lingua, cuja suave melodia,
«Cuja enchente fecunda de expressões
«Clara te faz entre as viventes linguas
«Mais que todas illustre.»

Se Virgilio e Cicero, diz depois o poeta:

«Ouvissem como sôas doce e branda;
«Tua indole grave e magestosa,
«Flexivel para todos os assumptos,
«Attentos contemplassem:

«Do mais polido seio da Latina
«Dirião ser nascida a Lusa Lingua,
«A mais propria de assumptos magestosos,
«De engenhos levantados.»

Nas *Notas* a esta Ode espraia-se o author em louvores á nossa lingua, descrevendo com summa erudição, apurada critica, e finissimo gosto, a doçura e harmonia da lingua portugueza, a sua copiosidade e abundancia de palavras—a sua magestade, pureza e elegancia—a sua flexibilidade para todos os assumptos.

Teremos occasião, quando tratarmos dos *Escriptos Philologicos* e da *Critica Litteraria*, de citar novamente, e com maior amplitude, as «Obras poeticas» de Francisco Dias Gomes, e então observaremos o quanto he rica a preciosa mina de doutrina litteraria, que este grande humanista nos offerece nas suas «Notas.»

——A. M. Sané.—«Introduction sur la Littérature portugaise.»

«Qu'on ne croie pas que la langue portugaise soit propre-«ment restreinte au peuple qui la parle; elle est encore la lan-«gue du commerce asiatique; elle est répandue depuis le Cap «de Non jusqu'aux îles du Japon, et depuis l'île de Madère «jusqu'au Brésil: d'ailleurs, cette langue est belle, sonore, nom-«breuse; affranchie de cette aspiration gutturale que l'on re-

«proche à l'espagnole, elle a toute la douceur et la souplesse «de l'italienne, la gravité et les couleurs de la latine. C'est dans «Camoëns qu'il faut la méditer, et l'on sera étonné avec quel «art il a su la façonner à sont puissant génie.»

Corri muito apressado nesta parte do meu trabalho, porque urge passar ao exame de pontos mais substanciaes do estudo da nossa lingua. O grande numero de escriptores, tanto anteriores a nós, como contemporaneos, que deixei de mencionar neste capitulo, serão devidamente commemorados, á proporção que fôr fazendo a resenha dos escriptos mais valiosos.—Dou-me pressa em tratar dos seguintes objectos:

Independencia da Lingua Portugueza.

Sua filiação.

Herança de vocabulos e phrases que diversas linguas lhe legárão.

Influencia que tem recebido das linguas modernas.

Sua indole, revelada pelos escriptos dos classicos.

Orthographia e pontuação.

Grammaticas e diccionarios.

CAPITULO III.

DA INDEPENDENCIA DA LINGUA PORTUGUEZA.

> A lingua portugueza nunca poderia ser um dialecto da hespanhola, por quanto, recorrendo aos monumentos historicos da peninsula, em vez d'uma só lingua como origem da nossa, encontramos a fuzão de muitas.
> (O Instituto n.º 11. Art. do Sr. *Torres e Almeida.*)

A tarefa, em que vamos proseguindo perseverantes, fôra por certo ingrata, principalmente para os leitores, se unicamente nos limitassemos a apontar as fontes onde póde ir beber-se a doutrina sobre os differentes ramos da nossa Litteratura. He por esta rasão que havemos de continuar a amenisar a aridez do nosso trabalho, demorando-nos aqui e acolá em algumas considerações criticas e doutrinaes. Fazendo assim, somos como o viandante, que de vez em quando se assenta á sombra de uma arvore para tomar um pouco de repouso, ou se detem no cimo

da montanha para gozar uma vista graciosa, ou na planicie, e por ventura á borda de um regato, para colher uma florinha.

Já démos noticia dos authores que encarecêrão a excellencia da nossa lingua, e passâmos agora a fazer a resenha de tudo quanto de mais importante se tem escripto sobre a sua independencia, filiação, herança proveniente das linguas orientaes, influencia recebida das linguas modernas, sua indole revelada pelos escriptos dos classicos, orthographia e pontuação, grammaticas e diccionarios. Improba tarefa, que nos levará bastante tempo, e dará logar a uma longa serie de artigos! Confiados, porém, na indulgencia dos sabedores, não abriremos mão do nosso humilde trabalho sem o levar ao cabo.

——Independencia da Lingua Portugueza.—Em uma obra franceza, publicada não ha muito, e aliás recommendavel por bastantes titulos, se lê o seguinte periodo: «Le portugais, *dia-«lècte de l'espagnol,* témoigne de son ciel et de son climat pres-«que africains, par une *prononciation plus gutturale* et un orien-«talisme plus prononcé.» [1]

Custa realmente a conceber que se escreva com tamanha leveza, e ainda mais que assim o faça quem n'outros logares da sua obra dá mostras de profundo saber e de vasta erudição! Pois a lingua portugueza he um dialecto da castelhana? Pois a pronunciação do portuguez he mais guttural do que a do castelhano?

Mas que muito, se tantas outras extravagancias têem publicado estrangeiros sobre as nossas cousas! O general Dumouriez, por exemplo, assevera no «Estado presente de Portugal» que Camões intitulára o seu poema: *Lusiada,* porque se chamava Luiz! *E comtudo,* observa judiciosamente um critico, [2] *este general é auctor, esteve em Portugal, e escreveu sobre Portugal!*

Que se entende por dialecto? Dialecto he a linguagem particular de uma provincia, colonia ou cidade, derivada ou alterada da lingua geral d'onde procede, na pronuncia, accentuação, desinencia dos nomes, etc.—*Sermo, quo inter se discernuntur populi, eâdem lingua utentes.* Conseguintemente, para que o portuguez fosse um dialecto do castelhano, fôra mister consi-

[1] Plan d'une Bibliothèque universelle, par L. Aimé Martin.

[2] Memoria em defeza de Camões contra M. de La Harpe, por Antonio de Araujo de Azevedo.

derar este ultimo como lingua geral, d'onde procedesse o primeiro. Mas a historia e a philologia nos ensinão, que, para descobrir o segredo da filiação da nossa lingua, he preciso remontar a mais antiga origem, e que essa origem, commum á castelhana, estabelece entre ambas o estreito laço de parentesco, que no-las faz ter como irmãs. He verdadeiramente n'esta hypothese que se póde dizer com M. Klaproth: *Quand on se livre à des considérations sur la parenté des langues, il faut s'habituer à la ligne horizontale, et à voir les choses rangées l'une à côté de l'autre.*

He incontestavel que as primitivas linguagens da Peninsula Iberica recebêrão a influencia dos idiomas dos povos, que successivamente dominárão nas Hespanhas, e que essa influencia foi tanto mais profunda nas diversas fracções de territorio, quanto respectivamente mais duradoiros ou mais intimos forão o tracto e a communicação com esses povos.

Não podia, pois, deixar de haver uma grande similhança entre o castelhano e o portuguez, como descendentes que são das mesmas origens, como sujeitos que forão a quasi identicas influencias; mas nem por isso são menos independentes um do outro, no sentido em que os idiomas se podem dizer independentes.

Fôra realmente absurdo considerar o portuguez como um dialecto do castelhano, quando cada uma d'essas linguas se ostenta soberana nos seus dominios, independente nos seus estados, e para o dizer sem figura, quando cada uma d'ellas apresenta uma litteratura propria, distinctamente caracterisada, perfeita, —quando cada uma d'ellas serve para o tracto de um povo culto, differente do outro a tantos respeitos,—quando entre ambas ha tamanha diversidade na indole, nas feições, no genio.

Vejamos o que a este respeito dizem alguns escriptores:

——Bluteau. — « Vocabulario Portuguez e Latino. » — Diz que a similhança não he corrupção, e accrescenta: « As linguas portugue a e castelhana são duas irmãs, que têem alguma similhança entre si, como filhas da lingua latina; mas uma e outra logra a sua propria independencia e nobreza, porque nem do portuguez se deriva o castelhano, nem do castelhano descende o portuguez... Cada uma das duas nações pelo seu modo alterou, adulterou e corrompeu a lingua romana ou latina; porém, com tão senhoril fidalguia, que, nas palavras derivadas do latim, nem

o castelhano ao portuguez, nem o portuguez ao castelhano deve a nova fórma da sua locução.»

——Viterbo.—«Elucidario» (Advert. prelim.)—Os documentos, que até aos fins do seculo xi entre nós se exarárão, quasi nada mais têem de latim que a inflexão alatinada dos mesmos termos com que o vulgo se exprimia. O Livro dos testamentos de Lorvão, o Livro Preto de Coimbra, o de D. Mumadona de Guimarães, os documentos de Pedroso, de Braga e outros muitos, que nos seus originaes se conservão, e que n'este Elucidario se accusão, não permittem hesitar, que a lingua portugueza era por este tempo o mesmo que a hespanhola, cujos monumentos Yepes, Flores, Risco, e outros até hoje publicados, nos offerecem antes uma verdadeira identidade, que uma mera similhança.»

A imparcialidade nos fez transcrever aqui esta opinião, contraria ao que acima deixamos exposto; cumpre, porém, apresentar o reparo que a este respeito faz o erudito author das «Considerações sobre a Lingua Portugueza» já citado no meu anterior artigo: «A lingua portugueza foi na sua infancia muito parecida com a castelhana, e tanto, que, entre outros, o A. do Elucidario affirma na prefacção ao mesmo, serem ambas uma e a mesma lingua; e ainda que não accedo inteiramente a tal opinião, por sem duvida tenho, que em rasão da similhança, e de muitas locuções communs, grande proveito colherá o estudioso da lição dos documentos antigos em lingua castelhana, de que muitos se acham nos auctores citados, e muitos lançou Sousa no seu vol. das Provas da Hist. Geneal. Convirá por isso muito a lição do Fuero Juzgo, e das Leis das Partidas, fontes de muita de nossa legislação, e costumes patrios.»

——O Sr. Almeida Garrett.—«Bosquejo da Hist. da Poes. e Ling. Port.»—Grande similhança ha entre o portuguez e o castelhano; nem podia ser menos, quando suas capitaes origens são as mesmas e communs: porém, tão parecidas como são pelas raizes de derivação; no modo, no systema d'essas mesmas derivações, na combinação e amalgama de identicas substancias e principios se vê todavia que diversos agentes entraram, e que mui variado foi o resultado que a cada uma proveio. Filhas dos mesmos paes, diversamente educadas, distinctas feições, vario genio, porte e ademan tiveram: ha comtudo nas feições de ambas aquelle

ar de familia, que á prima vista se colhe.—Este ar de familia enganou os estrangeiros, que, sem mais profundar, decidiram logo que o portuguez não era lingua propria.

——D. Gregorio Mayans y Siscar. « Origenes de la Lengua Española. »

« El português, *aun que es dialecto distinto del castellano*, «es tan conforme a èl, que si uno abre un libro português sin «saber que lo ès, suele suceder leer algunas clausulas creyendo «que es castellano.»

Estamos conformes, visto como reconhece a independencia dos dois idiomas, e por outro lado não ha difficuldade em admittir a similhança, que se explica pelo facto da commum descendencia do iberico, celtico, phenicio, grego e punico, e das posteriores transformações operadas pelo idioma dos romanos, dos godos e dos arabes.

——Denina (L'abbé Charles...) « La Clef des Langues, etc.» Este author, que aliás considera o francez, o italiano, o portuguez e o castelhano como idiomas irmãos, derivados do latim, particularisa com bastante individuação os pontos de similhança e de diversidade, que se dão entre o castelhano e o portuguez, com referencia ao latim, sua origem commum. Vej. Tomo 2.°, parte 4.ª, secção 1.ª, Art. 4.° e seguintes.

——Aldrete. « Del origen y principio de la Lengua Castellana, o Romance, que oy se usa en España. »

No livro 2.°, cap. 3.° encontramos dois §§, que se referem ao assumpto de que vamos tratando, e são os seguintes:

« La misma entiendo, que es, *por que en Portugal ay otra «lengua diversa de la castellana*, que sin duvida tiene mezcla de «la francesa. Pegoseles de los Franceses, que truxo consigo D. «Henrique primero, Conde de Portugal, quando D. Alonso el «sexto Emperador de España le dió aquel estado en dote con «Doña Teresa su hija..... El pegar-se algo de la lengua fran«cesa fue facil, assi por ser ú Principe de la nacion, a cuyo exem«plo, y uso los vassallos se ajustan, y componen; y tambien, «por que en aquellos principios el Condado tuvo muy cortos ter«minos, alargaronlos mucho los Reys successores, dando-les Dios «insignes victorias contra los moros, por las quales el nombre, y «esfuerço portugues es muy celebre, e alabado en el mundo. »

«Bien sè que otros atribuen lo particular de aquella lengua «a la comunicacion de Galizia, donde la antigua parece la misma «que la portuguesa, y la vezindad, y averse desde començado la «conquista, fué la causa de dilatarse la lengua. A que pueden «añadir, que en Galizia varió la lengua, por aver puesto en ella «su reino los suevos, y assi fue causa que la latina se corrom-«piesse en aquella forma. Pero tiengo por mas cierto lo pri-«mero; pues no ay razon, para que en Portugal se aya conser-«vado assi, y en Galizia no, si fuè la de Galizia la misma que «la portuguesa.»

Basta, porém, o que deixamos apontado para concluirmos que a lingua portugueza é uma lingua sobre si, e independente.

Passemos agora a tratar da sua *filiação*. A este respeito temos por mais methodico apresentar: 1.° a resenha dos authores que considerão a lingua portugueza como filha da latina; 2.°, a dos que impugnão esta filiação; 3.°, um extracto, succinto mas fiel, da Memoria do Sr. S. Luiz, e da refutação da mesma por um author anonymo; 4.° um circumstanciado exame das questões ethnographicas, que este assumpto suggére.

CAPITULO IV.

FILIAÇÃO DA LINGUA PORTUGUEZA.

> Les Italiens, les Français, les Espagnols ont reçu des Romains leur civilisation et leur langage; les Allemands, les Suisses, les Anglais, les Suédois, les Danois et les Hollandais sont des peuples tentoniques; enfin, parmi les Esclavons, les Polonais et les Russes occupent le premier rang.
>
> M.me DE STAEL. — *De l'Allemagne.*

§ 1.°

AUTHORES QUE OPINÃO PELA FILIAÇÃO LATINA.

——BARROS. «Gram. da Ling. Port.» — «Dialogo em louvor da nossa linguagem.»

«..... Usando dos termos da Gram. Lat., cujos nós somos, por não degenerar d'ella.»

——Ferreira. «Poemas Lusitanos.»

«Docemente suspira, doce canta
A Portugueza Musa, filha, herdeira
Da Grega, e da Latina, que assi espanta.»

——Camões. «Lusiadas.»

«E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he Latina.
C. 1.° est. 33.

——Manoel Corrêa. Os Lusiadas de Luiz de Camões, commentados.

No Com. á est. 33, Canto 1.° dos Lusiadas, diz assim:

=«..... E por isto diz aqui Luiz de Camões, que era Venus affeiçoada aos Portuguezes, por que via nelles partes, em que se parecião com os Romanos: assi nas cousas da milicia, como na lingua, a qual se parece muito com a Latina. E os que entendem o Latim, vem isto claramente: porque de todas as linguas de Europa, tirada a Toscana (inda que tambem anda muito corrupta) a Portuguesa tira mais ao Latim. E mais pura fora, se os Mouros não entrarão em Portugal. Assi o tem Francisco Tamara no liuro primeiro dos costumes de todas as gentes, capitulo 7. E Pero de Magalhães em hum dialogo que fez em defensão e louvor da lingua portuguesa. O qual está no fim de sua orthographia: e João de Barros na sua Grammatica Portuguesa, em hum Dialogo que fez em louvor da mesma lingua.»=

——Duarte Nunes de Leão. «Orig. da Ling. Port.»

«Sendo pois a lingua portugueza na origem latina, e reformada muitas vezes, e ampliada de vocabulos, de que careciamos, por a corrupção que os Godos nella fizerão sem nenhum pejo, e com mais honra nossa nos devemos aproveitar della, como filhos, que dos bens paternos se ajudão mais sem affronta sua, o que não farião dos estranhos.»

——Manoel Severim de Faria. Discurso 2.° «Das partes que hade haver na lingoagem para ser perfeita, como a Portugueza as tem todas, e algumas com eminencia de outras lingoas.»

=«A lingoa Latina se corrompeo em Italia, França e Hes-

panha, por varios modos. Porem na lingoa Portugueza, e Castelhana está o Latim menos viciado, que na Italiana, e Francesa; porque os Italianos nenhum nome, ou verbo, acabão em consoante, senão em vogal, com que notoriamente ficão corrompendo a mór parte dos vocabulos latinos. E os Francezes pelo contrario admittirão tantas consoantes, nos finaes, que por esta via a não descompuserão menos, acabando muitas palavras em f; e pela visinhança que tem com os Alemães participárão tambem muitos termos da lingoa Theutonica, que não tem nenhuma origem, nem affinidade com a latina, pelo que em nenhuma dellas se achão tantos nomes Latinos em sua inteiresa, como na nossa Lingoa, e Castelhana, e na nossa particularmente podemos compôr muitas orações, e periodos, que juntamente sejão Latinos, e Portugueses, como se vê destas palavras: *O'quam gloriosas memorias publico*, etc.

——Manuel de Faria e Sousa. «Lusiadas de Luis de Camoens, Principe de los Poetas de España, commentadas por Manuel de Faria e Sousa.»

No Comment. aos dous ultimos versos da Est. 33, canto 1.°, dos Lusiadas, diz Faria e Sousa:

=«A algunos parece passion del Poeta el hazer tan llegada la lengua Portuguesa a la Latina. Muchos hombres doctos confessaron que ella se le llegava. Entre ellos Francisco Tamara en el cap. 7 del lib. 1.° de los usos de las naciones: piensan otros, que la Italiana es mas llegada. I verdaderamente nos acordamos aver leido en dos Autores Italianos (de los de estima) que la nuestra se llegava màs que todas al Latin. De que cremos uno era Anibal Caro en una epistola, i el otro de todo punto se nos olvida. No lo defendemos, porque no parezca passion. Dezimos solo, que esta lengua era casi Latina al tiempo que entró el Conde don Enrique, por quanto todas las escrituras se hazian en el Latin que entonces se usava; i de andar tanto en Ministros, i officiales de justicia, se occasionava el derramarse por la otra gente. Con la entrada del Conde, como èl era Frances, i casado con Señora Castellana, llevãdo su casa cõpuesta destas dos naciones, i mezclandose sus lenguas con aquella que usavamos, q̃ era un latin corrupto, se quedó componiendo de quatro: i por esso en ella con particularidad se hallan palabras Latinas en mucho numero, Castellanas en no pequeño, i Francesas algunas.... El docto Manuel Severim de Faria, Chantre en la S. Iglesia de

Evora, i Cavallero que supo guarnecer con letras i virtud, todo grande, su calidad, entre sus discursos tiene uno, q̃ trata desto docta, i verdadera, i desapassionada, i cortesmente. Assi muestra como por antiguedad, o por incorrupciõ de idioma, ninguna lengua se puede estimar por mejor que la otra: i que de las corrupciones que tuvierõ todas, la Latina es la que oy se conserva menos corrupta, i que en esse estado que tiene se llegan màs a ella la Castellana, i Portuguesa, en las vozes, i en las cinco partes (mejor la Portuguesa) que deve tener uma lengua para ser perfeta, que son copia, pronunciacion facil, brevedad; escrivir lo q̃ habla, i al contrario; propiedad para todos estilos; i lo prueva bien etc.» ==

——Alvaro Ferreira da Vera. «Breves Louv. da Ling. Port.»

«..... Vierão os Romanos, de que tomámos muita parte da lingua Latina, com que ficou limada e aperfeiçoada de maneira, que tem as cinco qualidades, que se requerem para ser perfeita huma Lingoa.»

——Antonio de Sousa de Macedo. «Flores de España.»

«..... podemos componer muchas oraciones, que juntamente son Portuguesas cerradas, y Latinas perfectas, y entrambas lenguas dizen lo mismo.»

——Fr. Antonio da Purificação. «Chron. dos Erem. de S. Agost.»

«Outra excellencia tem a Ling. Port., tomada da Latina, Rainha das Lingoas, e he ser mais semelhante a ella, que todas as outras, porque em nenhuma Lingoa se podem fazer orações inteiras, por breves que sejão, as quaes juntamente sejão Latinas.»

——Vieira. «Approv. da 3.ª pt.ᵉ da Hist. de S. Dom.»

«Só mendigão de outras lingoas os que são pobres de cabedaes da nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogenita da Latina.»

——André de Resende.

«Et re vera, durant adhuc in nostra lingua, *quæ pene latina est*, multa grœcitatis vestigia.»

——Madureira. «Orthographia.»

«Todos os nossos auctores confessão, e devem confessar to-
«dos aquelles, que professarão a latinidade, que a nossa lingua
«é filha da latina. E se perguntarmos em que? Respondem, que
«na similhança dos nomes, na imitação dos verbos, na proprie-
«dade dos vocabulos. E eu accrescento, que o não é menos no
«som da perfeita pronunciação.»

——Bluteau. «Vocab. Port. e Lat.»

«Na belleza, fidalguia, riqueza, e virtudes d'estas duas ir-
«mãs (Port. e Cast.) não queiraes especular preferencias, que
«muito se parecem com sua mãe, a lingua latina.»

——Antonio Pereira de Figueiredo. «Dissert. Academ. 1781.»

«Mas o que eu desejára, he que, bem como Horacio aconse-
lhava aos seus Pisões, que supprissem principalmente da fonte
grega o que lhes faltasse no latim; assim nós as palavras que to-
massemos emprestadas, fossem antes da lingua latina, que he a
matriz da nossa, do que de qualquer outra.»

——Francisco Dias Gomes. «Obras Poeticas.»

«He certo que a nossa lingua portugueza he, de todas as da
Europa, a mais chegada á latina.... e com rasão finge Camões,
que Venus se affeiçoára aos portuguezes por ver n'elles, não só
o valor romano, mas ainda a mesma lingua.»

——Francisco Manuel do Nascimento. «Da arte poetica.»

Se temos de pedir a alguma bolsa
Termos que nos faleção, seja a bolsa
De nossa mãe latina, que já muito
Nos acudiu com pressas mais urgentes
Quando em bronca escacez já laborámos
Ao sahirmos das mãos da bruta gente.

Quem, vendo, em carcomidos pergaminhos,
Foraes de Gôda-Arabica escriptura,
Dirá que elles descendem da elegancia
Da lingua dos Romanos, que a foi nossa,
Que a bem fallámos muitos centos de annos!

——Jeronymo Soares Barbosa. «As duas linguas, ou Gram. Philos. da Ling. Port., comparada com a latina, para ambas se aprenderem ao mesmo tempo.»

«Ponho os principios communs a todas as linguas; d'elles formo as regras geraes da linguagem, que applico primeiro á lingua portugueza em exemplos curtos e familiares, os quaes traduzidos logo em latim, mostrão a conformidade das duas linguas: e quando a latina discrepa da nossa (o que raras vezes succede) ponho primeiro o exemplo latino, seguido immediatamente de sua traducção em linguagem.»

——José Vicente Gomes de Moura. «Noticia succinta dos monumentos da Lingua Latina, etc.»

«.... E por este modo sabemos que as linguas italiana, franceza, hespanhola e portugueza são irmãs, e fazem uma familia, que descende da latina em tão grande parte, que se lhes tirarmos o fundo, que d'esta recebêrão, restará mui pouco.»

——M. Ferdinand Denis. Résumé de l'Histoire du Portugal.

No Capitulo 1.°, que tem por titulo:—*Pourquoi la littérature portugaise est peu connue.—Origine de la langue, ses progrès*—diz o illustre author o seguinte:

=«Quoique nous n'ayons point de grands détails sur la langue des anciens habitans de la Lusitanie, il paraît, d'après le témoignage de Strabon, que ce langage était déjà assez avancé, puisque les Turditains avaient un grand nombre de lois écrites en vers, et qu'ils possédaient même, selon cet auteur, des ouvrages de la plus haute antiquité.

«Il est probable, comme le fait observer Faria, qu'il arriva dans la Lusitanie ce qui arrive chez toutes les petites nations conquises. Les peuplades changèrent d'idiomes comme elles changeaient de princes étrangers. Cette contrée fut plus sujette à de semblables révolutions que le reste de l'Espagne, en raison du nombre de ses ports, visités alors si fréquemment.

«Bientôt, cependant, les invasions des Romains exercèrent sur le langage une influence durable; le latin fut adopté presque généralement, et les conquêtes des Goths et des Africains ne purent changer entièrement le caractère d'une langue tout à la fois noble, sonore et harmonieuse, dont la perfection avait suffisemment frappé des peuples encore barbares, pour qu'ils ne l'oubliassent plus. Dès lors le latin devint le modèle du portu-

gais; il se modifia selon les peuples conquérans, mais il n'a point subi autant de changemens que dans l'Italie, et depuis les bons écrivains ont fait constamment leurs efforts pour ramener son harmonie dans le langage qu'ils perfectionnaient. Plusieurs auteurs se sont même exercés à composer des morceaux qui sont également latins et portugais; j'en ai rassemblé les preuves dans les notes de cet ouvrage.» =

——Anonimo. «A Lingua Portugueza he filha da Latina, ou Refutação da Memoria em que o Sr. Patriarcha eleito, D. Francisco de S. Luiz, nega esta filiação.» 1843 Lisboa.»

=«O Sr. D. Francisco de S. Luiz disputa á lingua portugueza a sua descendencia da latina; e como opinião correlativa, sustenta tambem que o latim nunca fôra vulgar em Portugal. —Examinarei esta Memoria. Ha paradoxos que he preciso combater, principalmente quando seus effeitos podem ser perniciosos, e se acham apoiados, como este, pela reputação de um nome illustre.» =

——O Sr. Alexandre Herculano. «Historia de Portugal, Introducção.» — «Resposta ao Conde A. Raczinski.» — «Reflexões Ethnographicas, Philologicas e Historicas a proposito de uma publicação recente sobre a origem celtica da lingua portugueza.» (Panor. 155, 1844).

=«Temos procurado fazer sentir a completa revolução operada na Peninsula pela civilisação romana, e por consequencia a necessidade de admittirmos que a lingua latina chegou a obter inteiro dominio n'estas partes, cumprindo todavia não esquecer que essa lingua devia ser a quotidiana, rustica ou *simples*, alterada desde logo por phrases e vocabulos indigenas, e cujas differenças do latim litterario só podemos até certo ponto suspeitar, sendo as mais provaveis entre ellas, como dissemos, a confusão ou falta dos casos nos nomes, e das variações verbaes, d'onde era forçoso nascesse a ordem natural no discurso, e o uso frequente das preposições.» =

§ 2.°

AUTHORES QUE IMPUGNÃO A FILIAÇÃO LATINA.

——Antonio Ribeiro dos Santos. «Memoria sobre as origens e progressos da poesia portugueza.»

=Mostrámos em nossa Obra das origens da antiga lingua de Hespanha, e de seus actuaes dialectos, que a nação hespanhola conservou sempre o seu idioma primitivo, posto que alterado, em todo o tempo do senhorio e dominação romana.=

——João Pedro Ribeiro. «Dissertações Chronologicas e Criticas, tom. 1, disc. 5.»

=«Eu porém me persuado, qne a lingua original das Hespanhas se não extinguiu com a dominação dos romanos, antes conservando-se tambem atravez da dominação dos godos, suevos e arabes, foi n'este quarto periodo que se subdividiu, etc.»=

——Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. «Elucidario.»

Na Advertencia Preliminar diz o author: «Occupem-se nestas cousas (origens de palavras) os homens grandemente versados nos idiomas mais antigos, qual o Corduvez Aldrete, bem conhecido pela sua obra *Origem da Lingua Castelhana*, impressa no anno de 1613; mas ficaremos sempre na certeza, que apezar da sua erudição pasmosa, talvez nos vende por demonstrações as conjecturas, e que tudo o que avançou com attendiveis fundamentos sobre a Origem da Lingua Castelhana, igualmente pertence á Lingua Portugueza, que naquelle primeiro periodo se não distinguia, da que em toda a Hespanha se fallava.»

——D. Francisco de S. Luiz. «Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portugueza não é filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos.»

=«É nosso intento examinar n'esta Memoria se a lingua portugueza é filha (como dizem) da latina, isto é, se pela entrada e longa dominação dos romanos na Lusitania, ficou a sua lingua sendo commum e vulgar entre nós, esquecido ou abandonado o nacional idioma; ou se este continuou a usar-se do mesmo modo na communicação e tracto familiar dos povos, ainda que progres-

sivamente modificado e alterado pela mistura de fórmas, vocabulos, phrases e expressões da lingua latina?»=

——Dois Socios do Conservatorio Real de Lisboa. «Opusculo ácerca da origem da lingua portugueza, composto e dedicado ao Exmo Sr. Conselheiro João Baptista de Almeida Garret por dois Socios do Conservatorio Real de Lisboa.» (1844)

Em refutação do Opusculo que acima apontámos com a designação de *Anonimo*, pretendem os authores mostrar: 1.° que o latim, introduzido na Peninsula pela conquista dos romanos, não foi, durante o dominio d'aquella nação, a lingua vulgar dos hespanhoes e portuguezes: 2.° que tambem o não foi até ao reinado de D. Diniz, epocha em que, conforme a opinião geralmente recebida, começou a figurar a nossa lingua: 3.° que em a natureza d'estes dois idiomas se dá uma opposição manifesta: 4.° finalmente que o celtico é a fonte genuina do portuguez.

N. B. Não sahiu a lume senão a 1.ª parte, que tem por titulo: «A lingua antiga dos hespanhoes, conservada durante todo o periodo do dominio romano.»

N'este Opusculo vem estampada uma carta do Sr. Garrett, datada de 18 de Setembro de 1844, na qual se lê o seguinte §: «É possivel, sómente direi, que a nossa admiração pelo nosso seculo de oiro, o XVI, cegue alguma cousa os defensores da opinião latina; *mas tambem é mais que possivel que a moda, o espirito reaccionario que em todas as coisas dos homens se manifesta em tempos e epochas sabidas, desvaire não pouco tambem os defensores da opinião contraria.*»

No paragrapho seguinte apresentaremos em combate a origem celtica, e a origem latina, terceiro ponto do nosso trabalho em quanto á filiação da lingua portugueza.

§ 3.°

ARGUMENTOS DE CADA UMA DAS DUAS OPINIÕES.

Littora littoribus contraria.

Vamos assistir ao combate entre a origem celtica e a origem latina da lingua portugueza. Tomaremos a «Memoria» do Sr. S. Luiz, e a «Refutação» da mesma; faremos um extracto

succinto, mas fiel, dos argumentos de ambas, a fim de que os leitores possão formar um juizo seguro, e decidir entre as duas parcialidades.

ORIGEM CELTICA.—MEMORIA DE D. FRANCISCO DE S. LUIZ.

Difficuldade ou quasi impossibilidade da mudança de lingua.—Difficuldade ou quasi impossibilidade que se encontraria em fazer uma tão substancial e absoluta mudança, qual a do uso exclusivo da lingua latina pela linguagem usada pelos nossos maiores antes da entrada dos romanos no nosso territorio.

1.ª rasão: Porque os homens conservão a linguagem da infancia com tanta tenacidade, quanta he a que se observa na conservação de todos os habitos, usos e geitos que adquirimos nos tenros annos, e que depois se vão progressivamente fortificando com a pratica quotidiana, contínua, incessante de toda a vida.

2.ª rasão: Porque nem a dependencia da sujeição dos vencidos, nem a lisonja para com os vencedores, nem a preponderancia da dominação, embora exercitada por uma nação culta, podem extinguir jámais de todo a lingua original, e primitiva de um povo, nem chegar a transformar a sua indole, genio, e caracter natural e proprio, ou a alterar substancialmente as suas fórmas distinctas e essenciaes.

Provas historicas: A historia antiga offerece muitas provas desta asserção. O *Egypto* foi successivamente subjugado pelos persas, gregos, romanos, e arabes, e comtudo conservou a lingua egypcia até ao seculo XV da era vulgar, devendo notar-se que a lingua arabe não chegaria a naturalisar-se de todo no Egypto, apesar de tão longa dominação, se as barbaridades de tantos seculos não houvessem exterminado a maior parte das familias indigenas.—Os *hebreus* forão conquistados pelos gregos e pelos romanos, e nem por isso daquelles dois grandes povos pôde extinguir-se, ou ainda alterar-se a lingua nacional e propria. As regiões septentrionaes da *Africa* forão completamente dominadas pelos romanos, e sem embargo disso a lingua punica era ainda vulgar naquelles logares nos fins do IV e principios do V seculo. Os *phenicios* e *carthaginezes* viverão entre nós por alguns seculos, e nem por isso os povos peninsulares adoptárão o seu idioma, posto que delle tomassem muitos vocabulos. ¿Não he certo, por outro lado, que as Hespanhas tiverão longa e estreita communicação e intimo tracto com os *arabes?*

E comtudo o resultado não foi outro senão o de ficarem entre os hespanhoes muitos vocabulos, phrases, idiotismos, e modos do fallar arabes, que aliás não extinguírão o seu idioma natural.

Conclusão.—Parece, pois, inadmissivel o *privilegio* que se entende tiverão os romanos de fazerem esquecer aos habitantes indigenas a lingua natural, para adoptarem um idioma estrangeiro.

Differença de genio, indole e caracter das duas linguas.—Reconhecida a intima e essencial ligação que tem a linguagem com o pensamento, he obvia a difficuldade, ou antes impossibilidade da mudança total da linguagem antiga portugueza para a latina, maiormente dando-se entre ellas tamanha differença de genio, indole e caracter.

¿Em que consistem o genio, a indole e caracter dos varios idiomas? Em que consiste aquelle *pensar* proprio de cada um delles?—Na estructura e construcção desses idiomas,—na ordem e ligação com que dispõem os seus vocabulos, a fim de fazerem mais clara e energica a imagem do pensamento,—nas differentes fórmas grammaticaes, com que modificão os vocabulos,—no emprego e logar que lhes dão no discurso. Não são, diz Girard, os vocabulos que as linguas tomão umas das outras, nem as etymologias, que nos hão de dar a conhecer a origem e o parentesco dos idiomas; mas sim o genio e caracter de cada um.

Comparemos debaixo deste aspecto as duas linguas:

Casos.—A lingua portugueza não tem (senão sómente em alguns pronomes) aquellas variadas fórmas, a que os grammaticos latinos chamão *casos*, e pelas quaes exprimem, bem como os gregos, em um só e o mesmo vocabulo, varias e differentes relações da mesma idéa.

Transposição.—Carece, por consequencia, da ampla liberdade de que a lingua latina usa na sua construcção, e não lhe são naturaes e proprias as inversões, que encontrâmos nos nossos escriptores, principalmente dos seculos XIV, XV e XVI.

Verbos.—He differente o uso que cada uma das duas linguas faz dos verbos:

Têem os latinos as vozes passivas dos verbos formadas das proprias vozes activas, modificadas com diversas terminações; e os portuguezes não têem essas particulares fórmas.

Se os verbos auxiliares, empregados na formação das vozes

passivas, privão a lingua portugueza da concisão latina, por outro lado dão-lhe a vantagem da variedade, e de maior exactidão de *pensar;* assim, por exemplo, a fórma latina *lego* póde ser reproduzida no portuguez do seguinte modo: *leio, estou lendo, ando a lêr, venho de lêr, etc.*

O verbo auxiliar *estar*, que de algum modo póde considerar-se um como segundo verbo substantivo, exprime uma idéa de *coexistencia no estado actual*, que não se reproduz no latim com igual simplicidade. Assim, dizemos *Pedro he doente, Pedro está doente*, e o latim diz sempre *Petrus est, etc.*

He particularissimo o idiotismo com que a lingua portugueza dá á fórma dos verbos no infinitivo as inflexões proprias e caracteristicas das pessoas e dos numeros, fazendo, v. g., do infinitivo *ser* as fórmas pessoaes e numericas *seres, sermos, serem.*

Adverbios.—Admira, que, sendo a lingua portugueza filha primogenita da latina (como querem), não herdasse della uma só das fórmas ou terminações em *ter* dos adverbios latinos; adoptando em logar dellas a terminação *mente*, que, por erro etymologico, se tem pretendido derivar do ablativo latino de *mens.*

Comparativos, superlativos, diminutivos, augmentativos, particulas.— He igualmente para admirar que não passassem do latim ao portuguez senão tres ou quatro fórmas comparativas em *or;* que só no seculo xv se adoptassem as fórmas superlativas ou ampliativas em *issimo*, tão frequentes no latim; que engeitasse quasi todas as terminações diminutivas e augmentativas dos vocabulos latinos, conservando as suas proprias, ou adoptando outras, que certamente lhe não vierão do latim.

Idiotismos, adagios, rifões.—Temos na lingua portugueza um grande numero de idiotismos ou phrases particularissimas, e não menos de adagios, annexins ou rifões, que se não podem traduzir em latim senão abandonando o sentido litteral.

Artigos.—Fomos buscar na imitação das melhores linguas da antiguidade os artigos indicativos *o, a, os, as*, que a nossa presumida mãe ignorava quasi de todo.

Vocabulos vindos do latim.—Os vocabulos e fórmas que a lingua portugueza tomou da latina, nem são tantos em numero, como vulgarmente se suppõe, nem servem todos para demonstrar a supposta filiação. ¿Por que rasão? Por que desse numero devem riscar-se:—1.°, as interjeições, as quaes, de sua natureza, forçosamente se hão de achar, em grande parte, identicas e invariaveis em qualquer idioma;—2.°, os onomatopeicos, ou

imitativos dos sons, ou das outras qualidades sensiveis dos objectos, taes como *assobio*, *grasnar*, *huivar*, *grunhir*, etc., communs a todos ou a muitos dos idiomas;—3.º, a numerosissima familia dos que compõe o diccionario da infancia, formados de articulações labiaes, identicos ou similhantes, tanto como indispensaveis, communs a todas as linguas, e não susceptiveis de derivação de uma para outra lingua;—4.º, os que têem no portuguez uma raiz donde facilmente podião ser trazidos pelo natural artificio do idioma;—5.º, os que a lingua portugueza derivou e compoz d'um só, ou de poucos vocabulos latinos, v. g., de *pedra*, *pedraria*, *pedregulho*, *pedrisco*, etc.;—6.º, os que nós e os latinos tomámos da lingua grega;—7.º, os que sendo proprios da antiga lingua lusitana, passárão ao latim.

Introducção no portuguez de pequeno numero de vocabulos antigos.—Vem, pois, a ficar muito reduzido o numero dos vocabulos portuguezes, que em rigor se podem ter como derivados do latim; muitos, porém, desses mesmos, que em realidade nos vierão daquelle idioma, não servem para provar a supposta filiação, porque forão trazidos ao portuguez muito depois da epocha em que se suppõe haver o latim sido vulgarmente usado em Portugal. Nisso tiverão parte os nossos escriptores dos seculos XV e XVI, que trabalhárão em formar, enriquecer e polir o idioma patrio, á custa da lingua latina.

Vocabulos pertencentes á lingua ecclesiastica, á jurisprudencia.—Muitos dos vocabulos, tomados immediatamente do latim, pertencem á linguagem ecclesiastica, e outros muitos á da jurisprudencia, e todos estes, constituindo um como idioma universal na Europa, não podem provar a filiação de nenhuma lingua particular.

Juizo sobre certas composições latinas-portuguezas.—Essas composições affectadas e ineptas, que se diz serem juntamente latinas e portuguezas, taes como:

O quam divinos acquires terra triumphos,
Tam fortes animos alta de sorte creando, etc.

nem são verdadeiro latim, nem verdadeiro portuguez, porque não têem o caracter, nem seguem as leis de um ou outro idioma.

ORIGEM LATINA; IMPUGNAÇÃO DOS ARGUMENTOS PRECEDENTES; EXTRACTO DA «REFUTAÇÃO.»

Provas historicas.

Egypto.—Se o Sr. S. Luiz quizesse fazer um argumento procedente, não he aos persas, gregos e romanos que o devia ir buscar, mas sim aos actuaes dominadores do paiz: devia provar que o Egypto, depois da conquista de Amrou em 640, apesar da dominação constante dos arabes, ainda hoje conservava a antiga lingua coptica.—Vej. Volney, Voyage en Syrie. tom. 1.° cap. 5.°, e do que elle diz se concluirá:—1.°, que o grego era a lingua que se fallava no imperio dos califas no VII seculo;—2.°, que a lingua coptica está inteiramente perdida ha muitos seculos, apesar da supposta impossibilidade que se julga haver para isso. Isto he tambem confirmado pelo Glossario Coptico de Jablonski.

Hebreus.—O exemplo dos hebreus não he concludente, por que se trata de um povo *sui generis*, cuja consolação unica, no meio do vexame dos seus oppressores, era a religião de seus paes; e he uma lei geralmente reconhecida em linguistica, que a lingua do povo vencido se conserva quando a sua religião continúa a subsistir.

Regiões septentrionaes da Africa.—Tambem não tem força o argumento, fundado na authoridade de Santo Agostinho, de que os carthaginezes conservavão ainda a lingua punica no fim do seculo IV e principios do V, maiormente nas povoações ruraes. A essa authoridade oppõe-se a do mesmo Santo Agostinho, o qual, prégando em Africa, dizia: *Proverbium notum est punicum, quod quidem latine vobis dicam, quia punice non omnes nostis; punicum enim proverbium est antiquum: Numum quærit pestilentia: duos illi da, et ducat se;* donde se conclue que já no seu tempo era o carthaginez uma lingua morta, visto como carecia de traduzir em latim um proverbio punico para se fazer entender. [1]

[1] Em confirmação devemos accrescentar, que já no II seculo Carthago era chamada a *Musa de Africa;* e já Apuleio dizia: *Quæ autem major laus aut certior quam Carthagini benè dicere, ubi tota civitas eruditissimi estis?* (Luc. Apul. Florida Lib. 4.) O eloquente M. Villemain, fallando da «Eloquencia Christan no 4.° seculo» diz estas significativas palavras: «On ne se figure ordinairement d'autre Carthage que celle d'Annibal. Mais il ne faut pas oublier que l'ancien territoire

Phenicios e carthaginezes.—O que se diz dos phenicios e carthaginezes tambem não he concludente, porque os negociantes aprendem a lingua dos povos com quem negoceião, e não estes a daquelles. Por certo que taes povos não tiverão tamanho, tão longo, e tão pacifico trato comnosco, qual o que, ha seculos, entretemos com os inglezes... e comtudo, quantas palavras inglezas temos no nosso diccionario?

Alvaro Cordovez e Santo Eulogio.—As duas citações de Alvaro de Cordova e de Terreros y Pando são contraproducentem, por isso que, em vez de provarem que o latim nunca fôra vulgar nas Hespanhas, provão o contrario. O segundo, por exemplo, diz que naquella parte das Hespanhas, que ficou debaixo do imperio dos moiros, se tornára vulgar a lingua arabe, esquecida a latina, *propria*, diz elle, *da nação e da religião, como lamenta em suas obras o martyr Santo Eulogio, eleito arcebispo de Toledo.* [1]

Vasconço, catalães e valencianos, Fuero Jusgo.—He opinião de Mayans y Siscar (Origenes de la lengua española), que a maior parte do vasconço, bem averiguadas as suas raizes, tem origem latina. Os catalães e valencianos fallam a lingua provençal ou limosina, filha igualmente da latina, como a nossa, mais differente na orthographia e pronuncia do que no material das palavras. O Fuero Jusgo tambem prova que o latim fôra vulgar nas Hespanhas, porque este Codigo regeu toda a Hespanha Gothica, e só foi traduzido em vulgar no anno de 1241.

Rasões philologicas.

¿Qual he a rasão particular, ou antes esse privilegio, que, a respeito da introducção do idioma dos romanos, se dá?—Pergunta-se qual foi o privilegio que os romanos tiverão para transmittirem a sua lingua ás Hespanhas... Esse privilegio foi a religião, forão as predicas, e a liturgia christã. Nem he tão raro fazerem-se nas linguas mudanças substanciaes e absolutas, como póde vêr-se em Balbi, Introduct. à l'Atlas Ethnogr. du Globe.—He terminante a seguinte passagem de Strabão: *Turdetani autem, maxime qui ad Bœtim sunt, plane romanos mores as-*

de cette république formait une vaste contrée, où se conservait une partie du peuple indigène et *quelques restes* de mœurs et de la langue punique ; mais où le gouvernement, les tribunaux, les spectacles, le luxe étaient importés de Rome. »

[1] Eheu latini linguam propriam ignorant.

sumpserunt, ne sermonis quidem vernaculi memores, ac plerique facti sunt latini, et colonos acceperunt romanos; parumque abest quin omnino romani sint facti.

Casos.—Todo o argumento tirado dos casos, reduzido á sua expressão verdadeira, consiste em que todas as nossas palavras são indeclinaveis, em quanto que o latim tem um pequeno numero de vocabulos desta natureza. Mas que tem esta circumstancia com a filiação da lingua? Uma palavra muda acaso de natureza, por ser ou não ser declinavel?

Transposição.—Se o latim he uma lingua transpositiva, e o portuguez uma lingua analoga, nem por isso daqui póde tirar-se argumento contra a sua affinidade. Nós dizemos: *Recebi as tuas cartas;* e Cicero disse isto mesmo de tres maneiras, pois que em todas as tres fórmas se encontra nas suas obras: *Accepi tuas litteras—Tuas litteras accepi—Litteras accepi tuas.* ¿Por que rasão se ha de negar a filiação da lingua, só porque não póde usar senão de uma fórma?

Verbos.—Em quanto á voz activa, não póde pôr-se em duvida que *amo, as, at, amavi, amasti, amavit, amavero, is, it,* são inteiramente similhantes á conjugação portugueza.—No que toca á voz passiva, os latinos dizião *amatus sum* ou fui, e nós dizemos como elles—fui ou tenho sido amado. He verdade que para alguns tempos tinhão uma terminação particular passiva, dizendo *amor, amabar,* eu sou amado, eu era amado; mas tambem dizião *amatus sum,* eu sou amado, *amatus eram,* eu era amado. Não he exclusiva da lingua portugueza a significação de *coexistencia no estado actual* do verbo *estar.* Os melhores authores dão a *stare* a significação do auxiliar *esse; sto expectans siquid mihi imperent;—stat pectore fixum,—stant lumina flamâ,* etc. —Tambem o verbo *habere* se encontra como auxiliar, por exemplo em Cicero: *De Cæsare satis dictum habeo.*

(*N. B.* Este ponto he muito bem tratado na «Refutação» mas os leitores poderão consultar com proveito sobre elle, além de outras obras, a *Litt. au moyen-âge* de M. Villemain, 1.° vol. pag. 90, 91 e seguintes).

Adverbios.—Nem todos os adverbios latinos terminão em *ter;* assim, por exemplo, os latinos dizião *juste, pulchre,* e não *juster, pulchreter.* No *Leal Conselheiro* encontramos similhante por similhantemente; e a terminação adverbial em *o* ainda hoje he usada, pois que dizemos certo, claro, justo, prompto, por certamente, claramente, justamente, promptamente.—A termi-

nação *ter* substituiu-se a de *mente*, ainda que seja de presumir que na sua origem fosse empregado este vocabulo, para designar o estado do espirito e da mente de cada um, com referencia á acção de que se tratava; pois que não póde negar-se que *mente* seja o ablativo de *mens*. Encontrão-se innumeros exemplos do emprego desta fórma adverbial nos melhores authores latinos: *tu conditâ mente teneto—sensit enim simulatâ mente locutam, etc.*

Comparativos.—O numero dos comparativos em *or* na lingua portugueza ainda he grande, pois temos *maior, menor, melhor, peor, superior, inferior, ulterior, exterior, citerior, etc.* He porém certo que a nossa lingua não adoptou na generalidade esta fórma, e não será máo que os sabios a ampliem, tanto quanto a euphonia o permittir. Os latinos formavão os comparativos dos casos em *i, doctus, docti, doctior*, e nós não podiamos assim forma-los, porque não adoptámos os casos.—O ouvido devia resistir a que de *sabio* se fizesse *sabior*, de *douto, doutior*, além de que as vogaes finaes são de difficil pronunciação; por exemplo, o povo diz *fadairo* em logar de *fadario*. No latim havia muitos adjectivos que não tinhão nem comparativos, nem superlativos, por exemplos, *patrius, legitimus, duplex, claudus, unicus, dispar, arduus*, e outros, para os quaes os romanos se servião de *magis* e *maxime* ou *valde*, a fim de formarem os gráos de comparação, o que tambem muitas vezes praticavão com os adjectivos que tinhão comparativos e superlativos.—Povos grosseiros, devião pois adoptar o methodo mais simples, tanto mais quanto lhes era difficil saber quaes adjectivos tinhão comparativos e quaes não.

Superlativos.—Os superlativos em *issimo* não se encontrão nos escriptores do principio do seculo XV; he comtudo de presumir que já no tempo do Sr. D. Affonso III se usassem, pois que no *Livro Velho das Linhagens* se diz, fallando-se dos Godinhos, que descendem do *nomelissimo* sangue dos godos. Mas, pondo de parte estas indagações, ¿que valor tem o argumento de mais moderna ou mais antiga introducção?

Particulas.—Muito haveriamos lucrado em adoptar todas as particulas latinas; mas que idéa podião ligar povos grosseiros a *at, sed, quidem, enim, versus, etc.*, ¿que aliás não têem por si mesmas significação alguma, desacompanhadas das outras palavras, cujo valor não póde ser apreciado senão por um ouvido exercitado?—Se, por exemplo, não adoptárão *nunc*, porque a

nossa lingua não admitte palavras acabadas em *c*, adoptámos todavia *agora* por *hac hora*.—Logo não póde dizer-se que a lingua portugueza engeitou desdenhosamente as particulas latinas.

Terminações augmentativas e diminutivas.—Não podiamos adoptar as terminações dos augmentativos latinos, pela muito simples rasão de que os latinos não tinhão augmentativos. Tomámos porém delles muitas terminações dos diminutivos, e até os proprios diminutivos *formula, libello, conventiculo, etc.* Crê-se que a terminação em *inho* e *inha* vem do latim *illus, a, ud*, e assim, que de *lupillus* fizemos *lobinho*, de *mamilla maminha*, de *murmurillium murmurinho*, etc.

Proverbios, etc.—Para que o argumento deduzido dos proverbios portuguezes fosse concludente, fôra mister saber-se que todos os proverbios latinos chegárão até nós; mas o contrario d'isso he que he certo. Os proverbios andão sómente na boca do vulgo, e fôra um contra-senso julgar dos proverbios latinos por Virgilio, Horacio, ou Tito Livio. Muitos proverbios temos tirados do latim: Anda o carro adiante dos bois, *Carrus bovem trahit;* na terra dos cegos o torto he rei, *inter cæcos regnat strabus*, etc. Não era possivel que conservassemos proverbios allusivos a factos particulares dos romanos, ou aos seus usos e costumes civís e religiosos, que nós não adoptámos; e vice-versa não podião os romanos ter os proverbios que alludem á nossa religião, aos nossos santos e ceremonias religiosas, taes como: *Para a ressurreição dos Capuchos; Presumpção e agua benta, etc.; Ensinar o padre-nosso ao vigario*, etc.;—nem tão pouco podião adoptar os relativos aos nossos jogos. Os rifões, proverbios, e anexins, como dependentes dos usos e habitos populares, são variaveis como elles; e não tendo a vida social dos romanos sido a mesma que a nossa, não he de estranhar que até nós não chegassem muitos dos seus rifões.

Artigos.—Se valesse o argumento de que a lingua portugueza não he filha da latina porque não tem artigos, com muito mais rasão se poderia negar ao latim a sua procedencia do grego. A admissão dos artigos na lingua portugueza prova um aperfeiçoamento, mas não destroe a filiação.

(*N. B.* Supposto que na «Refutação» seja tratada magistralmente esta materia, julgamos todavia conveniente prevenir os leitores de que deve lêr-se o citado M. Villemain na *Litt. au moyen-âge*, pag. 88 e 89 vol. 1.)

Interjeições.—Á excepção de alguns gritos naturaes, indi-

cativos da alegria, da dôr, do temor, todas as mais interjeições são arbitrarias ou de convenção; porque aliás serião similhantes em todas as linguas.

Onomatopéas.—As onomatopéas não são uniformes em todas as linguas. Nós dizemos, por exemplo, *truz-truz* o som de bater á porta, os francezes dizem *pan-pan;* nós designamos por *catrapoz* o som do galope do cavallo, e elles dizem *patapan.*

Vocabulos da infancia.—Se ha palavras de convenção, nenhumas o são tanto como estas, porque não são senão um arremedo das palavras usuaes da lingua do paiz, que se estropião de proposito para as tornar de mais facil pronunciação aos meninos. As palavras amo, boca, beijo, bico, teta, mano, etc., citadas como pertencentes á infancia, não são senão palavras geraes e communs da lingua. O que se chamou numerosissima familia reduz-se, quando muito, a uma duzia de vocabulos. (Vej. o longo e espirituoso desenvolvimento deste resumo na «Refutação»).

Vocabulos derivados ou compostos de palavras latinas.—Os latinos tinhão a palavra *virtus,* mas não tinhão *virtuosus,* nem *virtuose,* de sorte que para dizerem: Tu és virtuoso, dizião —Tu es virtute præditus. Na decadencia da lingua suppriu-se esta falta, fazendo-se de, virtus, virtuosus, e nós adoptámos virtuoso, virtuosamente, desvirtuar. Sendo pois tão legitima esta origem, tão incontestavel, como he possivel negar-lhe a sua procedencia do latim? Poderião citar-se innumeros outros exemplos; basta porém observar que, se os vocabulos são derivados de uma palavra latina, segundo o genio da nossa lingua, não se póde recusar a essa raiz a faculdade de tomar todas as terminações que a nossa lingua lhe possa dar.

Vocabulos tomados do grego e do celtico.—Admittida a exigencia de se tirarem da lista dos vocabulos latinos aquelles que os romanos tomárão dos gregos, não viria a palavra *Deos* da latina *Deus,* por isso que os latinos a tomárão de *Theos,* ou de *Dios,* genitivo de *Zeys.* Ainda aquella exigencia poderia ter logar a respeito das palavras technicas e scientificas, porque taes termos são universaes; mas não póde ser extensiva aos que tomámos immediatamente do latim e como latinos, sem nos informarmos da sua origem. Igual exigencia se apresenta a respeito do celtico, justificando-a com o exemplo da palavra *donzel,* que pretendem derivar de *dum, dom,* em vez de *domicellus;* mas he certo que *donzel* vem de *dono,* syncopado de dominus, como póde

vêr-se em *Denina*, e em *Romani* (Dizzionario de sinonimi italiani) que diz assim: *Donzello é il diminutivo di donno. Questo nome, equivalente al latino Dominus, significava anticamente signore; e percio il suo diminutivo donzello indicava un giovin signore.* Não se póde asseverar que recebemos directamente dos gregos certos vocabulos que se não encontrão no latim, porque não temos todos os authores latinos para sabermos se os usárão. ¿Será, porém, verdade que os gregos, em tempos antiquissimos, fundárão colonias na Galliza e na Lusitania, e nos deixárão esses termos a que acabamos de alludir? Não ha fundamento para assim o crer. Donde nos virião pois esses vocabulos gregos que temos, e se não encontrão no latim? Ou do latim vulgar, sem terem sido empregados pelos escriptores, o que he plausivel, visto como são pela maior parte populares, v. g. patao, apito, lasca, lamuria, naco, etc., ou dos barbaros, em consequencia da communicação que por muitos seculos tiverão com os gregos do Baixo Imperio. O argumento da troca do *b* pelo *v* não tem força. Muitos povos fazem esta troca, principalmente os de origem celtica; em alguns dialectos não ha mesmo a letra *v*.

Vocabulos verdadeiramente latinos, mas introduzidos muito modernamente no portuguez.—São os escriptores que aperfeiçôão as linguas, e este difficil trabalho he obra de longos annos, e de continuas acquisições. Dando, porém, de barato que os escriptores do seculo XVI introduzissem 300 a 500 palavras latinas no portuguez... que he isto, em comparação de 30 a 40 mil, que tantas temos do latim?

Temos extractado o que de mais substancial encontrámos na «Memoria» e na «Refutação.» A concisão era o nosso primeiro dever, porque d'outra sorte houveramos *copiado*, quando só queriamos fazer a resenha dos argumentos dos dous contendores. Escapárão pois bastantes considerações, e pontos de doutrina, que muito interessarião aos curiosos; promettemos, porém, supprir esta falta nos paragraphos que havemos de consagrar ao exame das questões ethnographicas, que se enlação com este assumpto.

Antes, porém, de passarmos adiante, temos por conforme á imparcialidade, que deve caracterisar o nosso trabalho,—1.° dar uma breve ideia dos argumentos, com que um author francez impugna a filiação latina da sua lingua;—2.° dar uma rapida noticia dos manuscriptos de Antonio Ribeiro dos Santos,

que mais especialmente se referem á questão da origem da nossa lingua.

——Les élémens primitifs des Langues par l'Abbé Bergier. Besançon. 1837.

O § 4.° da 6.ª Dissertação trata da origem da lingua franceza, e de averiguar se ella descende do latim.

Empregaremos, quanto fôr compativel com o breve resumo que vamos dar, as proprias expressões do author, para não roubarmos aos seus argumentos a força que poderem ter.

Forão latinos os prégadores que estabelecêrão a religião christã; e dahi vem que os termos francezes, relativos á religião, forão tirados da lingua latina.

Tambem não ha duvida em que os termos das sciencias e bellas artes são latinos.

Mas não são latinos os termos relativos ás artes mecanicas, á arte militar e á navegação; nem tão pouco o são os termos simplices, as ligações do discurso, as palavras que exprimem as cousas da primeira necessidade, ou os usos communs da vida.

A syntaxe da lingua franceza nada tem de commum com a da latina; circumstancia ponderosa que torna bem suspeita a genealogia que pretende dar-se ao francez.

Crê-se que nos cinco seculos da dominação romana o latim absorveu completamente a linguagem das Gallias; mas, sem oppôr a essa opinião os monumentos historicos, como já fez *M. Bullet*, nas suas *Memorias sobre a Lingua Celtica*, apresenta M. Bergier a seguinte prova de facto em contrario: Ha quasi oitocentos annos que o francez começou a formar-se, e a ser fallado nas Gallias, sem que tenha supplantado o *patois* de diversas provincias, succedendo haver ainda em França muita gente que não sabe sequer quatro phrases francezas.—Logo, subsistião esses *patois* no tempo em que as pessoas polidas fallavão latim; logo o latim não fez em 500 annos o que o francez não pôde fazer em oito ou nove seculos; logo, os camponezes fallão ainda a mesma algaravia, de que seus paes se servião antes da conquista dos Romanos e dos Francos.

Quando os grammaticos encontrão um termo francez semelhante a um latino, concluem immediatamente que o primeiro descende do segundo; mas fôra mister provar, antes de tudo, que aquelle termo não se encontra em nenhum dos *patois* que se fallão em França.

As colonias que povoárão a Italia são da mesma origem daquellas que vierão habitar as Gallias; tendo uma linguagem commum, veio esta a constituir a essencia da lingua latina, do mesmo modo que da grega. Seria para admirar, que estas duas linguas não tivessem termos semelhantes; e por quanto os paes fallárão a mesma lingua, he natural que os filhos possão ainda entenderse, sem pedirem de emprestimo palavras uns aos outros.

¿Como explicar a existencia de termos gregos e hebraicos no *patois* dos montanhezes de Cevennas e dos Vosges, e a construcção hebraica das suas phrases? A historia do genero humano, e da propagação das linguas encerrão a explicação.

Quando os etymologistas dizem que tal termo vem do latim, tal outro do grego, etc.; he ainda necessario que elles nos digão de qual lingua os Latinos, etc., recebêrão os seus.

Eis-aqui como M. Bergier conclue:

=«La question de l'origine du françois, si long-temps agitée, est donc à proprement parler une affaire de calcul. Y a-t-il dans cette langue un plus grand nombre de termes tirés *des* patois, qu'il n'y en a de dérivés du latin? Si la pluralité se trouve dans les patois, leur construction étant plus semblable au françois que celui-ci au latin, la cause est jugée en faveur des patois; ils sont la vraie source de notre langue. Jusqu'à ce que la supputation ait été faite, le procès demeure indécis, et nous devons nous borner à dire, comme les Romains, que nôtre langage est formé en partie d'une langue polie, et en partie d'un jargon barbare. Mais ce jargon même a été bâti sur le même fonds que les langues les plus élégantes de l'univers, sur les monosyllabes dont se servoient les aieux du genre humain.»=

——Antonio Ribeiro dos Santos pretendia, ao que parece, escrever uma obra sobre as Origens da Lingua Portugueza, pois que entre os seus manuscriptos se encontrão varios volumes, nos quaes hia reunindo apontamentos sobre esta materia. Desgraçadamente, porém, o que existe a semelhante respeito, na *Bibliotheca Riberiana*, he informe, e pouco aproveitavel; sendo aliás de crer que o laborioso Author, se a vida lhe não faltasse, teria augmentado esses apontamentos, e tirado d'elles o partido que levava em vista.

Ainda assim, temos por indispensavel indicar aqui os Mss., que mais particularmente se referem á questão da origem da nossa lingua.

——Origens latinas da Lingua de Espanha.—Neste volume, a que o Author não tinha dado a ultima demão, apresenta varios argumentos para contrariar a filiação latina das linguas de Hespanha, os quaes pela maior parte se encontrão, dispostos em melhor ordem, na Memoria de D. Francisco de S. Luiz, que já extractámos. O Author estabelece as seguintes asserções:—Muitas palavras havidas por latinas são primitivas da Natureza;—muitas vierão d'outras fontes, do grego, do celtico;—muitas recebêrão os latinos de nós, e não nós d'elles, em cousas de agricultura e de milicia;—muitas só são do latim barbaro da idade media, palavras não latinas de nascimento, mas sim adoptadas de varias linguas dos povos barbaros, ás quaes se dava terminação ou inflexão latina;—ha na nossa lingua uma immensa quantidade de palavras, que não são latinas, nem compostas ou derivadas delle;—ha palavras que não são realmente latinas, posto que derivadas ou compostas d'elle;—e finalmente ha uma extraordinaria somma de palavras, que tomámos do latim, depois da nossa lingua já estar formada.—Seguem-se depois os argumentos relativos á syntaxe, adverbios, etc., etc., que já vimos na Memoria de D. Francisco de S. Luiz.

——Noticias da Lingua Celtica e de seus diversos Dialectos.—Na Introducção estabelece o Author as duas seguintes asserções:—1.° « A maior parte dos povos de Espanha, anteriores a Francos, Gregos e Romanos, era Celtica; e Celtica era portanto a sua Lingua, como o era a sua gente. »—2.° «No Celtico achamos, ou a explicação, e razão da maior parte dos antigos vocabulos de Espanha, ou a sua analogia e semelhança; o que mostra ainda, independentemente daquella prova, que o antigo idioma do paiz era de sua origem celtico.»

——Origens Celticas da antiga Lingua Geral de Espanha e de seus actuaes Dialectos.

Com esta epigraphe: *Antiquam exquerere matrem*—Contém um Diccionario Harmonico-Analogico do Celtico Espanhol.

Diz o Author na Introducção: «Depois do vocabulario Harmonico-Hispano-Celtico, apresentamos outro simplesmente Analogico, em que não já pelas radicaes, mas só pela mera analogia e conformidade ou semelhança mechanica dos termos, independentemente da significação, se mostra a filiação e affinidade Celtica dos antigos vocabulos de Espanha. » =

(*Por augmentar e acabar*, diz uma nota escripta pela propria letra de Antonio Ribeiro dos Santos; e o mesmo póde dizer-se a respeito de quasi todos os manuscriptos, de que se compõe a *Bibliotheca Riberiana:* pelo que nos abstemos de indicar outros que ali encontrámos.)

§ 4.º

CONSIDERAÇÕES ETHNOGRAPHICAS, COM REFERENCIA Á LINGUA PORTUGUEZA.

In mores, in linguam, in jura, in ditionem cessere romanam.

Inscrip. Lapid.

Romanosque omnes fieri,
Quos Tagus aurifluens, quos magnus inundat Hiberus
AURELIUS PRUDENTIUS CLEMENS.

Promettemos no artigo antecedente examinar algumas questões ethnographicas, que se enlação com o assumpto da filiação da nossa lingua. Damos hoje começo a essa tarefa.

Os leitores sabem já que o nosso proposito he antes indicar as fontes de doutrina, do que escrever um Tratado ex professo; e por isso esperamos que nos desculpem a importunidade das innumeras citações, que fazemos, em attenção á natureza especial do nosso trabalho.

O Sr. S. Luiz concluiu de um certo numero de provas historicas, «que he difficil introduzir em um povo numeroso a total «mudança de linguagem, ou ainda alterar as suas fórmas carac«teristicas; e por outro lado, considerando que todos os philo«sophos reconhecem a intima e essencial ligação que tem a lin«guagem com o pensamento, e a fórma externa do discurso com «o quadro interno das idéas, de que elle é a expressão», concluiu que se lhe affigurava impossivel, não só difficil, a mudança total da linguagem antiga portugueza para a latina, ou (o que vem a ser o mesmo) o total esquecimento e abandono da primeira para adoptar a segunda.

He, porém, certo que os factos historicos, os principios ethnographicos, e o sentir de mui competentes philologicos, contrarião inteiramente estas asserções.

Um profundo philologo, M. Bonamy, em uma Memoria in-

serta no 24.º vol. das da *Academia das Inscripções*, exprime-se d'este modo: « Les Romains, après avoir fait la conquête des « Gaules, y introduisirent aussi l'usage de la langue Latine. « *C'était un des principes de la politique de ce peuple d'imposer « aux Nations vaincues, qu'il appellait barbares, l'obligation de « parler sa Langue, après leur avoir imposé celle de lui obéir.* « —Opera data est, *dit St. Augustin* [1] ut imperiosa civitas non « solum jugum, verum etiam linguam suam domitis gentibus per « pacem sociatis impeneret.—J'ai dit les Nations barbares, pour « les distinguer de celles qui parlaient la Langue Grecque; cel- « les-ci conservèrent toujours l'usage de leur langue, quoique les « magistrats Romains se fussent fait un devoir, même des temps « de la République, de ne leur répondre dans la même Langue, « lors même que ces magistrats entendaient le Grec.—Illud « quoque magna perseverantia custodiebant ne Græcis unquam « nisi Latine responsa darent, quin etiam... por interpretem lo- « qui cogebant, non in urbe tantum nostra, se etiam in Græcia « et Asia. Quo scilicet Latinæ vocis honos per omnes gentes ve- « nerabilior diffunderetur.» [2]

E a pag. 592 diz: « La splendeur de Rome, l'étendue de son « empire, les actions brillantes des Romains, leurs loix si sages « et si sensées, cet ordre admirable pour la police qui régnait « dans tous les ordres de l'état, ces dépenses immenses, non seu- « lement pour la décoration des villes, mais encore pour l'utilité « publique, comme les aqueducs et les grands chemins qui tra- « versaient tout l'empire, (poderia accrescentar=e as magnifi- « cas pontes e outras muitas obras=) tout cela était bien capa- « ble de faire impression sur des hommes tels que les Gaulois, « propres à sentir et à admirer ce qui était vraiment grand. »

E com effeito, já em tempo de Aulo-Gellio os hispano-romanos consideravão como sua a lingua latina. O famoso author das *Noites Atticas* refere no Liv. 19, cap. 9, uma anecdota litteraria, que põe na maior evidencia esta verdade.—Um mancebo da Asia, nobre, rico e folgazão, reuniu em um banquete, para festejar os seus annos, os seus amigos e mestres, entre os quaes estava tambem Antonio Juliano, hespanhol de nação, e distincto professor de eloquencia em Roma. Quando cessou o banquete, começárão alguns dos convidados a recitar versos de Anacreonte

[1] De Civitate Dei, l. 19, c. 1.
[2] Valer. Max. l. 11, c. 2, n. 2.

e de Sapho, elegias de poetas contemporaneos, e canções amorosas, que muito deleitarão a assembléa. N'este enlevo, e assim excitados pelo enthusiasmo de tão prasenteiro passatempo, romperão alguns dos jovens gregos da sociedade em motejos a Juliano, chasqueando-o de barbaro e de rustico por haver nascido em Hespanha, e apodando a sua eloquencia com os epithetos de rabida e bulhenta *(facundia rabida jurgioque)*, como destinada a exercitar uma lingua rude, inculta, sem graça, e sem amenidade. Perguntavão-lhe o que pensava elle a respeito de Anacreonte, e de outros poetas gregos, e se por ventura os latinos havião feito versos tão correntes e deleitosos; e a tal ponto apurarão a paciencia do bom do rhetorico, que elle desafogou a sua indignação, acudindo irado pela honra da *lingua latina, sua lingua nativa*, como se tomasse a defeza da sua religião ou dos proprios lares, dizendo:=Devêra eu dar-me por vencido, e conceder-vos que nos levaes a palma n'este desperdicio das boas artes, por maneira que, assim como nos excedeis na boa disposição dos festejos, e no bem preparado das iguarias, igualmente vos avantajasseis nas poesias e canções. Porém, para que não nos condemneis, isto he, para que não condemneis o nome latino, como se tratasse de alguns rusticos, grosseiros e sem graça, rogo-vos não permittaes, etc.=

=«Tum ille pro *Lingua Patria*, tanquam pro aris, et focis animo irritato indignabundus: Cedere quidem, inquit, vobis debui, ut in tali asotia artium nos vinceretis, et sicut in voluptatibus cultus, atque victus, ita in cantilenarum quoque multis anteiretis. Sed *ne nos, id est nomen latinum*, tanquam profecto vastos quosdam et in subditos anaphrodisias condemnetis; permittite mihi, quœso, opperire pallio caput, quod in quadum parum pudica orationem Socratem fecisse aiunt, et audite, ac discite, nostros quoque antiquiores, ante eos, quos nominastis, poetas amasios, ac Venereos fuisse. Tum resupinus capite convelato voce admodum quam suavi versus cecinit, etc.»=

«Deste lugar se colige con claridad, *diz Aldrete*, qual fuese la lengua de España en aquel tiempo. Puês Antonio Juliano defendió por lengua patria de España la latina, y por tal la tuvieron los griegos, etc. (Liv. 1.°, cap. 20).»

Este argumento he muito ponderoso, e junto á consideração da necessidade que tinhão os povos de aprender a lingua dos illustres vencedores, quer para chegarem aos cargos, quer para poderem comprehender as determinações do soberano, o

qual só se exprimia em latim, quer para conversarem com os romanos das colonias, e com aquelles a quem os negocios do imperio ou os do commercio atrahião ás provincias; tudo isto habilita a concluir com *Bonamy: «il n'est pas plus étonnant «que la langue latine soit devenue, au bout de quatre siècles, la «langue dominante dans les Gaules, que de la voir en usage «dans l'Afrique, et surtout en Espagne.»*

Vejâmos agora se a historia nos apresenta exemplos numerosos de nações que olvidarão a sua lingua e adoptarão outra; e se a ethnographia tem descoberto e admitte hoje alguma lei reguladora dessas mudanças, que perfeitamente explique este phenomeno linguistico.

Seguiremos nesta parte o que se lê no «Discurso Preliminar da Introducção ao Atlas Ethnographico de M. Balbi, pag. 75 a 80.

1.° Os gregos e os romanos fizerão desapparecer os numerosos idiomas que se fallavão na Europa meridional, e em uma parte da Europa central, tornando dominante a lingua latina durante o periodo do poder politico, e esplendor litterario de Roma.

2.° Os arabes fizerão desapparecer de uma grande parte da Asia occidental, da Africa septentrional e oriental, os idiomas dos indigenas, de sorte que o vasto territorio, onde outr'ora se fallou o hebreu, o phenicio, o persico, o syriaco, o chaldeu, o egypcio antigo, o egypcio moderno, e em parte o nubio, se está hoje fallando o arabe.

3.° São bem conhecidas as mudanças de idioma operadas pelos europeus na America do Sul e do Norte; devendo até notar-se que um breve lapso de tempo basta para transformar os africanos escravos em inglezes, francezes e dinamarquezes, ou em hespanhoes, portuguezes e hollandezes.

4.° Os anglo-saxonios, e outros povos conquistadores que invadírão as ilhas britannicas, fizerão desapparecer de toda a Inglaterra, da maior parte da Escocia, e de mais de um terço da Irlanda, a lingua celtica, a qual foi substituida por uma lingua mesclada, proveniente da fusão dos povos que, em differentes epochas, dominarão n'aquelle archipelago.

5.° Os povos germanicos derão a sua lingua a um grande numero de nações slavas, que estanceavão ao Éste e ao Sul do Danubio; e na segunda metade do seculo passado, os dragões hannoverianos forçárão os restos dos vendes de Lunebourg a dar de mão á sua lingua, e a adoptarem o allemão.

6.° Mostra-nos a historia que os visigodos e os alanos perdêrão o nome e a lingua na Hespanha; aos osthrogodos e hérulos succedeu o mesmo na Italia; ao passo que os francos, os borguinhões, os lombardos, e os normandos mudão de lingua na França, na Borgonha, na Lombardia e na Normandia, paizes que aliás subjugão, e aos quaes communicão o seu nome. Os varégues, outro povo germanico, fundão o imperio russo, perdendo todavia a sua lingua, e tornando-se slavos.

. . . . . .

Devêramos continuar à longa serie de exemplos que M. Balbi cita depois dos acima referidos, mas não convém alongar esta nossa mesquinha escriptura, e por isso remettemos os leitores para a citada obra, e damo-nos pressa em referir a conclusão que desses factos póde tirar-se.

«Julgamos util multiplicar estes exemplos, diz por fim M. Balbi, porque os factos que acabamos de expôr nos parecem sufficientes para o fim a que nos propozémos. Por mais extraordinarios e contradictorios que pareção, nem por isso deixão de ter facil explicação aos olhos do philologo, que quer reflectir nas causas differentes que produzem este phenomeno ethnographico, com todas as anomalias que o acompanhão.»

Qual he pois esse principio de explicação? Ei-lo aqui, nas proprias e originaes palavras de M. Balbi:

«Lorsque deux peuples, et par conséquent deux idiomes, se sont choqués, l'idiome le moins cultivé, le moins littéraire, s'est perdu en grande partie ou entièrement; car ce n'est pas la conquête, la domination, qui introduit et maintient tel idiome dans telle contrée: c'est presque toujours la supériorité relative de l'idiome qui finit par le rendre dominant, soit qu'il appartienne au vainqueur, soit qu'il appartienne au vaincu.»

O author da Refutação não se esqueceu de apresentar esta doutrina de M. Balbi, e com toda a rasão conclue deste modo; —«Fazendo applicação deste principio incontestavel em linguistica aos hespanhoes e portuguezes, não póde duvidar-se que a lingua latina, só pela sua superioridade sobre os dialectos peninsulares, ainda independentemente da influencia religiosa e da legislação, devia a final acabar por absorve-los, e ficar dominando exclusivamente o paiz.»

E em demonstração do muito que erão affeiçoados ás lettras romanas os habitantes das Hespanhas, e para se avaliar a boa vontade com que por elles seria acolhida a lingua latina, fare-

mos menção de dois exemplos que cita Aldrete no cap. 22 da sua obra,=Del origen y principio de la lengua castellana.= Seja o primeiro o facto referido por Plinio, liv. 2.°, Epist. 3.: «Nunquam legisti Gaditanum quemdam Titi Livii nomine, glo-«riaque commotum ad visendum eum ab ultimo terrarum orbe «venisse, statimque ut viderat abiisse?»—Seja o segundo o facto referido pelo mesmo Plinio, liv. 3., Epist. ad Macrum: «Refe-«rebat ipse (Plinius maior) potuisse se, cum procuraret in His-«pania, vendere hos Commentarios Laertio Licinio quadringen-«tibus millibus nummum, et tunc aliquanto pauciores erant.» E com effeito, ¿poderia acaso succeder que um homem se arrojasse a ir de Cadix a Roma, só para vêr Tito Livio; e que um estrangeiro offerecesse dez mil escudos pelos livros de Plinio Maior, se no tempo em que esses factos forão praticados não houvesse uma decidida paixão pelas lettras, e se o idioma e os escriptos dos romanos não fossem estimados nas Hespanhas?

Não nos contentêmos, porém, com estes testemunhos, e ouçâmos a opinião de um homem, que nestas materias gosa de grande conceito, o já citado Denina (Tom. 2. Part. 4. sect. 1. art. 1. pag. 116 e 117): «Il est bien sûr que les Hispaniens avant que les Romains portassent leurs armes sur l'Ebre et le Tage, parlaient une langue peu différente de celle que parlaient les Gaulois et qu'après que les Romains étendirent leurs conquêtes vers l'occident, l'Espagne leur fut soumise de gré ou de force bien avant que César eût conquis les Gaules. Ainsi la langue des conquérans et maîtres fut introduite et établie en Espagne, sous ses premiers successeurs, et à peine un siècle s'était-il écoulé depuis la mort de Cicéron et de César, et un demi-siécle depuis celle de Tite-Live et de Virgile, que les auteurs nés en Espagne étaient estimés autant ou plus même que les Romains et qu'aucun de leurs contemporains nés en Italie. Je dirai que, quoique la préférence qu'on donnait à Sénèque sur Cicéron, à Lucain sur Virgile fût injuste; elle prouve toujours le génie naturel des Espagnols, puisqu'ils se sont si hautement distingués dans un pays où la culture des lettres était porté au plus haut degré, et de l'autre côté cela ne laisse pas lieu de douter, que la langue romaine ne fût dès le temps d'Auguste la langue dominante en Espagne, surtout dans les premières classes des habitans, qui ne tardèrent pas à la rendre commune, même au bas peuple. Aussi Horace nous apprend-t-il en termes bien clairs, que ses ouvrages ainsi que ceux de tous les bons auteurs latins

avaient grand cours en Espagne, et que dès avant les beaux jours de la littérature latine, elle y était cultivée avec succès plus même que dans la Gaule méridionale, où d'ailleurs les études étaient assez florissantes. *Me peritus discet Iber*, dit-il, *Rhodanique potor*. (Ode 20, liv. 2.) Quelque sens que l'on donne à cet épithète de *peritus*, qu'on le fasse signifier en général instruit, exercé, formé, expérimenté, ou qu'on le prenne dans la signification particulière d'expert, exercé dans l'étude du latin, cela prouve toujours que les Espagnols étaient déjà versés et fort avancés, dans le latin. Personne n'ignore que sous Vespasien le meilleur maître de Rhétorique et un des poètes les plus en vogue, étaient Espagnols.»

Apertêmos ainda mais o ponto, para demonstrar que essa mudança de linguagem, e adopção da latina, longe de serem impossiveis, erão, pelo contrario, indispensaveis, e necessariamente determinadas pela natureza das coisas. Ouçâmos o que a este respeito diz o erudito Aldrete, já citado:

«Forçoso era, que el que venia a hablar, y rogar al que se-«ñoreava la tierra, aun que no fuesse sino por lisongearle, le «hubiesse de hablar en su lengua. Juntavase con esto el excluir «à los que no la sabian de todas las causas civiles, y aun de ser «testigos, como Tiberio quiso, que no lo fuesse el otro soldado, «sino dezia su dicho en latin, y los antiguos jurisconsultos du-«daron, si los que no lo sabian podian ser testigos de testamen-«tos, por que les pareció, que avian de entender lo que contenia, «que era en latin. Gran motivo para aprenderlo, viendo que no «sabiendolo no eran admitidos a ser juezes, de Claudio se re-«fiere, que a un varon illustre principe en la provincia de Gre-«cia, por que lo ignorava, no solo lo borró de la lista de los «juezes, pero tambien le privó, de que no fuesse ciudadano ro-«mano. *Splendidum virum, Gretiæ que provintiæ principem «verum Latini sermonis ignarum non modo albo judicum era-«sit, sed etiam in peregrinitatem redegit.* Que no aprendiera «quien assi se via tratar? Cada uno de razon devia temer se-«mejante afrenta.—Creció con esto la lengua latina en las pro-«vincias, si bien no tan pura, y elegante como en Roma, donde «era natural, y aquel cyelo la ayudava, para que se diesse me-«jor à los que en aquel suelo habitavan.»

D'aqui resultou poder Plinio dizer já: «Et tot populorum «discordes, feras que linguas sermonis commercio contraheret «ad colloquia;» a cujo respeito observa Aldrete: «No se pudo

«dezir, ni mas breve, ni com mas propriedade el averse redu-«zido las provincias á la lengua latina.»

E finalmente, por tal motivo disse com rasão o valenciano Luiz Vives: «Curabant ergo Romani, ut in Hispanias, et Gal-«lias Latinas prorsus fecerint veteribus illarum gentium linguis «abolitis. Rem profecto conabantur pulcherrimam, et toto hu-«mano generi utilissimam, quocumque id fine facerent, ut esset «una aliqua lingua, qua se gentes omnes mutuo intelligerent.»

Vejâmos agora como o Sr. A. Herculano tratou esta questão na «Introducção á Historia de Portugal.»

O Sr. Herculano, pondo de parte o exame do modo como se operou a alteração da linguagem hispanico-romana, demonstra concludentemente que os resultados da conquista romana se estendêrão até á transformação dos idiomas da Hespanha, fossem elles quaes fossem. A organisação administrativa das provincias era apropriada para *romanisar* as gentes domadas pelas armas ou pelas allianças, fazendo-lhes esquecer até a linguagem *nativa*.—Segundo a opinião de M. Guizot, o systema de povoação dos romanos era, até certo ponto, o inverso do nosso. Em todas as provincias sujeitas a Roma reflectia-se a vida social desta. O municipio, que fôra a fórma de sociedade com que a republica nascêra, vigorára e crescêra, e que as revoluções interiores, a tyrannia dos Cesares, e até a invasão dos barbaros, não podérão extinguir, reproduziu-se por todas as partes onde chegou o dominio romano.

«Nas Gallias, na Hespanha, diz M. Guizot, não encontraes senão cidades. Os territorios desviados d'ellas estão cobertos de selvas e alagadiços. Averiguae qual seja o caracter dos monumentos, das vias romanas. Achareis estradas reaes, que vão de cidade a cidade; porém essa multidão de caminhos encruzilhados, que hoje sulcam o territorio, eram então incognitos. Nada havia que se parecesse com a indizivel quantidade de monumentosinhos, d'aldeias, de castellos, d'igrejas, dispersos pelo paiz desde a idade media... Examinae a que luz vos aprouver o mundo romano, que sempre achareis essa preponderancia quasi exclusiva das cidades, e a não existencia social dos campos.»

Neste facto fundamental, que distingue a civilisação antiga da moderna, encontra o Sr. Herculano a explicação da facilidade e rapidez com que os romanos convertião as outras nacionalidades na sua, e alcançavão, até, substituir a propria linguagem á dos povos subjugados.

«A assimilação, diz o Sr. Herculano, devia ser tanto mais facil, quanto os vencidos fossem ou mais barbaros, ou de raças mais misturadas. Nas Gallias realisava-se principalmente a primeira hypothese; na Hespanha principalmente a segunda. Imaginemos a gente nativa, encerrada nos muros das cidades, ou reconstruidas ou edificadas de novo pelos romanos, sujeita, com o correr dos tempos, á organisação administrativa, judicial, e militar dos conquistadores, frequentada pelos seus magistrados, funccionarios e exactores, aquartelando as suas tropas, tractando os pleitos nos seus tribunaes, recebendo dos romanos os commodos da vida e os objectos de luxo, correndo aos theatros que se alevantavam por toda a parte, e aonde os attrahiam as graças e as pompas do drama latino, e recolhendo nos proprios muros um grande numero de individuos, que, depois de militarem nos exercitos de Roma, vinham, transformados em romanos, orgulhosos da illustração adquirida no meio d'elles, converter, com o desdem da superioridade, á vida e á linguagem da Italia os membros mais grosseiros das suas familias. Depois, quando estas e mil outras causas de assimilação, actuando por seculos, produziram todo o seu effeito, as differenças que distinguiam os vencidos dos vencedores desappareceram inteiramente. Caracalla, attribuindo o caracter de cidadãos romanos a todos os homens livres do imperio, não fazia uma revolução nas instituições; mas declarava simplesmente, que um grande facto social se achava consummado.»

¿O testemunho dos escriptores desse tempo estará acaso de accordo com a antecedente deducção dos factos sociaes? Sim, como o prova a seguinte passagem de Strabão, a que já se alludiu no artigo antecedente: «Accresce á bondade do clima que desfructão os turdetanos, a brandura e a civilisação, o que, segundo Polybio, he tambem commum aos celticos pela visinhança e parentesco, posto que em gráo menor, por habitarem de ordinario em logarejos. Os turdetanos, porém, principalmente os das margens do Betis, tomárão de todo os costumes romanos, esquecendo até a propria lingua, e muitos, tornados latinos, recebêrão no seu seio colonos de Roma, faltando pouco para inteiramente serem romanos. As cidades ultimamente edificadas, Beja entre os celticos, Merida entre os turdulos, Saragoça entre os celtiberos, e varias outras colonias provão essas mudanças de aspecto da sociedade. Os hespanhoes, que seguem este modo de viver, chamão-lhes stolados ou togados, entrando neste numero os cel-

tiberos, tidos n'outro tempo pelos mais feros e desconversaveis de todos.»

Ora, se já no XV anno da era christã, e IV do imperador Tiberio (em que Strabão escrevia a sua grande obra geographica) a transformação romana havia lançado tão profundas raizes, não admira que desde essa opocha todos os monumentos historicos conspirem em nos mostrar os habitantes da Peninsula inteiramente identificados com os romanos.

«Entre os muitos factos, que fôra facil amontoar em prova d'isso, um dos mais notaveis he, em nosso entender, o usarem de nomes puramente latinos todos os individuos hespanhoes do tempo dos imperadores, de modo que os nomes barbaros desapparecem inteiramente, circumstancia que se não repetiu durante o dominio dos wisigodos, quando aliás cremos indubitavel o haverem estes abandonado a lingua gothica pelo romano-rustico, sem que por isso deixassem de figurar na historia os Theodoriks, ou Euriks, os Heermangilds. E o mesmo se póde dizer do dominio arabe, durante o qual, segundo o testemunho, tantas vezes citado, de Alvaro de Cordova, os mosarabes esqueciam a sua lingua romana para só fallarem o arabe, conservando, todavia, os nomes proprios da origem grega, latina e goda, como se vê da historia e dos documentos desse periodo.»

Cita depois o anecdota de Aulo-Gellio, que acima referimos já, é conclue assim: «Em um livro philologico, Gellio, chamando ao latim *lingua patria de um hespanhol*, não nos deixa a menor duvida de que, no tempo de Hadriano, esta linguagem não era para um filho da Hespanha um idioma estudado nas escholas, mas a *propria do seu paiz.*»

Terminaremos este § mostrando que as passagens de diversos authores latinos, citadas pelos defensores das origens celticas, não destroem a doutrina que acabâmos de expôr. (Vej. «Mem.» do Sr. S. Luiz, e «Opusculo»).

A maior parte dessas passagens são de uma epocha, em que naturalmente não podia ainda estar generalisado nas provincias o idioma dos romanos; outras são sujeitas a diversas interpretações, ou duvidosas no que toca á sua genuidade; em quanto que as apontadas a favor da origem latina são positivas e terminantes.

Desenvolvamos com toda a clareza este ponto.

A maior parte d'essas passagens são de Cicero; ora este grande homem nasceu cento e seis annos antes de Christo, e morreu de edade de 64 annos, isto he, 42 antes da era christã.

Já se vê pois que no tempo de Cicero não era possivel que se tivesse já operado, em grande escala, a transformação dos idiomas da Hespanha; ao passo que, quando Strabão escreveu a sua grande obra geographica, já essa transformação havia adquirido mais alguma força, e muito maior adquiriu posteriormente quando Aulo-Gellio escreveu as Noites Atticas, nas quaes encontrámos uma prova muito positiva de ser a lingua latina a lingua patria no tempo de Hadriano.

Analysemos, porém, essas passagens, que os defensores das origens celticas adduzem em abono da sua opinião.

O Sr. S. Luiz apresenta na sua «Memoria,» como demonstração da existencia e uso das linguas vulgares das Hespanhas no periodo da dominação romana, o testemunho de varias passagens de Cicero, sendo a principal a seguinte, que se lê na oração pro Archía Poeta: «Græca leguntur in omnibus fere gentibus: Latina suis finibus, exiguis sanè, continentur.» E accrescenta estas palavras: «expressões notaveis, que parece indicarem que a lingua latina sómente era conhecida e fallada no Lacio, ou quando muito na Italia (suis finibus), e das quaes o sabio orador não usaria, se já então a lingua latina fosse não só conhecida e fallada, mas até vulgarmente usada nas vastas regiões das Hespanhas.»

O author da «Refutação» impugna, a nosso vêr, triumphantemente esta interpretação dada ás palavras de Cicero, pelo quê remettemos os leitores para a nota 39 de pag. 62 e 63 do seu Opusculo.

O author da «Refutação» entende que a expressão *suis finibus* se refere aos limites da *poesia*, e não aos do *imperio*, por que os poetas romanos são todos posteriores a Cicero, á excepção de Lucano, ao passo que os poetas gregos eram anteriores, e n'essa épocha lidos de todos. Demais, o Sr. S. Luiz entende que d'aquella e outras passagens de Cicero se collige quão pouco estimada era a lingua latina dos proprios romanos no tempo do illustre orador; e o author da «Refutação» traduziu a passagem inteira, e segundo ella viu que Cicero disse, como argumento em favor do poeta grego Archía, «que se alguem pensa que da poesia «grega resulta menos gloria que da latina, grosseiramente se en«gana, porque o grego se lê em toda a parte, o latim em seus «estreitos limites.» É claro pois que não estava em desestimação a lingua latina, porque, se assim fosse, não impugnaria Cicero a preferencia dada á poesia latina sobre a grega, no sentido

de recommendar o seu cliente. Por conseguinte, nem a allusão de Cicero prova que a lingua latina não era estimada no seu tempo, nem parece referir-se á estreiteza dos limites do imperio romano, que n'esse tempo erão a Hespanha e o Euphrates, mas sim aos da poesia romana dessa epocha, antes da qual só Lucano havia já escripto o seu poema de Pharsalia (e note-se que Lucano era hespanhol, e nascêra em Cordova).

Concedendo, porém, que a expressão *suis finibus* se refere aos limites do imperio, como quer Aldrete, dizendo: «Suis finibus imperii nimirum Romam, exiguis tunc nondum pacatis provinciis,» ainda assim não prova de modo algum o que se pretendeu inculcar.

Transcrevâmos toda a passagem completa, e depois d'ella as observações que o erudito Aldrete apresenta:

«Nam siquis minorem gloriæ fructum putat ex græcis ver-«sibus percipi, quam ex Latinis, vehementer errat, propterea «quod Græca leguntur in omnibus fere gentibus, Latina suis fi-«nibus exiguis sanè continentur. Quare, si res eæ quas gessi-«mus orbis terræ regionibus diffiniuntur, cupere debemus quo «minus manuum nostrarum tela pervenerint, eodem gloriam, «famamque penetrare.»

«Grandes humos de vanagloria, que llegan a punto, que se procure, que las hazañas hechas por los romanos, por que su fama no se encerrasse en los limites de las provincias, que ellos iban conquistando, *que le parecian a Ciceron pequenos, y estrechos*, devian los romanos dessear, que mediante la lengua griega, que corria mas entonces por el mundo, la gloria, y fama de sus proezas llegassen donde no avian alcançado las armas de sus manos. Pero de manera se aventajaron ellas, que en ciento y cincuenta años despuès, que huvo hasta tiempo de Plutarco, y de Quintiliano, hizieron en el mundo tal mudança, que se estendió mas la lengua latina, que lo avia estado la griega, y llegó a lo que aquella no pudo arrivar, que todos los hombres la hablavan, como dize Plutarco, y Quintiliano añade, que se usaba mas que la griega, y como natural no era menester aprenderla, porque sin enseñarla, ella misma se dava y nacia: *A sermone Græco puerum incipere malo, quia Latinus, qui pluribus in usu est, vel nobis nolentibus se perhibet.* (*Qui pluribus, quam Græcus in usu est.*) Entre las dos haze la comparacion, y mas usado era ya el latin, que non el griego, y este era menester aprenderlo, y aquel no, el uno como peregrino costava trabajo el saberlo, el

otro como de casa de propria cosecha, aun sin querer se aprendia. Quien esto tuviere por difficultoso, considere lo que en poco mas de cien años ha crecido la lengua castellana, despuès que Granada se ganò.»

Outras allusões se citão, taes como as seguintes:

«Tanquam si Pæni aut Hispani, in Senatu nostro sine in-«terprete loquerentur.» (Cic. de Divin. L. 2, cap. 24.)

«Quot hominum linguæ tot nomina Deorum: non enim, ut «tu Velleius, quocunque veneris, sic idem in Italia Vulcanus, «idem in Africa, idem in Hispania.» (Cic. De nat. Deor. L. 1, «cap. 30.)

Mas estas allusões, além de serem de uma epocha, diz o Sr. A. Herculano, em que nada se oppõe a que ainda existisse em algumas povoações a linguagem celtica, phenicia, grega, punica, ou outra composta de todas ellas, essas passagens podem referir-se á lingua hespanhola das montanhas septentrionaes, onde o euskara ou vasconço resistia ao predominio do latim, como até hoje tem resistido ás linguas derivadas deste.

Uma passagem de Tacito, Annal. lib. 4, relativa ao hespanhol Termestino, que assassinára o pretor Lucio Pisão, he tambem adduzida pelos defensores da origem celtica, como testemunho de que ainda no reinado de Tiberio persistia o uso da lingua nacional dos hespanhoes. Eis o que diz Tacito: «Cum tormentis edere conscios adigeretur, voce magna, *sermone patrio,* frustra se interrogari clamitavit.»

¿Mas, quem asseverou que no reinado de Tiberio se tivesse generalisado já o idioma dos romanos na Hespanha, a tal ponto que muitas povoações, e por força de maior rasão os montanhezes e innumeros individuos não fallassem ainda a lingua celtica, ou outra qualquer mesclada de tantas, que por ventura tiverão voga na peninsula iberica? Fazem-se por ventura repentinamente as transformações da linguagem dos povos?—Ouçâmos o sabio Klaproth: «Il y a sans doute des idiomes qu'on ne parle plus, et d'autres qu'on parle encore; mais les uns n'ont pas cessé au moment où les autres ont commencé: au contraire, ceux-ci ne sont que des modifications ou phases de ceux-là. *Il n'y a point de limite fixe où l'on puisse dire qu'une langue finit et que l'autre commence:* c'est une dégradation journalière, dont les nuances imperceptibles et successives ne deviennent sensibles que par des comparaisons faites à de grands intervalles.» E assim he; a transformação da linguagem vae operando-se pouco e pouco, len-

tamente, atravez da successão dos tempos, atravez das successivas phases da vida dos povos. D'est'arte se explica o famoso dito de Plutarcho: Quod mihi in mentem venit de Sermone Romano dicere, quo sanè hoc tempore omnes fere mortales utuntur. (Lib. de Quæstion. Plato. circa finem). Plutarcho escrevia no tempo de Trajano, isto he, mais de cem annos depois do nascimento de Christo, e por esse tempo já as provincias gosavão de paz, já se havia estabelecido o trato, a amizade, e até o parentesco por meio de casamentos entre os romanos e os moradores das provincias; já estes erão admittidos ás honras, aos cargos, aos privilegios de cidadãos, de sorte que já se achavão todos confundidos, e no uso commum da lingua latina.

Não nos contentemos, porém, ainda com estas ponderações; entremos mais no àmago do assumpto, até encontrarmos uma explicação, que não só torne sustentavel a opinião da origem latina em presença do que Tacito diz do Termestino, mas em presença de todas as passagens que citão os defensores da origem celtica.

¿Em todas as provincias do imperio romano se introduziu ao mesmo tempo a lingua latina? Em todas se operou a transformação do mesmo modo, nas mesmas epochas, com as mesmas circumstancias, com a mesma força, com os mesmos resultados? Poderá acaso admittir-se que uma tal mudança se operasse simultaneamente, e de um modo uniforme em todas ellas?

A rasão responde negativamente, ao considerar-se que a respeito de umas se davão maiores impedimentos do que a respeito de outras. Estas forão conquistadas mais cedo, e os povos se prestárão mais facilmente á sujeição romana; aquellas só tarde, e depois de duras e prolongadas guerras, dobrárão o collo á conquista. Aqui os povos erão mais brandos, talvez mais dispostos a acolher a civilisação; além menos doceis, mais presados da sua liberdade, por ventura mais ferozes, ou mais apaixonados pela sua independencia. Até o orgulho de fallar uma lingua, que presumião preferivel á dos conquistadores, impedia alguns de acceitar o idioma dos romanos, como succedeu aos gregos!

¿Estará por ventura a historia de accordo com estas inducções naturaes? Sim. Segundo o testemunho de Strabão, já citado, forão os turdetanos os primeiros que na Peninsula Iberica recebêrão a lingua e a civilisação romana; seguirão-se os celticos, os turdulos, e os celtiberos, ficando em ultimo logar os po-

vos da parte septentrional até ás montanhas, onde, por bom signal, entretinhão os romanos, nos primeiros tempos do imperio, dous terços da guarnição de toda a Peninsula.

Strabão assistiu á divisão, que, no tempo de Augusto, pouco mais ou menos 25 annos antes do nascimento de Christo, se fez das provincias romanas, e assim a descreve: «Nostra quidem tempestate provintiis aliis, S. P. Z. Romana adsignatis, aliis Principi, *Bætica populo attributa est,* mittitur que in eam Prœtor cum quœstore, et legato. Finis ei versus orientem constitutus est proxime Castaonem, reliqua est Cæsaris, et in eum mittuntur duo legati prœtorius et consularis. Quorum ille jusdicit Lusitaniæ, quæ attingit Bæticam, et porrigitur usque ad Durium omnem, et ejus hostia, sic enim proprie illam regionem nominant, ibi que est Augusta Emerita. *Reliqua et quidem maior pars Hispaniæ subest consulari legato, qui exercitum habet non contemnendum trium circiter cohortium, ac tres legatos.* Horum prior cum duabus cohortibus custodit totum trans Durium versus setemptrionem tractum qui olim Lusitania, nunc Callaica dicitur. Hunc attingunt setemptrionales montes cum Asturibus et Cantabris. Tertius mediterranea regit, atque continet, *pacatos jam populos et mansuetis jam moribus, et cum Toga formam indutos Italicum, ii sunt celtiberi,* et qui in propinquo utrinque ad Iberum accolunt usque ad maritima. Ipse prœfectus in maritimis hiemare solet jus dicendo maxime Carthagine, aut Tarracone.» —Fica, pois, bem claro esse processo de transformação; aqui já facil, já quasi completo nos povos pacificos e de brandos costumes; além demorado, difficultoso, e, por ventura, renitente nos povos do norte e nas montanhas.

¿Que admira, pois, que ainda no reinado de Tiberio apparecesse o rustico Termestino, de que falla Tacito, exprimindo-se ainda na linguagem antiga celtica, sendo habitante da parte septentrional da Hespanha, onde ainda a civilisação de Roma não tinha podido calar? Antes este facto póde provar o contrario do que pretendem os defensores da origem celtica, pois que, servindo-me das expressões de Aldrete: «Si en toda la provincia no se hablara sino la lengua antigua natural, escusado fuera que Cornelio Tacito hiziera mencion de ello, pero hizola por cosa notable, assi en el hecho, y exagerarlo, como tambien por la respuesta, y assi se escrivió à Roma, y él la escrivió en sus Annales, pués en ellos se notó, el aver usado la lengua de la tierra.»

Se a estas ponderações accrescentarmos a observação feita pelo Sr. Herculano, de que a palavra *lingua* não tinha, para os authores antigos, a significação mais precisa, que hoje lhe damos, nem importava necessariamente uma distincção profunda de indole e vocabulos entre ellas, podendo por isso equivaler muitas vezes a *dialecto*, deveremos concluir que as passagens de Strabão, Cicero, Plinio, e Tacito, citadas na «Memoria» do Sr. S. Luiz e no «Opusculo»—só poderão provar a existencia de variedades de pronuncia, e ainda de expressões locaes, sem que d'ahi se haja de concluir, que o latim não era a base da lingua.

§ 5.º

THEORIA GERAL DA FILIAÇÃO DAS LINGUAS, E SUA APPLICAÇÃO Á LINGUA PORTUGUEZA.

He meu intento reunir neste § os argumentos, com que póde demonstrar-se: 1.º—que a filiação das linguas deve antes ser deduzida da comparação dos vocabularios, do que da conformidade, ou differença das formulas grammaticaes e da syntaxe; 2.º—que este principio, applicado á lingua portugueza, dá em resultado a origem latina; 3.º—que quando neste sentido se falla da lingua latina, devemos entender a lingua popular, e não o latim litterario, ou oratorio de Virgilio ou de Cicero.

1.ª Parte.—Os defensores da origem celtica da nossa lingua, depois de apresentarem o argumento da quasi impossibilidade da transformação da linguagem,—argumento que examinámos no § antecedente,—recorrem a outro principio, qual he o de que a filiação e parentesco das linguas não se devem procurar nos particulares vocabulos de cada uma, considerados separadamente, e sem a fórma, ordem, ligação, e emprego, que os faz servir á pintura e expressão do pensamento; ou por outras palavras, que não são os vocabulos que as linguas tomão umas das outras, nem as etymologias, que nos hão de dar a conhecer a origem e o parentesco dos idiomas; mas sim o genio e caracter de cada um.

Examinaremos este principio, apresentando as observações que encontrâmos em bons authores.

Existe entre todas as linguas um certo parentesco, que se revela tanto nas palavras, como nas raizes. As raizes são os germens das palavras; são monosylabicas, compõem-se ordinaria-

e que a grammatica, dando-lhes uma fórma, coordenando-os no discurso oral ou escripto, nada mais he do que um accidente, variavel segundo o maior ou menor adiantamento dos povos, segundo o maior ou menor desenvolvimento da sua intellectualidade. «Les racines et les mots, diz Klaproth, sont l'étoffe des «langues: la grammaire donne une forme à cette étoffe; les lan«gues ne changent pas essentiellement, de même que le diamant «reste toujours diamant, de quelque manière qu'il soit taillé.»

He neste sentido, que o sabio Humboldt disse: «As noções «grammaticaes residem muito mais no espirito dos que fallão, «do que na parte das linguas que póde chamar-se material.» E com effeito; o estudo das fórmas grammaticaes, das variações da syntaxe, e da indole das linguas, he interessantissimo para avaliar e conhecer os progressos e aperfeiçoamento do espirito humano, mas de bem pouco ou nada servirá para determinar a derivação ou filiação das linguas, porque a grammatica he um *elemento* variavel, accidental, transitorio, em quanto que as raizes, e os vocabulos que dellas se formão, são estaveis, conformes, e identicos, ou pelo menos sempre susceptiveis de serem reconhecidos.

Parece pois destituida de todo o fundamento a seguinte opinião de João Pedro Ribeiro (opinião que, como vimos, adoptou tambem o Sr. P. S. Luiz, e antes delle Girard e Beauzée): «A «affinidade e filiação dos idiomas não se deduzem da similhança «dos vocabulos, mas da sua syntaxe, e mechanismo, em que as «linguas da Hespanha se distinguem evidentemente da Latina, «e dos outros povos, que nella entraram.»

E pelo contrario parece muito plausivel a seguinte doutrina do Sr. A. Herculano: «O pensamento de Girard e Beauzée e dos que o imitaram e traduziram é paradoxal e falso, assim no concreto da questão especial que nos occupa, como no absoluto da theoria que estabelecem de rejeitar as similhanças dos vocabulos para deduzir as origens exclusivamente das formulas grammaticaes ou indole da lingua. Os serviços que a Ethnographia tem feito nestes ultimos tempos á historia seriam em boa parte annulados se tal doutrina se houvesse de admittir. É empregando os dois meios, o da grammatica e o das palavras, que se tem podido chegar a estabelecer as grandes familias das linguas, e a respeito daquellas a que por imperfeitamente conhecidas não é ainda possivel applicar o primeiro, os maiores ethnographos não tem duvidado em classifical-as usando só do segundo, quando é evidente a analogia radical de duas linguas nas palavras que re-

presentam as idéas mais simples e necessarias a qualquer povo, embora selvagem, ou apenas entrado na infancia da civilisação.» (*Panorama* 14 de Dezembro de 1844).

Na Carta de Malte-Brun a Balbi, inserta na Introducção ao *Atlas Ethnographique du Globe*, lê-se o seguinte pensamento: « Outre les résultats que produit le mélange pur et simple des « idiomes, considérés comme des ensembles de racines, *il faut « encore reconnaître la libre action de l'intelligence humaine, « qui en modifie à son gré les formes grammaticales, et qui peut « même assujétir des idiomes entièrement divers à une législa- « tion commune.* »

Se por este ponderoso motivo não podem as formulas grammaticaes fornecer um principio geral e absoluto de classificação, muito menos podem regular o exame da filiação de determinadas linguas, por isso que póde succeder que dois idiomas se assemelhem nas formulas grammaticaes, e com tudo pertenção a diversa familia, e vice-versa, que entre elles haja antinomía de indole, e comtudo pertenção á mesma familia. « Lorsque deux « langues, diz M. Klaproth, ont perdu cet air de famille qui les « fait reconnaître, du moins cette incertitude ne nuit pas aux « conséquences qu'on peut tirer de la ressemblance de leurs « mots. Par exemple, on ne doute plus aujourd'hui que le per- « san et l'allemand n'appartiennent à la même famille; mais si « l'on n'avait comparé que les grammaires de ces deux langues, « on aurait difficillement obtenu ce résultat; de même qu'on ne « trouverait qu'avec peine des ressemblances entre l'anglais et « l'allemand, à ne considérer que la grammaire de ces deux idio- « mes, et sans s'attacher à l'examen des mots. »

O methodo comparativo applicado á grammatica he incontestavelmente muito apreciavel; mas parece mais proprio, como já indicámos, para nos guiar no estudo dos progressos do espirito humano. E tanto he isto assim, que esse methodo applicado a differentes periodos de um dado povo póde dar em resultado certas modificações grammaticaes de grave ponderação, apresentando diversas phases de indole na mesma lingua. E porquê? « Por isso, que as linguas, como admiravelmente diz o Sr. Her- « culano, seguem sempre, especialmente na syntaxe, o desenvol- « vimento ideologico dos povos que as fallam. Á proporção, que « as idéas se multiplicam e novas relações se vão encontrando « entre ellas—que estas se tornam complexas por um lado, e « por outro se vão subdividindo—que emfim os elementos do

« cogitar humano, se coordenam, é caso impossivel imaginar, « que a fórma objectiva não se altere e não siga as alterações « do verbo interior..... Leamos uma pagina do Nobiliario at- « tribuido ao Conde D. Pedro, uma cantiga do cancioneiro an- « tigo, um capitulo de Fernão Lopes, ou da Traducção da His- « toria Biblica: imaginemos, como exprimiriamos o que lemos « na linguagem de hoje commum desaffectada. Que acharemos? « Não será uma palavra, ou outra antiquada, para substituir, « mas a successão dos vocabulos para alterar, proposições para « trocar, syntaxe para regularisar, verbos para reduzir a outras « terminações nos seus tempos e modos. Se desattendessemos o « vocabulario para só acceitar, como prova da filiação as provas « da grammatica, ficariamos ás vezes perplexos sobre se deveria- « mos conceder, que o portuguez de hoje seja o mesmo idioma, « ou antes idiomas, de que usavam os nossos avós nos seculos « 13.°, 14.° e 15.° »

Cremos pois estar demonstrado que, no exame da filiação das linguas devem preferir-se as conclusões, que resultão da comparação dos vocabularios, ás que se poderião tirar de certas affinidades, ou antinomia de indole.

2.ª Parte.—Appliquemos agora este principio á nossa hypothese.

Denina [1] analisa na sua obra o primeiro soneto de Camões, e só encontra uma palavra, que julga não derivada do latim.— O soneto he o seguinte:

Em quanto quiz fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Elle fez que seus effeitos escrevesse:

Porém temendo amor que avizo desse
Minha escriptura a algum juizo isento,
Escureceu-me o engenho c'o tormento,
Para que seus enganos não dissesse:

Oh vós, qu'amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades, quando lerdes
N'um breve livro casos tão diversos,

[1] LaClef des Langues. Tom. 2. Part. 4, Sect. 2., Art. 24.

Verdades puras são, e não defeitos;
E sabei, que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

E a palavra *enganos* he a unica, que elle julga não derivada do latim; se bem que haja quem a derive do latino *ingenium*, embora outros authores a tenhão por celtica.

Toma depois seis estancias do canto 9.° dos «Lusiadas», e procedendo á mesma analyse, obtem o mesmo resultado, com referencia á lingua latina, chegando a traduzir litteralmente duas passagens do nosso poeta em latim, para melhor fazer notar a conformidade das duas linguas.

O poeta disse:

Mas firme a fez, e immovel, como vio,
Que era dos nautas vista e demandada.

E Denina traduziu assim para o latim: «*magis firmam illam fe-*
«*cit, et immobilem, cum vidit quod erat de* (*ab*) *nautis visa, et*
«*demandata.* (Ce dernier mot «demandata» est latin barbare
«dans le sens qu'il a ici, et généralement dans toutes les lan-
«gues sorties de la latine.)

O poeta disse:

..... se adornavão
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manavão
Do cume, que a verdura tem viçosa: etc.

O Denina traduz: «*Se adornabant in illa formosa insula, et*
«*alacri, et delectosa, claræ fontes, et liquidæ manabant.*» [1]

Continuando esta comparação dos vocabularios latino e portuguez, se tanto fosse necessario, chegariamos á conclusão de que apenas uma mui limitada parte da lingua portugueza he estranha á latina.

[1] Só em uma palavra destas estancias me parece ter-se enganado Denina, e he a palavra «viçosa» que elle deriva de outra que em italiano tem a significação de bella, quando aliás vem do verbo latino *vigeo*.

Denina leu *liquidas* em vez de *limpidas;* mas a sua observação tem igual fundamento, por isso que a palavra portugueza *limpidas* he a latina *limpidus. a. um.*

E não se pense que sómente obteriamos este resultado nas obras de Camões; todos os nossos classicos, todos os nossos livros, toda a nossa linguagem do uso vulgar nos offereceriâo os mesmos argumentos. Com razão, pois, diz o erudito author anonymo da Refutação: « Com effeito, eu convido o sabio author da « memoria a abrir o primeiro classico que lhe cahir debaixo da « mão, e a lêr uma longa pagina, e que diga depois se a im- « mensa maioria das palavras não são latinas, ou derivadas ou « compostas de raizes latinas. »

Com a mesma razão exprime o citado Denina a seguinte opinião: « Le fond de la *langue portugaise* est autant ou *plus* « *latin* encore, que celui des autres langues méridionales, *et mé-* « *me de l'italienne*..... On pourrait donner une longue liste « de noms, de verbes, d'adverbes que le Portugais a retenus du « latin, et qui ne sont restés ni à l'italien, ni au Français, ni à « l'Espagnol. »

¿Qual he a opinião mais geralmente estabelecida a respeito das quatro linguas do meio dia da Europa, Franceza, Italiana, Castelhana e Portugueza? Respondamos pelas proprias palavras de Denina: *Toutes ces langues au reste sont de leur fond tellement formées de la latine, qu'on pourrait composer non seulement de petits discours, mais des ouvrages volumineux, sans employer un seul mot qui n'eût pas sa racine dans le latin.* Pois bem; a opinião mais geral he a da filiação latina a respeito de todas as quatro linguas, e de todas ellas he a portugueza a que conservou maior numero de palavras daquella origem, a que menos as desfigurou, e a que quasi na totalidade as conservou do mesmo modo que as recebêra da originaria fonte. ¿E poderemos acaso hesitar ainda sobre a filiação latina da nossa lingua?

Mas as fórmas grammaticaes, e a syntaxe das linguas latina e portugueza diversificão entre si.

A este reparo responde o erudito author anonymo da « Refutação: »

« Se não existisse differença nenhuma entre as duas linguas, « então o portuguez não seria filho do latim, seria o mesmo la- « tim, pois que essas differenças é que fazem que ellas sejam « duas linguas distinctas; e os pontos de similhança, que uma « seja procedente da outra. Ora estes pontos não se limitam só « ás palavras communs aos dois idiomas; estendem-se ás con- « strucções, á syntaxe, e a tudo que não depende dos casos. ¿Quan- « do se diz: *Mundus a Domino constitutus est, in principio crea-*

« *vit Deus cœlum et terram, templum de marmore ponam, pastor* « *ab Amphryso,* não se diz assim mesmo em portuguez? a cons- « trucção é por ventura differente? A transposição em que tam- « bem se faz grande reparo, aonde está ella nas obras de Santo « Agostinho, Eutropio, Sulpicio Severo, e muitos outros que é « inutil referir, e sobre tudo como se prova que ella tivesse lo- « gar na *lingua popular,* tanto em Roma como nas provincias?»

3.ª Parte.—Falla-se em *lingua popular,* e he esta a occasião opportuna de averiguar, se quando se diz que o portuguez provém do latim, se entende o latim sabio de Cicero e de Cesar, ou antes o *popular* ou *rustico,* tal qual era fallado pelo povo de Roma e das Provincias.

Hallam na sua Historia da Europa na idade media, fallando da lingua latina, diz que ella nunca foi lingua vulgar na Grã-Bretanha, a despeito da opinião de *Gibbon,* o qual cita a authoridade de Tacito (Vida de Cn. Agric.) para demonstrar que a lingua de Virgilio e Cicero, ainda que com uma certa corrupção, se generalisou de tal modo na Grã-Bretanha, que apenas os rusticos e os montanhezes conservavão alguns vestigios dos idiomas punicos ou celticos; mas apenas uma passagem de Tacito poderia até certo ponto justificar *Gibbon,* e he aquella em que se diz que Agricola procurou inspirar aos filhos dos chefes bretões o gosto dos estudos liberaes, e que tão feliz fôra neste empenho, incitando-os com elogios dados a proposito, *ut qui modo linguam romanam abnuebant, eloquentiam concupiscerent*: daqui, porém, á adopção do latim como lingua nacional vae uma distancia infinita.

Se, porém, no conceito de Hallam, os romanos não estabelecêrão a sua lingua na Inglaterra, confessa todavia que conseguírão isso cabalmente nas Gallias e nas Hespanhas, por meio de uma *mudança gradual,* e não por uma *innovação repentina e arbitraria;* e depois accrescenta estas mui significativas palavras: «Mais, de ce que les habitants de ces provinces finirent « par adopter si bien ce latin pour leur langue naturelle, qu'on « ne pouvait peut-être découvrir dans leur dialecte usuel que « quelques légères traces de leur ancien idiome celtique, *il ne* « *s'ensuit pas qu'ils parlassent cette nouvelle langue aussi pure-* « *ment que les Italiens, et bien moins encore que leur prononcia-* « *tion correspondît aux sons écrits avec cette précision que nous* « *considérons comme essentielle à l'expression du latin.*»

Crê-se, e he facil demonstrar, que ainda nos seculos da mais

pura latinidade, existia alguma differença entre a lingua escripta e a lingua fallada, nem outra coisa podia succeder, visto como a severidade das regras da pronunciação necessariamente havia de ser modificada pela rapidez do discurso, maiormente na conversação, embora não o fosse nos discursos publicos, em que se empregavão escrupulosamente os preceitos dos rhetoricos. Ora, se o rigor das regras grammaticaes se afrouxava na conversação de pessoas polidas, por força de maior razão se daria esta circumstancia na linguagem do povo de Roma e de Italia, e ainda muito mais na do povo das provincias afastadas.

Ainda isto não he tudo. Nos proprios tempos da mais pura latinidade, diz Hallam, servião-se os habitantes de Roma de um grande numero de termos, que hoje consideramos como barbaros, e de um grande numero de locuções que hoje rejeitariamos como modernas. Nem se póde conceber que fosse do uso geral essa syntaxe extremamente complicada, elliptica, obscura, e avara das partes destinadas a ligar o discurso,—syntaxe a que apenas se conformavão os mais apurados escriptores. Seria difficil particularisar hoje com individuação as differenças existentes entre o latim do povo e a linguagem polida, castigada e sabia de Cicero e Seneca; mas póde affirmar-se affoitamente que muitas palavras dos idiomas latinos modernos, que nos parecem estranhas á etymologia latina, se derivão de expressões que estavão em uso no seculo de Augusto, bem como, que certas locuções repugnantes á delicadeza dos entendidos, andavão no uso da lingua vulgar, e de lá passárão para o francez, italiano, etc. taes como certas proposições para indicar a relação entre duas partes da phrase, relação que um classico exprimiria por meio de inflexões.

Além do exemplo das proposições, apresenta Hallam outros, e nesta parte traduziremos seguidamente o que elle diz, porque a sua doutrina confirma e esclarece alguns pontos que tocámos artigos antecedentes.

«A difficuldade de marcar bem a distincção dos tempos pa-
«rece ter dado origem ao verbo auxiliar activo, sendo possivel
«que o fossem buscar ás linguas teutonicas dos barbaros, e que
«estes e os nacionaes o adaptassem a palavras de origem latina.
«A decomposição facil de todas as especies de tempo da voz pas-
«siva produziu o auxiliar passivo, que os gregos por vezes em-
«pregavão, e de que os latinos usárão mais frequentemente.—
«Não se descobre tão facilmente a justeza da applicação dos ac-

«tivos *habeo* e *teneo*, um ou outro dos quaes, e até ambos jun-
«tamente, forão adoptados nas linguas modernas como auxilia-
«res do verbo. Ha todavia casos em que esta decomposição se
«explica muito bem, e póde suppôr-se que povos, pouco atten-
«tos á etymologia ou á correcção da linguagem, applicárão, por
«uma grosseira analogia, o mesmo verbo em casos, em que ri-
«gorosamente não devia ser empregado.»

«Depois das mudanças relativas á pronunciação, e á sub-
«stituição dos auxiliares ás inflexões do verbo, o emprego dos
«artigos definido e indefinidos antes dos nomes parece ter sido
«o passo mais agigantado da transição do latim para as linguas
«derivadas. O latim he, creio eu, a unica lingua que não teve
«artigos, e esta falta a que os romanos estavão habituados, ha-
«via de ser um obstaculo insuperavel a povos que tinhão neces-
«sidade de traduzir o seu idioma nacional em latim. He de crer
«que os habitantes das provincias romanas empregassem os ter-
«mos *unus*, *ipse*, ou *ille* para supprirem o artigo ainda que gros-
«seiramente; e que depois da introducção da grammatica das
«hordas teutonicas, adoptassem uma corrupção que enchia uma
«lacuna real e consideravel.

«..... Antes de haver o latim cessado de ser lingua viva,
«já as leis da quantidade havião sido olvidadas, passando a ser
«substituidas pela pronunciação accentuada... Sirvão de exemplo
«os seguintes versos de Commodianus, author christão, que vi-
«via antes do fim do seculo III, segundo uns, ou no reinado de
«Constantino, segundo outros:

Prœfatio nostra viam erranti demonstrat,
Respectumque bonum, cum venerit sœculi meta,
Œternum fieri, quod discredunt insçia corda.
Ego similiter erravi tempore multo,
Fana prosequendo, parentibus insciis ipsis.
Abstuli me tandem indé, legendo de lege.
Testificor Dominum, doleo, proh! civica turba
Inscia quod perdit, pergens deos quœrere vanos.
Ob ea perdoctus ignaros instruo verum.

«He assás provavel que Commodianus escrevia em Africa,
«provincia onde a pureza do latim estava mais alterada. No fim
«do IV seculo atacou S. Agostinho os Donatistas, seus inimigos
«de antiga data, com as mesmas armas quasi que Commodianus

«tinha empregado contra o paganismo; mas já a esse tempo a «melodia elegante e variada do hexametro estava fóra do alcance «do vulgo, e por isso adoptou outra rima:

Abundantia peccatorum solet fratres conturbare;
Propter hoc Dominus noster voluit nos prœmonere,
Comparans regnum cœlorum reticulo misso in mare,
Congreganti multos pisces, omnes genus hinc et inde,
Quos cùm traxissent ad littus, tunc cœperunt separare,
Bonos in vasa miserunt, reliquos malos in mare.

«A rapsodia que deixamos estampada no final do trecho an«tecedente, parece ser muito inferior ao talento de S. Agostinho, «mas em todo o caso não é muito posterior ao seu tempo.»

Vamos confirmar esta doutrina com algumas citações do eloquente M. Villemain.

«Constatons d'abord un premier fait, c'est que la langue «latine était par sa nature, par ses formes savantes et comple«xes, promptement exposée à subir de graves altérations. Une «langue synthétique, comme l'appelle M. Schlegel, une langue «qui ne procède point par des moyens simples, analogues aux «besoins rigoureux des idées, mais qui, dans sa construction «habilement systématique, offre des cas nombreux, des désinen«ces variées, des verbes multiples dans leurs temps et dans leurs «modes, des inversions prolongées, une syntaxe artistiquement «combinée, une langue ainsi faite, à son plus beau période, est «susceptible d'une grande perfection oratoire et poétique. Mais «sitôt que la barbarie et l'ignorance viennent la heurter, ce ma«gnifique édifice doit rapidement se dégrader et se détruire. «Pour changer ma comparaison, c'est un instrument musical, «délicat, compliqué, qui ne pouvait être touché que par un ar«tiste, et qui se dérange ou se brise sous des mains grossières «et maladroites.»

«Que la langue latine, comme la langue grecque, ait été «difficile pour ceux même qui la parlaient de naissance; nul «doute à cet égard.» — E aqui adduz M. Villemain, como prova, o grande numero de tractados que havia sobre as declinações dos nomes e conjugações dos verbos, alguns sobre a analogia das palavras, sobre as locuções duvidosas — o longo e escrupuloso estudo que se consagrava á grammatica — diversidade de opiniões sobre a orthographia, e conclue: — «Ainsi, la langue

«latine était, en quelque sorte, de son vivant, exposée à mille al-«térations, qui tenaient à la perfection même de sa contexture «primitive.»

Mas, nas linguas ha uma certa tendencia progressiva para a clareza, para a ordem e para o methodo, a que Schlegel chama o caracter *analytico*, em contraposição ao *synthetico*, isto he, ás fórmas sabias da grammatica. Ora, no meio mesmo da sabia perfeição da lingua synthetica dos latinos, começárão já a apparecer umas certas disposições para dar á linguagem maior precisão, maior clareza. «Je vais en donner une preuve,—continúa «M. Villemain,—assez curieuse, empruntée de Suétone. Il s'agit «toujours d'Auguste, dont vous voyez que nous faisons aujourd'hui «un maître de langue. Voici ce que rapport Suétone de sa manière d'écrire:

«*Præcipuam curam duxit, sensum animi quàm apertissime exprimere: quod quò facilius efficeret, aut nec ubi lectorem vel auditorem obturbaret ac moraretur, neque præpositione verbis addere, neque conjunctiones sæpius iterare dubitavit, quæ detractæ afferunt aliquid obscuritatis, et si gratiam augent.*»

Ora se na lingua oratoria dos latinos se reconheceu uma certa obscuridade, e se entendeu ser necessario afastar essa elegancia habitual das fórmas grammaticaes, e chegar pouco a pouco á precisão e clareza das construcções modernas; por força de maior razão devia ser a linguagem vulgar menos correcta, menos elliptica, menos complicada do que a lingua sabia, e até do que a fallada entre as pessoas polidas da cidade de Roma, devendo, porém, notar-se que essas variações populares não formavão uma lingua separada, completa, estranha.

Como se estendeu, porém, tanto a lingua latina, como se fez a sua *emancipação européa?* «Ce fait sort de toutes parts. La «politique du sénat et de l'empire, qui respectait la religion des «peuples, voulait cependant les assimiler aux romains par la «langue et les mœurs.»—¿Todas as classes dos vencidos aprendião do mesmo modo o latim, ou haveria differença no modo por que o povo abraçava o idioma dos conquistadores?—«Je «crois... que toute la classe noble, parmi les peuples vaincus, «apprit correctement la langue latine, et oublia presque la sienne. «Le grand nombre d'écrivains nés en Espagne et en Gaule, pen-«dant les 2.ᵉ, 3.ᵉ, 4.ᵉ et 5.ᵉ siècles, en sont un preuve. Mais vous

«concevez *qu'il n'en était pas de même du peuple. Il apprenait «le latin, comme il pouvait;* il était bien obligé de la savoir, «puisque les ordres du maître étaient toujours promulgués dans «cette langue. Cependant, *il gardait quelque souvenir de la «sienne; ou, quand il parlait la langue latine, il l'altérait à sa «manière.*» — Cita depois uma prova desta alteração, deduzida de um conto de Apuleio. Um soldado romano encontra um quinteiro, que conduzia um burro sem carga, e lhe pergunta: *Quorsùm ducis vacuum aselum?* O quinteiro não intende; o soldado, irando-se, pergunta de outro modo: *Ubi ducis asinum illum?* E então he entendido. No primeiro caso o legionario fallou segundo as regras grammaticaes, e não foi comprehendido; no segundo commetteu um sollecismo, empregando *ubi* que denota logar sem movimento, em logar de *quò* que indica logar com movimento, e já o entendêrão. Faz isto vêr que essas distincções de significação, e outras subtilezas de grammatica excedião a capacidade dos vencidos, que aliás carecião de uma linguagem breve, clara e simples. Vê-se pois que a lingua se simplicava para ser aprendida, quepara se simplificar, se corrompia, e que por esta decadencia progressiva hia tendendo para a fórma das linguas modernas.

Se a conquista, se a politica dos romanos, tinhão sido parte para que se generalisasse a lingua latina, he todavia certo que outro mais poderoso elemento concorreu para este resultado, ao mesmo tempo que para a alterar e corromper. Qual elemento foi esse? Ouçâmos M. Villemain: «Une autre puissance que la «conquête militaire vint aider à la prodigieuse extension de la «langue latine, et concourut à la modifier; car ces deux choses «marchèrent ensemble. Plus le latin se répandit, plus il s'altéra. «L'influence dont je parle, ce fut celle de la prédication et les «liturgies chrétiennes. Jamais les délégués et les instrumen s «de la puissance romaine n'avaient pu être aussi nombreux, «aussi actifs, que l'étaient ces apôtres de croyance et ces maî«tres de conscience, jetés par la foi nouvelle sur tous les points «du monde. Les édits d'un préteur, les harangues d'un général, «tout cela n'était rien en comparaison de cet apostolat perpé«tuel et multiple. Ainsi, avec le christianisme, la langue latine, «qui, dans l'Occident, était seule la langue des prédicateurs, «dut rapidement s'affermir et s'étendre, devenir plus familière «aux peuples dejà soumis, et pénétrer chez ceux mêmes qui ne «l'étaient pas. Faudra-t-il rappeler que, dans l'ardeur de leur

«foi, ces prédicateurs devaient peu s'inquiéter de l'exactitude «grammaticale.»

Terminaremos citando uma opinião de muito peso, qual he a do profundo filologo *Bonamy* (Mém. de Littérat. tirées des Registres de l'Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres, tomo XXIV, pag. 594 e seg.)

«Mais il ne faut pas croire que le commun du peuple, et «ceux qui n'avaient pas étudié la langue latine, la parlassent pu«rement, il n'était pas possible que les gaulois n'y eussent mêlé «quantité de mots de leur ancienne langue, et qu'ils n'eussent «altéré le génie de la romaine, telle que nous la voyons dans «les auteurs de la bonne latinité, en négligeant les régles de la «grammaire pour ce qui est du régime des verbes et des pré«positions, et la manière de décliner les noms et de conjuguer «des verbs, enfin, en ajoutant aux mots, ou en retranchant des «syllabes.»

Apresenta Bonamy uma idéa que muito aclára esta doutrina. He obvio que a introducção da imprensa concorreu poderosamente para a fixação da pureza das linguas modernas, por isso que a leitura de discursos escriptos, favorecida pela prodigiosa propagação da imprensa, acostumou os povos á uniformidade da linguagem, á correcção grammatical, e á elegancia da phrase. A lingua latina partia, pela maior parte, de Roma para as provincias por meio da communicação oral, e muito se enganaria quem avaliasse os seus progressos pelo que succede hoje em cada uma das nações cultas da Europa, nas quaes, além da communicação oral, está estabelecida a corrente electrica da imprensa periodica, e andão nas mãos de todos um sem numero de livros, onde se aprende a lingua uniformemente, e sem o perigo das alterações, que tão frequentes são quando só se falla.

He neste sentido que Bonamy diz: «Le peuple des provinces «romaines n'avait pas ce secours, et si la langue latine s'étoit «polie, ce n'étoit que pour les habitans de Rome, ou pour ceux «qui l'avoient étudiée. Le vieux langage étoit resté dans les pro«vinces, qui ne connoissoient pas cette urbanité qu'il étoit plus «aisé de sentir que de définir.... C'est du langage vulgaire des «provinces, (*lingua rustica, vulgaris, militaris, provincialis, «usualis, sermo quotidianus, pedestris, rusticus*) que se sont «formées les langues française, espagnole et italienne, et non «pas du latin que nous lisons dans les ouvrages des bons auteurs. «Ainsi, quiconque voudra chercher l'origine des mots de la lan-

«gue de ces peuples, doit la chercher dans la loi des Douzes «Tables, dans Ennius, dans les anciens comiques, dans Varron, «Végèce, Columelle, et en général dans tous les auteurs qui «n'ayant pas cherché à faire des phrases, n'ont employé que le «style le plu simple, et que les mots qui étoient entendus de «tout le monde.»

Merecem ser lidos sobre este assumpto, e particularmente sobre o modo por que se operou a transformação do latim nas linguas meridionaes modernas, a «Mémoire sur l'introduction de la langue latine dans les Gaules, sous la domination des romains»—e «Réflexions sur la langue latine vulgaire»—do citado M. Bonamy, que se encontrão a pag. 582 a 603 do vol. 24 das «Mem. da Academia das Inscripções.»

§ 6.°

FACTOS, PRINCIPIOS E ESCLARECIMENTOS, RELATIVOS Á FILIAÇÃO DAS LINGUAS, QUE NÃO PODÉRÃO TER CABIMENTO NOS PARAGRAPHOS ANTECEDENTES.

E pluribus unum.

Neste § concluiremos o que ha a dizer sobre a filiação da nossa lingua, apresentando destacadamente differentes factos, principios e esclarecimentos, que encontramos nas obras que temos citado, e que não podérão ter cabimento nos §§ antecedentes.

Duas particularidades notaveis a respeito da lingua portugueza.—1.ª He a mais aproximada do latim do que qualquer outra; 2.ª Formou-se mais cedo do que nenhuma das linguas meridionaes. ¿Como se explica isto? O author da «Refutação» julga plausivel a seguinte rasão apontada por Sismondi: *que provavelmente nas provincias occidentaes ficaram os subditos romanos em maior numero depois da conquista dos barbaros;* porque os barbaros procurárão antes o centro da Hespanha, onde esperavão achar mais riquezas, do que nas costas occidentaes: o que he confirmado por Jornandes (de rebus geticis) quando diz a respeito de Attaulfus: *Per suas opes Barcilonam cum certis fidelibus delectis plebeque imbelli interiores Hispanias introivit.*

Denina apresenta outra explicação: «Le fond de la langue portugaise est autant ou plus latin encore, que celui des autres langues méridionales et même de l'italienne; parce que les peu-

ples du Nord n'ont pas porté dans la Lusitanie autant de leurs mots, qu'ils en ont introduits en France et en Italie, ni les Maures n'y ont pas porté autant de mots arabes, qu'ils en ont laissé en Espagne. Il y reste fort peu de mots de l'ancienne langue, qui devoit être la Celtique ou Celtibérienne. On est étonné de voir la langue vulgaire des romains répandue, établie à une si grande distance, de Rome et du Latium. Il faut supposer que du temps de Viriatus, de Pompée et des premiers empereurs romains, de nombreuses colonies sont allées s'établir dans ce dernier coin de l'Europe, ou que des troupes non moins nombreuses de Lusitains, après avoir été à Rome, ou avoir servi dans les armées romaines, sont retournées dans leur pays, et y ont apporté le langage vulgaire qu'ils y avoient appris.» (La Clef des Langues, part. 4, sect. 1, art. 4.)

Seja, porém, qual fôr a explicação daquellas duas notaveis particularidades, he certo que são geralmente admittidas como um facto incontestavel.

Tem havido quem estabeleça como intermédia entre a lingua latina e a portugueza a romana ou provençal; isto he, que a lingua portugueza não vem directamente da latina, mas sim da provençal, que se formou da latina.

O author da «Refutação» combateu esta opinião triumphantemente, concedendo todavia que o provençal, romance, ou limosino, teve grande influencia na nossa lingua, depois que os Condes de Provença succedêrão no condado da Catalunha, e ultimamente no reino de Aragão.

Vejâmos o que diz o eloquente M. Villemain (Littérat. du moyen âge) relativamente a todas as linguas derivadas do latim, por occasião de impugnar a theoria de M. Raynouard:

«Vous supposez cette universalité primitive de la langue romane, comme intermédiaire entre le latin et les trois ou quatre langues qui se partagent aujourd'hui l'Europe latine. Les monumens contemporains manquent. Que nous reste-t-il pour discuter? Il nous reste l'état actuel de ces langues. Si une de ces langues est encore maintenant plus près de la langue latine que ne l'est cette langue *romane*, j'en conclus qu'elle n'a point passé par elle; car les langues ne remontent pas; quand elles ont commencé à s'altérer, elles continuent. Un exemple suffira... Du mot latin *tenére*, le roman provençal faisait *tenia* à l'imparfait; l'italien dit *teneva*. N'est-il pas vraisemblable que *teneva* est directement venue de *tenebat*, sans travesser *tenia?*»

Na «Refutação» cita-se no mesmo sentido, mas com referencia á lingua portugueza, o exemplo de que *amava* e *arvore* são mais chegados ao latim do que *aimait* e *aubre* do provençal; e de haver este despresado as fórmas sonoras dos termos romanos, fazendo de *aurum, or,*—de *collum, col,*—de *versus, vers,*—de *ferrum, fer* etc.

«Si vous prenez, continúa M. Villemain, beaucoup d'autres mots, vous trouverez que, dans les langues espagnole et italienne, ils n'ont subi qu'un léger changement, *parce detorta,* et se sont conservés plus près du latin que dans la langue *romane;* ce qui prouve qu'elle ne leur a pas servi de communication et de passage.»

E com effeito, fôra impossivel que nessa lida de alteração e corrupção da formosa lingua latina, trabalhassem todos os povos do meio-dia da Europa, segundo um plano uniforme! Que houvesse concordancia no fim a que se propunhão esses operarios de deconstrucção, ninguem o póde negar, porque todos atiravão ao alvo da simplicidade e da clareza; mas, que houvesse uniformidade nos accidentes das multimodas variações das linguagens que cada povo hia adoptando... eis o que parece inverosimil, se não absurdo.

D'outra sorte viria a ser a lingua provençal a lingua commum da Europa—*o que de certo nunca foi,* como o observa o Sr. Garrett na Carta escripta aos dois Socios do Conservatorio, que já citámos: «Ellis, o famoso litterato e collector de romances e balladas inglezas, define a lingua romance ou *roman;*—«todos os dialectos das provincias européas do imperio, cuja base era o latim vulgar, quaesquer que fossem os outros ingredientes que na mesma composição entrassem.» (Leurs, Essay on the origin of the romance lenguage, 1835). Esta he tambem a opinião de Schlegel contraria á de Raynouard que queria fazer o provençal a lingua commum da Europa. O que de certo nunca foi.»

Sobre esta questão especial he mister vêr as seguintes obras:

ÉLÉMENTS DE LA GRAMMAIRE DE LA LANGUE ROMANE, AVANT L'AN 1000, PRÉCÉDÉS DE RECHERCHES SUR L'ORIGINE ET LA FORMATION DE CETTE LANGUE.—Par *M. Raynouard.*—Paris. 1816.

GRAMMAIRE ROMANE, OU GRAMMAIRE DE LA LANGUE DES TROUBADOURS.—Par *M. Raynouard.*—Paris 1816.

Choix des Poésies Originales des Troubadours. (*Pelo mesmo Author.*)

Lexique Roman ou Dictionnaire de la langue des Troubadours, comparée avec les autres langues de l'Europe Latine, précédé de nouvelles recherches historiques et philologiques, d'un résumé de la Grammaire Romane, d'un nouveau choix de poésies originales des Troubadours, et d'extraits de poemes divers.—Par *M. Raynouard.*—Paris 1838.

Cours de Littérature Française.—Littérature du Moyen-age, en France, en Italie, en Espagne, et en Angleterre.—Par *M. Villemain.*—Paris 1830.

Observations sur la Littérature Provençale.—Par *M. A. W. de Schlegel.* (Este erudito escripto vem no interessante livro, que tem por titulo: «Essais Littéraires et Historiques, par *M. A. W. de Schlegel.* Bonn. 1842.»)

Juiso critico sobre a opinião dos que sustentão a origem celtica da nossa lingua. «Admittindo o principio, aliás falso, diz o Sr. A. Herculano (Introd. á Hist. de Port.), de que as filiações das linguagens humanas se devem exclusivamente buscar nas similhanças de syntaxe, e concedido que na realidade se dão grandes differenças de indole entre o portuguez e o latim, a consequencia legitima disso fôra unicamente que deste não proviera aquelle. Para provar, porém, a sua origem celtica, era necessaria mais alguma coisa: devia-se expôr a indole da antiga linguagem dos celtas de Hespanha, e achar as analogias intimas entre essa linguagem e a nossa, e o contraste de ambas com o latim. Eis o que se não fez, e o que he impossivel fazer-se. A hypothese de que o portuguez procede do celtico tem a ruina na base. Essa lingua primitiva passou sem deixar mônumentos: o que hoje subsiste he um certo numero de dialectos, que se crêem celticos, mas cuja similhança relativa com o idioma de que procedêrão, ninguem ousaria determinar, tanto mais que entre elles se dão gravissimas differenças. He o ersa, o gaélico, o armorico, ou o welsh o representante mais proximo do antigo celtico? Era esta uma lingua commum a todos os povos da mesma raça, ao menos dos que estanceavão pela Peninsula? Sobre taes questões apenas se poderão fazer conjecturas mais ou menos arriscadas, e

que todavia fôra preciso resolver com clareza de converter a hypothese em these. Isso, porém, repetimo-lo, he impossivel, posto que uma passagem de Strabão (Utuntur et reliqui hispani grammatica, non unius omnes generis: quippe nec eodem quidem sermone), passagem de que aliás os defensores das origens celticas crêrão tirar vantagem, decidiria negativamente a segunda, se por ventura se admittisse que o geographo grego alludia nesse logar a variedades da lingua celtica. Em tal caso importaria determinar de um modo positivo qual dessas linguas diversas, de que se crê que elle falla transfundiu para a da nossa lingua.»

Alatinar as palavras da lingua portugueza.—O Sr. S. Luiz disse na sua «Memoria» que os nossos escriptores se deixárão por ventura levar de uma especie de admiração e respeito supersticioso para com os romanos, e talvez assentárão, que era glorioso á lingua portugueza tirar a sua origem de um povo, que subjugára tantos outros, e que em toda a parte fizera temidas as suas armas, e obedecidas as suas leis. Cita as palavras *pae* e *mãe*, dizendo que os nossos escriptores quizerão em vão tira-las da sua nativa simplicidade, para lhes dar a fórma latina *padre* e *madre;* mas que a despeito da innovação systematica, voltárão ao estado, provavelmente primitivo, deixando as fórmas latinas á linguagem ecclesiastica, aonde ainda se conservão.

«Bem longe de se *alatinarem* as palavras, responde o author da «Refutação», por innovação systematica, para as aproximar do latim, pelo contrario, he disso precisamente que os nossos fugião. A prova acha-se no cap. 99 do Leal Conselheiro, em que o Sr. D. Duarte entre os preceitos da traducção nos dá o seguinte: Ossegundo que non ponha palauras latinadas, nẽ doutra lynguagem, mas todo seja nosso lynguagẽ scripto mais achegadamente ao geeral boo costume de nosso falar que se poder fazer.—Quem isto aconselha, nem elle nem os seguintes authores escreverião constantemente *padre* e *madre* se este não fosse o fallar mais achegado ao bom e geral costume, e esta fórma não fosse a primitiva. Que ella o he, não precisa de prova; porque todo o mundo sabe que as nossas palavras procedem regularmente do ablativo latino, e algumas do nominativo, em menor numero. As linguas modernas tem-se aperfeiçoado á medida que tem perdido as fórmas latinas, e a este aperfeiçoamento he que devemos as palavras *pae* e *mãe*, e muitas outras mais suaves ou mais harmoniosas do que as primitivas: assim *oito*, *noite*,

reino, são mais doces do que *octo, nocte, regno*, etc.» (Nota 52, pag. 75.)

Os cinco mappas polyglottos de M. Balbi.—Ao author da «Refutação» não escapou apresentar como argumento da origem latina da nossa lingua, o processo genealogico que a respeito de quasi 700 linguas e dialectos empregou M. Balbi no seu «Atlas Ethnographique.»—O argumento consiste na seguinte idéa:—tomando-se 26 palavras verdadeiramente essenciaes, que exprimão as idéas mais simples, e sem as quaes seja impossivel ao homem viver no estado social, e confrontando-as com as suas correspondentes de outras linguas, obter-se-ha o conhecimento das relações mais ou menos intimas entre as diversas linguas. —¿Quaes palavras escolheu M. Balbi? As seguintes: *Sol, Lua, Dia, Terra, Agua, Fogo, Pae, Mãe, olho, cabeça, nariz, boca, lingua, dente, mão, pé, um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.*—¿Quaes palavras correspondem a estas no latim? As seguintes: *Sol, Luna, Dies, Terra, Aqua, Focus* (ignis), *Pater, Mater, oculus, caput, nasus, bucca* (os), *lingua, dens, manus, pes, unus, duo, tres, quatuor, quinque, sex, septem, octo, novem, decem.*—¿Quem não vê as mesmas palavras nas duas linguas? Quem não vê a derivação facillima que ao primeiro intuito se conhece entre vocabulos dos dois idiomas, vocabulos que designão os objectos mais interessantes ao homem, e indispensaveis ao tracto social?

Confrontemos agora os 26 vocabulos portuguezes, com os correspondentes do gaélico, e do welsh, representantes do antigo celtico:

Portuguez.	*Sol.*	*Lua.*	*Dia.*	*Terra.*	*Agua.*	*Fogo.*	*Pae.*
Gaélico.	Grian.	Gealach.	La; Latha.	Ter, fonn, talamah.	Uisge, a, abh.	Teine.	Athair.
Welsh.	Haul, tes Lleuad.		Dydd.	Tir, daiâr.	Dwr, aweddo.	Tan.	Tadwys, tad

Mas para não cançarmos os leitores, não continuaremos na confrontação, e os remettemos para o *Tableau Polyglotte des Langues Européennes* do Atlas Ethnographique de M. Balbi; ahi verão que a dessimilhança entre o portuguez e o celtico prosegue tão pronunciada nas demais palavras, como nas que deixâmos mencionadas.

As 26 palavras escolhidas por M. Balbi são mais do que sufficientes para fazer conhecer a familia a que uma lingua pertence; mas deve notar-se que este expediente só foi empregado para

sérvir de regra nas linguas, a respeito das quaes não há outros documentos, pois que nada adianta em quanto á classificação systematica dos dialectos de cada lingua, nem em quanto á demarcação que separa duas linguas muito similhantes, como por exemplo a castelhana e a portugueza. Vê-se pois que esta regra, se não he applicavel ás hypotheses que acabâmos de apontar, he todavia muito concludente para estabelecer entre o latim e o portuguez esses laços de familia, que se pretendem demonstrar; ao passo que assignala a pronunciada diversidade que se dá entre a nossa lingua e a celtica.—Note-se igualmente que, se M. Balbi tratasse de confrontar sómente o latim com as linguas derivadas dessa origem, poderia fazer uma vastissima escolha de palavras; mas o seu intento foi comparar 700 linguas e dialectos, e por isso escolheu 26 palavras, e designadamente as que preferiu, por isso que são aquellas que effectivamente os viajantes recolhêrão no maior numero de linguas, incluindo as dos selvagens. Demorâmo-nos neste ponto um pouco mais do que o author da «Refutação», porque se trata de um assumpto que precisa de ser bem esclarecido.

Idioma dos nossos documentos e monumentos.—Não he debaixo do ponto de vista da Paleologia e Diplomatica, que apresentâmos as seguintes breves indicações dos nossos documentos e monumentos, mas sim como argumento linguistico, o qual terá tanto maior força na hypothese de que tratâmos, quanto esses esclarecimentos são fornecidos por um author que impugna a origem latina da nossa lingua, e admitte a conservação da lingua original das Hespanhas atravez da dominação romana, e ainda dos godos, suevos e arabes.—João Pedro Ribeiro, na Dissertação 5.ª, que já citámos em um dos artigos antecedentes, considerando os nossos documentos com relação ao idioma, assigna duas epochas:—*1.ª Até o estabelecimento da Monarchia;*—*2.ª Desde aquelles tempos, e principios do seculo* XII *até o presente.* —A primeira epocha he por elle dividida em 4 periodos:—*1.º Até o estabelecimento pacifico dos romanos na Hespanha no* I *seculo christão;*—*2.º Até á invasão dos barbaros no* V *seculo;*—*3.º*—*Desde o* V *até o* VIII *seculo, em que entrárão os arabes;*—*4.º Do tempo do captiveiro dos mouros, e reinados dos reis de Leão e Galliza, até o estabelecimento do nosso reino.* A 2.ª epocha he tambem dividida em 4 periodos, sendo o *1.º desde o Sr. Conde D. Henrique até o Sr. D. Affonso* III, *o 2.º desde o Sr. D. Diniz até o fim do reinado do Sr. D. Affonso* V; *o 3.º desde*

o Sr. D. João II *até o Sr. D. João* III; *o 4.º desde o Sr. D. Sebastião até o presente.*

No 1.º periodo da 1.ª epocha, além das moedas e inscripções, que nos restão (ainda achadas dentro de Portugal), Fenicias, Punicas, Gregas, e Romanas, temos outras em letras desconhecidas. —Deste periodo faltão-nos documentos, e os monumentos são Fenicios, Punicos, Gregos, alguns Romanos, e outros em caractéres desconhecidos, e até o presente indecifraveis.

No 2.º periodo (1.ª epocha) a *lingua latina* foi a geral dos documentos e monumentos—e só destes nos restão.

No 3.º dos barbaros (1.ª epocha) *continuou o latim* nos documentos, e monumentos: mas daquelles ainda não conservão os nossos cartorios.

No 4.º periodo (1.ª epocha) *continúa ainda o latim* nos monumentos e documentos; entre os refugiados nas Asturias, e terras dominadas pelos Reis de Leão, e entre os que ficárão no captiveiro dos moiros, o latim ficou sendo a lingua da religião e documentos publicos, o arabe dos particulares e da erudição.— Alguns documentos nos restão nos nossos cartorios deste periodo, desde o IX seculo, no latim barbaro daquelle tempo: pouco mais antigos os conserva originaes o resto da Hespanha.

No 1.º periodo da 2.ª epocha, isto he, desde o Sr. Conde D. Henrique até o Sr. D. Affonso III se *empregou geralmente o latim* corrupto em documentos e monumentos.—Além de dois documentos em vulgar, anteriores ao Sr. D. Affonso III, unicos que o Sr. João Pedro Ribeiro reputa genuinos, só desde o reinado do Sr. D. Affonso III, e desde a era de 1293 he que principião a apparecer alguns na lingua vulgar, posto que em menor numero, que no reinado do Sr. D. Diniz.—As inscripções, moedas, e medalhas, que nos restão deste periodo, são em *lingua latina,* e na mesma a legenda dos sellos.—Note-se que no livro 1.º da Chancellaria do Sr. D. Affonso III, chamado 1.º das doações do mesmo Sr. no Real Archivo, são quasi todos os diplomas em latim.

No 2.º periodo da 2.ª epocha, isto he, desde o Sr. D. Diniz até o fim do reinado do Sr. D. Affonso V, ainda apparece o latim em muitos documentos. Em um Livro de Registo da Chancellaria do Sr. D. Diniz, respectivo ás apresentações de igrejas do seu padroado, até 20 de Janeiro da era 1334, se achão todas as apresentações em latim. Neste periodo e no seguinte empregou-se a lingua latina nas moedas e medalhas. Em sellos só ap-

parece a vulgar em bem poucos: as inscripções são mais ordinariamente latinas.

Deixemos o 3.º e o 4.º periodos, porque já não podem fazer ao nosso caso.

Alteração e corrupção do idioma dos romanos. Este ponto foi magistralmente tratado pelo author da «Refutação», e para o que elle disse, desde pag. 61 a 68, remettemos os leitores. Apresentaremos, porém, aqui um breve resumo da sua doutrina, e pediremos licença para recordar os principios que deixámos provados no nosso artigo 10.º, taes como: disposição do latim para se alterar e corromper, proveniente da perfeição muito apurada desta lingua;—difficuldade que offerecia aos proprios naturaes;—tendencia das linguas para se tornarem mais claras; —differença de propagação entre as classes elevadas e as populares das provincias conquistadas;—necessidade que tiverão os prégadores do christianismo de se afastar das formulas sabias da lingua litteraria e oratoria para se fazerem entender do povo;— adopção do latim pelos barbaros, e consequente alteração que deste facto havia de necessariamente provir. Presuppondo bem presentes estas idéas, e outras que tambem desenvolvemos, apoiados em opiniões de authores competentes, vamos dar em resumo o que muito judiciosamente escreveu o author da «Refutação»:—A lingua latina, pela sua mesma perfeição, pelas suas formulas grammaticaes, sabias e complicadas, pela variedade das suas construcções, era mais do que qualquer outra, sujeita a alterar-se, maiormente sendo fallada por tantos e tão differentes povos, quaes erão os que compunhão o antigo mundo. —Vierão os barbaros, e adoptando a seu modo o idioma do imperio romano, muito contribuírão para a corromper; como, porém, se convertessem ao christianismo, derão logar a que continuasse sempre a ser a lingua nacional, embora *barbarisada* no uso vulgar, mas ao menos susceptivel de uma tal ou qual correcção nos escriptos.—Succedêrão-lhes os arabes, e esses, com quanto não se convertessem ao christianismo, levárão todavia a sua tolerancia ao ponto de permittirem aos christãos o uso da sua religião, e por este modo contribuírão poderosamente para que a lingua totalmente se não extinguisse. Era, porém, tal a ignorancia em todas as classes, que a lingua latina se foi constantemente corrompendo, até á situação em que a encontramos no reinado do Sr. D. Affonso III. Entre tanto a maxima parte das palavras ficou sempre sendo a mesma; o fundo da lingua

vulgar continuou a ser latino, particularmente preponderante em todas as expressões da intelligencia e do sentimento; devendo notar-se esta circumstancia, pois quê—do arabe tomámos sim bastantes vocabulos, mas todos relativos a artes e officios de segunda necessidade,—a chimica e a medicina, que elles cultivárão—e a algumas drogas orientaes ou de sua composição.

Neste estado de cousas, não podia já dizer-se que a lingua era latina, antes devemos suppôr que era já a formação muito imperfeita da vulgar de hoje. Mas em todo o caso, o latim conservou-se, mais ou menos puro, mais ou menos corrompido, nos claustros, como lingua que era da religião, e só quando o povo começou a não o entender, he que o Clero principiou a fazer as suas prédicas em *romance*, accommodando-se á rude intellígencia dos ouvintes desses nebulosos tempos.—De então para cá he já muito facil ir marcando as phases da lingua, isto he, o seu progressivo desenvolvimento, acompanhando o lento progresso da civilisação no povo. Chegou o seculo XVI, e já então apparecem grandes litteratos, que concordárão nas regras fundamentaes da grammatica e estructura particular da nossa lingua, e lá vão buscar á lingua latina as palavras que jazião no esquecimento, e que por ventura tinhão sido abandonadas, quando não erão precisas.

Terminaremos este assumpto da alteração da lingua latina, observando que he indispensavel, a quem quizer tratar a fundo a questão da filiação da portugueza, seguir passo e passo todo este longo e lento processo de transformação.

Argumento de paridade apresentado por Aldrete. «Si por «algun acaecimento se perdiese esta lengua Castellana, que oy «usamos, como le sucedió a la latina, que dexó de hablar-se «vulgarmente, y dudasse uno: si los libros, que hallava escri«tos en romance eran de la lengua vulgar, que en España se «usava, deseo mucho saber, con que genero de prueba se ten«dria esto por bastantemente comprovado, para que assy se «creyesse, y deviesse entender. Porque si para mostrarlo se re«presentassen los sermones hechos al pueblo, si las historias, «si las cartas ordinarias familiares, si los versos y comedias, si «los processos de los pleytos, las leyes por donde se determi«navan, las piedras de sepulturas, ô letreros, y todo lo demás, «que se hallava era romance, tendriamoslo por bastante prue«va?»—(Veja Aldrete, Origen de la lengua Castellana, Libro 1.º, cap. 10.)

DIVISÃO ETHNOGRAPHICA DA EUROPA, SEGUNDO M. BALBI NO ATLAS ETHNOGRAPHIQUE. (TABLEAU X.)

I. *Famille des langues ibériennes*—divisée en 2 branches:
—Langues anciennes éteintes depuis longtemps:
Les idiomes des turdetani, carpetani, lusitani, etc. etc.
—Langues anciennes encore vivantes:
Eskuara, ou basque (vasconço).

Famille des langues celtiques—divisée en 2 branches:
—Langues anciennes éteintes depuis longtemps:
Les idiomes de béturiges, œdui, senones, galates, etc. etc.
—Langues anciennes encore vivantes:
Galique, gaëlic, ou celtique propre.
Cimraeg, kumbre ou celtico belgique.

II. *Famille des langues thraco-pélasgiques*, ou *greco-latines*—divisée en 4 branches.

—*Thraco-illyrienne;*
Les idiomes des phrygiens, troyens, lydiens, thraces, macédoniens, illyriens anciens? etc.
Albanaise, skix ou schype.
—Etrusque—Étrusque?

Pélasgo-hellénique:
Les idiomes des Pélasges, crétois, œnotres, arcadiens, etc.
Hellénique ou grecque ancienne.
Romelika, aplo-hellenica ou grecque moderne.

Italique:
Les idiomes des aborigènes, lucani, piceni, etc. etc.
Latine.
Romane.

Italienne.
Française.
Espagnole.
Portugaise.
Valaque.

Seguem-se agora mais tres familias:—Langues *germaniques* —langues *slaves*—langues *ouraliennes;* das quaes não apresentamos o desenvolvimento, porque não fazem ao nosso caso.—Veja-se tambem sobre esta divisão ethnographica o *Atlas histor. et chron. des Littér. anciennes et mod.* par A. Jarry de Mancy. (Este Atlas he feito segundo o modêlo do de Lesagé (Comte de Las Cases), muito mais desenvolvido, porém, no que toca a Linguistica). Veja-se tambem Malte Brun, e o mesmo Balbi, nos tratados de geographia.

O *Sanskrit.* Como seja opinião geralmente recebida, que o sanskrit, ou um idioma mais antigo que o gerou, he a fonte primitiva do latim, e de outras linguas; temos por conveniente dar aos curiosos uma noticia resumida ácerca desta lingua.—Os Indios chamão-lhe *sanskrita,* que tanto val como *perfeito, acabado.* Se esta lingua foi fallada na India em tempos muito remotos, como alguns querem, he todavia certo que ha muitos seculos se não falla, e he hoje aprendida pelos Brahmanes e pelos Indios mais instruidos, do mesmo modo que entre nós se aprende o latim e o grego, como lingua religiosa, das leis, de um grande numero de livros, e reservada pelos Brahmanes de hoje para assumptos da litteratura mais elevada. Sobre a perfeição grammatical desta lingua, transcreveremos aqui as proprias palavras de M. Balbi: «Le «sanskrit a trois genres, huit cas et trois nombres; la conjugai-«son y est très régulière et se fait presque toujours sans le se-«cours des verbes auxiliaires; elle a six modes, savoir: l'indi-«catif, l'optatif ou subjonctif, l'impératif, le précatif, le condi-«tionnel et l'infinitif; l'indicatif a trois présent et deux futurs; «les autres modes n'ont que le temps présent. Le sanskrit ex-«prime les rapports des noms par des désinences. Sa construc-«tion est aussi libre que celle du latin. Cette langue abonde en «particules de toute espèce: elle a une grande quantité de mots «composés, et possède la faculté d'en former à plaisir autant «que le grec et l'allemand.» No conceito do sabio William Jones he esta lingua mais perfeita do que a grega, mais rica do que a latina, e mais polida do que ambas. As qualidades que a

distinguem são as seguintes: sonora, grave, doce e muito concisa—a sua grammatica he a mais regular de todas, offerecendo mui poucas anomalías nas suas regras.

Os livros mais antigos em sanskrit são os que se seguem: os *Vedas*, subdivididos em 18 *vídjas*, ou partes, abrangendo todos os ramos dos conhecimentos humanos desde a theologia até á musica; as *Leis de Menou*, ou o codigo civil e religioso dos Indios; o *Mahabharata* e o *Ramayana*, poemas epicos.

O alphabeto sanskrit, chamado *Dewanagari*, he composto de 52 lettras, ás quaes ha ainda que accrescentar um grande numero de grupos.

A maior confusão domina ainda, diz M. Klaproth, nos alphabetos europeus. Não se acha nelles o seguimento natural das consoantes, sem que possão descobrir-se as relações respectivas das consoantes produzidas pelo mesmo orgão, nem a propriedade que ellas tem de se substituir mutuamente. Esta propriedade dá logar a uma infinidade de variações, ás quaes difficilmente nos habituamos, em consequencia da irregularidade dos nossos alphabetos, que nenhuma relação tem com as linguas a que pertencem. Pelo contrario, o alphabeto do sanskrit he, pela sua bem ordenada disposição, muito mais philosophico, sem comtudo o podermos considerar como de todo ponto perfeito. [1]

Sobre a antiguidade deste idioma, ouçâmos tambem M. Klaproth: «A perfeição grammatical deste idioma levou os seus admiradores a consideral-o como muito antigo, mas he de crer que essa opinião de grande antiguidade venha a soffrer quebra, desde que fôr examinado mais maduramente, e se houverem recolhido esclarecimentos que ainda faltão para bem resolver uma tão delicada questão. Em quanto ao mais, não parece provavel que o sanskrit fosse em tempo algum fallado; e a opinião de que este idioma he um aperfeiçoamento da lingua dos conquistadores indo-germanicos, he muito mais verosimil do que a de ser a primitiva origem das linguas actuaes do Indostão, do grego, do latim, do slavo, e de outras da mesma familia. Em todo o caso, porém, a antiguidade do sanskrit remonta ao periodo da nossa era, ou talvez mais acima.»

Devêramos talvez dar a este ponto especial (sanskrit) muito

[1] Veja o artigo *Langues*, já citado, e ahi se encontrará uma luminosa exposição das series de lettras e de grupos de lettras do sanskrit, seguida de observações e exemplos sobre o aperfeiçoamento de que carece aquelle alphabeto, que ainda assim, tal qual he, leva vantagem aos alphabetos europeus.

maior desenvolvimento, como assumpto de grande importancia; mas nem queremos alongar muito a nossa escriptura, nem convém, segundo o genero do nosso trabalho, apresentar mais do que breves apontamentos, ou antes indicações.

Definições. Lingua—Idioma—Dialecto—Ethnographia—Autochtono—Nomada—Nação.—*Lingua* tem uma accepção mais lata, muito mais extensa e geral do que *idioma*, e muito mais ainda do que *dialecto*. No entanto, nos tratados de linguistica encontrão-se pela maior parte como synonimos os dois termos *lingua* e *idioma*, e perfeitamente distincto o termo *dialecto*, tal qual o definimos já.—A palavra *Ethnographia* devêra ser empregada para designar a sciencia que tem por fim a *classificação dos povos;* serve comtudo para exprimir a sciencia que se destina a apresentar a *classificação das linguas*, e talvez pelo motivo de se regular, ordinariamente, a differença dos povos pela das linguas que fallão. O termo *linguistica* foi tomado dos philosophos allemães, e he na verdade muito expressivo e proprio, mas não tem sido adoptado por todos os sabios; o termo *glossographia* parece não ter sido desviado da sua significação litteral e obvia; e finalmente o termo *idiomographia*, proposto por Malte-Brun, não tem sido adoptado.—*Autochtono* devêra exprimir uma idéa de *creação*, mas, seguindo o exemplo do sabio Humboldt, os ethnographos chamão autochtono ao povo, a respeito do qual se ignora que outro o haja precedido.—*Nomada* devêra exclusivamente referir-se aos povos pastores, como os cafres, e outros, mas encontrar-se-ha nos tratados de ethnographia como synonimo de *errante*.—*Nação*. Este termo póde ser tomado debaixo de tres pontos de vista,—historico ou politico, geographico e ethnographico. No 1.° caso, considerão-se como nações distinctas aquellas que formão no seu todo um corpo politico independente, assim por exemplo chamâmos inglezes a todos os habitantes das Ilhas Britannicas, não obstante a differença de origem dos irlandezes, escocezes, e welches ou do paiz de Galles. No 2.° caso dá-se o nome de nação aos habitantes de uma região, que tem limites naturaes, independentemente das divisões politicas e das linguas differentes que fallão. No 3.° caso, o termo nação applica-se aos habitantes de um paiz qualquer, que fallão a mesma lingua e os seus diversos dialectos, independentemente das grandes distancias que os separão, da differença dos corpos politicos a que pertencem, e do estado diverso de civilisação em que se achão. He neste ultimo

sentido que chamâmos portuguezes aos descendentes dos colonos que para as differentes partes do globo enviámos desde o tempo dos nossos descobrimentos maritimos. (Veja-se a este respeito o *Discours préliminaire, Introduction à l'Atlas de* M. Balbi.)

Bibliographia.—Para não tornar muito extenso este artigo, não apresentâmos o catalogo das obras, que podem ser consultadas sobre todas as questões relativas á origem, formação, e classificação das linguas; remettemos, porém, os leitores para Balbi, *Introduction* pag. 64 a 68; Klaproth, artigo *Langues* da Encyclopédie Moderne, no fim do artigo; o Sr. Alexandre Herculano, *Panorama* 14 de Dezembro de 1844, nota a pag. 393,—onde, e principalmente em Balbi, se encontrarão apontadas as obras mais importantes sobre este assumpto.

Muito e muito haveria ainda que dizer a respeito da importantissima questão que nos tem occupado (filiação da nossa *lingua*); mas he já tempo de passarmos a outro assumpto,—tanto mais, quanto o que resumidamente deixámos apontado he bastante para se conhecer o modo por que a dita questão tem sido tratada, e quaes são os pontos que ainda carecem do desenvolvimento, em ordem a assentar-se uma doutrina corrente.

Vamos agora tratar da Lingua Portugueza, com referencia ás linguas orientaes, e ás modernas da Europa, a fim de assignalarmos a herança que a nossa recolheu das primeiras, e a influencia que recebeu das segundas. Será este o objecto do capitulo immediato.

CAPITULO V.

DA HERANÇA DE VOCABULOS E PHRASES, QUE A LINGUA PORTUGUEZA RECEBEU DAS LINGUAS ARABICA, ORIENTAES E AFRICANAS.

Hia eu tratando das differentes questões relativas á nossa lingua, e havia já fallado das *excellencias, louvores, independencia e filiação della.* Passarei agora a tratar da *herança dos vocabulos e phrases que diversas linguas lhe legárão,* e depois fallarei da *influencia que tem recebido das linguas modernas,* ou antes, *da lingua franceza.*

As duas obras mais importantes que temos ácerca das lin-

guas orientaes e africanas, incluindo a arabe, *com referencia á portugueza,* são as seguintes:

VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL, OU LEXICON ETYMOLOGICO DAS PALAVRAS E NOMES PORTUGUEZES, QUE TEM ORIGEM ARABICA, COMPOSTO POR ORDEM DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.—Por *Fr. João de Sousa*—augmentado e annotado por *Fr. José de Santo Antonio Moura.*—1830.

GLOSSARIO DE VOCABULOS PORTUGUEZES DERIVADOS DAS LINGUAS ORIENTAES E AFRICANAS, EXCEPTO A ARABE.—Por *D. Francisco de S. Luiz.*—1835.

Começaremos, como he de rasão, pelos «Vestigios da lingua arabica.»

He incontestavel que da longa dominação dos mouros nas Hespanhas, resultou o ficarem nas linguas castelhana e portugueza, um grande numero de palavras arabes. *Tot puræ arabicæ voces in Hispania reperiuntur*, disse Scaligero, *ut ex illis justum Lexicon confici possit.* Foi este o motivo porque Fr. João de Sousa, socio da Academia Real das Sciencias, e interprete da lingua arabica, se deu ao trabalho de fazer a interessante collecção de que nos occupamos.

Para bem entrarmos na intelligencia do espirito e intenção que presidírão a este precioso trabalho, e a fim de avaliarmos o alcance que elle tem, he mister ponderar que Fr. João de Sousa tencionava ao principio restringir-se ás palavras arabicas que correm no uso vulgar. Este modo, porém, de tratar o assumpto era deficientissimo, por isso que ficavão assim excluidos um grande numero de termos, que se encontrão nas chronicas antigas deste reino, e nos documentos dos nossos archivos e cartorios; rasão porque o nosso author deu maior extensão ao seu Lexicon, ajuntando até ás etymologias arabicas algumas hebraicas, persicas e de outras nações, mas só a respeito daquellas vozes que podião ser tomadas como arabicas, e não o são effectivamente.

Já antes deste philólogo, outros etymologistas se havião occupado, mais ou menos, deste assumpto: *Duarte Nunes de Leão,* na «Origem da lingua portugueza,» *Manoel de Faria e Sousa,*

na «Europa portugueza,» *Bluteau*, no «Vocabulario, etc.» Mas o primeiro confundio muitos termos com os primitivos e originaes da nossa lingua, como por exemplo *Açotea*, *Alardo*, *Alarido*, *Alçada*, *Alcatéa*, *Alcaçús*, *e outros*, verdadeiramente arabicos. O segundo nem accrescentou, nem corrigío, mas diminuío, pois que, tendo Duarte Nunes contado 207 nomes arabicos, Faria só conta, e sem rasão, 106. Bluteau, segundo diz Fr. João de Sousa, teve pouca escolha na deducção dos vocabulos, ou por que ignorava a lingua arabica, ou porque seguío authores menos instruidos nella; no entanto servío-lhe de muito, porque achou nelle muitos nomes que outros não trazem.

He Bluteau um daquelles poucos homens, a quém a posteridade não se cança de tecer elogios, e de pagar um tributo de gratidão e de verdadeira estima. Razão he esta por que aproveitamos a opportunidade que se nos offerece para, de passagem, assignalarmos o muito que deve a nação portugueza a um estrangeiro, que consagrou longos annos ao estudo da nossa lingua, e a enriqueceu com um trabalho precioso, que faria honra a qualquer academia. Assim o reconhecêrão entre outros muitos, os authores do Diccionario da Academia, dizendo: « O muito que o *infatigavel* e *erudito* Bluteau tentou fazer em beneficio da nossa lingua, de justiça deve merecer á nação portugueza não menor reconhecimento, do que a hespanhola dedica por igual motivo a D. Sebastião Covarrubias. O seu *Thesouro da Lingua Castelhana*, da mesma sorte que o *Vocabulario portuguez e latino* do sobredito Bluteau, forão os que anticipárão a ambas as nações o conhecimento da necessidade e fructo, que se dá em obras desta natureza.»

Voltemos aos «Vestigios arabicos.» O author examina no prologo qual a razão da origem persica que elle attribue a algumas palavras, que no seu Lexicon apresenta como taes, e depois de algumas ponderações conclúe que os termos persicos vierão para a lingua portugueza, ou 1.°—immediatamente da Persia por occasião do commercio, ou 2.°—dos paizes em que ficárão reliquias dos antigos Godos, ou Scytas, como são principalmente Allemanha, Paizes Baixos, e Inglaterra, ou 3.°—dos livros facultativos.

Fr. João de Sousa faz preceder o seu Lexicon de uma explicação sobre o artigo arabico *Al* nas palavras portuguezas. Esta voz *al*, que no arabe he um artigo, passou a ser entre nós um signal no principio dos vocabulos para distinguirmos os que

são arabicos.—Palavras portuguezas arabicas se encontrão, sem o *l*, como por exemplo *Adail, Arrabil;* o que dá logar a ponderar que tambem o elemento da pronunciação deve ser tido em grande conta nos estudos ethnographicos, pois que neste caso a lingua portugueza adoptou as palavras arabicas, taes como as pronunciavão os arabes. Dizião elles *Aldail, Alrabil,* mas pronunciavão *Addail, Arrabil;* ao passo que escrevião e pronunciavão como nós *Almofaada, Almofaça, Almanjarra;* o que vai prender com a divisão do alfabeto arabe em letras Solares e Lunares, como póde vêr-se no prologo citado. Cumpre notar que encontramos esta voz *ál,* como artigo, em Fr. Gaspar da Cruz, *(Tratado em que se contão muito por extenso as cousas da China etc.)*—passim—«Rendião só os direitos do sal em Cantão *al* rei trezentos picos de prata.»

Nos nossos classicos encontramos esta voz *al* no sentido de *outra cousa,* abreviatura da latina *aliud.* Mor. Palm. d'Ingl. 1—15—«Vendo que não podia fazer *al,* senão seguir sua ordenança;» e até em adagios antigos: «Como vires o faval, assim espera pelo *al;*» e finalmente ainda em depoimentos de testemunhas se lê: *e al não disse (et aliud non dixit.)*

Em duas linguas tão diversas entre si, no que toca principalmente ao formal das palavras, e especial organisação de alphabetos, necessariamente havia de succeder que os portuguezes, ao adoptarem termos arabicos, augmentassem, ou diminuissem, ou trocassem lettras; e já se vê o quanto de cuidado deve haver da parte do etymologista em reparar em taes alterações, pois que he pela orthographia que mais facilmente se póde descobrir a origem das palavras. Ha, por exemplo, no alphabeto arabico algumas lettras de difficultosa pronunciação, gutturaes de diversas especies, que por não terem correspondentes na lingua portugueza, indispensavelmente havião de ser suppridas por outras que pouco mais ou menos reproduzissem os mesmos sons. Deve, porém, notar-se que não só esta circumstancia influío na corrupção que observamos nas vozes arabicas, adoptadas pelos portuguezes, mas tambem, e talvez principalmente, o pouco conhecimento que os nossos primeiros authores tiverão do caracter da sua lingua materna.—Fr. João de Sousa parece ter tido muito em vista estes principios, segundo concluimos das ponderações que faz a este respeito; o que muito abona em verdade o seu trabalho.

Suum cuique. Nos «Vestigios» as palavras precedidas do signal § são adiccionadas por Fr. José de Santo Antonio Moura;

e as que levão o signal † forão subministradas pelo Sr. D. Francisco de S. Luiz.

Pelas citações de authores que se encontrão nos «Vestignios» e de que no principio se apresenta o catalogo, vê-se que forão consultados muitos dos nossos classicos, historiadores, chronistas, e bem assim differentes Diccionarios e obras scientificas.

Passemos agora a fazer ponderações de outra ordem, que lamentamos não encontrar no prologo da importante obra de que estamos fallando.

Os profundos trabalhos dos ethnógraphos modernos têem demonstrado que do conhecimento das linguas, e do seu exame comparativo, póde-tirar-se grande partido em beneficio das indagações historicas e geographicas, e até das scientificas. Nesta conformidade está consagrado em ethnographia o seguinte principio, que póde ser applicavel até certo ponto á nossa hypothese: «Un philologue veut-il savoir de quel peuple telle ou telle nation a reçu sa civilisation? Il examine les mots de son vocabulaire qui expriment les animaux domestiques, les métaux, les fruits et les plantes économiques, les instruments aratoires et autres choses semblables, ceux qui désignent les idées morales et méthaphisiques, ceux qui se rapportent aux divinités, aux sacrifices, aux fêtes, aux dignités, au gouvernement, à la guerre, à la législation, au commerce, à la navigation, à la littérature et aux sciences; il les compare avec les mots correspondans dans d'autres langues, et s'ils sont identiques ou ressemblans, il en déduit que cette nation a reçu sa civilisation primitive, sa religion, son systéme politique ou sa littérature, de telle ou telle autre. (Balbi. Introd. à l'Atlas Ethnographique).

Dissémos que este principio póde ser applicavel até certo ponto á nossa hypothese, por isso que he elle concebido em tal generalidade e extensão, que não póde referir-se na sua totalidade á lingua portugueza, com referencia ao arabe, visto como o portuguez se deriva essencialmente do latim, e só recebeu da lingua arabica uma influencia muito parcial. He, porém, certo, que essa influencia, embora muito parcial, he caracteristica e fortemente pronunciada. Um portuguez, que se deu com grande empenho ao estudo da nossa lingua, o Doutor Constancio, forneceu a M. Balbi alguns esclarecimentos, que muito fazem ao nosso caso: «D'après le nombre et la nature des mots arabes, diz elle, «introduits par les Maures dans les Dialectes du latin qu'on par-

«lait dans la péninsule hispaniquê avant l'invasion des peuples ma-«hométans, il est aisé de se convaincre de la grande influence quê «les arabes exercèrent sur la civilisation des nations Hispano-«lusitaniennes, dont l'ignorance et la grossièreté formaient un «contraste frappant avec leurs conquérans policés, et aussi ins-«truits dans les arts qu'habiles dans l'administration et la guerre. «En effet, la plupart des mots arabes qui sont restés incorpo-«rés dans l'espagnol et le portugais, désignent des charges ci-«viles, des emplois municipaux, des grades militaires, ou bien «appartiennent à la chimie, à la botanique, à l'agriculture, aux «poids et mesures à la médicine, à la navigation, aux arts et «métiers.»

Muitos exemplos comprovão esta asserção; por brevidade, porém, contentar-nos-hemos com as seguintes palavras: *Almoxarife*, a qual, segundo o nosso Fr. João de Sousa, vem da palavra arabe *Almaxarraf*, e vale tanto como eminente, condecorado, constituido em dignidade, honrado, etc.—*Almotacel*, do arabe *Almohtacel*, moderador dos preços dos mantimentos; curador, edil.—*Alcaide*, do arabe *Alcaide*, vem do verbo *Cáda*, capitanear, governar, puchar por um exercito, marchar na frente delle.—*Alféres*, do arabe *Alfáres*, cavalleiro.—*Arrais*, *Arráes*, do arabe, *Arrajes*, o capitão de uma embarcação, ou patrão de uma lancha; vem do verbo *rasa*, que significa ser eleito por cabeça, chefe, ou governador de um povo.—*Almiranta;* nem esta palavra, nem *Almirante*, vem nos «Vestigios.» Parece, porém, ser effectivamente palavra arabica, como se lê no Diccionario Castelhano, onde se diz que vem do nome arabe *amil*, ou *emir*, que significa o cabo ou capitão.—O nosso Diccionario da Academia tambem o considera assim, e cita em abono desta etymologia Barros, Severim, e Villas Boas.—*Alambique*, do arabe *Alambique;* he voz grega, com artigo al arabico.—*Almofariz*, do arabe *Almohrés*, derivado do verbo *harasa*, pizar, maxucar, esmagar.—*Alqueire*, do arabe *Alqueile*, derivado do verbo *cála*, medir.—*Arroba*, do arabe *arrobó*, derivado do verbo *rabbaá*, dividir em quatro partes.—*Almiude*, do arabe *Almodde*, medida dos aridos que corresponde ao nosso alqueire, etc. etc.—*Alfandega*, do arabe *alfandaq*, que significa hospicio publico, onde os mercadores estrangeiros se aposentão com as suas mercadorias. Tambem em algumas terras do Oriente, nessas *alfandaquas* se cobrão os direitos reaes, e nesta accepção se usa entre nós.

E aqui vem a proposito observar que o «Diccionario da Academia» servío de muito a Fr. João de Sousa, para a formação dos «Vestigios», em todas as palavras que começão pela letra A; pois que no Diccionario são indicadas com todo o cuidado as origens arabicas das vozes portuguezas, e abonadas com authoridades competentes. Novo motivo he este para lamentar que um livro tão precioso não fosse levado ao cabo!

Desejáramos que Fr. João de Sousa se tivesse demorado mais em caracterisar a diversidade de pronunciação das linguas castelhana e portugueza, resultante da diversa influencia do arabe nas duas linguas. He certo que fallando de uma das quatro lettras do alphabeto arabico, mais difficultosas de pronunciar, o nosso author compara a sua pronunciação com o J e com o G dos castelhanos, nas palavras *ojo, orejas, Angel, Arcangel,* —que são proferidas do fundo da garganta com violento esforço; em quanto que no portuguez não ficou similhante pronunciação. Isto, porém, não basta; e parece-nos conveniente encher esta lacuna com o excellente artigo do Doutor Constancio, a que acima alludimos, cortando-lhe tudo o que elle escreveu para se fazer entender de leitores francezes. «Les Espagnols ont con-«servé les aspirations et les sons gutturaux de l'arabe (le h, le «x, le j), tandis que les portugais les ont adoucis en changeant «l'aspiration *h* en *f*, et le jota en *lh*. Exemple: *Ajujéro* espag-«nol—*agulheiro* portug., *Aguja, agulha*; *albaja*—*alfaia;*— «*almohada*—*almofada.*—Les portugais ont aussi substitué le *s* «français au *ç* espagnol, dont la prononciation ressemble à celle «du *theta* grec ou du *th* anglais dans *thrink*—Ex.: *Aceite*— «*azeite; Arancel*—*Aranzel*..... Le *x* espagnol, qui répond au «son guttural arabe, a été remplacé en portugais par le son *ch*, «quoique la lettre *x* ait été souvent conservée en portugais. «Ex.: *oxalá* se prononce *ochalá* en portugais.—Il est à propos «de remarquer que la prononciation rude de l'arabe a surtout «prévalu en Espagne, où elle a modifié la plupart des dialectes «du latin, en les rendant gutturaux et pleins d'aspirations. Les «Catalans, les Galliciens et les Portugais, se sont au contraire «rapprochés de la prononciation de la langue romane ou pro-«vençale: les derniers seuls ont admis les diphtongues compo-«sées d'un son nasal suivi d'une voyelle sourde telles que *pão,* «e *mãe*..... Il *y* a quelques mots dérivés de l'arabe, qui s'écri-«vent par les mêmes lettres en espagnol et en portugais, et se «prononcent à peu près de même, *Algalia, Arrabalde* etc.—

«Beaucoup d'autres s'écrivent par les mêmes lettres dans les «deux langues, se prononcent toutefois très diversement dans «chacune, par la différente valeur du *x*, du *z*, du *ç*, de l'*h* et «du *g* en espagnol et en portugais. L'orthographe de la plupart «des mots arabes différe dans chacune des deux langues.—La «Langue portugaise a admis et peut-être emprunté entièrement «à l'arabe les voyelles nasales et les diphtongues de même na«ture, dont le son est si désagréable, et dont les dernières ne «se trouvent, je crois, dans aucune autre langue d'Europe. Le «caractére nommé *til*, qui marque le son nasal d'un voyelle en «portugais, semble n'être que le signe arabe du nasillement ou «simplifié et placé en travers, au lieu d'être posé selon sa hau«teur.»

A respeito do caracter *Til*, apenas encontrámos nos «Vestigios» a seguinte explicação, que em verdade achámos excessivamente laconica e deficiente:

=Esta mesma nota *texdid* corresponde ao nosso *Til* ~, cujo officio he supprir a falta da lettra *m*, ou *n*, seja em verbo, ou nome, quando occorrem as duas lettras dupplicadas, assim como Joanna, Marianna, immutavel, que se podem escrever com um *m*, ou *n* desta sorte, Joana, Mariana, imutavel, e outros.=

(Veja-se «Vestigios» etc.—Nota que se segue á palavra *adail* sobre a natureza dos verbos arabicos.)

Parece-nos bastante o que temos dito para fazer sentir a utilidade da obra do nosso author, que elle recommendou no Prologo á benevolencia dos leitores, dizendo: «Todos sabem, que «não se póde saber uma lingua ignorando-se a propriedade dos «vocabulos, nem esta se alcança sem o estudo etymologico.» Accrescentaremos sómente que muitos artigos dos «Vestigios» abundão em erudição e proveitosas noticias.

O Sr. Francisco Recreio leu na Academia um supplemento aos «Vestigios da Lingua Arabe em Portugal.» Esta obra não foi ainda dada á estampa, o que muito lamentâmos, porque quizéramos dar noticia della neste nosso apoucado trabalho.

Igualmente o Sr. Manuel Rebello da Silva offereceu á Academia um Compendio Grammatical da Lingua Arabe, no qual corrige e addiciona a Grammatica que até agora tem servido para o ensino desta lingua, e cuja edição está exhaurida.—Não a vimos, e cremos que ainda não corre impressa; alegrâmo-nos porém com esta boa nova, como sendo indicio de que ainda entre nós se consagra algum amor aos estudos da lingua arabe.

Entre os Mss. da *Bibliotheca Riberiana* encontra-se o seguinte:

DAS ORIGENS ARABICAS DOS DIALECTOS DE ESPANHA.

«Não obstante, diz o author, a conservação e uso da antiga lingua geral de Espanha, nos tempos da dominação arabica de muitas de suas terras — o idioma arabico teve muito curso entre os nossos, e nos communicou grande soma de vocabulos, que vierão a encorporar-se nos diversos dialectos de Espanha, em que o antigo espanhol se havia já de muitos seculos dividido. Em verdade os nossos, tanto os que ficárão sujeitos aos Sarracenos, como tambem os que o não forão, tiverão muito trato e pratica do arabismo.»

Traz no fim um catalogo dos «Escritores que se hãode consultar para as combinações das Origens Arabicas das Linguas de Espanha.» Já ahi vem mencionado Fr. João de Sousa, ao qual chama o author «Varão muito sabio na Philologia Oriental», e á sua obra a «melhor que d'isto temos.»

Passemos agora a fallar do «Glossario de vocabulos Portuguezes derivados das Linguas Orientaes e Africanas, excepto a Arabe.»

Os Iberos, e os Persas, os Fenicios, os Carthaginezes, os Hebreus, as colonias Africanas que os arabes trouxerão da Africa, todos esses povos tiverão relações muito intimas com as Hespanhas, ou seja pelo commercio, ou seja por habitação, estabelecimento de colonias, ou por outro qualquer modo.

«Nos tempos mais modernos bem sabidas são, diz o Sr. D. Francisco de S. Luiz, as nossas frequentes expedições a Africa, e os descobrimentos, conquistas, e estabelecimentos que fizemos em toda a costa occidental e oriental do mundo; a communicação, trato, e commercio, que tivemos com os seus povos; e como logo depois extendemos a nossa navegação ás costas da Arabia, da Persia e da India, e passando muito além do Ganges, chegámos até ás extremidades da China e do Japão, e ao immenso archipelago das Molucas, fundando cidades, levantando fortalezas, estabelecendo feitorias, e dominando em muitas partes daquelle vasto e remoto Oriente.»

¿Que conclue destes factos historicos o author do «Glossario?» — «Que de todo este trato e communicação com tantos povos Africanos e Orientaes, antigos e modernos, continuado por

largos seculos, dentro e fóra da Peninsula, necessariamente havião de vir, e effectivamente vierão, aos idiomas das Hespanhas, e em particular ao Portuguez, muitos vocabulos, frases, fórmas, e idiotismos das linguas daquelles povos, assim como nos vierão usos, costumes, e praticas, que ainda entre nós se conservão.»

¿Qual foi o intento do author, compondo o seu Glossario? —Recolher esses vestigios, com respeito ao idioma portuguez, exceptuando os vocabulos que nos ficarão dos arabes; visto achar-se já esta parte das origens portuguezas tratada por Fr. João de Sousa.

¿Em que conceito tinha o author o seu proprio trabalho?— Com muito louvavel modestia nos diz, que não podia ser completo o seu «Glossario,» porque a empreza he nova na nossa litteratura, e o objecto difficil; pelo que, o Glossario conteria sómente aquelles vocabulos, que no decurso de suas assiduas leituras se lhe offerecêrão, e com bom fundamento julgou derivados de origem oriental ou africana.

Lendo esta interessante obra, vê-se que o illustre author possuia largo conhecimento da lingua hebraica, da litteratura sagrada, e da latina.

Os livros e authores citados no «Glossario», são os seguintes: *Moraes*, Dicc.—*Bluteau*, vocab. e supp.—*Sousa*, vestig. Arab.— *Vieira Transtagano*, obr. etymol. 1789—Lexicon Hebraico de *Guarin*—*Viterbo* Elucidario—Dicc. da Ling. Bunda, ou Angolense, 1804;—Um grande numero de escriptores portuguezes, taes como, Barros, Couto, Goes, Duarte Barbosa, Lucena, D. Franc. Manuel (obr. metr.), Fr. Gaspar de S. Bernardino, Castanheda, Santos (Eth. Or.), Naveg, de Lisboa á Ilha de S. Thomé pelos annos de 1551, Fr. Pantaleão (Itinerario), João Pedro Ribeiro (Dissert. Chron. e Crit.);—differentes escriptores estrangeiros, taes como Denina (Clef des Langues), Plutarco, Volney;—a Biblia, passim, no hebraico, na vulgata, na traducção do P. Antonio Pereira, e nos Commentadores; Brotero (Flora Lusitana).

«Uma fonte de augmento para a lingua, diz o erudito author das *Considerações sobre a Lingua Portugueza*, forão as «conquistas, a navegação, e o commercio, que os portuguezes «fizerão nas tres partes do mundo, e a este facto deve attribuir-«se a introducção de tantos termos exoticos de origem oriental, «de que muito nos deu illustrada explicação o eximio escriptor «ha pouco citado (D. Francisco de S. Luiz); *e muitos mais en-*

«contrará o observador estudioso nas obras dos escriptores por-«tuguezes, que escreverão das nossas cousas naquellas tres par-«tes do mundo.»

He na verdade bastante rico de noticias o «Glossario,» e como tal deve ter-se na conta de um proveitoso subsidio para o estudo da nossa lingua; no entanto, he indispensavel que posteriores indagações o vão augmentando com a explicação de varios termos, que indubitavelmente tomámos dos idiomas da India, da Persia, da China e da America, e que aliás escapárão ao sabio philólogo, de cujo trabalho nos vamos occupando. Assim, por exemplo, a palavra *Chocolate* nos veio da lingua mexicana; *tapioca, jacaré, ananaz,* da brazileira; *tanque, chita, coco,* são palavras asiaticas; *feitiço, feiticeira, cauri, missanga* são tiradas das linguas dos povos negros da Africa.

E por esta occasião não podemos dispensar-nos de fazer sentir a differença que o clima, o caracter dos povos, e outras muitas circumstancias necessariamente devem ter produzido sobre o idioma portuguez no Brasil. He incontestavel que a linguua portugueza tem continuado a ser commum aos habitantes dos dois mundos, como permanecendo essencialmente a mesma; não póde porém duvidar-se de que, transportada ao Brasil, modificou algum tanto a sua indole, por effeito da poderosa influencia do clima, do caracter dos naturaes, da mistura de raças diversas etc. etc. Além desta differença, que abrange a generalidade do idioma, ha tambem a considerar a introducção de um grande numero de vocabulos peculiares áquelle paiz, pela especialidade das suas producções naturaes, e costumes dos indigenas, ou mesmo dos colonos do Ultramar, que successivamente forão passando ao Brasil.

Tocámos neste ponto muito de passagem, unicamente para chamar sobre elle a attenção de quem houver de occupar-se do estudo profundo da lingua portugueza.

No fim do «Glossario» vem um *Appendix,* no qual se notão alguns hebraismos que se conservão no idioma portuguez.— Esta parte do «Glossario» he muito interessante, porque nos dá noticia de muitas locuções e idiotismos hebraicos, que se introduzirão na nossa lingua, e a enriquecêrão.

CAPITULO VI.

DOS GALLICISMOS.

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga linguagem.
FILINTO ELYSIO.

FALLAREI neste Capitulo da influencia que a lingua portugueza tem recebido das linguas modernas, ou mais exactamente, da franceza.

De todas as linguas modernas he a franceza aquella de que a portugueza tem recebido maior e mais profunda influencia.

¿Qual he a rasão disto?

M. De Lamartine diz algures, na sua interessante «Histoire des Girondins» — «Il y avait de plus, et il y aura toujours dans «le génie français quelque chose de plus puissante que sa puis«sance, de plus lumineux que son éclat, c'est sa chaleur, c'est «sa communicabilité pénétrante, c'est l'attrait qu'il ressent et «qu'il inspire en Europe. Le génie de l'Espagne de Charles«Quint est fier et aventureux; le génie de l'Allemagne est pro«fond et austère; le génie de l'Angleterre est habile et surper«be; celui de la France est aimant, et c'est là sa force. Séduc«tible lui-même, il séduit facilement les peuples. Les autres «grandes individualités du monde des nations n'ont que leur gé«nie. La France, pour second génie, a son cœur; elle le prodi«gue dans ses pensées, dans ses écrits comme dans ses actes na«tionaux. Quand la Providence veut qu'une idée embrase le «monde, elle l'allume dans l'âme d'un Français.»

Pondo, porém, de parte esta communicabilidade do genio da França, outras rasões podem apresentar-se da influencia que a lingua portugueza tem recebido da franceza.

A lingua franceza he, desde longo tempo, uma lingua universal; por meio della se intendem individuos de differentes nações, como se entre estrangeiros servisse de interprete; desde a paz de Riswich e Nimegue está em uso entre os embaixadores, e he empregada em todas as negociações diplomaticas, como sendo muito clara, precisa, e regular; na lingua franceza está escripto quanto ha de mais interessante nos differentes ramos dos

conhecimentos humanos, quanto póde ser util ou agradavel á humanidade, como elegantemente o disse o nosso Francisco Manuel:

«Não que á lingua franceza eu odio tenha,
«Que fôra absurdo em mim. Ninguem confessa
«Mais sincero o valor de seus bons livros
«De todo o bom saber patentes cofres
«De polidez e de eloquencia ornados.
«Bastara em seu louvor, se o carecêra,
«Ser bem vista e prezada em toda a Europa,
«Das côrtes e dos sabios no universo.
«Conter em si ou proprio ou traduzido,
«Quanto Minerva poz no peito humano,
«As fadigas das artes, das sciencias,
«E os enfeites do flórido discurso.»

O uso da lingua franceza, tão frequente, tão seguido, e sobre tudo a lição dos livros francezes, desde longo tempo muito generalisada, necessariamente havião de deixar fortissima impressão na nossa lingua.

¿Até onde se estendeu essa influencia?—Não só até ao ponto de introduzirmos na nossa lingua um grande numero de vocabulos francezes, mas tambem de *tomarmos do francez um modo particular de tecer o di curso, e um certo ar, geito, ou estylo de fallar e escrever, que é proprio daquella lingua, e que não conforma com a indole, genio e caracter da lingua portugueza.*

A nossa Academia Real das Sciencias não podia ficar impassivel ao vêr o perigo que hia correndo a formosa lingua portugueza, e por isso o primeiro assumpto por ella proposto no programma de 1810, na classe de Litteratura Portugueza, foi o *Glossario ou Catalogo de palavras e phrases, em que se mostrasse com toda a individuação as que são proprias da lingua franceza, e que por descuido ou ignorancia se tem introduzido na locução portugueza moderna, contra o antigo e bom uso, e principalmente as que forem contra o genio da nossa lingua, e como taes inadoptaveis nella.*

Desempenhou este assumpto um litterato insigne, o Sr. D. Francisco de S. Luiz, compondo o bem conhecido *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna, com o juizo critico das que são adoptaveis nella.*

¿Qual plano de trabalho traçou o distincto author do Glossario? Qual principio regulador seguío nos seus juizos criticos?

«Para executarmos este proposito, diz elle, lemos muitas obras «dos nossos modernos escriptores, assim traduzidas do francez, «como originaes, que correm impressas; e nos servimos das ob«servações, que já tinhamos feito, ou de novo fizemos sobre a sua «linguagem, bem como sobre os vocabulos ou phrases mais usa«das na conversação familiar, nos escriptos não impressos, e nos «sermões, e outros discursos das pessoas litteratas, e dadas á «lição dos livros francezes, comparando-as com a locução dos «nossos classicos, e examinando-as á vista dos diccionarios da «nossa lingua..... Em geral tivemos sempre diante dos olhos «esta regra:—que sendo o vocabulo de boa origem, derivado «conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo, e harmo«nico, se podia adoptar e trazer á nossa lingua, ainda quando «nesta houvesse algum synonimo, que exprimisse o mesmo con«ceito.»

A uma ponderosa duvida dava logar o assumpto proposto pela Academia, não determinando a epocha desde a qual a nossa linguagem devia dizer-se *moderna*. O illustre author do «Glossario,» *attendendo a que nos principios do seculo* XVIII, *e com o reinado do Sr. rei D. João* V *começou a restauração da nossa litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros francezes—resolveu contar desde esse ponto a idade moderna da nossa lingua.*

Não consistem os gallicismos sómente nos vocabulos francezes introduzidos na lingua portugueza *contra o antigo e bom uso*, e principalmente *contra o genio* della; mas tambem em certos modos de fallar, que embora conservem as palavras portuguezas, *alterão todavia a fórma original do idioma, e lhe dão um colorido estrangeiro, e alheio da sua natureza* —Conseguintemente, o «Glossario» seria muito imperfeito, se não indicasse tambem, como effectivamente indica, esses modos de fallar, viciosos em quanto á syntaxe, e mal soantes na nossa lingua.

Não teria a lição dos livros francezes sido prejudicial, debaixo do ponto de vista linguistico, se com ella não concorressem o fatal esquecimento em que deixamos os nossos classicos, e a falta de um bom *Diccionario* de ambas as linguas. Concorrendo, porém, simultaneamente estas causas, foi consequencia necessaria, que não estando os leitores *sufficientemente premunidos com o estudo e conhecimento da sua propria lingua*, e

não podendo perceber com clareza e precisão *a mutua correspondencia de vocabulos e phrases, e o differente caminho que cada uma das duas linguas requer para explicar os seus conceitos,* se introduzírão os gallicismos,—terrivel cancro que hia devorando a nossa boa linguagem, e tornando-a desengraçada, barbara e mal soante.

—Quero dar que em francez hajão formosas
Expressões curtas, phrases elegantes;
Mas indoles diff'rentes teem as linguas;
Nem toda a phrase a toda a lingua ajusta.

Assim se exprimio o illustre poeta portuguez, que no proprio seio da França pugnou valente em defeza da nossa lingua, e fez cruenta e desabrida guerra aos que, sem tino, afeiárão

O gesto airoso do idioma luso.

E com effeito, cada uma das linguas tem um genio particular, um modo especial de exprimir os conceitos, uma elegancia propria, diverso systema de tecer o discurso, distincta eufonia; donde vem que será absurdo introduzir em uma lingua, sem pausado exame e séria reflexão, os vocabulos, as phrases, e os idiotismos de outra:

Ponde um bello nariz alvo de neve
N'uma formosa cara trigueirinha;
. . . . . .
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.

He de ponderar que não permanecendo as linguas sempre no mesmo estado, mas antes soffrendo continuas alterações, póde dar-se o caso de haver maior similhança entre ellas em determinadas epochas, e pelo volver dos tempos apresentarem já differenças muito caracteristicas. «Não he de admirar, diz um eru«dito philologo [1], que nos viesse tanta copia de termos da lin«gua franceza, *porque no tempo antigo era esta lingua mais co-*

[1] O Academico Antonio das Neves Pereira—*Ensaio Critico* (Mem. de Litt. da Ac. R. das Sienc.)

« *herente com a nossa do que hoje.* Os francezes dizião, como os « hespanhoes, *sique,* por *assim que, de modo que, de sorte que* « *etc. Souloir* era em francez, como para nós *soer,* ou *soher,* do « latim *solere;* e os francezes deixárão aquelle termo quasi ao « mesmo tempo, que nós deixámos o nosso, em logar do qual « tomárão, *s'accoutumer,* e *être accoutumé,* costumar ou ser cos- « tumado. Dizião *prouesses,* como nós *proezas,* em logar de *gran-* « *des actions,* de que hoje usão; *moustier,* como nós *mosteiro:* « *moult* do latim *multum:* ou como os nossos antigos *moito:* « *Certes,* como nós ha pouco diziamos *certo,* por *certamente,* ou « *na verdade.* »

Além disto, he mister saber que o Conde D. Henrique veio de França com sua familia e tropas, e que esta colonia franceza introduzio entre nós muitos vocabulos e phrases, que se naturalisárão e encorporárão no idioma portuguez. A rainha D. Mafalda trouxe muitas damas, e cavalleiros francezes; aportárão depois ás nossas praias os cruzados, que ajudárão o Sr. D. Affonso Henriques a tomar Lisboa, e se estabelecêrão em Portugal, povoando varias villas e logares: e mais tarde entrou em Portugal D. Affonso III com sua mulher a condessa de Bolonha, D. Mathilde, trazendo grande comitiva franceza, assim de senhoras da sua côrte, como de tropas para sua defeza. O brilhante reinado de D. Ioão I, esse periodo glorioso da nossa historia, foi tambem uma epocha em que a lingua franceza floreceu em Portugal. « Era naquelle tempo, diz o nosso elegante Fr. Luiz de Sousa, a lingua franceza estimada e corrente entre os principes por cortezã e politica. » E com effeito, este mesmo apuradissimo classico, na magnifica descripção do Convento da Batalha, menciona todas as divisas de D. João I e de seus preclaros filhos, sendo para notar que todas as *lettras* erão em francez. A de D. João I era: *il me plâit, pour bien;*—a do Infante D. Pedro (Duque de Coimbra) *désir;*—a do Infante D. Henrique, *talaint de bien faire;*—a do Infante D. João (Mestre de S. Thiago) *je ai bien raison;*—a do Infante D. Fernando, *le bien me plaît.* Todos estes acontecimentos forão parte para que se introduzissem na nossa lingua muitos termos de origem franceza.

Se porém naquelles tempos encontramos um grande numero de vocabulos, que mostrão quanta similhança havia entre ambas as linguas, he certo que posteriormente tomou a nossa lingua outro caracter, e se tornou inteiramente diversa, por maneira que não póde já hoje haver a mesma liberdade de introducção

de termos e phrases no idioma portuguez.—Exemplifiquemos isto como uma phrase citada no «Glossario» *Templos, cujas torres sobem, e se elanção para Deus.* Esta phrase he a traducção litteral de outra correspondente em francez: *Des temples, dont les tours montent et s'élancent vers Dieu.* ¿Poderemos acaso trazer para a nossa lingua o verbo *elançar-se,* embora seja muito energico e expressivo no francez o correspondente *s'élancer?* Que necessidade temos de um tal vocabulo? Em qual dos nossos bons escriptores o encontramos? Devemos acaso preferil-o aos termos portuguezes: *arremeçar-se, abalançar-se, arrojar-se,* talvez *arremeter,* e na phrase citada, *subir ás nuvens, tocar o céo,* ou *ir ás nuvens* e *tocar o céo?* Não fica por ventura mais elegante, mais verdadeiramente portugueza essa phrase, dizendo-se: *Templos, cujas torres vão ás nuvens e tocão o céo?*

Necessitamos pois hoje de uma boa carta, onde venhão marcados os escólhos e baixios em que têem naufragado pilotos inexpertos; e por ventura encontramos essa carta no «Glossario»; interessante livro de que muito careciamos, e que póde servir de seguro guia aos que présão a pureza da nossa lingua.

He de toda a justiça pagar nesta occasião um tributo de reconhecimento ao já citado Francisco Manuel do Nascimento, pelos relevantes serviços que neste particular prestou á nossa lingua, pelejando corajoso e incansavel,—direi até—enthusiasta e apaixonado, contra os que em traducções, ou em obras originaes, desfigurárão a natural formosura e galhardia de tão rico idioma. Em todas as suas obras deu mostras do quanto tomou a peito essa cruzada de nova especie, mas sobre tudo he notavel e digna de ser lida uma e muitas vezes a sua inimitavel «Epistola» sobre a *arte poetica e lingua portugueza.*—Honrosa e muito distincta menção devemos fazer tambem do excellente trabalho de philologia que acima apontámos, e vem a ser: *Ensaio critico, sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servírão os nossos bons escriptores do seculo* XV *e* XVI, *e deixárão esquecer os que depois se seguírão até ao presente, por Antonio das Neves Pereira.*

Neste precioso trabalho, cuja leitura não podemos recommendar assaz, consagra o erudito author dois extensos paragraphos ao assumpto de que vamos tratando, e são o 3.° e 4.° do capitulo 3.°, um dos quaes tem por titulo: *Do abuso das palavras, e idiotismos francezes, que se tem introduzido na lingua portugueza*—e o outro: *Origem do abuso de palavras, e*

idiotismos francezes, que se tem introduzido na lingua portugueza.

Para bem se avaliar o que a este respeito sente o judicioso academico, bastará transcrever o seguinte trecho: «He indizivel «o que se tem accumulado de francezias, não só em traduções «portuguezas, mas até em obras de varios generos; de fórma que «mais necessita a mocidade portugueza hoje de diccionario fran«cez para entender os livros da lingua materna, do que do dic«cionario da mesma lingua.»

E note-se que he tanto mais ponderoso este juizo, quanto o erudito critico, adoptando o conceito de Ferreira:

Geralmente foi dada boa licença
Ás linguas: umas ás outras se roubárão:
Só o bom sprito faz a differença;

entende que he direito commum nas linguas da Europa o soccorrerem-se e ajudarem-se mutuamente, e que mais prompto e facil recurso temos nas linguas modernas para a provisão de vocabulos, pela communicação que com ellas temos, do que na lingua latina, que he morta ha muito tempo. No que respeita á lingua portugueza, diz elle, tanto menos se póde vituperar, que naturalizemos varios vocabulos da lingua franceza, visto que della temos muitos e antiquissimos, que nos vierão com a monarchia, e outros que já estavão de assento antes della—parte dos quaes estão antiquados, parte ainda se conservão de posse nos monumentos dos nossos insignes escriptores, e na mesma linguagem commum.

He pois este critico quem lamenta as nocivas mudanças que á pureza da nossa lingua, á sua elegancia e energia trouxerão as *francezias,* substituindo-se, sem necessidade e sem escolha, a excellentes vocabulos portuguezes uma alluvião de expressões estranhas, que nem nascêrão para nós, nem se ajustão com as nossas.

¿Cemo se introduzio nos nossos dominios essa fatal epidemia dos gallicismos? «A maior parte, diz o author do *Ensaio Cri«tico,* dos que se dérão ao estudo dessa lingua (franceza), era «gente qne nunca estudou a lingua portugueza, nem a lerão nos «nossos authores classicos..... Não tendo á mão os termos «proprios, e elegantes da nossa lingua, não havia coisa mais fa«cil, que aportuguezar qualquer termo, qualquer phrase, que se

«offerecesse no contexto de uma obra, ou porque julgassem que «assim os tinhão em portuguez, ou porque lhes parecia a lin- «gua pobre, e os taes vocabulos necessarios!!...—N'outros não «era tanto falta de conhecimento da lingua, nem dos authores «nacionaes, como uma especie de enthusiasmo, que lhes fazia «considerar no estilo francez não sei que de mais relevante. «Commetterão-se traducções de varias obras, e tratados aos «aventureiros, que se presumião capazes de similhante empreza, «ou elles mesmos as offerecião, sem esperar que os rogassem; «e nas circumstuncias presuppostas, sendo taes traducções feitas «muito á pressa, umas inspiradas pela fome, outras pela pre- «sumpção, sahião taes como se póde esperar. O que mais admira «he que muitos homens doutos, e versados nos nossos authores... «se deixárão (não sei como) levar da torrente, e abraçárão as «francezias, querendo mais comprazer com o gosto dos insensa- «tos, do que seguir a prudente austeridade de pequeno *numero* «dos censores judiciosos: e o peior he, que o seu exemplo, tal- «vez a seu pesar, tem servido de authorisar, e propagar a cor- «ruptella, principalmente nos pulpitos, onde... a doutrina de «Christo já por moda costuma ter mais de phrase franceza, que «de phrase evangelica.»

¿Qual conclusão tira a final o author do «*Ensaio Critico*» da doutrina que expõe? A urgente, a impreterivel necessidade em que estamos de expurgar a nossa lingua, e de fazer a mais forte opposição á moda prejudicial..... A lingua franceza já nos deu termos bastantes, que estão no nosso thesouro, e tem a prescripção de mui longa e veneranda antiguidade. Conservemos esses que já são nossos, e sejamos parcos e judiciosos no superfluo.

Cabe tambem aqui mencionar as *Reflexões sobre a lingua portugueza, escriptas por Francisco José Freire, publicadas com algumas annotações pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis em 1842*.—A reflexão 5.ª da 1.ª parte desta obra refere-se aos vocabulos francezes e italianos, novamente introduzidos na lingua portugueza; e ahi apresenta-se o author a decidir entre os amantes da pura linguagem portugueza, e os defensores das vozes novas, dando a seguinte sentença: «.... Uns «e outros tem rasão. Os escrupulosos, porque é certo, que ha- «vendo para exprimir qualquer coisa, termo nacional, e usado «pelos auctores, que são textos, não se deve adoptar um novo; «porque de outro modo nunca se verificará que um escriptor é

« de linguagem mais pura do que o outro, e seria vão o nome « de classico, que se dá áquelles auctores que o mereceram.— « Os escriptores indulgentes tem rasão em procurarem, á ma- « neira das outras nações, e vivamente protegerem a introduc- « ção de vocabulos expressivos e precisos, quando não podérem « exprimir uma coisa, se não por longa, e tediosa circumlocução. « —Eis-aqui o como nos parece que devem concordar os dois « partidos, ambos excessivos: um porque nada permitte, ainda « havendo precisão, outro porque tudo concede, ainda havendo « necessidade. »

Temos por mui judicioso este modo de vêr as cousas; mas lamentamos que o author não désse maior extensão e desenvolvimento ao assumpto, que em verdade requeria ser tratado menos concisa e resumidamente do que elle o faz.—Veja-se a erudita nota á 5.ª Reflexão, que se encontra de pag. 168 a 170 da 1.ª parte da obra.

No 1.º volume do «Panorama» (1837) vem um artigo muito conceituoso, que tem por titulo «Gallicismos» e começa assim: «A leitura frequente dos livros francezes tem corrompido a nossa «linguagem por tal maneira, que já hoje é impossivel desinçal-a «dos gallicismos, nomeadamente os de phrase, em que abunda.»

O erudito author desse artigo não decide a questão de saber, se algumas construcções daquella lingua, extremamente regular, serão boas de ageitar ao nosso idioma; mas tem aliás por incontestavel que a lição de authores francezes poz em esquecimento os portuguezes, e que, sendo a nossa lingua abundantissima, e escaça a franceza a muitos respeitos, pela falta de conversar os escriptores nacionaes, encurtamos e empobrecemos as fórmas e os elementos do discurso. Ainda da leitura das obras francezas se segue outro grave damno, e vem a ser, que até tratando de materias curiosas, os livros portuguezes enfastião, porque quem está habituado a certas idéas, e a certa ordem e disposição dellas, não gosta do que vae fóra daquelle trilho que costumou seguir.—¿Poderemos remediar até certo ponto estes inconvenientes? Sim, tornando mais accessiveis as fontes da lingua classica portugueza, por meio de uma collecção de pedaços selectos dos escriptores portuguezes,—pela reimpressão economica dos nossos melhores classicos,—e finalmente por meio de traducções bem castigadas de boas obras estrangeiras.

¿Será verdade que se não podem lêr os nossos classicos em rasão dos assumptos que tratárão? ¿Será exacta, em geral, a

expressão que a respeito de alguns se empregou, chamando-lhes *tulhas de dormideiras*, em consequencia de se occuparem pela maior parte de vidas de santos, de sermões, historias de conventos, de frades, de milagres, de genealogias estereis, de amplificações bombasticas de combates, etc. etc.?

Não, mil vezes não. Podem a preguiça, e o desamor das cousas patrias inventar quantos pretextos quizerem, mas a todo o tempo estará ahi para responder triumphantemente a calorosa invectiva do Sr. Garrett:

«Vergonhosa desculpa! Com que as Decadas de Barros, que «foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o es«tylo classico na historia moderna, são chronicas de conventos? «Fernão Mendes Pinto, o primeiro europeu que excreveu uma «viagem regular da China e dos estremos d'Azia, são vidas de «santos? E dessas mesmas vidas de santos, quantas dellas são «de summo interesse, de divertida e proficua leitura! A vida de «D. Frei Bartholomeu dos Martyres tem toda a valia das mais «gabadas memorias historicas, de que hoje anda cheia a Euro«pa, e que ninguem taxou ainda de pouco interessantes. Quan«do outra coisa não contivesse aquelle excellente livro senão a «narração do Concilio de Trento, a viagem e estada do arce«bispo de Roma, já seria elle uma das mais curiosas e impor«tantes do seculo 16.° E D. Francisco de Mello, e Rodrigues «Lobo, e Camões, e grande cópia de poetas de todos os gene«ros, tudo isto são sermonarios, vidas de santos?»

Temos apresentado tudo quanto de mais substancial póde dizer-se ácerca do assumpto de que nos occupamos; cumpre porém não omittir a indicação de outros pontos de vista, sob os quaes póde ser encarado o mesmo assumpto.

O Sr. A. Herculano, em uma nota ao interessante artigo 1.° «Apontamentos para a historia dos bens da Corôa e dos foraes» allude ao juizo critico, que o illustre Cardeal Saraiva faz no seu «Glossario» sobre as expressões *baixo clero*, e *alto clero*, e a esse proposito observa que a clareza importa um pouco mais que os primores e pontualidades da lingua em assumptos historicos.

He sabido que no «Glossario» vem qualificada a expressão *baixo clero* de tão alheia e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido, e em vez de *baixo clero* e *alto clero*, se opina que se diga: *os bispos e o clero*, ou *a ordem episcopal e a clerezia*—*os pastores da primeira*

ordem, os pastores da segunda ordem, ou como se explica Gerson: *Os prelados maiores, e os prelados menores.*

He com referencia a este juizo critico que o Sr. A. Herculano, considerando as expressões *alto clero* e *baixo clero* como metaphisicas, intende que não podem ser consideradas como privativas antes de uma nação do que de outra; e sustenta a indispensabilidade do seu uso na lingua portugueza, com o fundamento de que a distincção social completa que havia entre clero e clero na idade media, por nenhumas palavras se exprime com maior clareza do que por aquella.

Aqui apparece pois a necessidade de averiguar, se por vezes convirá sacrificar o rigor linguistico á exactidão historica, e até ás exigencias scientificas.

Ha quem pense, e desta opinião he formalmente o Sr. A. Herculano, que he possivel conduzir prudentemente, para que não desfeche em anarchia, a transformação operada na nossa lingua pela invasão das idéas, e livros francezes, mas que será vão empenho tentar destrui-la.

¿Porque? Porque para destruir essa transformação, só ha um meio, e he o de destruir a influencia da acção intellectual da França em Portugal, o que he impossivel. «Como actúa, per-«gunta o Sr. A. Herculano, a lingua franceza em a nossa?— «Unicamente pela imprensa, pelos livros; mas cada livro é como «um individuo daquella nação que vem fallar no meio de nós; «individuo por via de regra mais civilisado, mais rico da idéas, «ou pelo menos de idéas mais bem ordenadas, que os que o es-«cutão. Reflectidas em nossa alma essas idéas, a que muitas ve-«zes não é facil achar a formula nacional que as represente como «as concebemos, até porque haverá casos em que tal formula não «exista, exprimimo-las involuntariamente com a phrase pere-«grina. Então aquellas idéas, partindo de sujeitos superiores em «civilisação e cultura de espirito, vasadas no molde estrangeiro, «derramam-se entre o povo, e passados poucos annos vamos en-«contra-las trajando já o burel popular no mercado, na taberna, «e até nos logares que mais resistem ás innovações de todo o «genero, nas povoações ruraes.»

Depois da lingua franceza, as linguas modernas que sobre a nossa teem tido alguma influencia, são a italiana e a ingleza; mas essa influencia não alterou a indole da portugueza, e tem sido vantajosa, porque nos ha subministrado muitos vocabulos no dominio das Bellas-Artes, do Commercio, da Politica e da Industria.

CAPITULO VII.

DOS SUBSIDIOS LITTERARIOS QUE POSSUIMOS EM QUANTO AOS SYNONIMOS.

Pluribus autem nominibus in eâdem re vulgo utimur; quœ tamen, si diducas, suam propriam quandam vim ostendunt.
(QUINT. 6. 3. *Inst. Orat.*)

DECOMPONDO a palavra *Sinonimos*, podemos dizer: *Vocabula* sinonima *sunt diversa ejusdem rei nomina*. E com effeito, tal parece ter sido a primitiva ideia ligada a esta palavra.

He curióso vêr a accepção em que Aristoteles tomou esta palavra. Citarei as proprias expressões de um escriptor inglez, que reproduz o pensamento do Stagiríta: *those words are synonimes in which both the name is common, and the definition of the substance with reference to the name is the same; for instance, both man and ox are «animal»; for both are called by a common name, and the definition of the substance is the same; for if a man gives a definition of each, what is meant by each being animal, he will give the same definition.*

De sorte que, na opinião de Aristoteles, a sinonimia das palavras mais era revelada por uma operação silogistica, do que pela identidade de significação das mesmas A palavra *homem* e a palavra *boi*, dizia elle, são sinonimas, porque o homem e o boi são designados por um nome commum, e definidos por uma ideia commum, qual a de *animal*.

Posteriormente, porém, intendeu-se por sinonimos aquellas vozes que *o uso, ou ainda a authoridade tem applicado á expressão das mesmas ideias*, e assim dizemos que são sinonimos os termos: *mutuo, reciproco;—quietação, repouso, descanço*, etc.

E aqui apparece a indispensabilidade de dar uma precisão philosophica á theoria dos sinonimos.

Se ha vozes applicadas á expressão das mesmas ideias, acóde naturalmente ao pensamento a observação de Du Marsais: Se existissem sinonimos perfeitos, haveria duas linguas em uma mesma lingua; pois seria uma superfluidade procurar um novo signal de um ideia, quando já tivessemos um signal exacto.

Se diversas vozes exprimissem, exacta e indistinctamente,

as mesmas ideias, he claro que essa pluralidade e abundancia de palavras tornaria esterilmente rica uma lingua, á similhança dos thesouros do avarento;—essa pluralidade seria puramente numeral, e por consequencia superflua.=«Si les mots, diz Girard, ne sont variés que par les sons, et non par le plus ou le moins d'énergie, d'étendue, de précision, de composition, ou de simplicité, que les idées peuvent avoir; ils me paraissent plus propres à fatigner la mémoire, qu'à enrichir et faciliter l'art de la parole.»=

A riqueza de uma lingua não se revéla tanto pelo numero de vocabulos, como pelo numero de pensamentos que póde exprimir. De que serviria que, para declarar o *mesmo* pensamento, houvesse um grande numero de vozes articuladas, ou vocabulos, embora diversos ou distinctos nos sons, e no material de suas respectivas composições, mas reproduzindo as mesmas ideias?

Conseguintemente, se nas linguas cultas se conservão e deixão co-existir palavras sinonimas, he evidente que entre estas se dão differenças reaes de significação, que he indispensavel apreciar, quando se quer dar á linguagem uma precisão philosophica.

Este modo de vêr as cousas não he um descobrimento da grammatica philosophica moderna; já os antigos o apresentão nas obras immortaes que nos legárão. Cicero estava bem penetrado de taes convicções, quando disse: «Quanquam enim vocábula prope idem valere videantur, tamen quia rei differebant, nomina rerum differre voluerunt.» E dir-se-hia que pretende elle justificar esta asserção, quando no Livro 4.° das *Tusculanas* apresenta uma serie de vocabulos sinonimos, e marca a differença de significação que os distingue.—*Angor* est œgritudo premens:—*Luctus*, œgritudo ex ejus qui carus fuerit interitu acerbo:—*Mœror*, œgritudo flebilis:—*OErumna*, œgritudo laboriosa:—*Dolor*, œgritudo crucians:—*Lamentatio*, œgritudo cum ejulatu:—*Sollicitudo*, œgritudo cum cogitatione:—*Molestia*, œgritudo permanens:—*Affictatio*, œgritudo cum vexatione corporis:—*Desperatio*, œgritudo sine ulla rerum expectatione meliorum.

Neste ponto apresenta-se Cicero estabelecendo principios, como Grammatico Philosopho; mas nas suas obras vemos a applicação pratica da sua theoria, e mais de um exemplo encontramos alli da alta intelligencia e finissima delicadeza, com que o grande mestre da palavra tecia o discurso, fazendo uma apu-

rada escolha de vocabulos, e exprimindo o seu pensamento com uma precisão invejavel.

«Quis erat, diz elle em uma das Epistolas, quis erat qui putaret ad eum amorem quem erga te habebam posse aliquid accedere? Tantum accessit, ut mihi nunc denique *amare* videar, antea *dilexisse*.»

Este formoso trecho encontra-se na Epistola 14 do Liv. 9.°, a qual se refere ao seu amigo Dolabella, a quem Cicero queria dar um testemunho da affeição que lhe consagrava, e que de dia em dia se ía augmentando, com quanto parecesse impossivel que viesse a ter maior desenvolvimento. He pois facil de vêr a admiravel propriedade de termos com que Cicero distingue a intensidade do seu affecto em dous periodos: «Quem julgaria que a amisade que eu te dedicava podésse jámais ter augmento? E comtudo, tanto ha ella crescido, que me parece que só agora começo a amar-te, e que ao principio só tinha para comtigo uma inclinação gostosa!»

Na Epistola 15.ª do Liv. 5.° ha tambem um exemplo muito notavel. Lucceius escreveu a Cicero, dando-lhe os pezames da morte de Julia, filha do Orador Romano, e este lhe responde: «Omnis amor tuus ex omnibus se partibus ostendit in his litteris quas a te proximé accepi; non ille quidem mihi ignotus, sed tamen *gratus* et optatus, dicerem *jucundus* nisi hoc verbum in omne tempus perdidissem.»—A tua amisade patenteia-se em todas as partes da tua ultima carta; não he novo para mim esse testemunho, mas agrada-me e lisongeia-me, e diria até que me causa alegria, se para sempre não tivesse eu perdido essa palavra!

E não só em Cicero encontramos exemplos, senão tambem em outros escriptores da antiguidade. Quem proporcionou ao douto D. Francisco de S. Luiz a ideia da judiciosa distincção entre os vocabulos *homem* e *varão?* Forão os nossos Classicos Arraez e Vieira; o primeiro dos quaes disse: «Se os *homens* tivessem hum pouco de coração, e fossem *varões*, não temerião a morte»; e o segundo disse: «Este mesmo nome *(varão)* não só significava o sexo, senão tambem o juizo, o valor, a experiencia.... e todas as outras qualidades, de que se compoem um heroe perfeito.»—E quem suggerio a estes nossos Classicos a distincção que apresentão? Foi Seneca, o qual na Consol. ad Polyb. 36 disse assim: «Non sentire mala sua, non est *hominis*, non ferre, non est *viri*.»

Deixando outros exemplos, que nos tomarião grande es-

paço, limitar-nos-hemos a transcrever uma passagem de Varrão (De Lingua Latina, v. 8.), na qual he explicada magistralmente, e com toda a clareza, a diversa significação de tres verbos sinonimos: = «Propter similitudinem *agendi*, et *faciendi*, quidam error heis qui putant esse unum. Potest enim quis aliquid *facere* et non *agere;* ut poeta *facit* fabulam et non *agit*, contra actor *agit* et non *facit*; et sic a poeta fabula *fit* et non *agitur*, ab actore *agitur* et non *fit:* contra imperator, qui dicitur res *gerere*, in eo neque *agit* neque *facit*, sed *gerit*, id est sustinet; translatum ab heis qui onera gerunt, quôd sustinent.»

Assentemos, pois, a doutrina de que os vocabulos sinonimos, que em cada lingua culta se conservão e coexistem, exprimem sim uma ideia principal, que lhes he commum, mas se distinguem entre si por differenças de significação, que lhes imprimem um caracter proprio, singular e privativo. Assim, por exemplo, os vocabulos *mutuo* e *reciproco* exprimem ambos a ideia principal *de proveniencia de uma parte e de outra;* mas differenção-se entre si, porque o primeiro refere-se propriamente a entidades espontaneas, voluntarias, livres, e o segundo envolve já uma ideia de recompensa, de dever, de obrigação; e neste sentido chamaremos *reciprocas* as obrigações que se dão entre amos e criados, e *mutuos* os obsequios que os amigos fazem uns aos outros.

Essas differenças serão por vezes muito subtís, por ventura em alguns casos um tanto methaphysicas, e não será raro que uma demasia de analyse, um excessivo empenho de rigorismo, vão esquadrinhar analogias ou dissimilhanças, onde realmente não existem. Não obsta isso, porém, a que, em regra geral, seja muito proveitoso apreciar profundamente o valor das palavras, e desentranhar dos sinonimos as differenças de ideias accessorias, que os tornão diversamente proprios para exprimir o pensamento com maior clareza, elegancia, energia, extensão, e exactidão.

O celebre La Bruyère observa no Cap. 5.º dos «Caractères» o seguinte: = «entre toutes les différentes expressions qui peuvent rendre une seule de nos pensées, il n'y en a qu'une qui soit la bonne: on ne la rencontre pas toujours en parlant ou en écrivant; il est vrai néanmoins qu'elle existe, que tout ce qui ne l'est point est faible et ne satisfait point un homme d'esprit que veut se faire entendre.» =

E nestes nossos tempos, assim se exprimío M. Guisot: =

«O estudo dos sinonimos exerce a sagacidade do entendimento, acostumando-o a distinguir o que seria facil confundir; determinando o sentido proprio dos termos, previne as disputas de palavras, de que são quasi sempre causa os equivocos e amphibologias; fixa o uso, do qual vem a ser a testemunha e o interprete; collige, por assim dizer, as folhas dispersas em que se contém os oraculos desta imperiosa Sibylla; póde até suppri-las ajudando-se dos recursos que a analyse logica e grammatical lhe ministrão, faz adquirir ao estilo aquella propriedade de expressão, aquella precisão, que he a pedra de toque dos grandes escriptores; em fim, enriquece a lingua de todos os termos, os quaes distingue d'um modo positivo, porque não he a repetição dos mesmos sons, senão a das mesmas ideias, que enfastia e cança o leitor.»=

Não menos fazem ao nosso proposito as opiniões de dous philólogos portuguezes, que a nosso vêr puzerão fóra de toda a duvida a utilidade de um bom tratado de Sinonimos.

D. Francisco de S. Luiz diz assim:=«.... sendo incontestavel, que os progressos da razão humana em qualquer ramo das sciencias, depende essencialmente da exacta precisão da linguagem; e que hum Diccionario bem feito do idioma de qualquer nação, he o mais certo demonstrador do gráo de perfeição, a que tem chegado nessa nação os conhecimentos uteis; claro está, que nem aquella precisão se póde alcançar, sem serem bem determinadas as differenças, ás vezes quasi imperceptiveis, que ha entre os vocabulos reputados por sinonimos; nem este Diccionario se poderá jamais dizer bem feito, sem que nelle se notem essas differenças.»=

O Sr. Roquete exprime-se assim:=«Seria affectação ridicula o não convir em que as mais das vezes é mui indifferente o seu uso, e em que os sinonimos podem ser mui uteis á poesia e ao discurso familiar; áquella para variar as cadencias e facilitar as medidas e as rimas; e a este para poder encontrar sem dilação a palavra que explique sufficientemente um pensamento que não exige uma rigorosissima escolha de termos. Porém, ao orador, ao philosopho, ao sabio, ao facultativo, que teem que dar á sua persuasão, ou á sua explicação, a maior precisão, e energia e clareza possivel, convem-lhes sobre maneira escolher aquellas vozes e termos que esmiúcem, por assim dizer, as mais pequenas modificações das ideias geraes, que apenas se distinguem no uso commum.»=

Posto isto, vejamos agora quaes subsidios possuimos neste ramo da nossa Litteratura:

Bluteau:

VOCABULARIO DE SYNONIMOS E PHRASES PORTUGUEZAS, para facilitar composições em prosa, e em verso.

D. Fr. Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva):

ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONIMOS DA LINGUA PORTUGUEZA. 1.ª parte em 1824; 2.ª em 1828.

J. I. Roquette:

DICCIONARIO DOS SYNONIMOS DA LINGUA PORTUGUEZA.— 1848.

Moraes, Constancio, etc.:

DICCIONARIOS DA LINGUA PORTUGUEZA, DAS EDIÇÕES DESTES ULTIMOS ANNOS.

Francisco José Freire (Candido Lusitano):

DICCIONARIO POETICO, para uso dos que principião a exercitar-se na Poesia: obra igualmente util ao orador principiante.—1820.

José da Fonseca:

DICCIONARIO POETICO E DE EPITHETOS.—1847.

O Vocabulario de Sinonimos de Bluteau, bem como os Diccionarios Poeticos de Francisco José Freire e de José da Fonseca, não são propriamente trabalhos philosophicos sobre os sinonimos, pois que não determinão as differenças que existem entre os vocabulos, tendo unicamente por fim poupar aos que escrevem em prosa, ou em verso, o incommodo de folhear Diccionarios, quando quizerem variar a phrase, ou dar um certo realce ao discurso

Debaixo deste ponto de vista, he incontestavel a utilidade de taes trabalhos; mas com referencia á precisão philosophica da linguagem, he certo que não podem ter o alcance do *Ensaio* e do *Diccionario*, acima apontados.

Quando Bluteau apresenta, por exemplo, o vocabulo *Abrigo*, dá-lhe por sinonimos os seguintes: Amparo, Guarida, Protec-

ção, Defensa, Immunidade, Escudo, Patrocinio, Valhacouto, Asilo, Refugio; mas não caracterisa o valor de cada um dos diversos termos, não determina a sua especial significação, não fixa as differenças que os distinguem. Na pressa da composição, na urgencia da necessidade do momento, he fóra de duvida que acode um tal remedio; mas, ou presuppoem o conhecimento cabal da sinonimia, ou em caso contrario, a escolha do vocabulo preferido raramente satisfará ás exigencias da precisão philosophica.

Não se entenda, porém, que despresamos tão valiosos subsidios. Estamos muito longe de tal pensamento; quizémos unicamente dar a cada um o que lhe pertence, *suum cuique*. E para que não fique duvida sobre as nossas intenções, aconselharemos de passagem á mocidade estudiosa que procure lêr essas obras, onde hade encontrar bom soccorro. Se folhear o *Vocabulario* de Bluteau, encontrará até occasião de instruir-se agradavelmente. A proposito do vocabulo *Adulação*, diz Bluteau: *Lisonja. Veneno suave. Doce engano. Louvor affectado. Fraudulenta meiguice. Estimação apparente. Urbanidade traidora. Cortezania servil. Melliflua perfidia. Hypocrisia da mentira. Artificio da conveniencia.*—E deste modo pinta o author a fealdade da adulação, tornando mais odiosa, á força de sinonimia, aquella funesta disposição das almas vis.—Admiravel alliança das Lettras com a moral! E para que seria cultivá-las, se ellas não tornassem melhor o homem, e não lhe inspirassem o amor da virtude!

Em quanto ao Diccionario Poetico de Candido Lusitano, ver-se-ha o seu alcance, e especial fim, desde que se reparar nas seguintes palavras do author:=«Damos a cada vocabulo os seus sinonimos, não segundo o rigoroso sentido, e significação da nossa lingua, mas segundo aquella ampla liberdade, que sómente soffre a linguagem poetica, tendo por verdadeiros synonimos os que na realidade o não são.—Este Diccionario não he menos proveitoso ao Orador Portuguez, que principia a exercitar-se. Nelle achará Synonimos, Epithetos, Frases, Descripções, Symbolos e Comparações, quando destes soccorros necessitar a sua oração.»=

O *Ensaio*, porém, de D. Fr. Francisco de S. Luiz, e o *Diccionario* de J. I. Roquete,—esses trabalhos, sim, merecem o recommendavel titulo de verdadeiros tratados de sinonimos.

D. Fr. Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva), cujo nome illustre, por tantas vezes, havemos já nomeado e applaudido, acu-

dindo ao reclamo da Academia Real das Sciencias, offereceu em 1822 áquella sabia corporação o *Ensaio sobre os sinonimos da Lingua Portugueza.*

O douto e incansavel Litterato merece os mais encarecidos louvores, por haver encetado uma empreza, para o desempenho da qual não lhe forneciâo elementos os escriptos philologicos portuguezes. ¿Como procedeu, pois, em presença da quasi absoluta carencia de subsidios?=«Quando, diz elle, nos Classicos de melhor nota achámos expressamente definida a differença de duas ou mais palavras havidas por synonimas, essa autoridade nos bastou, quasi sem mais exame, para adoptarmos a indicada differença; *mas rarissimas vezes tivemos a satisfação de encontrar tão boa e segura guia.*»=

Nos outros casos, recorreu á analise, á etymologia, á decomposição das palavras, á conferencia dos vocabulos semelhantes das linguas analogas, aos tratados de sinonimos latinos e francezes; e sobre todos esses fundamentos formou o seu juizo.

Graças ao profundo conhecimento que o douto litterato possue dos nossos classicos, graças ao seu fino criterio, e apurado gosto, enriqueceu a Litteratura com um trabalho interessantissimo, e summamente recommendavel.

Que precisão de linguagem! Que lucidez de expressão! Que delicadas e finissimas apreciações de differenças quasi imperceptiveis!

=«He *digno* o que tem capacidade, idoneidade, aptidão: «*merece* o que faz, ou tem feito serviços.—Todo o homem deve «empregar os primeiros annos da sua vida em fazer-se *digno* «dos cargos da republica, por seus estudos e morigeração. Logo «porém que nelles entra, deve trabalhar por exercê-los de tal «modo, que *mereça* a gratidão da patria, e as distincções devidas «a quem a serve com intelligencia, fidelidade, e zelo.»

Outro exemplo:

=«A *satisfação* he o sentimento, que experimentamos, «quando conseguimos o objecto de nossos desejos.—Se neste «objecto achamos o bem que esperavamos, a nossa alma des«cança no gozo delle, fica tranquilla, não deseja mais: este he «o estado de *contentamento.*— Quem sómente deseja o que basta «a suas necessidades reaes, com pouco se *satisfaz,* gosa tran«quillamente da sua mediocridade, não fórma desejos inuteis, «vive *contente.*—Pelo contrario o homem ambicioso, cubiçoso, «avarento, etc. nunca tem verdadeira *satisfação,* porque nada

«enche os seus desejos; sempre deseja mais: este estado he ab-«solutamente incompativel com a tranquilla serenidade de es-«pirito, que constitúe o estado de *contentamento*.»=

Seja o ultimo exemplo o seguinte:

=«O ser *nobre* depende das leis, ou da vontade dos prin-«cipes: ellas e elles podem dar e tirar a *nobreza*. Mas o ser «*illustre* depende do merecimento proprio, e da opinião que delle «tem os homens, fundada em feitos uteis, gloriosos, esplendidos. «Cada um póde fazer-se *illustre* a si mesmo, sem dependencia «da autoridade publica, e talvez a despeito della.—O homem «sem merecimento póde ser collocado na classe dos *nobres*, mas «nunca será *illustre*. Ao contrario o heróe da virtude, o homem «de genio, o artista original, o grande escriptor, que talvez a «não alcança, nem pretende gráo algum de *nobreza* legal, póde «fazer-se *illustre* por suas obras, e merecer a estima, o respeito «e a fama esclarecida, que se não concede ao *nobre*, sómente «por este titulo.»=

Com quanto encurtassemos cada uma das tres citações, ainda assim mesmo temos por certo que para todos os leitores fica sendo bem clara, e determinada, a differença que se dá entre ser *digno* e *merecer*; entre *satisfação* e *contentamento*; entre *nobre* e *illustre*. Tamanha perspicuidade e exactidão se encontra no illustre author do *Ensaio!* E ainda isso não he tudo, pois que sobresahe a consideração de que cada um daquelles artigos he, ao mesmo tempo, um formoso trecho de moral, e um admiravel tratado de philologia, exprimidos na mais pura, elegante, e castigada phrase.[1]

O Sr. Roquette publicou em 1848 o seu *Diccionario dos Synonimos*, e cabe-lhe a gloria de haver alargado a esphera dos trabalhos do seu illustre predecessor, pois que o *Ensaio* só tem 380 artigos, ao passo que o *Diccionario* tem 866,—bem como a de haver desentranhado das paginas dos nossos classicos, e com especialidade das de Vieira, *definições seguras para bem fixar a synonimia de muitas palavras*.

O Sr. Roquette rende a devida homenagem ao illustre author do *Ensaio*, começando por dizer: «Apezar de que já uma «douta e elegante penna escreveu ácerca dos Syn. da Ling. Port., «é comtudo entre nós fructa nova este genero de escritura.»

[1] Leia-se a este propposito, no Tomo 2.° do *Ensaio*, o artigo *Graça, mercê, favor*; o qual tão sentencioso tem sido julgado, que até como doutrina moral ha sido reproduzido. Vej. o Panorama de 1842. pag. 240.

Incitado por esta ultima consideração, e attendendo a que *o primeiro Litterato portuguez de nossos dias composéra somente um Ensaio*, deliberou-se a tentar um segundo, o qual, em verdade, muito abona a sua grande lição, e perspicaz juizo.

Na Introducção enuméra o Sr. Roquette as causas principaes da origem dos sinonimos, e são, no seu entender, as seguintes: 1.° a diversidade dos dialectos; 2.° a variedade das origens etymologicas; 3.° a facilidade que tinhão os sabios no principio para formar novas palavras por allianças etymologicas, muitas vezes obscuras e arbitrarias; 4.° a translação das palavras do seu sentido proprio e figurado; 5.° a liberdade com que os poetas da idade aurea da nossa Litteratura formárão palavras novas, ou aportuguezarão grandissimo numero das latinas; 6.° o neologismo.

Expoem depois a theoria dos sinonimos, e dá conta do methodo que seguio no seu trabalho. Regulando-se pela doutrina do Padre Roubaud, assentou assim a theoria: *definão-se os termos, tirem-se das definições suas differenças, e confirmem-se com o uso.* No que toca ao methodo, regulou-se pelos conselhos de M. Guisot, examinando a etymologia das palavras, apreciando o valor das terminações, recorrendo por vezes ás linguas analogas, authorisando-se com os authores de boa nota, sem todavia renunciar, em quanto a esta ultima parte, ao seu modo de vêr as cousas, sempre que vio desacordo entre a authoridade classica e a sinonimia de termos modernos.

Uma circumstancia ha, que muito recommenda o trabalho do Sr. Roquette, qual he a de ter diligenciado, e effectivamente conseguido, encontrar nos nossos classicos um grande numero de subsidios para compor o *Diccionario.* Ouçâmos a sua propria declaração a tal respeito:=«Dom F. Francisco de S. Luiz «diz ter achado mui poucos subsidios em nossos Classicos para «compor seus synonimos, e que *rarissimas vezes tivera o satis-«fação de encontrar tão boa e segura guia;* outro tanto não di-«remos nós, pois só Vieira nos deo grande numero de artigos, «e ministrou definições seguras para bem fixar a synonymia de «muitas palavras, como se póde ver do contexto de nosso dic-«cionario. Era Vieira tão propenso a examinar a synonymia das «palavras portuguezas, que d'um só synonymo fez um sermão: «Crer em Christo, crer a Christo.»=

E com effeito, o author do *Diccionario* tirou grande partido da leitura dos nossos Classicos, e de tão rica mina desenterrou

cabedaes, que mui proveitosamente empregou no seu trabalho sobre os Synonimos. E ainda não está de todo explorada essa mina! Na occasião em que eu lia, ha pouco, a famosa carta de D. Francisco Manoel de Mello a Themudo, encontrei nella um bello exemplo de synonimia, que aos dous philologos escapára, e he o seguinte:

=«*Decisão*, supposto que em commum sentido pareça o mes-«mo que *Sentença*, sôa, a meu juizo, cousa de muito maior dig-«nidade. E a razão he, que a *sentença* parece, que não olha tanto «á qualidade da duvida, quanto ao conceito, que della fez o Juiz, «que sentenceia; e a *decisão* não olha tanto ao animo do Juiz, «quanto á qualidade da duvida. Donde se segue, que toda a *de-«cisão* he *sentença*, mas nem toda a *sentença* he *decisão*. E ain-«da no rigor dos verbos, em sua raiz Latina e Grega, o *senten-«ciar* he huma manifestação do sentido de cada hum, e o *deci-«dir* he desfazer, e cortar a duvida de dous.—Poder-se-hia «assim dizer: Que o *sentenciar* cabe somente nas causas duvi-«dosas, e o *decidir* naquellas, que duramente estão cegas, e obs-«tinadas. E como todos os negocios dos homens, não só os em-«barace a duvida, que procede da ignorancia da verdade; mas «os áte, e difficulte o vinculo, que se produzio da malicia: claro «fica, quanto mais faz, e fará o que *decidir*, julgando para si e «para os outros, que o que *sentenciar*, apenas julgando para «aquelles que julga.»=

Seria curioso apresentar aqui aos Leitores um exemplo do modo porque os dous philologos, de que nos occupamos, tratão um determinado assumpto, quando succede que ambos explicão os mesmos vocabulos; mas levar-me-hia isso muito longe, e este capitulo já vai estirado.

Terminarei, expondo com franqueza o meu humilde parecer ácerca do diverso merecimento dos dous escriptos sobre synonimos.

Se a elegancia da linguagem, o castigado da dicção, e a precisão philosophica me encantão no *Ensaio*,—encontro no *Diccionario* artigos de vasta erudição, authorisados com exemplos seguros, e tratados de mão de mestre, taes são, por exemplo, os artigos: *Genio, talento, engenho;—Estrangeiro, estranho, peregrino, forasteiro;* etc. O author do Ensaio tem a indisputavel gloria de ser o primeiro que abrio o caminho; o do *Diccionario* tem a gloria de haver alargado a esphera dos conhecimentos neste ramo de litteratura, hindo muito adiante do ponto em que parára o primeiro.

Confessarei finalmente que ambos os escriptos são excellentes subsidios para o ramo de Litteratura de que se trata; e que, nesta parte, estamos em bom caminho de progresso.

CAPITULO VIII.

DE DIVERSOS TRABALHOS PHILOLOGICOS SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA.

«La philologie est l'anatomie des langues..... elle scrute les idiomes humains, elle en démontre les ressorts, en décrit les procédés.

«L'homme parle, parce qu'il pense; il pense, parce qu'il est homme; la parole est la condition terrestre de la pensée, et il est puéril de les séparer.—La philologie a donc une mission sociale et n'est inférieure à aucune des sciences humaines.»

Assim se exprime M. Lerminier no seu curioso Livro—*Au-de là du Rhin*, definindo perfeitamente a philologia, explicando a sua missão, e fazendo sentir o alcance e a elevação desta sciencia.

Reuniremos neste Capitulo os diversos escriptos sobre a Lingua Portugueza, que reputamos puramente philologicos.

——Adagios Portuguezes, reduzidos a lugares communs —pelo *Licenciado Antonio Delicado*. 1651.

«Os adagios, diz Delicado, são as mais approvadas sentenças, que a experiencia achou nas acções humanas, ditas em breves, e elegantes palavras. Comprehende esta doutrina nam só as cousas moraes, mas todas as artes, e sciencias, e por isso em as mais das naçoens procuraram authores graves pôlas em memoria, e escrever dellas..... Pello que vendo eu, *que sendo a lingua Portugueza não menos abundante destas sentenças*, que todas as outras da Europa, me dispuz a colligir de varios exemplos esta pequena obra. Bem sei que pudéra ser o numero muito mayor, mas eu escolhi somente aquelles, que pera a decencia, e utilidade publica me parecêrão mais approvados.»

He claro que citamos esta obra debaixo do ponto de vista philologico, e como elemento de estudo da lingua.

——Metáphoras, ou Feira dos Anexins—seu Author *Dom Francisco Manoel de Mello.* (Obra inedita).

=«Livro curioso, diz o Sr. Alexandre Herculano, [4] em que estão lançadas methodicamente as metaphoras, e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer fallar as suas personagens com fraze conveniente e com as graças e toque proprio da nossa lingua portugueza, e do verdadeiro estilo dramatico.»=

Para que os Leitores, que não tiverem conhecimento da *Feira dos Anexins*, possão fazer idéa aproximada desta curiosa producção de D. Francisco Manoel, lançarei aqui alguns trechos dessa curiosa obra:

=«Homem, o entendimento nam he fazenda, que *ande em «cabeça de morgado;* quem não tem cabeça sempre hé mais ca«beçudo.

«Nam repara em *cabeçadas.*

«Dizem despropositos, e *quebram-nos as cabeças* com se me«terem na cabeceira do rol dos discretos.»=

=«Eu aqui estou com *os braços crusados,* pois tenho bra«cejado bastantemente; por nam *dar o meu braço a torcer,* e «vocês me *atam os braços* com o empenho: venham quantas me«táphoras vierem, todas *aceito com os braços abertos.*

«O que se póde recear sam *abraços de frade.*

«Temos pulha me fecit: elle nam poderia valerse *do braço «secular.*»=

=«Vá de metáphora de maons, que lhe heide agora *pôr as «maons, e a boa vontade.*

«O senhor, se lhe *dam o pé, toma a mam.*

«Muitas vezes deve huma pessoa *dar de mam* a certas pala«vras.

«Agora *metidas as maons na maça,* não tem remedio: ham «de se *encher maons de papel,* mas que seja o que fôr.

«Olhe o manáças *botando as maons de fora* na valentia: «*meta a mam no ceyo,* que nem tudo o que diz são discrições; «tambem manqueja muy bem.

«Senhores, com as *maons erguidas* lhes peço, não *brinque-*

«*mos de maons*, que ás vezes das maons escapa huma, que he «bofetada sem mam, e a pedra tanto que vay fora da mam, nam «tem remedio.»=

=«Em metáphora de Estomago. Confesso-lhes que já estou «bem *estomagado*.

«Pois a mim com pouco se me *embrulha o estomago*, e si-«milhantes chascos, nam me fazem *bom cozimento* a elle.»=

=«Eu cá estou *com hum pé no ar*, como grou, ouvindo-os «a vocês gabar-se, porem não quero dizer nada, que ainda *não* «*pondo o pé faço pegada*.

«Nam digo eu! *Debaixo dos pés se levantam os callos;* heide «*arrimar os pés á parede* a nam dizer nada.

«Ora diga, meu S.^{or}, se o offendi, *aqui me tem a seus pés*.»=

=«Que he isso lá com a *Noz?* falláram a esta palavra as «*Nozes*. Nós he cousa atada, disseram as *Bolotas*. Pois nam, «tornáram as *Nozes*, nada de atadas temos; antes por muy de-«senvoltas a todos nos mostramos. Isso he por serem *quentes*, «replicáram as Bolotas: nam somos nós assim, quem quizer *bo-«lota, que trépe:* nam somos tão faceis, quer hũas, quer outras. «Valha-as hũa figa, disseram nesta occassiam os *Figos*, tem tanto «juizo ambas como huma *avelãa*. Quem os mette cá com as fru-«ctas seccas? perguntáram as *Tamaras*. Porque, respondéram «elles, vossês nunca viram *presentes de figos passados*, que vem «do *Algarve?* Alguns de vossês levam-nos as *lampas* em tempo «de figos? Nem ainda as fructas verdes pola vindima, pois che-«gou o texto das velhas, que quando ha figos, nam ha ami-«gos.»= [2]

Folgaria muito de proseguir nas interessantes citações; mas o meu intento foi unicamente dar uma amostra da natureza da Obra—ás pessoas que ainda a não podérão haver á mão.

[1] Panor. 1840. pag. 296.

[2] Os Leitores que não podérem haver á mão a *Feira dos Anexins*, devem recorrer a uma obra de João Baptista de Castro, que tem por titulo: *Hora de Recreyo nas ferias de mayores estudos, e oppressão de mayores cuidados*. Lisboa 1750. Ahi encontrarão alguns extractos, se bem que em limitado número.

——Primeira parte das Frases Portuguezas, a que correspondem as mais puras e elegantes Latinas.

Segunda parte dos principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial correspondente.

Vem no fim da Prosodia de Bento Pereira. Lisboa—1661. 1674.

——No fim do *Diccionario Exegetico*, publicado em 1781, vem uma collecção de adagios, proprios do idioma portuguez. O author anonymo do Diccionario considera os adagios, como *as joias mais preciosas, que enriquecem, e fazem mais brilhante o Thesouro da Lingua.*

Daremos noticia mais circumstanciada do *Diccionario Exegetico* no fim deste Capitulo.

——Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza. Tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alfabetica.—Por F. R. J. L. E. L. —Lisboa 1780.

Com esta epigraphe: *La sagesse, et la prudence de chaque Nation consiste en ses Proverbes.*

O author desta collecção de Proverbios diz no Prologo: «Tra«balhei por mendigar da Antiguidade quantos pude achar; a «maior parte delles são extrahidos do Vocabulario Portuguez de «D. Rafael Bluteau.—*Nelles achão-se algumas palavras já, ha «longos annos, arredadas de nós; mas esta mesma antiguidade «faz respeitar, e venerar a singeleza daquelles antigos tempos; «e conhece-se tambem qual era o modo de fallar vulgar dos se«culos anteriores a este.*

——Antidoto da Lingua Portugueza—por *Antonio de Mello da Fonseca.* Amsterdão. 1710.

Tres são os assumptos de que o author se occupa na sua obra:

=«He a primeira dissertação sobre a bondade egregia da nossa Lingua, e sobre a grande utilidade, que ella tem recebido das palavras Latinas já nella introduzidas, e consequentemente recebe da introducção continuada de outras, que do Latim recente e justamente usurpamos para a enriquecer e ornar.»=

=«He a segunda dissertação sobre a grande variedade de

ornamentos, concinnidades, e excellencias, que deve ter huma Lingua, para que rectamente lhe possamos chamar perfeita.»==

==«He finalmente a terceira e ultima dissertação hum panegirico sobre a sublimidade notavel do ingenho singular do nosso Camões, e sobre a eminencia gloriosissima, com que admiravelmente venceu todas as excellencias sempre admiradas na celeberrima poesia do famosissimo Torquato Tasso.»==

Ha nesta obra uma consideravel riqueza de instrucção philologiça; mas ha tambem nella muitas asserções e doutrina exageradas e insustentaveis. O author quer, por exemplo, enriquecer a nossa lingua, a todo custo, com os despojos da latina; mas o caso he, que elle proprio, sem o querer, refuta as suas demasiadas exigencias. Vejâmos uma pequena amostra do *Antidoto*, e assim formaremos idéa do barbarismo a que chegaria o idioma portuguez, se se adoptasse a opinião do author:==«Se eu soubesse (diz elle algures), com a clareza e elegancia dignas da gravidade deste importante assumpto, *enuclear, e enodar as difficuldades, dilucidar e propulsar os errores*, etc. etc.»== Que algaravia!

O author quer tambem acabar, a todo trance, com o diphtongo *ão* na lingua portugueza, quando aliás devêra limitar-se a recommendar o uso moderado e discreto daquella desinencia nasal.—E he igualmente notavel que elle proprio apresente argumentos, que demonstrão o absurdo de uma condemnação, a tal ponto generica e absoluta! Cita elle, entre outros, o admiravel e bem conhecido trecho de Vieira: *Abalar-se-hão os montes, retumbarão os valles, affundar-se-hão athé aos abismos os mares, descobrir-se-ha o centro da terra, e apparecerão revoltos os fundamentos do mundo.*—E com effeito, o author do *Antidoto*, elle mesmo, reconhece que neste logar faz um optimo effeito a repetição do som nasal, e como que augmenta o terror da imaginosa pintura do temeroso quadro.—¿Para que he pois querer que á palavra «podridão» se substitua *putrédine;* a «cerração»—*caligine;* a «sequidão»—*siccidade;* a «soffreguidão»—*avididade*, etc. etc.?

Pondo, porém, de parte este e outros senões, he força confessar que ha nesta obra muito que aprender, muito que aproveitar.

He muito curioso o que diz o Cavalheiro d'Oliveira (Memoires historiques, concernant le Portugal) relativamente ao author desta Obra.

=«Conheci em Lisboa este autor, o qual era hum Estudantão de má figura. As da sua composição são mais agradaveis. Esta obra he engenhoza. Pretender a correcção da Lingoa Portugueza, foi hum assumpto de que ouvi sempre rir em Portugal. Se nessa materia se não deve seguir tudo o que este autor escreveo, muitas regras se podião tirar da sua invenção, para detestar algumas grosserias, que com pouco gosto conservamos no idioma Portuguez, as quaes com pouco trabalho, e quasi sem differença se podião limar. Quanto aos vocabulos que acabão em *ão* como *Torrão, Trovão, Ladrão,* sou bem contra elles, por que não acho impressão que não duvide trabalhar nas memorias que escrevo em Portuguez por medo destes vocabulos, os quaes sendo somente uzados por nós outros se achão nas impressoens estrangeiras os *Os* com til por sima. Pode-se aqui imprimir em Grego, Alemão, Olandez, Italiano e Francez com muita facilidade, mas em Portuguez ão: Difficilem rem postulasti.»=

(Note-se que o Cavalheiro d'Oliveira imprimia as suas Memorias na Haya, e que todas as palavras portuguezas, acabadas em *ão,* de que fez uso, são assim impressas: *aõ, naõ, Torraõ, Trovaõ, Ladraõ;* e não como acima as transcrevemos.)

——Infermidades da Lingua, e Arte que a ensina a emmudecer para melhorar—author *Sylvestre Silverio da Silveira e Silva.* 1759.

Esta obra, que he antes um tratado de moral pratica, e de finissima critica das tendencias ruins do homem, he por nós mencionada entre os subsidios philologicos, em consequencia de consagrar o Author algumas paginas á enumeração de palavras e phrases, que julga deverem ser excluidas de todo da nossa Lingua.

Imagina o Author que um Medico de grande experiencia se incumbe de examinar os achaques da Lingua humana, e que para remedio da maior parte desses achaques receita a *mudez,* convencido de que o mundo lucra em que a lingua seja corrigida antes de fallar, e se conserve muda antes de proferir o que deseja dizer.—Trata primeiramente dos homens que fallão muito, e de tudo, e em tudo. Contra estes prodigos de palavras, só o conselho da mudez póde ser bom remedio. «O bruto conhe-«ce-se por bruto, porque não falla; e o homem, em quanto não «falla, conhece-se por homem: *porém taes palavras profere ás «vezes, que por bruto fica conhecido.....* De cansada (a lingua

«do fallador) perdeo as forças, e perdêrão a efficacia as suas pa-«lavras; e das muitas que proferio-lhe procedeo estar douda, «como se evidencêa, pelos disparates que profere.»—Vem depois a vez dos *soberbos*, cujas palavras arrogantes, soltas, dissolutas, aérias, tanto nos desvião do fim para que a Natureza nos deu a falla, convidando-nos á sociabilidade, á benevolencia, á humildade. Pois emmudeça a lingua dos soberbos!—He digna de ser lida a *visita* da lingua *dobrada* e *torcida* dos aduladores, dos hypocritas, e de todos os que enganão com palavras.—Segue-se a visita das linguas dos maldizentes, dos murmuradores: «Prendem-se os cães de filla, porque são nocivos ao povo, quan-«do não estão prezos: se da soltura da lingua procedem tantos «males; porque não a terá seu dono preza, para que evite o cas-«tigo do damno que cauza pela trazer solta?..... A melhor sa-«bedoria do mundo disse que he melhor o bom nome do que as «muitas riquezas: mais que muitas riquezas rouba o murmura-«dor quando tira o bom nome ao objecto de seu depravado ani-«mo.»—Vem logo a vez dos *criticos*, e nessa *visita* ha cousas muito aproveitaveis sobre a parte moral da Critica Litteraria.—«Chegou, por desgraça do tempo, o tempo em que se tem por «officio o dizer mal; e que papel poderá sahir bem feito, se se «não applicão os entendimentos mais do que ao que está mal «dito?»

Mas, já basta de acompanharmos o Author em cousas que não fazem ao nosso particular proposito. O que especialmente nos interessa he o trabalho da collecção das palavras e phrases da lingua portugueza, que lhe parecêrão improprias e condemnaveis: «Entre as innumeraveis palavras (diz elle) que a igno-«rancia tem introduzido, e em que a lingua tem degenerado, «escreverey as que agora me lembrão, e as indignas frazes de «que o vulgo usa, infamando-as por indiscretas, por loucas, e «por temerarias; já porque não tem recta deducção da lingua-«ge; já porque as instituio a ignorancia; já porque as não re-«cebeo a descripção; já porque só se usão nos periodos descom-«postos; e já porque só dellas se trata nas praticas deshones-«tas.»

O Author, tomando cada uma das letras do alphabeto, vai reunindo todas as palavras e phrases que entendeu estarem naquellas circumstancias,—sendo a collecção dellas muito numerosa, e offerecendo por isso reunidos muitos elementos deste genero, que a grande custo se encontrão, espalhados como andão.—

Para darmos um exemplo da marcha que segue, citaremos algumas palavras e phrases que enumera na letra *A:*

—*Nomes.* Achêgas, a dous carrilhos, aceirar, arquejar, atolico, apoucado, abarbado, á valentona, asneira, arengueiro, asnidade, ataçalhar, á risca, etc. etc.

—*Phrases.* Anda á gandaya, andar á matroca, ás atenças, arreganhou-lhe os dentes, atrapalhou-me o capitulo. etc. etc.

Assim prosegue longamente na letra *A*, e o mesmo vai fazendo em quanto ás outras letras do alphabeto.

O Author he nimiamente escrupuloso, e severo em demasia, quando condemna de todo um sem numero de palavras e phrases, as quaes, empregadas a tempo e opportunamente, communicão uma certa energia e graça á expressão, e enriquecem a lingua com idiotismos, e a tornão propria para todos os estylos. Condemnemos sim as palavras que o vulgo pronuncia mal, como *atolico*, em vez de *attonito;* condemnemos as palavras e as phrases malsoantes, ou indecentes, ou forçadas; mas conservemos todas quantas não estiverem nesse caso, e bem longe de opinar com o Author que se evitem de todo, recommendemos apenas que se empreguem com discreto juizo.

——Dissertação Academica de Antonio Pereira de Figueiredo, escrita e recitada no anno de 1781.

Tem por fim mostrar que entre todos os nossos Escriptores he João de Barros aquelle, em quem mais reluz a eloquencia da Lingua Portugueza considerada no seu fundo.

O Author tem para si que toda aquella naturalidade, formosura e desfastio de dizer, que admirâmos em Lucena, Sousa, Vieira, toda a aprendêrão e tirárão elles de Barros.

Para demonstrar este seu modo de vêr as cousas entra em um exame philologico da locução de Barros, citando exemplos de *palavras proprias,* de *felicidade e belleza das metaphoras,* que se encontrão nas *Decadas;* e depois de ter feito adequadas confrontações, conclue que a *Barros* deve a nossa Lingua a sua principal firmeza, consistencia e magestade,—a *Vieira* o seu ultimo polimento e esplendor.

——Analyse, e combinações filosoficas sobre a elocução, e estilo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões, segundo o espirito do sabio Programma da Academia Real das Sciencias—publicado em 17 de Janeiro de 1790. Por *Francisco Dias Gomes.*

A *Analyse* foi coroada pela Academia na Sessão Publica de Maio de 1792.

O erudito Philologo, tomando por ponto de partida Sá de Miranda, procurou primeiramente indagar o estado em que este encontrou a Lingua, e passou depois a sondar as qualidades principaes da composição e estylo daquelle *Padre da Poesia Portugueza,* e em seguimento as de Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões.

Sem acompanharmos o author nos seus longos, quanto eruditos desenvolvimentos, limitar-nos-hemos a apresentar, muito em resumo, as conclusões philologicas a que elle chega.

Sá de Miranda principiou a estabelecer um andamento regular na Syntaxe da Lingua Portugueza.

Ferreira proseguiu no melhoramento da Syntaxe, enriqueceu a lingua de muitas bellezas, e formulas de artigos, deu-lhe força e elevação; *Bernardes* deu á lingua cultura e harmonia; a *Caminha* pouco deve a lingua.

Camões, emfim, estabeleceu de todo a analogia, enriqueceu o idioma, determinou a sua indole, tornou-o capaz de todos os assumptos, e flexivel para todos os estilos.

——Ensaio sobre a Filologia Portugueza por meio do Exame e comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes Poetas, que florecêrão no seculo XVI—por *Antonio das Neves Pereira.* (Premiado pela Academia Real das Sciencias na Sessão Publica de 12 de Maio de 1792.)

O Ensaio he dividido em duas partes; na 1.ª trata da Poesia a respeito do exercicio das Linguas; a 2.ª parte he dividida em 5 Capitulos, sendo o 1.° consagrado ao exame da locução e estylo comico de Ferreira, Miranda, e Camões,—o 2.° ao exame do estylo heroico tragico de Ferreira,—o 3.° ao exame do estylo heroico epico de Camões,—o 4.° ao exame do estylo pastoril e locução de Miranda, Bernardes, Camões, Caminha, Ferreira,—o 5.° ao exame do estylo lyrico de Ferreira, Camões, Caminha.

——Memorias sobre a Poesia Bucolica dos Poetas Portuguezes—por *Joaquim de Foyos.*

O author propõe-se a avaliar o merecimento dos nossos Poetas Bucolicos, estabelecendo primeiramente a doutrina sobre o nome desta Poesia, sua definição, essencia da sua Fabula, dos seus Authores, da sua sentença, estylo, metro proprio, e extensão que os respectivos poemas comportão.

Não sahio á luz senão a 1.ª Memoria, a qual trata dos principios geraes que deixo indicados.

——Ensaio Critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servirão os nossos bons Escritores do seculo XV e XVI; e deixárão esquecer os que depois se seguirão até ao presente—por *Antonio das Neves Pereira.*

O *Ensaio* divide-se em tres Partes. Na 1.ª trata das causas da decadencia da lingua portugueza, com referencia á Analogia, á Etymologia, e ao Uso. Na 2.ª trata do Plebeismo, Latinismo e Francezia, como causas tambem da decadencia da lingua portugueza. (Note-se que no Capitulo 4.º, e ultimo desta 2.ª parte, se trata dos Authores da lingua portugueza, como sendo o esquecimento dos seus escriptos uma causa tambem da decadencia da dita lingua.) Na 3.ª parte trata do modo de usar das palavras, de que se servírão os nossos bons Escriptores dos seculos XV e XVI.

O *Ensaio* he uma das mais ricas minas de philologia, que possuimos nos terrenos da nossa Litteratura. A essa mina têem recorrido muitos Litteratos, e alguns de grande reputação, sem que todavia hajão pago um tributo de reconhecimento ao erudito author, citando-o ao menos! He mais um novo exemplo do esquecimento da famosa sentença: *Ingenui est animi fateri per quos profeceris.*

——Espirito da Lingua Portugueza, extrahido das Decadas do insigne Escritor João de Barros—por *Antonio Pereira de Figueiredo.*

Vem no fim uma nota, que diz assim: «Antonio Pereira de «Figueiredo o deo de presente á Academia das Sciencias, e Bel«las Letras de Lisboa, para servir de soccorro aos Socios d'ella,

«que trabalhão em compôr hum Diccionario da nossa Lingua.
«Lisboa 3 de Janeiro de 1781.»

O plano que o Author seguiu foi o de enfiar pela ordem alphabetica os nomes, verbos, formulas e modos de fallar, que encontrou e notou nas Decadas. Daremos um exemplo, tirado da letra *A*.

«*A Deos Misericordia.* Fraze tirada do que costumam os «mareantes, que he na occasiam da tormenta chamar por Deos «que lhes acuda; e com ella *(formula)* costuma explicar Barros «o perigo e destroço das náos.

«I. V. 9.» Conveo-lhe cortar as amarras, e fazer-se á vella «via deste reyno *a Deos Misericordia.*

«II. I. 7.» Partiram-se *a Deos Misericordia* sem piloto.

«III. IV. 5.» E avendo dous dias que andavam na lingua «das ondas *a Deos Misericordia*, chegaram a terra.»

Entendemos que o presente feito á Academia foi de valor, e que ainda hoje o tem.

——Ensaio sobre a Filologia Portugueza por meio do Exame e comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes Poetas, que florecêrão no seculo XVI— por *Antonio das Neves Pereira.*—Com esta epigraphe:

Docemente suspira, doce canta
A Portugueza Musa, filha, herdeira
Da Grega e da Latina, que assi espanta.
Ferr. *Cart*, *liv.* 2. *Cart.* 10.

(Premiado na Sessão da Acad. R. das Sc. de 12 de Maio de 1792.)

O erudito author assenta primeiramente os seguintes principios:

Á proporção que a Poesia se cultiva, cresce o progresso das linguas, e respectivamente, quanto mais uma lingua se cultiva, tanto mais perfeitas serão as obras da Eloquencia, e Poesia.

A Poesia abraça uma grande multiplicidade de objectos, e por isso carece de uma immensa variedade e abundancia de expressões e estylo, para poder pintar as differentes partes do seu objecto universal.

A Poesia tem por fim a pintura dos objectos da natureza bella, mas uma pintura que falla á alma, ao mesmo tempo que aos ouvidos. Daqui vem a necessidade que ella tem de uma lingua harmoniosa e imitativa, por maneira que não só mova o

animo com a expressão dos sentimentos, e com o colorido das imagens, mas tambem encante o ouvido com a belleza physica dos sons.

Se uma lingua fôr assaz rica, e assaz imitativa para satisfazer a todas as exigencias poeticas, para *pintar* em todos os generos da Poesia, hade necessariamente fornecer elementos adequados para as producções pastoris, lyricas, tragicas, comicas, epicas, epigrammaticas, etc.; e vice-versa, cada um desses generos de poesia hade concorrer para o seu augmento e perfeição particular, por meio de varias modificações do estylo, segundo a sua diversa especialidade.

Lancemos com o author um olhar attento sobre cada um desses generos de poesia:

Pastoril. Os pastores não analysão as idéas, não as compõem; toda a sua phrase consta, pela maior parte, de imagens, e de sentimentos. Predominão nelles as sensações sobre a reflexão; e o seu estylo he todo figurado. *Tal he a linguagem da natureza, pobre de vocabulos, abundante de imagens; e tal he a que convem neste genero de poesia.*

O estylo *Lyrico* exclue a analyse systematica, de que ordinariamente faz uso o homem que se occupa de discorrer, de meditar, de reflectir. *O estylo Lyrico he o estylo das metaphoras, das allegorias, e comparações.*

Estylo Tragico. Os authores tragicos põem em scena as paixões humanas, os mysterios do coração, os diversos movimentos da alma, e ora lhes he preciso ser vehementes, ora patheticos, ora animados e fogosos, ora brandos e ternos; umas vezes pintão o homem arrebatado de alegria e de enthusiasmo, outras vezes repassado de tristeza e desalento, etc.; *do que facilmente se comprehende, quanto este genero de Poesia conduz ao exercicio da lingua, modificando diversissimamente as suas phrases conforme as acções, as intrigas, os caracteres dos actores* etc.

Estylo Comico. Concurso da naturalidade com o artificio da imitação, nos discursos, nos caracteres e nas acções; eis o typo do verdadeiro estylo comico; viveza de engenho, e ao mesmo tempo uma grande delicadeza na pintura dos defeitos do homem, da desigualdade do caracter, de excentricidades mil, de tendencias viciosas, etc. etc., eis os requisitos necessariôs ao Poeta que *põe a moral em espectaculo,* e quer satisfazer ao preceito *ridendo castigat mores.*—«Quando o Poeta sabe fallar na sua lin«gua a linguagem de todos os estados de pessoas, e no tom que

«convem ao cortezão, ao paizano, ao sabio, e ao ignorante: quem «duvída, que parecendo então exhaurir a sua lingua, a aug- «menta indizivelmente?»

Estylo Epico. O poema epico, comparado com a tragedia, tem por objecto uma acção heroica mais prolongada e mais duravel; admitte maior numero e variedade de incidentes, não só do que a tragedia, mas tambem do que todos os outros poemas; tem, nas pinturas, uma liberdade amplissima; a acção, supposto que menos animada, que na tragedia, he com tudo capaz de excitar nos animos a perturbação, o terror, a compaixão.=«O «estylo epico puro predomina nas paixões mais brandas, e nas «situações mais tranquillas, onde a inspiração presumida per- «mitte ao Poeta usar de maior pompa, e tomar um tom mais «elevado, admittindo as imagens de todos os tempos, de todos os «climas, de todas as condições da vida humana. Do que se col- «lige, que ainda quando hum Poema Epico não seja escrito se «não em prosa poetica e harmoniosa, necessariamente hade en- «riquecer, e polir muito a lingua.»=

Assentados estes principios, que na Memoria são convenientemente desenvolvidos, passa o author a examinar a locução e estylo de diversos poetas nossos, *profundando mais o que pertence ao estylo da Lingua, do que o que he mais propriamente estylo do author.*

Admittindo, porém, que os Poetas sejão os melhores mestres da Lingua,—¿quaes dos nossos poderião ser escolhidos pelo author da Memoria, como sendo os mais proprios para o exame a que elle se propoz?—O author considerou como um thesouro da nossa Lingua as producções poeticas de Camões, Ferreira, Bernardes, Miranda, e Caminha, como sendo estes poetas *os espiritos mais raros que as boas Musas tinhão reservado para a gloria de Portugal, n'um seculo, que foi a época mais feliz da Lingua, e da Litteratura Portugueza.*

Com effeito, florecêrão estes Poetas, brilhando diversamente, no mesmo seculo; e para que o Leitor o veja de um lançar de olhos, poremos aqui a data em que deixou de existir cada um delles:

Camões	falleceu	no	anno	de	1579.
Ferreira	»	»	»	»	1569.
Bernardes	»	»	»	»	1596.
Miranda	»	»	»	»	1558.
Caminha	»	»	»	»	1594.

¿Mas não tem cada um desses poetas um estylo particular, ainda no caso em que se occupão do mesmo genero de poesia? —Sim, tem; mas apesar dessa diversidade, entende o author da Memoria *que a nossa lingua se acha toda inteira nestes insignes poetas,* em quanto ao que elle chama *precisamente espirito da lingua;* e para melhor explicar o seu pensamento, accrescenta que nesses poetas se encontra a nossa lingua—*toda no mesmo vigor, no mesmo genio e caracter nacional, com que hoje a fallamos; na mesma flexibilidade em representar as idéas do entendimento, os vôos da imaginação, os sentimentos ou affectos do animo: na mesma copia, variedade, ingenuidade, graça, energia, rapidez, vehemencia, sublimidade.*

A lição, pois, das diversas producções desses poetas, em todos os diversos generos de poesia, póde servir de regra para *fixar uma Analogia exacta da nossa Lingua, e discernir os seus idiotismos, e anomalias.* Neste sentido, e para similhante *fim,* começa o author da Memoria a examinar o estylo comico, tragico, epico, pastoril e lyrico desses poetas.

No exame da locução e estylo comico de Ferreira, Miranda, e Camões, analysa o *Cioso* do Ferreira,—os *Estrangeiros* de Miranda;—não encontra em Camões a *vis comica,* nem o perfeito estylo comico, tendo por isso como inutil buscar aqui ou alli, nas comedias de Camões, alguma expressão, ou pensamento felizes.

Examina depois o estylo heroico-tragico de Ferreira, occupando-se longamente da tragedia *Castro;* julgando que Ferreira soube imitar os antigos sem servilismo, e concorreu, por outro lado, para aperfeiçoar a lingua, communicando-lhe elegancia, delicadeza, e elevação. Não perde o author da Memoria a opportunidade que se lhe offerece de louvar Ferreira, pelo amor que tão apaixonadamente consagrou á lingua portugueza, e pelo serviço que fez á poesia com a introducção do verso solto.

Trata depois largamente do estylo heroico-epico de Camões. *No seu estylo se achão,* diz o author, *todas as riquezas da nossa lingua, e se descobrem os solidos meios de as podermos multiplicar. Do que podemos concluir, que de todos os nossos Escriptores nenhum ha, a quem a Lingua Portugueza seja mais devedora do que a Camões; e quando nella não tivessemos outro algum monumento, mais que os Lusiadas, este só bastaria para mostrar ás nações cultas as bellezas, de que a nossa lingua he capaz.*

—Trata logo do estylo pastoril de *Sá de Miranda,* e opina que he elle mais vasto, mais copioso, e incomparavelmente mais natural do que o antigo Pastoril, que só constava das pinturas physicas da Natureza, e sobre tudo da galanteria campestre. Os pastores de Sá de Miranda são sempre, e em tudo Pastores, isto he, homens capazes de sentimento, posto que não versados em discursos profundos.—No grave estylo de Sá de Miranda ha brevidade, e concisão na phrase, e este atticismo he o seu caracteristico.

—*Bernardes* merece, no conceito do author da Memoria, pelas bellezas de locução, e estylo Pastoril, o titulo de Principe dos Poetas neste genero.

—«As Eclogas de *Camões* tem aqui e alli algumas decorações pastoris, que são como lugares communs neste genero: os seus versos são de grande suavidade e doçura, e o estylo faz uma illusão agradavel pela propriedade das expressões, pela elegancia; sobre tudo he admiravel nas pinturas physicas; nada lhe falta senão a ingenuidade, o tom pastoril, e aquelle *molle atque facetum,* que a Musa Latina concedeu a Virgilio, e a Portugueza a Bernardes. Ninguem melhor, do que Camões, teria esta vantagem, se como outro Ovidio, se não entregasse á natural facilidade, e fecundidade do seu engenho: com mais juizo, e menos de viveza seria Principe neste genero de Poesia, como he nos outros.»

—Caminha. «Pelo que pertence ao estylo pastoril, sómente temos deste Poeta quatro Eclogas, as quaes todas são de invenção simples, mas um modelo de propriedade, e elegancia de linguagem: e como a ingenuidade e singeleza não excluem a delicadeza de sentimentos, esta se acha de quando em quando nas Eclogas de Caminha.»

Mas basta; levar-nos-hia muito longe a tarefa de acompanhar o erudito author no exame a que se propoz. Talvez em demasia nos detivemos neste artigo; mas foi necessario dar uma idéa deste importantissimo escripto, fazendo sentir a sua importancia, e merecimento, tanto quanto póde conseguir-se por meio de um extracto muito succinto e incompleto.

——Obras Poeticas de *Francisco Dias Gomes.*—1799.

Esta obra foi mandada imprimir pela Academia Real das Sciencias, a beneficio da viuva e orphãos do author. Honra e louvores mil á Academia por ter tomado uma resolução tão caritativa, alliando assim o exercicio da santa virtude da beneficencia com o proposito de enriquecer as nossas Lettras!

A vida de Francisco Dias Gomes he notavel na republica litteraria, pelo phenomeno de apresentar um Poeta elegante, um erudito de grande força, e um critico de authoridade, na pessoa humilde de um homem, a quem a cega fortuna desviou da carreira universitaria, que começára a seguir, para o lançar na administração de uma loja de mercearia! Mas esse homem, com quem a fortuna foi injusta, como sóhe ser de ordinario com o merecimento verdadeiro, esse homem, digo, havia estudado nas escholas da Congregação do Oratorio, e ahi ganhára amor ás Lettras, e paixão pela leitura; de sorte que, ainda no modesto trato da sua mercearia, aproveitava todos os instantes disponiveis para versar de continuo os livros, chegando a adquirir a mais vasta lição na Litteratura antiga e moderna, e conseguindo dest'arte não só resistir ao damno, que ao espirito podia causar-lhe o theor do seu viver, senão tambem apurar o gosto, e preparar-se para a composição poetica, e para a critica.

Não entra no meu proposito julgar as suas Poesias; cabeme unicamente a missão de recommendar as *Notas* das differentes Elegias, Odes, e Cantos, como sendo um precioso thesouro de philologia, de erudição, e de boa critica.

Os juizos de Francisco Dias Gomes são de muito pezo e authoridade.

A *Breve Noticia da Vida e Obras do Author*, escripta em 1799 pelo sabio Stockler, he um bello pedaço biographico e critico, que merece ser lido por quem quizer ter conhecimento de Francisco Dias Gomes, e das suas obras.

Terei occasião de citar de novo as obras de Francisco Dias Gomes, quando tratar da Critica Litteraria.

——Camões.—Ode do Cavalheiro Raynouard..... traduzida em verso portuguez por *Francisco Manoel (Filinto Élisio), Vicente Pedro Nolasco*, e *F. L.e Verdier.*—Correta e annotada.... por *Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro.*—Lisboa. 1825.

Este opusculo, em presença dos elementos que contém, póde ser considerado como um bom trabalho philologico, pois que proporciona uma opportuna occasião de estudar com proveito a nossa lingua, offerecendo ao leitor tres diversas traducções, em verso portuguez, de uma Ode franceza, muito apreciavel, com algumas annotações criticas, muito proprias para ajudar um estudo reflectido.

M. Raynouard, secretario perpetuo da Academia Franceza, compoz a celebre ode a Camões, que começa assim:

Habitans des rives du Tage,
Dirigez mes pas incertains:
J'apporte non pieux hommage
Au Chantre heureux des Lusitains.
etc.

O nosso Francisco Manoel traduziu esta ode em verso portuguez, sendo muito para notar que contava já 85 annos de idade, quando se deu a esse trabalho! *Esta Ode*, diz elle em uma nota, *que o meu Amigo Constancio me pediu que mui breve lh'a traduzisse, dous dias nella trabalhei d'affogadilho.* Apezar, porém, de ser feita essa traducção em tão curto praso, e de estar já o traductor em *tão avelhentada estação*, — notão-se todavia naquelle trabalho os brilhantes rasgos do eximio Poeta, que caracterisão as composições de Filinto Elysio.

O Dr. Vicente Pedro Nolasco, não satisfeito com a traducção de Francisco Manoel, e pretendendo demonstrar que a ode de Raynouard podia ser vertida com maior fidelidade e primor, fez uma nova traducção em verso portuguez.

E finalmente Verdier traduziu tambem em verso portuguez a mesma Ode.

No opusculo de que tratâmos inseriu o author a ode original de Raynouard, e as tres traducções portuguezas; habilitando deste modo os leitores, não só para confrontarem de perto as linguas franceza e portugueza, mas tambem para apreciarem a excellencia da ultima.

As notas a cada uma das traducções são interessantes, não só debaixo do ponto de vista poetico, mas tambem, e principalmente, do philologico.

A leitura, pois, das tres diversas traducções, a confrontação de umas com outras, e o attento exame das observações criticas do author do opusculo, são um meio muito accommodado para entrar no conhecimento dos grandes dotes da nossa lingua.

——Reflexões sobre a Lingua Portugueza, escriptas por *Francisco J sé Freire*, publicadas com algumas annotações pela Sociedade dos Conhecimentos uteis.—Lisboa 1842.

Este trabalho he dividido em tres partes. A primeira trata

do valor das palavras e correcção da Grammatica; a 2.ª trata do que pertence á pronunciação; a 3.ª trata da nossa linguagem antiga, e comprehende illustrações e additamentos ás Partes 1.ª e 2.ª

He precedido de um erudito Prologo do Sr. J. H. da Cunha Rivara, e seguido de interessantes notas, para as quaes tambem forneceu elementos o Sr. Rivara, segundo declarão os Editores. No fim do Prologo, e como parte integrante delle, vem um catalogo de todas as obras que composera *Francisco José Freire*, mais conhecido pelo nome Arcadico de *Candido Lusitano*.

O fim principal das annotações he, segundo designadamente apontão os Editores, rectificar ou corrigir idéas e juizos do Author, que em virtude de estudos posteriores são hoje inadoptaveis; e deste modo, he gostoso confessa-lo, as *Reflexões* são um livro de bastante utilidade, depois das rectificações e correcções das eruditas notas, que vão no fim de cada divisão da obra.— Entre essas notas, todas importantes, he especialmente recommendavel a da 1.ª *Reflexão* sobre a authoridade dos Classicos; devendo confrontar-se o que dizem o texto e a nota, com o § 407 (palavra *Classicos)* da *Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina*, por José Vicente de Moura, e com a relação dos Authores de que a Academia Real das Sciencias se serviu para a compilação do seu Diccionario.

A Philologia não he puramente um trabalho abstracto de simples erudição grammatical ou linguistica, propõe-se tambem a levar luz á historia, á jurisprudencia, e quiçá a outras sciencias. He por isso que nos faremos cargo de mencionar os seguintes subsidios:

——Observações sobre a verdadeira significação da palavra Privado, de que usão nossos mais antigos documentos e Escriptores.—Por *Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato.*

«Duas forão as causas, diz o sabio Trigoso, que tive em vista quando escrevi a presente Memoria; a primeira foi notar a incuria com que os nossos Diccionaristas antigos e modernos confundírão as duas palavras *Privado*, e *Valido*, tomando-as como synonymas; a segunda, notar o erro em que ao mesmo respeito cahírão alguns dos nossos Escriptores e Publicistas.»

O sabio author das *Observações* percorre os nossos documentos antigos, os Livros Genealogicos, os nossos Chronistas, e Escritores Classicos, e outros mais proximos a nós, concluindo que até o reinado de D. João 1.° chamava-se *Privado* áquelle conselheiro que tinha maior trato e conversação com o Soberano *nos negocios do estado;* e que os que depois se chamárão *Validos*, erão os que com elle tinhão merecimento ou graça, em virtude da qual conseguião o que lhe pedião; depois porém do reinado de D. João 1.° passou o nome de *Privado* a ser synonimo de *Valido*. Apparece a entidade de *Escrivão da Puridade;* este officio que começou no mesmo reinado *(D. Affonso 3.°)* em que começou o de *Privado*, e continuou muitos annos depois deste acabar, designava os verdadeiros Ministros do expediente, em quanto que os Privados só o erão do despacho.

Em quanto aos *Escrivães da Puridade*, temos uma erudita Memoria do mesmo sabio Trigoso, lida na sessão ordinaria da Academia de 4 de Novembro de 1835.

——Entre as *Dissertações* do Padre *Antonio Pereira de Figueiredo*, qua andão nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, mencionaremos a 2.ª e a 6.ª, como versando sobre assumptos philologicos.

A 2.ª trata da *Etymologia dos nomes Iberia, Celtiberia, Hispania, Lusitania;* a 6.ª trata da *Etymologia do nome de Pyreneos.*

——A Philologia, applicada á Jurisprudencia, póde chegar a determinar o sentido e a interpretação das leis, e por esse motivo, julgamos ter cabimento entre os trabalhos philologicos a menção das seguintes Memorias:

——MEMORIA SOBRE QUAL SEJA O VERDADEIRO SENTIDO DA PALAVRA FAÇANHAS, QUE EXPRESSAMENTE SE ACHÃO REVOGADAS EM ALGUMAS LEIS, E CARTAS DE DOAÇÕES E CONFIRMAÇÕES ANTIGAS, COMO AINDA SE ACHA NA ORD. LIV. 2 TIT. 35 § 26—Por *José Anastacio de Figueiredo.*

«Só me occupará, e fará objecto desta breve Memoria, diz «o author, o subministrar os meios de se poderem fixar as idéas «a respeito de qual seja o verdadeiro sentido juridico, que entre «nós teve, e alcançou a palavra *Façanhas.*»

Sem remontar a Leis, e Cartas de Doação, e de Confirma-

ção mais antigas, he certo que ainda na Ordenação Liv. 2. tit. 35. § 26 encontramos a seguinte clausula: «sem embargo de «quaesquer Direitos Canonicos, Civis, Costumes, *Façanhas* e «Stilos, que em contrario d'isto houvesse, em parte, ou em todo.»

Foi Duarte Nunes de Leão o primeiro que se fez cargo de definir esta palavra, dizendo que *Façanha* he um juizo sobre algum feito notavel e duvidoso, que por authoridade de quem o fez, e dos que o approvárão e louvárão, introduziu um direito, para ser imitado e seguido como Lei, quando outra vez se désse o mesmo caso.

Veio depois Jorge Cabedo, o qual, no fim dos Árestos da 2. Part. das suas Decisões, conformando-se primeiramente com a opinião de Duarte Nunes de Leão, explica a clausula da Ord. citada por *sem embargo de quaesquer determinações em casos notaveis dadas;* recorrendo, porém, depois a outros argumentos, apresenta outra interpretação, segundo a qual a dita clausula valeria tanto como se dissesse = Sem embargo de quaesquer opiniões *ainda que altercadas.* =

O nosso author reprova a 2.ª interpretação de Jorge Cabedo, e só se conforma com a de Duarte Nunes de Leão, com a reserva de que o direito (na hypothese sujeita) não provém da authoridade de quem fez o feito, ou dos que o approvárão, mas sim e exclusivamente do Poder Soberano.

Esta Memoria he na verdade cheia de erudição, mas poderia ser mais bem escripta, e ter mais clareza e perspicuidade.

N. B. Como a Ordenação acima citada he o transumpto da famosa *Lei Mental*, parece-nos a proposito lembrar neste logar a Memoria elegantissima e erudita de D. Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva), a qual tem por titulo: *Memoria em que se ajuntão as Noticias, que nos restão do Doutor João das Regras, e se tocão algumas especies ácerca da Lei Mental.*

——Memoria que levou o accessit em 12 de Maio de 1790 sobre as Behetrias, Honras e Coutos, e sua differença. (Mem. de Litt. Port.)

O author percorre os monumentos de diversas idades da nossa Monarquia, nos quaes se encontrão aquellas palavras; examina os costumes, e direito donde nasceu o de que usárão os primeiros portuguezes; e compára os logares parallelos, que lhe pareceu darem luz á questão proposta; vindo a concluir que *Behetrias* erão a regalia que tinhão certos povos de escolherem

Senhor; a essencia dos *Coutos* consistia no direito de defender e segurar os criminosos contra os seus inimigos, e tornar privilegiados certos logares; as *Honras* importavão certa jurisdicção e privilegios.

Esta Memoria está escripta com maior clareza e methodo do que a antecedente.

——ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES, QUE EM PORTUGAL ANTIGUAMENTE SE USÁRÃO, E QUE HOJE REGULARMENTE SE IGNORÃO: Obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros, e preciosos, que entre nós se conservão: Publicado em beneficio da Litteratura Portugueza. —Por *Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.*—Lisboa 1798. 1799.

Celtas, Gregos, Phenicios, Carthaginezes, Romanos, Godos, Arabes, colonias de estrangeiros do norte da Europa..... em fim, uma innumeravel multidão de povos forão successivamente habitando o nosso paiz, desde que a Historia nos transmittiu noticias claras; e atravez de vicissitudes mil se foi criando e transformando a nossa lingua até hoje. Este simples enunciado, independentemente de amplos desenvolvimentos que o assumpto comporta, he mais do que bastante para nos habilitar a apreciar a riquissima obra de philologia, de que tratâmos. Cada um desses povos tinha uma lingua particular, particulares alphabetos, particulares idiotismos; de sorte que, reflectindo-se no tracto que terião com os indigenas, na superior influencia que sobre estes devião exercitar, não custa a crer que a lingua nacional fosse soffrendo consideraveis alterações. Se a isto acrescentarmos a circumstancia de se haverem estabelecido entre os Portuguezes, nos primeiros tempos da Monarchia, Ordens Militares e Religiosas estrangeiras,—terem fixado aqui a sua residencia muitas pessoas illustres, que, ou vinhão acompanhando Rainhas ou Reis, ou erão por estes chamados de fóra do Reino,—ainda mais facilmente comprehenderemos as alterações, que necessariamente foi soffrendo a nossa Lingua.

Diz o author que adoptou o titulo de «Elucidario» por isso que foi seu intento *dar toda a luz possivel ao que a revolução dos Seculos tornou grandemente escuro, exotico e desconhecido..... procurando esclarecer e interpretar as Palavras, Termos e Frases, de que antigamente usárão os Portuguezes, já fossem commuas, e geraes a toda a Nação, já particulares e pro-*

prias de algumas Provincias, e Comarcas, que hoje formão no Continente toda a Monarchia Portugueza.

¿Qual he a utilidade do «Elucidario»? O proprio author o diz, muito melhor do que eu o poderia significar: «O principio da Erudição he a intelligencia das palavras: não póde conhecer as cousas, quem for ignorante dos Vocabulos, que para as exprimir se adoptárão. Eu não duvido, que os mais empenhados pelas origens, e termos do nosso Direito Patrio, pelos Costumes, Leis, e Foraes dos antigos Portuguezes: pela Historia Ecclesiastica e Civil da Monarchia Lusitana: pela Chronologia mais exacta em muitos pontos, que os nossos Historiadores com menos exacção nos transmittirão: pelo valor das moedas, e medidas, que entre nós se usárão; aqui tenhão com que satisfazer alguma parte da sua interessante paixão. Por isto não foi debalde, e por acaso, que eu divagasse por algumas exposições e noticias: hum simples Glossario, e despido de toda a erudicção, mal poderia misturar o util com o doce.»

Para conseguir este grande resultado, compulsou o Author os manuscriptos e impressos que pôde haver á mão, fez pesquisas nos Archivos do Reino, e recorreu a diligencias de amigos, que em differentes pontos lhe subministrárão noticias e esclarecimentos. *E com todos estes subsidios,* diz elle, *ainda não poucos Vocabulos ficão sem explicação alguma, porque a não pude conseguir: outros ficão em duvida, e reservados para quem fôr mais feliz na sua intelligencia: pois antes quiz passar por ignorante humilde, que por lynce temerario.*

Se o author falla de si com tamanha modestia,—a nós cabe o dever de honrar a sua memoria, agradecendo os relevantes serviços que o incansavel esquadrinhador fez ás nossas Lettras e Historia; com quanto, em mais de um logar, désse occasião a que o sabio João Pedro Ribeiro notasse faltas, equivocações, e erros, como póde ver-se no *Appendice* 6.° do Tomo 4.°, Parte 2.ª das *Dissertações Chronologicas e Criticas,* que tem por titulo: *Correcções ao Elucidario da lingua Portugueza, por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.*

Balbi, no seu *Essai Statistique,* fallando do *Elucidario,* exprime-se assim: *C'est un ouvrage parfait dans son genre, et dans le quel son auteur déploie la plus vaste érudition et la critique la plus exercée.*

Do *Elucidario* ha um resumo, com o seguinte titulo:

DICCIONARIO PORTATIL DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES, QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USÁRÃO, E QUE HOJE REGULARMENTE SE IGNORÃO: resumido, correcto e addicionado pelo mesmo auctor do *Elucidario*, a beneficio da Litteratura Portugueza. —Coimbra 1825.

Neste resumo supprimirão-se os documentos e digressões do Elucidario, aproveitando-se só o necessario para entender com acerto os monumentos anteriores ao estabelecimento da monarchia, e os manuscriptos ou impressos dos quinhentistas.

——Com quanto no 2.° tomo desta obra tenhâmos que tratar detidamente dos Diccionarios da nossa lingua, julgámos todavia indispensavel mencionar neste logar os dous seguintes, por isso que, pela especialidade dos seus assumptos, têem uma cabal ligação com a natureza dos trabalhos meramente philologicos, de que neste Capitulo nos occupâmos.

——DICCIONARIO DA MAIOR PARTE DOS TERMOS HOMONYMOS, E EQUIVOCOS DA LINGUA PORTUGUEZA: augmentado com huma grande copia de vocabulos technicos, e sua etymologia; e enriquecidos com muitos Adagios da Lingua, e trechos da Historia, Critica, e Antiguidades.—Por *Antonio Maria do Couto*. —Lisboa 1842.

«Não foi do nosso proposito, diz o author, fazer um Diccionario geral da lingua, mas cingirmo-nos aos dois objectos, que levamos ditos, *homonymos* e *equivocos;* por esta rasão ficando o nosso trabalho assaz acanhado o endereçámos com as phrases vulgares, e adverbiaes, e com os adagios da lingua, não nos esquecendo as proprias etymologias, sem serem arrastadas, principalmente as oriundas das linguas Latina e Grega, Mâe e Avó da nossa. Pozémos igualmente, quanto em nós coube, as locuções proverbiaes, que servindo de annexins, ou rifãos, supprem estes, ou para melhor dizer, são sentenças recebidas, e vulgarmente como taes uzadas.»

O author, considerando que sem os signaes orthographicos não são cabalmente comprehendidas as accepções dos termos equivocos, accentuou as palavras, e d'est'arte não só fixou a boa pronuncia, mas caracterisou a diversa significação das mesmas.

No que toca aos termos homónymos, fez o author um

bom serviço, particularisando distinctamente a variedade de accepções.

O author amenisou e enriqueceu o seu Diccionario com os mais interessantes trechos de appropriada erudição.

Para exemplificar a marcha que o author seguiu, em o que pertence aos *equivocos*, citarei os seguintes exemplos:

Empunhão / *Impunhão* } Verbos *Empunhar, Impôr.*

«Estes verbos, diz o author, equivocão-se assaz se não se pronunciarem e escreverem bem, e se não se ferirem com distincção as primeiras sillabas dos mesmos. Significão, o 1.° pegar pelo punho da espada, da lança, e outras armas. O 2.° vem do verbo *impono*, pôr as mãos violentamente em alguem, attribuir-lhe um crime, etc.

Empoçar.—Empossar.

«O 1.° significa metter no pôço ou pôça; daqui vem dizer-se *agua empoçada*, não a que está, on nasce no pôço, mas da que está em pôça, estágnada, pois que da outra se diz *agua de pôço*.—O 2.° he o verbo activo *metter de posse*, dar posse.»

Para bem caracterisarmos a utilidade dos accentos, tomâmos os seguintes exemplos:

As, Ás; Crítica, Critica; da, dá; pregar, prégar; zêlo, zélo; pôde, póde; pôrem, porém, etc. etc.

E aqui vem a proposito mencionar uma opinião que encontrei nos escriptos do illustre Silvestre Pinheiro Ferreira: «Duas razões se costumão dar em favor da suppressão dos accentos: uma é, que obsta á belleza e simplicidade dos escriptos. A outra é que, pronunciando-se differentemente nas diversas provincias, e até nos differentes bairros d'uma mesma cidade, e nas differentes classes da sociedade, esta diversidade produziria na escripta uma tediosa disparidade.—Quanto á 1.ª destas duas razões, bastaria fazer observar que os accentos em nada se oppõem á calligraphia, nem nos escriptos francezes, nem nos gregos, onde elles são tão numerosos.—Quanto á 2.ª objecção, dizemos que, bem pelo contrario, o modo de fixar a boa pronuncia, e debellar os provincialismos, seria a adopção dos accentos: porque cada um notando como accentúam os escriptores mais cultos, e que

todos devem reconhecer como classicos, vir-se-hia por fim a estabelecer uma só accentuação como a unica admissivel e verdadeiramente nacional. Isto é o que aconteceu em França.»

Voltando ao Diccionario, não apontarei exemplos de termos *homonymos*, por isso que a cada passo encontrarão os Leitores naquelle livro artigos de bastante instrucção.

O author promette uma 2.ª edição do seu Diccionario, e um resumo do de Moraes.

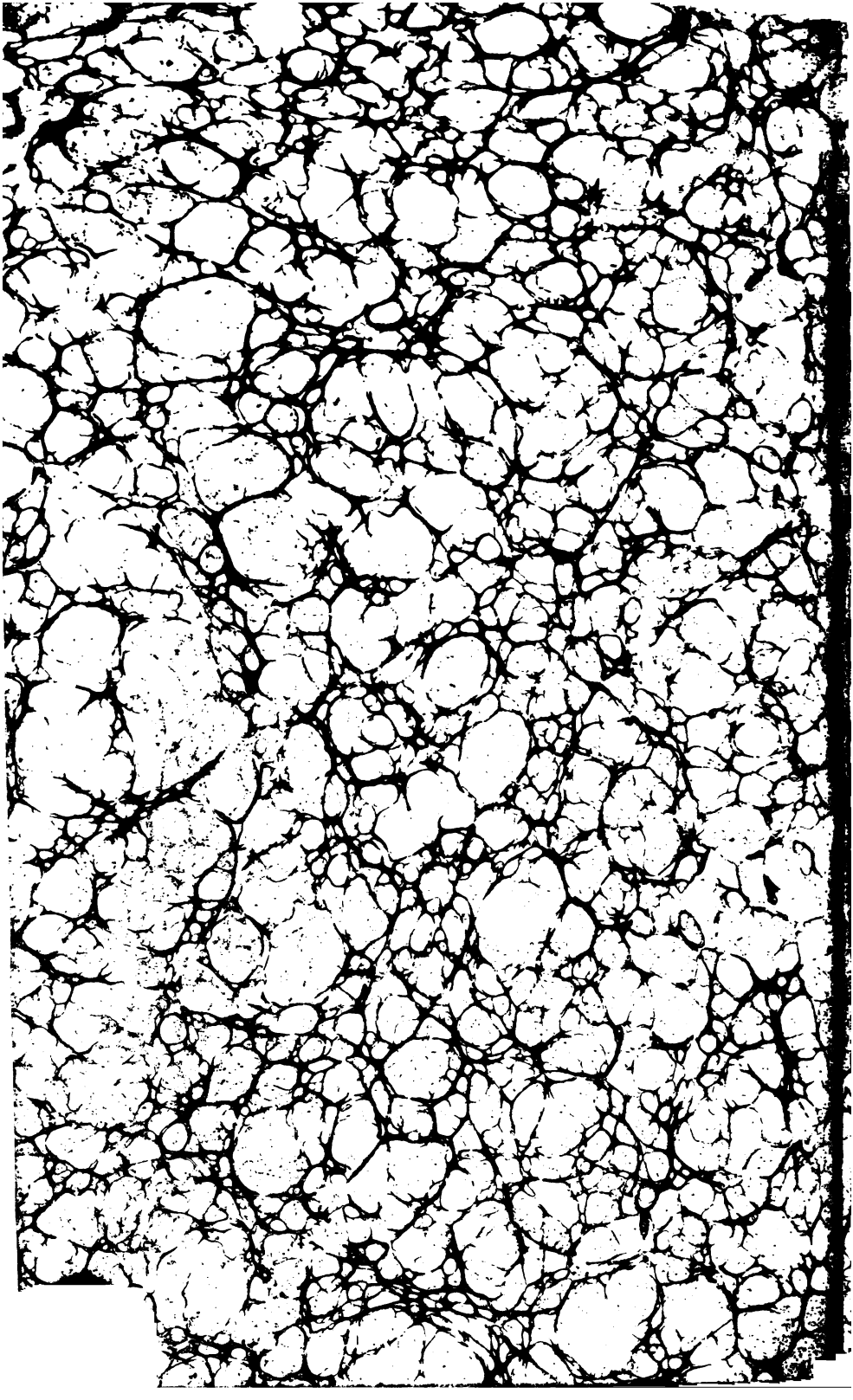
O Sr. Antonio Maria do Couto fez um bom serviço ás Lettras Portuguezas, e merece honrosa menção, por ser o primeiro que se deu ao trabalho especial de philologia, de que muito careciamos.

——Diccionario Exegetico, que declara a genuina, e propria significação dos Vocabulos da Lingua Portugueza, adoptados unicamente pelos sabios da Nação, dado ao Publico por—*Hum Anonymo.* 1781.

Para se vêr o alcance deste Diccionario, recorrâmos ás explicações que o proprio author dá:=«... eu só escrevo os vocabulos mais castigados, e de que só usão os Doutos, já como adminiculo da memoria no tempo, em que escrevem, ja para examinarem com menor difficuldade as genuinas significações de alguns vocabulos menos vulgares.»=

O author pôz todo o esmêro em offerecer ao leitor a orthographia pratica, que julgou mais correcta, e accentuou as palavras para facilitar e fixar a pronuncia. Pôz no fim um Diccionario dos adagios proprios do idioma, os quaes considera como *as joias mais preciosas, que enriquécem, e fazem mais brilhante o Thesouro da Lingua.*

Bem andou o author em accentuar as palavras, ensinando deste modo a verdadeira pronuncia, e concorrendo para que se evitem erros crassos neste particular. Encontrâmos, por exemplo, escripto *Provido,* e a não ser pelo contexto do discurso, não sabemos se he *próvido* (acautelado, cuidadoso), se *provído* (o que tem ou obteve provimento). Não póde haver duvida na pronuncia de certas palavras, quando ellas estiverem devidamente accentuadas, v. g. *fructífero, fúnebre, frívolo, incólume, altísono,* etc. etc.

No meu conceito o author bem mereceu das Lettras, e devêra ter publicado o seu nome.

FIM DO 1.º TOMO.